



Como salvar um

vampiro apaixonado

BETH FANTASKEY

autora de *Como se livrar de um vampiro apaixonado*



ARQUEIRO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Como salvar um
vampiro
apaixonado



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

Como salvar um
vampiro
apaixonado
BETH FANTASKEY



Título original: *Jessica Rules the Dark Side*
Copyright © 2012 por Beth Fantaskey
Copyright da tradução © 2013 por Editora Arqueiro Ltda.
Publicado mediante acordo com Houghton Mifflin Harcourt Publishing Company

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Alves Calado
preparo de originais: Fernanda Lizardo
revisão: Melissa Lopes Leite, Renata Dib e Taís Monteiro
projeto gráfico e diagramação: Valéria Teixeira
capa: Carol Chu
imagem de capa: Cliff Nielsen
adaptação de capa: Ana Paula Daudt Brandão
produção digital: SBNigri Artes e Textos Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

F216c

Fantaskey, Beth
Como salvar um vampiro apaixonado [recurso eletrônico] / Beth Fantaskey [tradução de Alves Calado]; São Paulo: Arqueiro, 2013.
recurso digital

Tradução de: Jessica Rules The Dark Side
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-8041-194-2 (recurso eletrônico)

1. Vampiros – Ficção. 2. Ficção americana. 3. Livros eletrônicos. I. Alves-Calado, Ivanir, 1953-. II. Título.

13-02518

CDD 813
CDU 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

www.editoraarqueiro.com.br

*Para minhas três princesas poderosas –
Paige, Julia e Hope*

Para ler sobre o casamento de Jessica e Lucius, acesse o hot site do livro Como se livrar de um vampiro apaixonado em www.editoraarqueiro.com.br

*O Sr. e a Sra. Ned Packwood
solicitam a honra de sua presença
no enlace matrimonial de sua filha*

Antanasia Jessica Packwood

com

Lucius Valeriu Madescu

filho de

Sr. e Sra. Valeriu Madescu

*Sábado, dez de julho
Castelo Madescu*

“Se você estiver lendo isso, Antanasia, significa que o destino se desdobrou como seu pai e eu planejamos e você encontrou o caminho de casa. Espero que sua existência até este momento tenha sido feliz – e que você esteja preparada para os desafios e os riscos que virão...”

PRÓLOGO

– Mãe?

A neve gira em redemoinhos ao redor dela, que está de costas para mim, o corpo envolto numa capa de um vermelho vivo. Carmim... A cor de Mihaela. A rainha que um dia governou os Dragomir parece uma mancha de sangue em contraste com a vastidão branca, e no entanto ela é tão forte e sólida quanto as rochas irregulares dos Cárpatos, que ascendem da montanha romena solitária onde nós sempre nos encontramos.

Dou um passo em sua direção, sem compreender. Por que ela não se vira para falar comigo?

– Mãe?

E então Mihaela Dragomir dá meia-volta, o rosto parcialmente ocultado pela capa. Ela carrega um objeto, que aperta contra o peito como uma freira aninharia uma cruz. Mihaela, porém, não é uma irmã humilde, devota, e o objeto... não é uma relíquia sagrada.

A estaca... A estaca manchada de sangue...

A estaca de Lucius, que ele usou para destruir o próprio tio – e que certa vez quase utilizara para...

– Não! Nunca!

Sacudindo-me, lutando contra algo que parecia comprimir meu peito, sentei-me com dificuldade. Abri os olhos, vi a luz da lareira tremeluzir nas pedras e por um segundo não tive certeza de onde estava.

Aos poucos, porém, fui reconhecendo o lugar. Eu estava na casa de Lucius – em *nossa* casa. Em *nossa* cama. Aquela pressão no peito não era... eram só os cobertores pesados sempre necessários no quarto dele – em *nosso* quarto –, enorme e gélido, embora a lareira estivesse acesa.

Respirando fundo, estiquei o braço e pus a mão no ombro dele, para ter certeza de que estava tudo bem. Enquanto Lucius estivesse comigo, eu ficaria

bem.

Mesmo assim, cenas do pesadelo voltavam à tona.

A estaca, que eu não via desde a noite em que Lucius cravara os caninos em meu pescoço e me recriara como vampira...

Por que eu havia sonhado com aquilo? E por que minha mãe biológica – que *nunca* me faria mal – a estava segurando?

Eu tinha começado a sonhar com Mihaela ainda na Pensilvânia, e os sonhos haviam ficado mais frequentes desde meu casamento com Lucius e minha mudança para a Romênia. Era como se minha mãe, destruída pouco depois de meu nascimento, estivesse tentando me proteger enquanto eu me esforçava para seguir seus passos e me tornar uma governante, valendo-me da ajuda de um diário que ela deixara para mim. Um presente de casamento póstumo para me guiar enquanto eu aprendia a ser uma princesa.

Meu coração começou a bater mais depressa outra vez. Será que eu estava aprendendo? Pelo menos estava tentando.

Enfiei-me de novo sob os cobertores e me aninhei junto a Lucius na cama imensa – a mesma, conforme ele havia confessado, na qual os Anciões Vladescu esperaram que ele tirasse *minha* vida, exonerando convenientemente sua noiva Dragomir do poder e permitindo que os Vladescu ganhassem domínio incontestável sobre as duas famílias. Chutei as cobertas, meio que nadando em meio a elas, com uma impaciência súbita para ficar ao lado dele.

Tudo na casa dele – em *nossa* casa – parecia grande demais. Inclusive as obrigações.

Lucius dormia de lado, de costas para mim, e eu me aconcheguei a ele, sentindo a frieza de seu corpo. Eu também era fria daquele jeito, desde que ele me mordera, selando nosso destino e um pacto com décadas de idade que decretara nosso casamento para dar fim a uma guerra entre famílias rivais. Colada a meu marido – como isso ainda soava estranho! –, ouvi sua respiração constante, que sempre me acalmava quando eu ficava nervosa. Lucius não estava com medo. Ele governava os clãs com destreza. Tinha nascido e sido criado para cumprir esse objetivo.

Ou será que às vezes ele ficava preocupado?

– Lucius? – Apoiei-me no cotovelo e o sacudi gentilmente, pois precisava ver seus olhos escuros e ouvir sua voz grave e reconfortante. – Lucius?

– O quê... o quê? – murmurou ele. Em seguida rolou, deitando-se de costas, e me procurou embaixo das cobertas, que eram caras, pesadas e me faziam sentir falta das cobertas de flanela, macias e já desgastadas, de minha cama na Pensilvânia. Mas como uma princesa poderia pedir *flanela*? – O que foi, Jessica?

Pousei a mão em seu peito e o senti subindo e descendo bem lentamente, então me perguntei se ele já havia adormecido de novo. Mas não consegui evitar perguntar em um sussurro, para que os guardas do lado de fora não ouvissem:

– Quando um vampiro sonha com uma estaca, o que isso significa?

Lucius não respondeu e percebi que ele estava mesmo dormindo – provavelmente exausto depois de mais um dia lutando para unir nossas famílias teimosas –, então me deitei e me aninhei junto a ele outra vez. Em reação à pressão que eu exercia, ele se virou e me puxou para perto, de modo que senti toda a extensão de seu corpo forte de guerreiro encostado ao meu, como um escudo às minhas costas.

No alto daquela montanha romena, no coração de um castelo confuso que eu supostamente governava, mas em cujos corredores sinuosos ainda me perdia, a noite ficou muito silenciosa. Até o fogo parecia estalar mais baixo. Depois de alguns minutos me obrigando a esquecer o pesadelo, comecei a cair no sono de novo, quando de repente Lucius murmurou, mais baixo que um sussurro, a respiração gelada em meu pescoço:

– Traição.

Fiquei rígida nos braços dele. Será que ele estava respondendo à minha pergunta ou envolvido nos próprios sonhos? Nos próprios pesadelos?

Mesmo se fosse a segunda hipótese, não era muito reconfortante. Será que deslealdade – traição – estaria martelando na cabeça dele? Como todos os vampiros, Lucius dava enorme valor aos sonhos.

– Traição – repeti, tentando me certificar de que havia escutado mesmo aquela palavra. – Traição.

Ao ouvir minha voz, que saiu baixa mas suficientemente audível para romper o profundo silêncio na montanha, Lucius, parecendo inquieto, me apertou mais em seus braços fortes e marcados por cicatrizes, de modo que fiquei presa junto ao peito dele.

Puxei sua mão, procurando abrir um pouco de espaço para respirar. Mas ele não me soltou e tentei movê-lo de novo. Senti com a ponta dos dedos mais uma cicatriz profunda – um X na palma da mão que indicava que Lucius era meu, cortado em sua carne em nossa cerimônia de casamento –, além da aliança na mão esquerda. Sua mão dominante. A mesma com que ele segurara a estaca ao me agarrar de um modo muito diferente, ali naquele mesmo castelo, não muitos meses antes.

CAPÍTULO I

Antanasia

De todos os aposentos sinistros do Castelo Vladescu – sem contar as masmorras, é claro –, o que era usado como sala do tribunal devia ser o pior deles.

Como em todos os outros cômodos acima do nível do chão, a lareira ficava acesa, mas as chamas estavam mais para *infernais* do que agradáveis. Lançavam sombras assustadoras e agitadas nas paredes de pedra cinza e definitivamente não ajudavam a aquecer a decoração austera, que consistia de um semicírculo de bancos para testemunhas, um lugar gasto no chão de pedra onde o acusado ficava de pé e uma mesa comprida à qual eu me sentava ao lado de Lucius em uma cadeira dura, de encosto reto. De ambos os lados, os Anciões esperavam em cadeiras semelhantes, todos os 10 vampiros mais velhos em uma imobilidade notável.

Remexendo-me na cadeira, tentei – e não consegui – ficar mais confortável.

Eu deveria processar o pessoal que projetou o castelo do Meu Querido Pônei, com o qual eu brincava no jardim de infância. Eles me levaram a acreditar que os castelos eram cheios de arco-íris, cupcakes e mobília em tons pastel. Não de pedra, fogo e... sangue.

Virando-me um pouco de lado, tentei encontrar o olhar de Lucius, mas ele fitava algo adiante, claramente preocupado. Também estava muito quieto, exceto pela mão esquerda, que coçava o queixo de modo distraído no ponto em que havia uma pequena cicatriz. Eu sabia que isso significava que ele estava disfarçando a tensão e o revirar em meu estômago piorou.

Se Lucius está tenso, como posso sequer me imaginar enfrentando isso?

Meu marido pareceu sentir que eu estava ficando muito nervosa e me olhou de soslaio só por tempo suficiente para me lembrar: “*Não pira de vez,*

Jess. Nós já conversamos sobre isso. Faz parte de nossas funções.”

Tudo bem que Lucius não era de usar a expressão “pirar de vez”, mas tínhamos discutido que minhas novas responsabilidades incluíam aplicar a justiça e às vezes penas de...

– Que o acusado se apresente.

Dei um pulo quando a voz grave e autoritária de Lucius ecoou de repente nas paredes e quando me virei, com o coração apertado, vi um vampiro no fundo da sala, com as mãos algemadas e a cabeça baixa.

Ele é um assassino, lembrei a mim mesma enquanto minha boca ficava seca. Um punhado de testemunhas o viu destruir meu tio Constantin Dragomir. E o que estou fazendo é o mesmo que participar de um júri. Os humanos fazem isso o tempo todo.

Olhei à esquerda, procurando me tranquilizar com o fato de que não decidiria sozinha o destino do prisioneiro que arrastava os pés até aquele lugar mais descorado no piso. Mas meu tio Dorin – o único Ancião que eu considerava aliado – não estava ali, e acabei encontrando o olhar de Claudiu Vladescu, que deu um sorrisinho *afetado*. Talvez em razão do pânico cada vez maior que devia estar evidente em meu rosto... ou talvez por causa da perspectiva de ouvir testemunhos de um crime.

Meu estômago ficou mais embrulhado ainda. *Claudiu é igualzinho ao irmão mais velho, Vasile – outro vampiro maligno e perverso, que Lucius destruiu.*

Mesmo ciente de que eu estava agitada demais para uma princesa, virei-me para olhar Lucius de novo no instante em que ele falou com um tom de voz firme que eu não me imaginava reproduzindo se tivesse que me manifestar:

– Conte sua história a este júri, Dumitru Vladescu, e decidiremos se você merece clemência ou castigo.

Eu deveria prestar toda a atenção no vampiro que estava prestes a lutar por sua vida, mas fiquei observando meu marido, que apenas poucos meses antes estivera naquele mesmo círculo e felizmente fora considerado inocente da morte de Vasile. Por sorte, a maioria dos Anciões – excluindo Claudiu, é

claro – acreditou que Vasile tinha atacado primeiro, não dando a Lucius outra opção senão se defender.

Nunca me permiti pensar no que poderia ter acontecido naquele julgamento, e fiquei feliz por só ter tomado conhecimento dele muito depois do veredicto.

Continuei observando Lucius. *Como ele suporta estar nesta sala e ainda por cima conduzir qualquer coisa aqui com frieza? E se o veredicto de hoje for de culpa, não teremos que...?*

– Fale – instigou Lucius, dirigindo-se a seu parente. – Esta é sua oportunidade de salvar sua existência.

Ouvi tanto determinação quanto compaixão no tom de Lucius, mas de repente meu sangue, que já era frio, pareceu gelo. *Uma existência pode de fato chegar ao fim hoje. Não sou apenas parte de um júri. Sou a juíza, e Lucius pode ser...*

Agarrando minha cadeira, enfim me obriguei a encarar Dumitru Vladescu, que levantou a cabeça, de modo que pude ver seus olhos escuros e apavorados, porque se ele fosse considerado culpado...

– Não!

Nem percebi que tinha gritado, até porque o rangido da cadeira quando me levantei de um pulo provavelmente abafou minha voz.

– Peço licença – murmurei, baixando a cabeça. – Preciso sair. Não estou me sentindo bem.

Não consegui olhar para Lucius quando me afastei dele, cambaleando. Também não olhei para Claudiu nem para os outros Anciões, que estavam bem cientes do motivo pelo qual a garota comum criada por veganos tinha saído correndo da sala, quase tropeçando no vestido longo e formal.

– Com licença. – Os Anciões puxaram suas cadeiras para junto da mesa de modo que eu pudesse passar por trás deles. – Desculpem...

Eu sabia que estava – de novo – prejudicando Lucius, assim como minha chance de ganhar um voto de confiança, que seria crucial quando os membros mais influentes dos clãs Vladescu e Dragomir fossem se reunir em um importante congresso de vampiros no verão daquele ano. Um voto que

elevaria nós dois ao status de rei e rainha. No entanto, eu não podia ficar ali, mesmo que minha saída nos condenasse ao fracasso.

Passei praticamente correndo pelo prisioneiro, tampouco sem encará-lo. Mas enquanto corria até porta, troquei olhares com uma vampira que eu não tinha notado, embora eu devesse ter imaginado que ela fosse estar presente no julgamento do assassino de seu pai. Minha prima Ylenia Dragomir, de 18 anos (mesma idade que eu), baixinha e vestida de preto, estava sentada sozinha a um canto, fundindo-se às sombras como se não quisesse que ninguém visse seu rosto enquanto ouvia a história do assassinato do pai reproduzida em detalhes.

Eu não sabia qual seria o veredicto, mas nunca havia me sentido tão culpada como quando abandonei aquela sala, decepcionando não somente meu marido, mas também a primeira amiga que eu tinha feito na Romênia.

CAPÍTULO 2

Antanasia

- *Não seja tão dura consigo mesma*, Antanasia – insistiu tio Dorin. Ele estava perto de minha escrivania, retorcendo as mãos com nervosismo, cheio de compaixão nos olhos. – Eu... eu também não fiz muito esforço para comparecer. Participar de um julgamento não é para todo mundo, sabe?

– Claudiu parecia confortável com isso – comentei, arrasada. – E Lucius também!

Pelo menos ele tinha agido como se estivesse confortável, e isso era o que realmente importava.

– É, os Vladescu são famosos pelo sangue-frio – lembrou Dorin. – Todos eles têm gelo correndo nas veias. E uns poucos, como Claudiu, salivam de prazer ao infligir algum castigo. Nós, os Dragomir, por outro lado, tendemos a ser um pouco...

Ele não conseguiu encontrar a palavra certa, mas eu era capaz de concluir a frase com bastante facilidade.

Moles. Dóceis. Covardes?

Mas era tão ruim assim querer evitar que existências se perdessem?

Endireitei a postura em minha enorme cadeira de escritório, que pertencera à minha mãe biológica. A camisola de seda que vestia – em uma tentativa desesperada de fazer todo mundo acreditar que eu estava mesmo indisposta – fazia meu bumbum escorregar no assento de couro, e quando cheguei para trás meus pés ficaram balançando, o que contribuiu para que eu me sentisse ainda mais como uma criança brincando de princesa. Uma criança *envergonhada*.

Pelo menos uma Dragomir – Mihaela – nunca se esquivava de um julgamento.

Será que fui longe demais com a camisola?

– Acho que agora não posso fazer nada, a não ser tentar me redimir no encontro com os Anciões amanhã – comentei, olhando de mau humor para o enorme livro-caixa aberto à minha frente. – Pelo menos posso tentar fazer algumas observações inteligentes quando discutirmos este orçamento.

No entanto, eu também não nutria muita esperança em relação a isso enquanto examinava colunas de números que supostamente representavam quanto Lucius e eu pretendíamos gastar governando um reino de vampiros mutável, sem fronteiras e louco, que até pouco tempo antes eu nem sabia que existia.

Afundi na cadeira, pensando: *Claro, eu sou craque em matemática, mas também sou uma adolescente que no ano passado trabalhava para ganhar gorjetas de 3 dólares, não milhões de euros em impostos!*

E quem ao menos sabia que os vampiros cobravam impostos?

– Dorin? – Fechei o livro-caixa com uma pancada, pois minha mente preocupada e distraída ficava antecipando o encontro ainda mais importante que estava por ocorrer naquele ano, tornando impossível me concentrar em números. – Afinal, como é o congresso de vampiros? Eu tenho dificuldade em visualizar esse evento no qual nosso destino, meu e de Lucius, será decidido.

– Ah, nossa!... – Dorin deu um passo para trás e retorceu as mãos de novo, mas dessa vez parecia feliz e nostálgico em relação a uma semana que *eu* temia. – O congresso é um acontecimento e tanto! Os Vladescu e os Dragomir mais eminentes comparecem, vindos de todo o mundo, e ao mesmo tempo que fazemos negócios, é claro, também há uma chance de socializarmos. Há festas todas as noites durante uma semana inteira, com a melhor comida e a melhor música. No passado as propriedades eram decoradas lindamente, tanto quanto foram em seu casamento.

Os olhos dele quase reluziam, e desejei ser capaz de me empolgar com a perspectiva de centenas de parentes meus vagando pelo castelo.

– Então basicamente é uma reunião familiar exagerada de mortos-vivos?

– Isso – assentiu Dorin. – Acontece todos os anos desde que foi assinado o pacto que decretou seu casamento, unindo nossos clãs. E este ano será mais especial, afinal comemoraremos a paz duradoura alcançada com esse enlace.

– Ele deu um sorriso mais caloroso ainda. – Sua mãe foi a anfitriã do primeiro congresso, pouco antes de ser destruída. Ela ficaria orgulhosa vendo você assumir esse papel.

Escorreguei na cadeira de novo e voltei a me endireitar.

Como eu iria alimentar e entreter 800 vampiros quando nem sequer conseguia pedir o jantar na cozinha para mim e Lucius? Iria estragar todo o acontecimento, e todos os meus parentes ririam quando fossem depositar as cédulas com “não” na urna para a votação de confiança no último dia. Eu estava condenada a fracassar em minha própria festa e também arruinar o futuro de Lucius.

– Vai ser um desastre – admiti em voz alta, pela primeira vez.

– Antanasia!

Levantei o olhar e vi Dorin com o dedo nos lábios, pedindo silêncio e fazendo um gesto com a cabeça em direção à porta.

De imediato percebi que tinha cometido outro erro. Emilian, o jovem guarda que ficava postado à entrada do cômodo sempre que Lucius não podia estar comigo, jamais deveria me ouvir reclamando ou demonstrando fraqueza. De acordo com meu marido, que havia lidado com “subalternos” a vida toda – enquanto eu limpava as coqueiras em uma fazenda onde era proibido matar qualquer coisa –, os serviçais, até mesmo os leais, eram fofoqueiros notórios.

Se Emilian contasse a alguém que eu estava prevendo o desastre no congresso, a notícia de que eu não conseguia nem planejar uma festa se espalharia como um incêndio.

Dorin e eu nos entreolhamos, ambos provavelmente com o mesmo pensamento: a única coisa que eu sabia fazer de forma majestosa era *besteira*.

Como Lucius estará se saindo no julgamento sem meu apoio?

E será que minha prima Ylenia, que também abandonei, está chorando detrás de seus óculos de lentes grossas?

– Vamos voltar ao orçamento. – Suspirei, abri o livro-caixa outra vez e falei mais baixo: – Acho que estou traduzindo errado do romeno, porque parece que Lucius quer gastar 65 mil euros em *coelhos* no ano que vem.

– Gosto um bocado de lebres, mas jamais conseguiria consumir mais do que o equivalente a 50 mil euros em um ano – disse uma voz masculina e grave.

Congelei ao ouvir o som inesperado e percebi meu tio se empertigando também quando ambos nos viramos e vimos Lucius encostado na soleira da porta, com os braços cruzados.

E ainda que ele houvesse acabado de fazer uma piada, seu rosto parecia perturbado, talvez porque eu tivesse admitido minha ignorância suficientemente alto ou talvez por causa do que *ele* havia acabado de fazer no julgamento.

– Lucius?

CAPÍTULO 3

Antanasia

– *Estou surpreso por vê-lo aqui*, Dorin – observou Lucius, depois olhou por cima do ombro para falar com Emilian: – *Ești demis*.

Parecia que eu estava desaprendendo romeno, mas até eu sabia o significado daquela ordem: “Está dispensado.” Não que eu a tivesse dado algum dia.

Ele se afastou do portal, entrando na sala, e foi direto até meu tio sem cumprimentá-lo, ou a mim.

– Sua presença era necessária no julgamento, Dorin – disse Lucius, olhando do alto o vampiro mais baixo. – Esqueceu-se da data?

Lucius não estava sendo grosseiro – ele jamais era grosseiro, nem com serviçais –, mas era óbvio que estava muito insatisfeito com meu tio, que lambeu os lábios e gaguejou:

– É, eu... eu me atrasei, e então soube que Antanasia não estava se sentindo bem.

Lucius permaneceu mudo depois que Dorin parou de falar. Não precisava dizer nada. Ficou óbvio que era melhor que o traseiro de Dorin estivesse na cadeira no próximo julgamento de um vampiro.

Lancei um olhar de desculpas a meu tio enquanto ele seguia para a porta, fazendo uma reverência sutil e dizendo a nós dois:

– Estou indo. – E olhou para Lucius, pedindo permissão. – Se não for problema.

Lucius não tentou impedi-lo, e eu me perguntei de novo: *Por que meus dois aliados mais próximos não podem ser amigos? Por que Lucius não pode perdoar a fraqueza de Dorin, que a seus olhos é pior do que a*

insubordinação? Ele diz que o instinto de autopreservação de Dorin é “perigoso”. “É perigoso para todo mundo, principalmente para Dorin!”

Eu queria entender isso, mas não conseguia. Tentar sobreviver me parecia algo bastante razoável.

– Converso com você depois – falei a Dorin enquanto ele nos deixava sem ao menos se despedir.

Então, quando a porta se fechou e Lucius veio em minha direção, ainda em silêncio, eu me preparei para nosso confronto. Ele devia saber que eu estava fingindo.

Mas Lucius não fez qualquer menção à minha camisola nem ao julgamento. Simplesmente me tomou nos braços e me cumprimentou como sempre fazia quando estávamos a sós: com um beijo.

Aliviada, mas ao mesmo tempo um tanto nervosa, enlacei o pescoço dele e o beijo ficou mais intenso.

Eu queria desfrutar aquele raro momento de privacidade, mas mesmo quando senti a pressão dos caninos em meu pescoço me flagrei à procura de suas mãos, em busca de algum rastro discreto e pegajoso do sangue que eu temia que meu marido – que estava murmurando “eu te amo” sem parar ao meu ouvido – houvesse acabado de derramar, pois eu sabia que existia uma chance de ele não ter sido apenas juiz e júri, mas carrasco também.

CAPÍTULO 4

Antanasia

- *Lucius, o que aconteceu* hoje de manhã? – perguntei baixinho.

Ele não respondeu. Estava bastante quieto desde que havia bebido meu sangue, e brincava distraidamente com meu anel de noivado, girando-o em meu dedo magro enquanto me abraçava no sofá em meu escritório.

- Lucius? – Levantei minha cabeça do ombro dele para encará-lo: as maçãs do rosto salientes, o nariz reto e aristocrático e o queixo forte que o faziam parecer mais velho. Assim como a maioria das garotas da Escola Woodrow Wilson, incluindo minha melhor amiga, Mindy Stankowicz, eu me sentira ao mesmo tempo atraída e intimidada pela beleza muito madura de Lucius. E ele estava ainda mais parecido com um príncipe guerreiro desde o retorno à Romênia. – Lucius?

- Diga. – Ele enfim se virou para me olhar. – Desculpe... Eu estava distraído.

- O que aconteceu hoje? – repeti, embora tivesse bastante certeza de que já sabia a resposta, só pelo olhar dele: a infelicidade que ele finalmente estava revelando por completo.

- Ele foi considerado culpado – respondeu. – Não houve debate. Não existia nenhuma dúvida na cabeça dos Anciões.

Meu coração ficou apertado.

- E você? Você tinha alguma dúvida? – perguntei.

- Não posso me dar a esse luxo. Se houvesse ao menos uma migalha de dúvida, eu não poderia ter dado cabo à sentença. Minha mão poderia ter hesitado e eu causaria mais sofrimento ao prisioneiro. Quero ser justo, jamais cruel. – O franzido em sua testa se intensificou. – E se os Anciões

notassem qualquer hesitação de minha parte, eu iria me prejudicar, e iria *nos* prejudicar também, por parecer fraco.

– Então você realmente...

Eu nem sequer era capaz de pronunciar aquelas palavras. Mas Lucius era:

– Sim, Antanasia. Eu o destruí. A lei é clara. A destruição deve ser punida com destruição. E a destruição de um Ancião precisa ser realizada por ninguém menos que o membro mais elevado do clã. – Seu olhar endureceu um pouco. – Além disso, nós dois sabemos que sou o mais indicado para concluir a tarefa causando o mínimo de dor possível. Desde a infância fui treinado para usar uma estaca com eficiência. A execução não é uma tarefa a ser repassada a um serviçal, como se fossem roupas para lavar.

– Sinto muito!

Pelo pobre assassinado Constantin Dragomir, por minha prima órfã Ylenia e também pelo prisioneiro. E por Lucius, que eu não deveria ter abandonado...

– Eu também sinto muito, Jessica.

O fato de ter usado meu nome americano mostrava que ele, assim como eu, estava sofrendo. Lucius lutara contra o uso de “Jessica” na Pensilvânia, insistindo que eu era “Antanasia”. Mas nos últimos tempos passara a me chamar de Jess quando estávamos a sós. Eu achava que ele usava o apelido especialmente quando sentia falta de ser apenas um adolescente comum, como acontecia comigo em boa parte do tempo. Na maioria dos dias eu só desejava que pudéssemos morar no apartamento anexo à garagem de meus pais adotivos, casados mas também vivendo como adolescentes. No entanto, não podia nem telefonar para mamãe e papai, que estavam fazendo pesquisa de campo numa região remota da América do Sul.

Eu sabia que eles tinham viajado para evitar a sensação nova de “ninho vazio”, e eu entendia isso, mas queria conversar com eles – mesmo sabendo o que minha mãe, antropóloga cultural, diria sobre o julgamento: “*Você precisa aprender a viver segundo as normas rígidas de sua nova cultura. Lucius já tinha falado disso.*”

Lembrei-me também de uma frase do diário de minha mãe biológica: “*Como princesa, você será convocada a testemunhar destruições.*”

– Odeio a supremacia da lei – murmurei.

Pela primeira vez naquele dia Lucius sorriu.

– Princesa! Nós concordamos que a supremacia da lei é a coisa mais necessária neste reino, não foi?

– Foi, mas...

– Não existe “mas”! – Ele ficou sério de novo. – Nossos clãs ignoraram nossas próprias leis por tempo demais. Mesmo nos últimos 10 anos, o que você chamaria de linchamentos foram mais comuns entre os vampiros do que os julgamentos. E as leis também protegem os governantes. – Ele voltou a sorrir. – Está vendo quanto aprendi nos Estados Unidos com sua Constituição, a sucessão ordeira de líderes e os intermináveis licenciamentos e regulamentos?

– Eu sei – concordei. – Ter leis é bom. Mas simplesmente não consegui estar lá para aplicá-las hoje.

– Por favor, não seja tão dura consigo mesma. Você foi criada por veganos, no meio de gatinhos. – Lucius fez uma pausa e então confessou: – Foi difícil até para mim, criado por assassinos alimentando-se à base de violência.

– Mas você cumpriu a execução.

– Cumpri, e cumprirei outras vezes. E você vai aprender a permanecer ao meu lado quando estiver acostumada a essa cultura, do mesmo jeito que me acostumei à sua.

– E se eu não conseguir? – perguntei, quase num sussurro.

Lucius sorriu.

– Eu me perguntava a mesma coisa diante das caçarolas de lentilha de sua mãe. “E se eu literalmente não conseguir erguer o garfo hoje?” Mas eu conseguia, Jessica.

Arregalei os olhos.

– Você não pode comparar o julgamento de hoje a uma *caçarola de lentilha*.

Lucius arqueou uma sobrancelha e gargalhou.

– Você nunca *provou* a caçarola?

Em seguida se levantou e eu o vi se transformar, como acontecia com frequência, de marido em governante. Por que eu não conseguia dar conta do recado?

– Desculpe, mas preciso ir agora – disse ele, abaixando-se para me dar um beijo breve. – Preciso me preparar para o encontro com os Anciões amanhã.

Senti um aperto no coração outra vez.

– No qual Claudiu vai comentar que pirei de vez.

– Não se preocupe, Jessica. Você está ficando muito tensa, muito preocupada. Prometo a você que cuidarei de Claudiu.

– Lucius... – Eu sabia qual seria a resposta dele, mas não pude deixar de perguntar pela centésima vez: – Tem *certeza* de que a gente não deveria adiar o voto de confiança? Talvez por um ano, para que eu tenha tempo de impressionar os Anciões?

Mas ele já estava balançando a cabeça.

– Os títulos de rei e rainha são uma forma de proteção, assim como a lei – lembrou ele. – Têm muito mais força do que os de príncipe e princesa. E quando se é jovem como nós, tentando governar duas nações de vampiros implacáveis, é preciso garantir todas as vantagens possíveis. O risco maior, especialmente para você, seria adiar a votação. Não posso deixá-la vulnerável conhecendo um modo de protegê-la.

Eu tinha que admitir que não queria ficar vulnerável.

– Tudo bem.

Ele me beijou outra vez, depois foi para a porta, chamando Emilian de volta ao posto, e me deixou sozinha com uma pilha de livros romenos empoeirados que eu não conseguia ler, papéis que não sabia se deveria assinar e preocupações que não tinha ideia de como enfrentar. Por isso fiz a última coisa que uma princesa deveria ter feito.

Peguei meu celular, me escondi no banheiro mais próximo e digitei um número internacional familiar, desesperada para ouvir uma voz mais familiar ainda.

CAPÍTULO 5

Mindy

“É claro que toda mulher deve ser independente financeiramente, mas não há nada de errado em gostar de um cara que tem alguns dólares no banco ou um Mercedes na garagem.”

– É, totalmente – falei, alto demais.

Meio constrangida, deslizei na cadeira e olhei em volta para verificar se alguém da turma tinha me ouvido falar sozinha sobre a matéria interessantíssima da *Cosmopolitan*: “Homem rico, homem pobre – Por que não amar um cara que tem dinheiro?” Mas, por sorte, todo mundo estava ocupado ouvindo o Dr. Wayne Prentiss tagarelar sobre os slides de arte italiana chatíssimos que projetava enquanto vagava pelos fundos da sala escura, como fazia toda semana.

Escorreguei mais ainda na cadeira, quase me deitando no chão. Malditas matérias obrigatórias da faculdade! Eu achava que Fundamentos da Arte Renascentista seria a matéria de humanas mais fácil, mas odiava a aula, que por acaso só falava da... Itália! E todos aqueles quadros italianos e caras pelados de mármore só me faziam pensar em... italianos. E eu *não* queria pensar em italianos. Nem mesmo em sapatos italianos. Praticamente nem comia mais espaguete.

Eu fazia o maior esforço para não escutar a voz do Dr. Prentiss, mas ele continuava com o blá-blá-blá atrás de mim:

– Os artistas contemporâneos ainda tentam imitar, sem sucesso, o modo como Michelangelo imbuía o corpo masculino de um sentimento de grandeza.

Houve um clarão e quando ergui os olhos vi *mais um* slide de um italiano pelado. Um cara com o corpo perfeito. Eu conhecia um corpo assim...

Para de se lembrar dele!

Levantei mais um pouco o caderno que estava usando para esconder a revista, a fim de bloquear a claridade da projeção, mas quando virei a página para terminar a leitura de “Homem rico, homem pobre” – matéria com a qual eu concordava totalmente após ver minha melhor amiga ter um casamento muito feliz em um castelo –, dei de cara com um anúncio da Versace. E – mas que surpresa! – com outro italiano quase pelado.

Eles estavam, tipo, *por toda parte*, com seus peitos duros feito pedra e as barrigas tanquinho.

Eu não queria, mas fiquei olhando aquele anúncio, e foi como se estivesse hipnotizada e voltando no tempo, até o verão na Romênia e aquele casamento incrível em que Jess Packwood se tornou a princesa Antanasia Dragomir Vladescu – depois de se transformar em uma vampira, claro. O casamento no qual eu meio que mudei, também, e não no bom sentido.

Na minha cabeça ainda estava bem claro como tudo havia começado. Pelo visto eu não conseguia me lembrar de nada que estudava nos livros, por isso estava levando pau em todas as matérias na faculdade em Lebanon Valley, mas não conseguia esquecer uma única palavra daquela conversa, por mais que tentasse.

– Gostaria de dar um passeio, Mindy Sue? Apreciar o luar comigo, sim?

Estou, tipo, confirmando e recusando com a cabeça ao mesmo tempo, de modo que o cérebro chacoalha em círculos, pois não entendo o jeito maluco como Raniero Vladescu Lovatu faz perguntas e me diz o que fazer ao mesmo tempo. A resposta certa é sim? Ou não? Será que ao menos sei o que desejo responder? Será que quero “apreciar o luar” com o padrinho de casamento sugador de sangue, tatuado, que parece incrivelmente gostoso em seu smoking, com o cabelo castanho comprido e ondulado preso em um rabo de cavalo, destacando seus peculiares olhos verde-acinzentados?

De qualquer modo, Raniero não espera resposta. Ele sorri – aliás, faz isso, tipo, o tempo todo – e segura minha mão, e sua pele é fria mesmo, como a de Jess agora. Mas a pele de Raniero é morena, porque ele passa muito tempo na praia, o que também lhe proporcionou um corpo incrível de surfista.

Começamos a caminhar, saindo da recepção, e eu olho por cima do ombro, vendo Jess dançar com Lukey na grande clareira pela qual ele pagou, tipo, um milhão de dólares para decorar, só para deixá-la feliz por uma noite, e estou quase certa de que vou cometer um erro ENORME, mas vou com Raniero, porque tem alguma coisa de especial nele, nessa noite...

Meu coração começou a disparar ali mesmo, na sala de aula, e eu não sabia se aquela lembrança iria me deixar enjoada ou excitada, como acontecera naquela noite, quando dei meu primeiro beijo de verdade nas montanhas que Jess dissera se chamarem Carpaccio-alguma-coisa. Um beijo que começou praticamente no segundo em que Ronnie e eu pusemos o pé naquele caminho escuro e assustador na floresta e que se seguiu por todo o percurso de volta ao castelo gigantesco ainda iluminado por um zilhão de velas para o casamento. Naquela noite tudo parecia, tipo, pegando fogo. E Raniero estava mais bonito do que o modelo da Versace, tanto de smoking quanto sem camisa.

Aqueles músculos... Aquele erro enorme... A manhã seguinte... O verão inteiro!

– Ai, meu Deus!

Dei um gritinho, pois eu mal conseguia suportar aquelas lembranças, mas também porque a revista foi arrancada de meus dedos de repente, e pulei empertigada na cadeira bem a tempo de ouvir o Dr. Prentiss dizer à turma toda:

– Parece que Melinda descobriu um corpo masculino que a interessa ainda mais do que o *Davi* de Michelangelo!

Então meu rosto ficou vermelho-beterraba quando o professor levantou a *Cosmo* e a girou bem devagar, para garantir que absolutamente todos vissem o modelo quase nu – e, é claro, rissem de mim feito doidos. Foi um milagre não terem se mijado nas calças.

E antes que eu pudesse explicar a todo mundo que não estava babando por aquele cara – e não estava mesmo –, o Dr. Prentiss bateu a revista em minha mesa e disse só para mim:

– Venha falar comigo depois da aula, Melinda.

– É, já sei como é – resmunguei, afundando de novo na cadeira.

Todos os meus professores naquela faculdade idiota viviam pedindo para falar comigo depois da aula. E nunca era para dizer “Bom trabalho, Mindy!”. Eles simplesmente não entendiam que eu nunca tinha sido muito boa nos estudos, para começo de conversa, e agora parecia que eu nem conseguia mais pensar.

Fiquei o mais perto possível do chão até que minhas bochechas começaram a esfriar. Depois me ajeitei de novo, cruzei os braços na carteira e enterrei o rosto ali, sem me importar que todo mundo percebesse que eu tinha desistido até de fingir que estava prestando atenção na arte da Renascença e seus “fundamentos”.

ITALIANOS IDIOTAS!

E justo quando achei que não haveria humilhação maior, meu celular, que eu tinha me esquecido de desligar, começou a tocar. Quando consegui silenciá-lo – com toda a turma rindo de novo do meu toque com a música tema do desenho da Hello Kitty e o Dr. Prentiss falando como se aquilo fosse a gota d’água –, vi que tinha recebido *duas* mensagens.

Uma era de um vampiro italiano que simplesmente não desistiria, dizendo: “*Buon giorno, Mindy Sue!*”

E outra de uma princesa romena que também devia estar tendo um dia ruim, porque tudo o que dizia era “:-(”.

CAPÍTULO 6

Mindy

– *Fala mais alto, Jess* – pedi a ela. – Parece que você está em uma caverna ou coisa assim!

A um milhão de quilômetros de distância, na Romênia, Jess continuou sussurrando:

– Não estou em uma caverna. Estou em um banheiro. E não posso falar mais alto.

Afastei meu Motorola cor-de-rosa do ouvido e dei uma sacudida, porque não era possível que eu tivesse ouvido direito.

– Você está, tipo, sentada no vaso? Isso é nojento.

– Não estou no vaso – disse a princesa Jess, um pouquinho mais alto. – Só estou no banheiro para meu guarda-costas não escutar tudo o que digo.

Joguei-me em um banco em frente à sala do Dr. Prentiss, que ficava em um prédio feio cheio de móveis baratos.

– Você é uma princesa em uma porcaria de castelo – lembrei a ela. – Se quer privacidade, vai para... uma torre ou algo parecido. Não se esconde no banheiro!

Houve um longo silêncio, então pensei que a ligação tivesse caído, como acontecia em metade das vezes que eu falava com Jess. Esse era o único problema em toda a vida de Jess. A região da Romênia em que morava estava mais agarrada ao passado do que uma comunidade Amish. Não tinha nem shoppings por lá. Sacudi o telefone de novo.

– Jess, você tá aí?

– Tô. – Ela parecia superdeprimida. – Quero dizer, estou.

– Então... Qual é o problema? Por que a carinha triste?

Eu não entendia como minha melhor – e sejamos honestos: minha única – amiga nunca parecia curtir a única coisa que eu sempre desejei a vida inteira: ser alguém da realeza.

Bem, isso e ser uma *hair stylist* das estrelas.

– Só estou tendo um dia ruim – disse ela. – Houve um julgamento, e Lucius voltou agindo de modo estranho, me beijando feito um maluco sem nem ao menos falar como tudo tinha dado errado e como isso vai estragar nossa chance de sermos rei e rainha...

Eu não queria rir dela, mas, fala sério, *aquele* era um dia ruim? Ela estava se escondendo dos *serviçais* para reclamar que o *príncipe* incrivelmente gato e rico com quem estava casada queria *dar uns amassos* no castelo deles? E, caramba, ela podia não se tornar *rainha* e só se limitar a ser princesa pelo restante da vida?!

É, eu queria, tipo, chorar.

Por mim!

Eu tinha ficado com um cara que praticamente podia ser um príncipe – e, por sinal, um bem rico –, mas que trocou tudo pelo... surfe!

– Ei, Jess – meio que a interrompi. – Isto vai fazer você se sentir melhor: tirei três no trabalho de Pensamento Crítico sobre reciclagem porque o professor disse que eu não podia citar a revista *Elle* como fonte acadêmica. Depois toda a turma de arte riu de mim porque fui flagrada olhando um italiano seminu, e agora...

Tive a sensação maluca de que alguém estava me observando, e quando levantei os olhos vi o Dr. Prentiss parado à porta da sala, com os braços cruzados. Eu não sabia se ele estava rindo de mim ou pronto para me matar. Provavelmente as duas coisas. Todo mundo da faculdade parecia me olhar daquele mesmo jeito.

Ele fez sinal com o dedo para que eu me aproximasse, e eu disse ao telefone:

– Poxa, Jess, desculpa, mas preciso ir.

Ela deu um suspiro enorme que pude ouvir mesmo estando aqui e ela lá na Romênia, então respondeu:

– Acho que também preciso ir. Minha amiga Ylenia deve estar chegando a qualquer momento.

Fiquei de pé e fui atrás do medonho blazer de tweed do Dr. Prentiss, até a sala dele.

– Certo, a gente se fala depois.

– Min! – Ouvi Jess tentando me impedir de desligar. – Você não gostaria de passar um tempinho aqui? Eu pago tudo...

Não deu tempo de responder porque eu já estava encerrando a ligação. Já era tarde demais para conter meu gesto. E o que eu poderia ter dito, afinal? “*Sim, Jess, vou largar a faculdade só para passar um tempo na Romênia*”?

Alguns minutos depois, no entanto, quando o Dr. Prentiss girou a tela de seu computador para que eu visse todas as minhas notas em todas as matérias – a maior quantidade de 6 e 6,5 na história das faculdades meia-boca –, comecei a pensar que a Romênia talvez não fosse uma ideia tão ruim assim.

– Você precisa se concentrar – repetia ele sem parar.

– É.

Eu meio que concordava, olhando para um grande pôster emoldurado atrás dele, com a tal estátua *Davi* de Michelangelo, e pensando: *Será que na Romênia eu consigo ficar longe dos italianos pelados?*

Porque eu sabia que pelo menos um italiano odiava aquele lugar.

E quando meu professor disse “Você sabe que vai ser reprovada, não é, Melinda?”, eu só assenti, praticamente sem escutá-lo, porque a penúltima coisa que Jess tinha dito enfim penetrou no meu cérebro, e eu me senti mais fracassada e solitária ainda.

Eu podia lidar com o fato de Jess ter um marido que a levou para longe de mim. Ele era um cara, e nunca poderia me substituir.

Mas ela realmente tinha uma nova *amiga*?

CAPÍTULO 7

Antanasia

Encerrei a ligação no meu celular caríssimo – requisito básico para os nobres Vladescu –, e suspirei enquanto estendia a mão para a porta do banheiro.

Tinha quase certeza de que Mindy não tinha ouvido meu convite desesperado antes de desligar seu telefone cor-de-rosa coberto de cristais, que eu era capaz de visualizar com tanta clareza quanto os olhos castanho-claros e os cabelos castanhos ondulados da minha melhor amiga. Ou talvez Min não quisesse saber de passar as férias de inverno em uma montanha sem graça cheia de vampiros porque estivesse empolgada com a faculdade, com os novos professores, “pensamento crítico” e... *italianos seminus*. Mas, sério, quem escolheria passar as férias em um lugar onde ocorriam *execuções*?

Abri a porta puxando com força demais – e dei um pulo ao me ver cara a cara com uma garota cheia de cachos quase negros, boca um pouquinho grande demais para os padrões da beleza clássica e olhos escuros meio escondidos atrás de óculos de lentes grossas.

Uma garota que – exceto pelos óculos – se parecia um bocado *comigo*.

CAPÍTULO 8

Antanasia

- *Trouxe um pouco de sopa* para você – disse Ylenia Dragomir, tirando uma garrafa térmica de uma bolsa enorme pendurada em seu ombro. Pelo menos a bolsa parecia grande em minha prima. Na verdade, era provável que não tivesse metade do tamanho da Louis Vuitton falsificada predileta de Mindy, forrada com pele falsa de leopardo. – Achei que pudesse ajudá-la a se sentir melhor.

- Obrigada.

Aceitei a garrafa, na dúvida se contava a Ylenia que não estava doente de fato, já que estávamos ficando amigas. Eu sabia qual seria o conselho de Lucius: “*Não confie em ninguém...*”

- Tome um pouco – sugeriu ela antes que eu pudesse decidir se admitiria a verdade.

Girei a tampa e cheirei, tentando não fazer uma careta diante do odor estranho.

- O cheiro está... ótimo – menti mais um pouco. – Delicioso.

- É *ciorbã de pui* – explicou Ylenia. – Sopa oriental de galinha com limão. É muito saudável!

- Você que fez? – perguntei, embromando, conduzindo-a à parte do escritório semelhante a uma sala de estar.

Ylenia me acompanhou e se acomodou na beira de uma poltrona enquanto eu me sentava no sofá novamente.

- Isso! – Ela sorriu e deu de ombros. – Quem ainda é Dragomir, e não Vladescu, não tem um séquito de empregados para preparar a comida. Nós sabemos cozinhar!

Ela estava rindo, mas eu me senti mal. Será que deveria pedir a Lucius que gastasse um pouco do dinheiro daquele orçamento na contratação de empregados e no conserto do velho castelo de minha família, que era pateticamente sustentado por turistas que pagavam para visitá-lo?

Ylenia pareceu ter percebido que eu não tinha achado graça da piada.

– Ei, eu só estava brincando – disse ela. – Eu me sinto afortunada pelo simples fato de ter um lugar para morar, agora que meu pai se foi. Não tinha para onde ir, e foi gentileza sua e de Dorin me darem um quarto.

Pobre Ylenia. Sua mãe havia abandonado a família quando ela era pequena, e seu pai a deixou largada em um colégio interno durante a maior parte da infância. Até que ele perdeu a fortuna já escassa em um acordo ruim com Dumitru Vladescu, o que levou a uma briga mortal. Ela não estava apenas órfã, mas também pobre e sem teto, e senti uma pontada de culpa por achar que *minha* existência era difícil. Eu tinha pais, tinha Lucius.

Pus a garrafa térmica e a tampa na mesinha de centro feita em mogno.

– Então... você quer conversar sobre o julgamento? – perguntei. – Vou entender se não quiser.

– Não, tudo bem. – Minha prima se inclinou, serviu uma boa dose do líquido amarelado na tampa e a empurrou para mim. – O julgamento foi difícil. Lucius arrancou toda a história do assassino de meu pai, e foi duro de ouvir. Mas agora sinto que a justiça foi feita.

Bebi um gole da sopa e me obriguei a não fazer careta.

– Como Lucius fez para que ele confessasse?

Ylenia alisou a saia longa e fora de moda que terminava abaixo dos joelhos.

– Ele é Lucius. Como alguém seria capaz de guardar segredos diante daquele olhar? Seu marido já intimidava quando era criança e, quanto mais amadurece, mais poderoso parece ficar.

Tomei outro gole, e de repente a sopa parecia menos estranha do que boa parte das palavras ditas por ela.

Sou uma intrusa em meu próprio casamento. Ylenia existia na vida de Lucius antes mesmo de eu saber que ele existia. Eles frequentavam os tais

congressos de verão na época em que eu criava novilhos para o Clube da Juventude e nadava no lago Conewago enquanto Mindy ficava sentada na margem, com nojo de tocar na água suja.

– Ylenia. – De repente eu precisava saber se eu era a maior covarde das duas primas Dragomir também. – Você ficou para a...

Ela entendeu a pergunta claramente antes que eu precisasse concluí-la, e balançou a cabeça, agitando seus cachos, que eram uma versão mais crespa dos meus.

– Não! Eu não seria capaz de presenciar aquilo, nem mesmo para ver a morte de meu pai ser vingada.

– Também não consegui ficar lá – admiti então. – Simplesmente não consegui.

Ficamos sentadas em silêncio durante cerca de um minuto inteiro enquanto eu tomava a sopa, porque, mesmo sem ter gostado, pela primeira vez em semanas parecia que eu sentia fome, que surgiu depois daquela confissão. Nunca havia tido uma amiga íntima, a não ser Mindy, e agora que ela estava longe eu precisava de uma. Dorin era ótimo, mas era meu tio. E Lucius, apesar de ser meu amor eterno, também era homem. Havia coisas que ele não entenderia ou sobre as quais não conseguiria falar do jeito que só uma garota era capaz.

– Acho que vou embora – disse Ylenia por fim. – Você parece cansada.

Eu estava começando a ficar sonolenta. Nós duas nos levantamos.

– É, estou pensando em me deitar.

– Claro. – Ylenia tampou a garrafa térmica de novo e a entregou para mim.

– Pode terminar isto mais tarde. Dorin disse que você odeia pedir comida da cozinha.

Lucius com certeza teria franzido a testa diante daquele comentário, mas na hora não me importei. *Tenho uma amiga aqui que entende o que estou enfrentando.*

– Obrigada.

Então Ylenia foi comigo até a porta e, com seu romeno fluente, mandou que Emilian me acompanhasse ao meu quarto, pois eu estava *mais* do que

cansada. Estava exausta e ansiosa para chegar ao único lugar do castelo onde me sentia mais segura e à vontade... Pelo menos até mais tarde, naquela noite.

CAPÍTULO 9

Lucius

Para: surfistanoturno3@freeweb.net

De: LVVladescu@euronet.web

Raniero,

Saudações instantâneas do coração da Romênia, onde a chegada da “banda larga” está facilitando o contato (leia-se “controle”) com toda minha família e meu longínquo reino. (Refiro-me especificamente a você, “sufistanoturno3”, já que não consigo imaginar terra mais “longínqua” do coração frio e selvagem dos Cárpatos do que as areias amenas e ensolaradas do sul da Califórnia, não é?)

Presumindo que você não tenha sido levado pelas “ondas saborosas” das quais fala com tanta reverência – você não bebe essas ondas de fato, certo, Raniero? –, escrevo, em primeiro lugar, para saber como você tem passado desde que nos vimos pela última vez, em meu casamento. (Vou repetir que foi uma honra tê-lo a meu lado – e o fato de você ter se dignado a usar calças em vez de “bermuda de surfista” foi motivo de grande apreciação de minha parte. Apreciação – e alívio bastante considerável.)

Também admitirei: o fato de você não ter respondido ao meu convite por escrito para ser meu padrinho realmente me deixou em dúvida. Ainda assim, não pedi a ninguém que me acompanhasse caso você não aparecesse. Não somente eu não conseguia pensar em ninguém que respeitasse o suficiente para cumprir esse papel tão significativo, como confiava que você, Raniero, faria a coisa certa, assim como confiei que conteria a mão naquele momento fundamental, quando poderia ter encerrado nosso treinamento – para não mencionar minha existência – em um lago de sangue nas masmorras dos Vladescu.

É essa fé inabalável que tenho em você que também me leva a escrever hoje.

Os próximos seis meses serão cruciais para meu futuro como líder dos clãs recém-unidos. Meu objetivo é insistir no voto de confiança na convocação de julho e na coroação antes do fim do ano.

Você me conhece bastante bem para compreender metade de meus motivos. Nunca deixei de desejar o poder, e tenho confiança de que possuo a visão e a capacidade para liderar os clãs e tirá-los da idade das trevas na qual nossas famílias parecem irrevogavelmente presas, em termos sociais, educacionais e tecnológicos. (Cá entre nós, Raniero, será que somos os únicos Vladescu de berço que sabem, com certeza, que bluetooth não é uma doença pavorosa, que só os vampiros pegam, que consiste na falta de oxigênio nas gengivas? Temo que seja verdade.)

Mas, além de minhas ambições pessoais, quero acelerar esse processo pelo bem de Antanasia. Ela está se esforçando muito para se transformar de adolescente humana em princesa vampira, embora o processo seja difícil para minha esposa. Mais difícil ainda do que previ quando nos casamos.

Fui egoísta, Raniero, no desejo de torná-la minha. E agora, para protegê-la, devo lhe infligir mais um fardo, pressionando por uma coroação antecipada de modo que eu, especialmente, possa ascender à condição de rei. Como nosso implacável porém astuto tio Vasile sempre observou: “Príncipe’ está para ‘REI’ assim como ‘filhote’ está para ‘LEÃO’. E pode-se chutar um filhote – mas com um leão NINGUÉM mexe!”

Sendo assim, o que me diz, irmão? Será que você pode por um tempo – ou para sempre! – pendurar sua prancha, arquivar seus textos budistas e se tornar de novo o “sábio guerreiro” que seu próprio nome, “Raniero”, o destina a ser? E assumir seu lugar ao meu lado direito? Não haveria consequências terríveis, como você teme. O que passou, passou. Suas “filosofias” não lhe ensinam isso?

Acrescentarei que minha mente ficaria mais tranquila se outra pessoa na Romênia que não esteja contagiada pela covardia estivesse cuidando de Antanasia. Ela forja alianças com vampiros que parecem inofensivos, mas

cuja própria fraqueza representa ameaças que ela não sabe reconhecer. Busca, por instinto, os gatinhos fofinhos com os quais foi criada – e exatamente aqueles que tiveram suas garras arrancadas. (Na verdade, comparar Dorin Dragomir a um gatinho recém-nascido é insultar o temperamento felino. E, é claro, você se lembra da índole de Ylenia Dragomir...)

Aguardo, ansioso, por sua resposta. Não exijo sua presença aqui, o que seria meu direito, mas a solicito como amigo.

Lucius

P.S.: Você sabia que a tradição diz que o “padrinho” não é um ajudante do noivo, e sim um guardião da noiva? Acredite, irmão, eu não deixaria tal responsabilidade – nem de forma simbólica – nas mãos de um vampiro em cujo autocontrole eu não confiasse. Se eu de fato acreditasse que você representa o menor risco para Antanasia, destruiria até mesmo você, meu amigo mais íntimo, sem piedade, antes de deixá-lo chegar a 100 quilômetros de nosso lar. Como você pode não ter fé em si mesmo?

P.P.S.: Traga Mindy, se quiser!

CAPÍTULO 10

Mindy

Eu estava deitada na cama lendo a revista Mundo das Celebidades, para esquecer que praticamente havia levado pau na faculdade, quando meu telefone tocou. Quase não atendi, porque, sendo sincera, se Jess me dissesse que estava chateada porque Lucius ia lhe dar, tipo assim, uma tiara de ouro maciço em vez da de platina que ela queria, eu iria gritar tão alto que ela escutaria na Romênia mesmo se a ligação caísse.

Mas peguei o telefone e não reconheci o número, então atendi.

– Alô.

– Buona sera, Mindy Sue. – Havia muito chiado na linha. Ou talvez fosse vento. Ou ondas ao fundo. – Ciao.

Bati a revista na cabeça.

– Ai, caramba, Raniero... Por que você está me ligando? – Afastei o telefone e verifiquei o número de novo. – E de quem é esse telefone?

Eu podia, tipo, ouvir Raniero Vladescu Lovatu sorrindo daquele jeito tranquilo dele.

– Estou de pé na areia quente, olhando o pôr do sol mais lindo e exuberante, e só penso em você, que é muito linda e exuberante, sim?

Ignorei totalmente o elogio. E tentei, com muito esforço, não visualizar Raniero na praia, com sua bermuda verde-oliva meio que pendendo no quadril, talvez com algumas gotas de água no peito largo, musculoso, bronzeado e nu. O braço que segurava o telefone estaria dobrado, de modo que os bíceps estariam perfeitos e duros como uma pedra, e os dentes branquíssimos...

Não, Mindy! Concentre-se na cabana ao fundo! No modo como aqueles dentes mudam!

– Sério, Ronnie, você arranhou um telefone novo? – perguntei, porque ele não era do tipo que arranjava nada novo. – Que número esquisito é esse?

– Não sei de quem é o telefone. Estou passando por uma toalha de praia, vejo um telefone, penso em você e ligo.

Imaginei ter ouvido errado – ele vivia se confundindo com o idioma e fazia uma bagunça enorme, principalmente na hora de conjugar os verbos no passado e no presente – e me sentei direito na cama.

– O quê? Isso é... tipo... roubo!

– Roubo, não – corrigiu ele, como se eu fosse maluca. – Estou *pegando emprestado*. Assim como deixo que outros peguem emprestado minhas coisas. Existe muita preocupação neste mundo em relação ao que pertence a quem. Mas se isso fizer você se sentir melhor, vou deixar aqui na toalha a manga que acabei de comprar para o jantar.

Eu me esparramei na cama outra vez. Claro que ele não compraria um telefone novo. Era um milagre ele gastar, tipo, 45 centavos em uma manga, embora sua família tivesse zilhões de dólares.

– Fala sério, Raniero, não me importo se você der sua fruta. Estou tendo um dia ruim de verdade, então por que não diz logo o que quer?

– *Eu* não quero nada. – Ele gastou alguns minutos filosofando ao telefone do desconhecido. Eu praticamente podia visualizá-lo encolhendo aqueles ombros largos e nus. – Só pensei em você e liguei. – Também podia ver seus olhos verde-acinzentados ficando tristes quando ele demonstrou sentir um pouco de pena. – Mas sinto muito por saber que você está infeliz. Tem alguma coisa que eu possa fazer para ajudar, sim?

– Não! – Sentei-me de novo e cruzei as pernas. – Não, a não ser que você possa consertar meu cérebro antes que eu seja reprovada na faculdade daqui a uns dois dias.

Ele ficou bem quieto. Tudo o que eu escutava era o vento.

– Eu acho seu cérebro *perfetto*, Mindy Sue – disse ele. – Simplesmente perfeito. E acho que você ficará feliz em sair da faculdade, porque não acredito que algum dia tenha sido seu sonho estudar lá.

– Você não conhece meus sonhos – rebati, ficando brava com ele. Talvez meu sonho fosse ter um namorado que pelo menos arranjasse um emprego, ou então que usasse sua poupança. E um namorado que estivesse perto de mim quando eu precisasse. E que pelo menos se *oferecesse* para me morder, mesmo que eu não *quisesse*, porque para os sugadores de sangue isso significava um compromisso. – Você não conhece mesmo meus sonhos!

– Talvez não. – Lá estava ele dando de ombros de novo. Ele vivia remexendo aqueles ombros gostosos e largos. – Mas achei que você quisesse ser estilista de cabelos.

– É, tipo, das estrelas – expliquei pela milionésima vez. – Mas isso é uma fantasia idiota que não vai acontecer. Se eu cursar algum instituto de beleza chinfrim aqui, vou acabar cortando cabelo no salão do shopping, encarando crianças aos berros, e nunca vou conhecer um cara decente com futuro, como talvez pudesse acontecer na faculdade.

Ai, nossa. Tudo aquilo saiu errado. Eu não queria magoar o cara, porque em muitos sentidos ele era decente. Era meigo. Meigo demais...

Mas, como sempre, Ronnie não se importou nem um pouco que eu o estivesse desprezando ou falando de outros caras.

– Você quer vir para cá? – Deu para ouvi-lo sorrir outra vez. – Tem sol e sempre há espaço para você, se bem que talvez não haja para todos os seus sapatos... E tenho certeza de que você pode encontrar um instituto de beleza aqui, bem perto das estrelas que quer conhecer.

Que resposta eu poderia dar?

Claro que eu adoraria estudar na mundialmente famosa Academia de Estética Ashton, em Hollywood, onde praticamente todos os cabeleireiros que apareciam na *Penteados das Celebidades* haviam estudado. Mas eu não tinha dinheiro sequer para ir à Califórnia, quanto mais para pagar a mensalidade, caso entrasse na Ashton. Não conseguiria comprar nem uma manga para o almoço. E no minuto em que chegasse lá ele provavelmente iria para o Taiti, como vivia falando.

Não, se eu fosse viajar para algum lugar, seria para visitar Jess, porque ela, graças a seu marido rico, podia pagar.

– Melinda, você ainda está aí? – perguntou Ronnie. – Está pensando em minha proposta, sim?

Não respondi, porque de repente comecei a “pensar”. Na Romênia, já que para lá eu sabia que Raniero não iria, porque por algum motivo ele não gostava daquele país. “*Lá é frio demais para mim*”, dissera ele. “*Muito, muito gelado e traiçoeiro.*”

No entanto, lá havia mais do que gelo, neve e estradas ruins. Eu quase tinha sido reprovada em inglês no ensino médio, e não sacava metáforas e essas coisas que Jess e Lukey entendiam, mas pela cara de Raniero eu sabia que ele estava se referindo a muito mais do que o clima quando dizia que o lugar era “gelado” para ele.

– Ah, na verdade eu estava pensando em visitar Jess por uns tempos – respondi, enfim. – As férias de inverno começam daqui a alguns dias, e ela se ofereceu para pagar minha passagem.

Ouvi o vento e as ondas durante vários minutos – os minutos de chamada de algum pobre coitado sendo *totalmente* desperdiçados –, e então pela primeira vez desde que conheci Ronnie ele soou super, superinfeliz.

– Eu gostaria que você não fosse.

– Bem, acho que eu vou.

Praticamente me decidi naquele minuto. Precisava cortar aquela coisa entre nós. Aquela que me deixava falando e viajando sobre o cara mais sem-teto, desempregado, acomodado, cabeludo, Nova Era e *morto-vivo* do mundo. Um sugador de sangue cujo pior erro foi ter dado de ombros para *mim* quando falei: “*Acho que isso não está dando certo, Ronnie.*”

Eu sabia que ele não acreditava em brigas e tinha o braço cheio de tatuagens de paz para provar sua posição. Mas será que não podia ao menos ter lutado por *mim*? Não podia ter se disposto a mudar, só um pouquinho?

– Preciso desligar – falei.

A última coisa que ouvi antes de desligar foi um vampiro ao pôr do sol em uma praia dizendo:

– Eu te amo muito, Mindy Sue.

Enfie o telefone embaixo do travesseiro, como se pudesse apagar aquelas palavras sem significado. Raniero amava tudo e todo mundo. Até insetos, que ele não mataria nem se andassem em cima da gente naquele apartamento abominável em Lancaster onde ele havia passado um tempo.

Se eu fosse mesmo especial, ele teria lutado – e mudado – por mim.

VAMPIROS ITALIANOS IDIOTAS! IDIOTAS!

CAPÍTULO II

Raniero

Para: LVVladescu@euronet.web

De: surfistanoturno3@freeweb.net

Lucius,

Que bom ter notícias suas! Mas, pelas suas palavras, acho que você inveja secretamente o primo que tem a gentileza de chamar de irmão, que está acordando nesse instante, ao meio-dia, e que pensa somente em comer um abacaxi fresco sem se preocupar com banho antes de passar o dia no mar. Em comparação, um futuro rei tem muitas obrigações, sim?

Lamento por suas preocupações. Imploro: não desperdice suas energias régias temendo por Raniero, que bebe, sim, as ondas do Pacífico, ocasionalmente. O que é um pouco de água emporcalhada pelos peixes para alguém que já jantou no chão sujo das masmorras dos Vladescu, com a cabeça baixa e dolorida esmagada pelo calcanhar de sua bota até chegar ao vazio atual? (rs)

Como você, estou brincando – demais, eu acho, com um príncipe. Você é gentil em suportar minhas provocações e não arrancar o que resta de minha cabeça por simples prazer. Então agora fico sério, sim?

Lucius... Não entendo essa “fé” que você tem em mim. Ela é equivocada, não é?

Você estava sentado à mesa quando os Anciões decidiram meu destino. Você sabe o que sou. O que fiz. Você viu dentro de meus olhos quando me ajoelhei acima de você, com a estaca na mão!

Eu gostaria de ajudá-lo. Gostaria de pagar o que lhe devo, e também que você se tornasse rei. Porque, mesmo sem compartilhar mais seu desejo pelo poder terreno, acredito que você tem um poder raro no coração, que não é

deste mundo. Compaixão? Sim. Algo novo para um governante vampiro, e muito necessário!

Mas é uma infelicidade que eu esteja apenas começando a encontrar essa qualidade dentro de mim. Temo que o antigo Raniero de apenas dois anos atrás ainda exista – ele até mesmo espiou em seu casamento para captar um vislumbre de tio Claudiu. Então, fico feliz em dizer, eu o ponho para dormir de novo ao surfar nas ondas constantes, olhando o pôr do sol tranquilizador e respirando fundo, pacificamente.

Não vamos perturbar aquele vampiro indisciplinado e raivoso outra vez, sim?

Sem dúvida, não devemos permitir que ele chegue perto de sua esposa! Notei seu olhar para a princesa Antanasia durante seus votos nupciais, e acredito que você destruiria qualquer um que representasse ameaça para ela. Prefiro que esse vampiro morto não seja eu!

Sinto muito, Lucius, por não poder fazer nada além de ficar longe da Romênia. No entanto, se em algum momento você quiser abandonar a pressão de sua vida de realeza, ainda que por alguns dias, saiba que meu lar é humilde, mas a vista é boa. E a porta jamais está trancada... porque na verdade não há porta. Só uma cortina de chuveiro com estampa de peixinhos. Basta afastá-la e entrar!

Pace, Lucius... Paz!

Raniero

Esqueci uma coisa, e portanto P.S. para você também. Acho que per uma volta – só desta vez –, você está errado, meu futuro rei. Mindy Sue não está com Raniero. (Acho que ela ficou muito surpresa, ao voltarmos para os Estados Unidos, em saber que não uso smoking todo dia!) Mas somos opostos que nos atraímos muito, e espero pacientemente que ela perceba que as roupas não são tão importantes. Temos tempo, sim? A não ser, é claro, que essa garota muito meiga sofra alguma coisa em sua casa, porque acho que ela planeja viajar para aí sem mim.

Fico pensando: quem precisa de mais proteção, Lucius? Uma princesa vampira corajosa o suficiente para entrar em seu castelo, alerta, ou uma jovem inocente que não enxerga o mal e só deseja tornar o mundo mais bonito, um fio de cabelo de cada vez? (Isso é o que mais amo nela. Isso e sua obsessão por sapatos. Como pode, já que eu tenho apenas um par? Mas é a verdade!) Você poupou minha vida duas vezes e não ousou lhe pedir o favor de proteger alguém a quem eu amo tanto, mas é uma questão a se considerar, não é?

CAPÍTULO 12

Antanasia

- *Lucius, acorde!* - *gritei*. Lágrimas escorriam pelo meu rosto, e sacudi o ombro dele com toda a força que possuía, mesmo sabendo que poderia machucá-lo mais. Se é que ainda era possível machucá-lo, porque ele devia estar... - *Acorde! Por favor, acorde!*

O sangue nele... Nos lençóis... A estaca largada entre nós.

Levei as mãos até o meu rosto. *O sangue em MIM.*

Agarrei os ombros dele de novo, sacudindo-o de modo que o sangue se espalhou por *todo lado*.

- *Lucius, NÃO!*

CAPÍTULO 13

Antanasia

– *Jessica, não deixe que as* lembranças de um pesadelo a incomodem – insistiu Lucius, baixinho. – Você não precisa temer fantasmas evocados pelo seu subconsciente. Obviamente estou vivo e bem de saúde. – Ele sorriu. – Você não vai se livrar de mim com tanta facilidade!

É, obviamente ele estava bem. Estávamos a sós na antessala onde sempre ficávamos antes das reuniões com os Anciões, dando-lhes a chance de deliberarem antes de entrarmos, e Lucius ajeitava a gravata que cobria seu peito *não empalado*. E, no entanto...

– Foi tão real... – repeti.

Mais do que simplesmente um pesadelo. Uma visão. Uma alucinação. Senti a estaca nas mãos e o sangue pegajoso nos dedos, porque era eu quem tinha usado a arma...

Será que estou ficando louca por causa do estresse?

Lucius deve ter notado a perda, a culpa e a confusão insuportável que eu ainda não conseguia afastar horas depois de ter gritado na cama, pois segurou meus ombros, oferecendo firmeza, mas arriscando uma piadinha.

– Eu devia ter avisado sobre os riscos de tomar sopa de galinha antes de dormir. Aquilo é capaz de induzir pensamentos desagradáveis em plena luz do dia; tal qual o sorvete de tofu e alfarroba que seu pai fazia! Se você quiser alguma coisa comestível, simplesmente pegue qualquer telefone, digite seis e diga “Häagen-Dazs”. A velha que atende vai compreender, pois é uma ordem que *eu* costumo dar com frequência.

Tentei sorrir também, mas não consegui. A última coisa da qual me lembrava – com lucidez – era de ter bebido aquela sopa estranha e quente e

ter caído no sono, e depois de ter acordado e descoberto um buraco enorme em Lucius... Eu estava *acordada*.

– Jessica. – Lucius ficou sério e soltou meus ombros depois de apertá-los mais uma vez. – Tente esquecer o sonho, afinal temos que encarar a realidade agora.

E de repente, por intermédio de alguma ordem que não vi ser emitida, a porta se abriu e eu estava diante da minha terceira reunião formal com os Anciões – sem contar o encontro numa churrascaria na Pensilvânia, onde os conheci e onde eles espancaram Lucius até deixar a vida dele por um fio.

CAPÍTULO 14

Antanasia

Enquanto caminhava até minha cadeira na outra extremidade da mesa comprida, eu fazia o máximo, como sempre, para me lembrar de quem era quem em meio ao bando de vampiros parecidos demais, como se a passagem de centenas de anos de muitos ali já os tivesse desgastado a uma uniformidade pálida, como pedras em um rio.

Claro que reconheci Dorin, que me ofereceu um sorriso tranquilizador. E Horatiu Dragomir, que eu sempre reconhecia porque ele havia perdido uma das mãos em alguma guerra travada na época em que as catapultas eram tecnologia de ponta. E havia uma cadeira vazia na qual meu tio Constantin teria sentado...

Lucius, que adentrara logo atrás de mim, puxou minha cadeira, e enquanto ele me ajudava a me acomodar reconheci Flaviu Vladescu sentado ao lado de Claudiu, e senti um arrepio. Aqueles dois haviam estado entre os vampiros que tinham espancado Lucius naquela noite medonha no condado de Lebanon, quando os Anciões tentaram obrigar um príncipe subitamente rebelde a se casar comigo e cumprir o pacto.

Meu olhar saltou para Lucius, que estava sentando-se com toda a calma, e eu não conseguia entender como ele era capaz de lidar com Claudiu e Flaviu todos os dias sem jamais demonstrar que os desprezava. Porque ele *tinha* que odiá-los. Tinha que ansiar por vingança.

Olhei para as mãos fortes de Lucius, e também não consegui entender como ele permitira que os tios o espancassem, afinal eu não tinha dúvidas de que meu marido poderia massacrar qualquer um de seus parentes mais velhos. Mas, claro, ele fora criado para aceitar o castigo dos Anciões e não revidou nenhum golpe de seu tio Vasile até ser desafiado diretamente a lutar.

Então olhei de novo para Claudiu, cujos lábios finos ostentavam um sorriso estranho, e que interrompeu Lucius assim que ele começou a pedir ordem na reunião, dirigindo-se a *mim*, conforme eu havia temido:

– E como você está, princesa? Todos ficamos muito preocupados com sua saúde e esperamos um relato completo sobre a doença que a afastou do julgamento mais importante deste século!

Antes que eu pudesse me recompor para responder – estava paralisada –, Lucius falou por mim, dando uma ordem com duas palavras que mudariam tudo.

– Silêncio, Claudiu.

CAPÍTULO 15

Antanasia

– *Lucius, você está mesmo silenciando seu tio?* – perguntou Claudiu, parecendo genuinamente surpreso. – Neste tom de voz?

Também fiquei chocada. Nas reuniões, Lucius era sempre controlado. Eu nunca o vira se dirigir a um dos Anciões de modo tão ríspido. Mas ficara claro que Claudiu me provocara, e o príncipe Vladescu estava informando a todos que *isto* não iria acontecer.

Ele está me protegendo de novo. Eu deveria dizer alguma coisa...

Mas não disse, e Lucius falou outra vez, de modo menos áspero, mas que ainda não deixava margem para discussões:

– Você falou sem pedir a palavra, Claudiu. E nosso costume, nossa lei, exige que solicite minha autorização ou a de Antanasia.

– Apenas perguntei pela saúde de sua esposa – protestou Claudiu mesmo assim. – Você não para de pedir que eu aceite uma Dragomir como minha *superior*, no entanto, quando faço uma observação amigável, você fica insatisfeito!

– Insatisfeito com seu fracasso em cumprir a lei – esclareceu Lucius. – Fui muito claro neste fórum: agora somos uma cultura que *obedece às leis*.

– Leis! – bufou Claudiu, abandonando qualquer fingimento de preocupação comigo e também ousando confrontar Lucius diretamente. – Você cita leis com muita frequência, Lucius! No passado, Vasile permitia que falássemos à vontade. Ele não se preocupava com *leis*.

– Você fala demais, ponto – alertou Lucius. E se recostou na cadeira, como se ainda estivesse à vontade. Mas eu percebia a tensão crescente no maxilar dele. – E Vasile não está mais no comando. Portanto, sugiro que você se acostume à nova liderança.

– Por quanto tempo? – murmurou Claudiu, balançando a cabeça.

A voz dele saiu baixa – alta o suficiente apenas para garantir que todo mundo escutasse.

Fiquei sentada em choque e em silêncio. Os outros vampiros também permaneceram calados, mas quando examinei o rosto de cada um vi empolgação, não preocupação. Apenas Dorin parecia apreensivo, como eu.

– O que você disse? – quis saber Lucius, a voz baixando uma oitava. – Ou quer omitir suas palavras, como um covarde?

– Lucius...

Flagrei-me fazendo uma tentativa hesitante de interferir, mas ninguém sequer notou. Todos os olhares estavam cravados em Lucius e em Claudiu, cujas bochechas pálidas coraram um pouco ao dizer:

– Ótimo, Lucius. Vou falar, porque fiquei quieto por muito tempo.

Então ele se virou na cadeira para apontar para mim, e pareceu que o mundo inteiro ficou imóvel quando Claudiu verbalizou o que cada Vladescu – e talvez alguns Dragomir – devia acreditar ser verdade. *Eu* acreditava ser verdade.

– Ela não está preparada para governar, Lucius. Não consegue nem mesmo aplicar a justiça!

Não...

Eu sabia que a rainha Mihaela Dragomir teria aplicado um pouco de justiça naquela hora, mas permaneci imóvel, espiando Lucius, cujos olhos estavam ficando completamente negros, como na noite em que ele me aprisionara no castelo e quase perdera o controle.

No entanto, Claudiu não pareceu notar. Estava ocupado demais verbalizando sua fúria contida ao reconhecer que o jovem vampiro que ele costumava controlar não se encontrava mais sob seu domínio – e também estava ficando com raiva.

– Lucius! – A voz de Claudiu estremeceu de repente. – Eu venho aceitando os Dragomir nesta mesa, como Anciões, há quase 20 anos. Mas não posso, e NÃO vou, aceitar um deles como meu soberano. JAMAIS! – Ele virou para

mim, os olhos semicerrados. – Principalmente uma garota que *não sabe nada sobre liderança*.

O cômodo ficou mergulhado em silêncio absoluto enquanto as palavras dele esmoreciam.

E então Lucius se levantou e eu voltei a enxergar o príncipe guerreiro que havia invadido o castelo de meus ancestrais jurando derrotar os Dragomir. Só que desta vez ele estava *protegendo* uma Dragomir – e isso só tornava seu poder mais ameaçador enquanto ele caminhava até o tio, os caninos à mostra.

Claudiu também se levantou e eu vi que seu corpo inteiro tremia. Talvez de fúria – ou talvez porque enfim compreendesse o que havia provocado em meu marido.

Eu queria correr, me colocar entre os dois vampiros e implorar que se acalmassem, mas não pude, em parte porque Lucius ficou quase estranhamente contido quando se inclinou perto de Claudiu e o advertiu, mostrando aqueles dentes que podiam ser tão lindos quanto ameaçadores:

– Suas palavras são de traição. Retire-se e agradeça por eu não destruí-lo antes mesmo de você receber o devido julgamento regido pelas leis às quais EU VOU OBEDECER, mesmo estando bastante inclinado a acabar com sua existência. A simples visão de sua figura *coloca à prova minha determinação para não esmurrá-lo*.

Claudiu hesitou um instante.

– Saia *agora* – rosnou Lucius.

– Ótimo. Vou sair – concordou Claudiu por fim. Mas enquanto se retirava da sala ainda ousou se virar e vociferar: – Isso não acabou, Lucius.

Os dois vampiros se encararam por um longo momento.

E quando Lucius enfim falou, dentre todas as palavras que havia pronunciado naquela reunião nenhuma pareceu mais agourenta do que as que vieram a seguir, com a aparência calma completamente restaurada e os caninos recolhidos:

– Não acabou mesmo, Claudiu.

Quando o tio saiu, Lucius voltou a se sentar e olhou ao redor da mesa, desafiando em silêncio qualquer vampiro que ousasse questioná-lo, e tive a sensação de que todos os outros Anciões sentiram o mesmo que eu.

Aquilo que havia acabado de acontecer entre Claudiu e Lucius... não era apenas Lucius me protegendo, ou protegendo meu direito de governar. Estava enraizado havia mais tempo, em um passado remoto, tanto em uma rixa entre clãs quanto em um ressentimento pessoal entre dois vampiros poderosos: um que havia tentado adestrar um príncipe para obedecer aos Anciões e este mesmo príncipe, que havia ficado forte demais para ser controlado.

E, com ou sem julgamento, aquilo *não* tinha acabado.

CAPÍTULO 16

Lucius

Para: surfistanoturno3@freeweb.net

De: LVVladescu@euronet.web

Raniero,

Desnecessário dizer que estou decepcionado com sua decisão de permanecer na Califórnia, principalmente porque as coisas estão ficando mais complicadas na Romênia.

Parece que tenho em mãos o contratempo de uma pequena revolução. Uma rebelião de um só, que me deixa diante da perspectiva infeliz de um julgamento de nada menos do que traição. E nós dois sabemos como isso deve terminar – para Claudiu.

Sendo muito sincero, lidar com nossos tios Vladescu não é diferente de surfar suas amadas ondas. Lutamos para controlar Vasile até o choque final gigantesco e inevitável só para dar meia-volta e descobrir que Claudiu está a postos no horizonte, seguido por Flaviu.

Seria bom se eu tivesse, se não um soldado, pelo menos um surfista experiente por aqui.

E, mesmo não dando uma ordem direta, reitero que é hora de você parar de fugir do passado. Você é um guerreiro, Raniero, e sabe que algum dia terá que enfrentar o inimigo que é você mesmo – e nesta arena, onde suas lembranças têm um apelo tão forte. Se ao fim dessa batalha você optar por voltar à sua vida na praia, respeitarei a decisão. Aceitarei que você é o primeiro vampiro Vladescu budista, vegano e pacífico como seu oceano (o genro que Ned Packwood sem dúvida desejaria secretamente que tivesse se alistado em seu pequeno exército de cordeiros, galinhas e bezerros, e não eu – já que não hesito em consumir meus colegas recrutas!). Mas, até que tal confronto

aconteça, será que você não está somente se escondendo atrás de suas tatuagens e se acovardando sob as ondas?

E você não é do tipo que se acovarda, irmão.

Lucius

P.S.: Claro que vou proteger Melinda, caso ela venha para cá. Mas será que ela não ficaria mais impressionada ainda se você realizasse essa tarefa? De preferência usando calça?

CAPÍTULO 17

Mindy

- Voo 473 para Bucareste, embarque imediato dos passageiros da classe executiva.

Verifiquei a passagem pela milionésima vez, afinal nunca tinha viajado na classe executiva. Nas quatro vezes em que havia estado em um avião ocupei assentos medonhos na classe econômica, com vista para a asa.

Mas agora meu lugar era bem na frente, onde Jess prometeu que me dariam uma bebida antes mesmo de decolarmos. Eu poderia me esticar em uma poltrona reclinável, bebericando suco de laranja fresco enquanto o restante dos passageiros arrastava as malas rumo a seus assentos baratos.

Levantei-me, peguei a alça da minha bolsa falsa da Gucci – a que eu não quereria perder caso minha bagagem fosse extraviada para Roma ou algo assim, pois *poderiam* confundir os dois lugares – e fui para o avião.

Dentro de algumas horas eu estarei, tipo assim, a uns mil quilômetros da faculdade de Lebanon Valley, que eu havia abandonado antes mesmo do início das provas finais. Qual era o sentido de tentar tirar ao menos uma nota dois?

E estarei longe demais para ouvir minha mãe berrando de novo sobre como eu havia desperdiçado milhares de dólares dela em mensalidades, e que eu deveria simplesmente esquecer o vagabundo que a fazia se lembrar de meu pai irresponsável – vagabundo que ela odiaria ainda mais se soubesse que ele era um vampiro, imagine só!

Em breve estarei em um castelo cheio de empregados, dormindo em uma cama enorme e comendo metade dos bolinhos da marca Tastykake que estava levando para Jess porque por algum motivo eles não são encontrados na Europa.

E, principalmente, estarei em um país que matava meu ex-namorado de medo, mesmo que fosse um morto-vivo, como era metade da população da Romênia. Eu tinha quase certeza de que Ronnie nem mesmo iria telefonar para mim enquanto eu estivesse lá, pois tinha me mandado, tipo, uns 20 torpedos implorando que eu ficasse em casa – e depois simplesmente sumiu. Até que enfim.

Entreguei meu cartão de embarque à funcionária e arrastei a mala pelo corredor em direção ao avião.

É, tudo para mim será de primeira classe nas próximas duas semanas. De primeira classe e totalmente livre do sugador de sangue.

Passei pela porta, minha malinha saltando no vão, e vi aquelas poltronas de couro enormes me esperando.

Então por que eu não estava superempolgada?

CAPÍTULO 18

Antanasia

– *Não foi tão terrível assim* – insistiu Dorin. Mas ele estava retorcendo as mãos gorduchas e passeando em volta de minha mesa. – Já vi incidentes piores em reuniões dos Anciões!

Eu estava com a cabeça enterrada nas mãos, mas a ergui para lhe lançar um olhar cético.

– Verdade? Você já viu coisa pior do que um dos vampiros mais poderosos cometer traição dizendo diretamente a uma princesa que ela não é adequada para governar? Uma coisa pior do que minha incapacidade de me defender?

– Você está sendo dura demais consigo mesma – interveio Ylenia, empoleirada no sofá. – Só conhece os Anciões há alguns meses. Não pode lutar contra eles!

Lancei-lhe um olhar agradecido.

– Você está certa. Não sei como eu conseguiria fazer isso.

Então me virei de novo para Dorin, que estava revirando a memória em busca de algo pior do que o motim.

– Houve uma ocasião, há anos, em que dois Vladescu se atacaram com estacas, bem no salão de reuniões. – Ele abanou as mãos. – Não que eu tenha olhado! Fiquei de cabeça baixa!

Suspirei. *É, claro que ficou. Porque nós somos Dragomir.*

– Lucius disse que vai haver outro julgamento – completei, carrancuda. – Que a traição deve ser punida com destruição.

Como praticamente tudo no mundo dos vampiros.

– Onde está o garoto? – Dorin olhou ao redor, como se Lucius pudesse estar escondido em um canto; como se isso um dia fosse acontecer. Então

meu tio serviu para todos nós um pouco do chá que Ylenia havia pedido. – O que ele está fazendo?

– Você conhece Lucius. – Bebi um gole, desejando que pudesse tomar chá sempre que quisesse. Aquilo me lembrava de quando eu estava em casa com meu pai, que resolvia todas as crises com camomila. Infelizmente eu sempre me esquecia da palavra romena “*ceai*”, e na única vez em que tentei pôr água para ferver, a velha cozinheira me expulsou da cozinha, quase berrando comigo. – Ele queria um pouco de paz sozinho no escritório, para ler seus livros de Direito. – Olhei para minhas prateleiras, repletas de livros de minha mãe biológica. – Eu também deveria estar estudando as leis.

– Posso traduzir para você – ofereceu Ylenia. – Só diga o que precisa saber. Tentei sorrir.

– Obrigada.

Mas será que eu ao menos sabia o que precisava saber?

– Tente não se preocupar, Antanasia – acrescentou ela. – Parece que Lucius cuidou de tudo.

– É, ele foi bastante feroz – confirmou Dorin com um tremor. – Se eu fosse Claudiu, ficaria esperto!

– É isso aí... – Eu me corriji, tentando parecer mais “régia”. – Quer dizer, *sim*, claro que Lucius assumiu o controle.

Deixei-me afundar atrás da escrivaninha enorme, que também tinha sido trazida do Castelo Dragomir quando eu estava estupidamente empolgada com a ideia de virar princesa.

– Precisamos ir agora – observou Dorin, e eu olhei para meu relógio, surpresa ao notar que era quase meia-noite. – Antanasia terá um dia movimentado amanhã. – Ele olhou para Ylenia. – E nós temos um longo caminho para casa.

Repousei a xícara de chá, percebendo que tinha sido grosseira por retê-los até tão tarde.

– Por que não passam a noite aqui? – ofereci. – Há dezenas de quartos. – Talvez centenas? – E a descida de carro pela montanha é muito perigosa no inverno.

Dorin e Ylenia trocaram olhares, e ambos pareceram aliviados.

– Se está segura disso... – disse Dorin. E empalideceu um pouquinho. – Se Lucius não se importar...

– Está tudo bem – garanti. Eu podia não ser capaz de lutar contra meus inimigos, mas pelo menos podia proteger meus amigos da queda de um penhasco. – Por favor, fiquem. – E falei a Dorin: – Você sabe onde ficam os quartos de hóspedes.

– Sei. Obrigado, Antanasia – assentiu ele. – Conheço bem este castelo!

– Muito obrigada – acrescentou Ylenia.

– De nada.

Levantei-me e me senti quase tonta, provavelmente porque não tinha comido nada desde de manhã. E me deu uma vontade incontrolável de ver Lucius. Parecia que eu estava sempre nervosa naquele castelo, mas naquele momento essa sensação estava se transformando em uma inquietação forte, quase como uma premonição.

Mas eu não acredito em premonições. Não é?

De repente eu não tinha certeza.

– Ylenia? Por favor, pode dizer ao Emilian que eu desejo ir ao escritório de Lucius?

– Tem certeza de que não deveria ir direto para a cama? – sugeriu ela. – Você parece exausta.

– Não, quero mesmo ver Lucius.

Eu preciso vê-lo.

– Certo – concordou ela, porém ostentando um olhar esquisito. – Se você quer mesmo... – Ela me acompanhou até a porta e falou com Emilian: – *Prendere Princess Vladescu Antanasia al principe della biblioteca.*

Após uma despedida breve, larguei meus parentes ali e, enquanto Emilian e eu seguíamos pelos corredores escuros, minhas preocupações pareciam crescer a cada passo. No entanto, quando cheguei ao escritório de Lucius e abri a porta, meu marido não estava andando de um lado para outro conforme eu havia esperado. A lareira estava acesa, o laptop dele se encontrava aberto sobre a mesa e o troféu de basquete brilhava na estante.

Mas Lucius não estava à vista.

CAPÍTULO 19

Antanasia

Eu não sabia decifrar os livros de Direito de minha mãe, em romeno, mas podia ler o diário que ela havia me deixado, e, mesmo estando incrivelmente grogue, peguei o caderno esperando achar algo que aliviasse o medo estranho que começava a me sufocar.

Onde está Lucius?

Estiquei-me na cama com a cabeça virada para a lareira e me deitei para ler de lado, pois me sentia incapaz de sentar. E minha curiosa mistura de preocupação e fadiga avassaladora fez as palavras ficarem turvas nas páginas.

“Não confie em ninguém...” “Para os vampiros, o sangue é ao mesmo tempo vida e uma parte inevitável da morte...” A palavra estranha, *“blestemată”*, escrita perto de um símbolo mais estranho ainda, desenhado na margem...

Onde foi que já vi isso? E por que Mihaela escreveu isso em romeno?

E então aconteceu, no instante em que perdi completamente o foco e minhas pálpebras começaram a fechar.

Vi a estaca de novo. Caída na cama diante do meu rosto.

Encolhendo-me, fechei os olhos com força.

NÃO. ISTO NÃO ESTÁ AÍ! Eu NÃO estou ficando maluca!

Senti meu peito subir e descer com força, mas me recusei a abrir os olhos. Recusei-me a permitir que eles me enganassem de novo. Mas, claro, eu precisava olhar...

E, quando olhei, a estaca havia sumido. E de algum modo, porque estava morta de cansaço, fechei os olhos de novo e caí em um sono provavelmente muito, muito profundo, porque quando acordei minha cabeça estava no travesseiro. E Lucius dormia ao meu lado, nós dois em cima das cobertas.

Ele usava calça jeans e uma camiseta, como se também estivesse exausto e nem tivesse se dado ao trabalho de tirar a roupa antes de ir para a cama.

Olhei seu rosto à luz da lareira e ele parecia bem, porém mesmo assim passei o braço em volta dele, certificando-me de que não havia sangue em seu peito, como na última vez em que a estaca surgira com tanta nitidez diante de meus olhos. Mas mesmo depois de me certificar de que ele estava respirando não consegui afastar a sensação de que havia algo errado.

– Lucius...

Eu estava prestes a acordá-lo quando houve uma batida à nossa porta e os olhos dele se abriram de imediato, como se não estivesse dormindo, afinal de contas. Em geral ele acordava prontamente na ocorrência de qualquer barulho estranho, mas naquela noite cheguei a dar um pulo por causa da velocidade de sua reação.

– Lucius?

A batida soou outra vez e ele se levantou, falando comigo de forma calma porém firme:

– Fique aqui.

Sentei-me, confusa.

– Você está esperando alguém?

– Não. Não estou.

Isso me preocupou mais ainda. Enquanto seguia em direção à porta, ele olhou por cima do ombro e fez meu temor aumentar.

– Não se mexa, a não ser que eu diga a você para fazê-lo. Mas, se eu mandar que saia do quarto, você sabe para onde ir. E seja rápida.

Só quando ele abriu a porta percebi que Lucius estava vestido e alerta porque achava que alguém poderia vir nos atacar. Ou *me* atacar.

Claudiu. Talvez com outros Vladescu que ele tivesse mobilizado. Eles vão concluir o plano que Lucius não foi capaz de executar. Vão me destruir porque não conseguem viver sob o governo de uma Dragomir. É para isso que ele está preparado.

Entretanto, mal tive tempo para ficar *aterrorizada* antes de escutar a voz familiar de Emilian e respirar fundo, para me acalmar.

– ...*este mort* – ouvi Emilian dizer.

– *Unde? Cum?* – respondeu Lucius.

Captei as palavras “*onde*” e “*como*”, porém nada mais.

Um instante depois, Lucius fechou a porta e voltou para a cama. Mas não se deitou do lado que lhe pertencia. Em vez disso, sentou-se perto de mim e segurou minha mão, dizendo:

– Você precisa se vestir, Antanasia.

Examinei seu rosto, mas era quase como se houvesse coisas demais se passando na cabeça dele e eu não conseguisse acompanhar, e meu medo voltou sorrateiramente. Além disso, ele havia usado meu nome formal.

– Por que eu preciso me vestir?

Era impossível decifrar os olhos de Lucius, mas a boca exibia uma das expressões mais sérias que eu já tinha visto enquanto ele me informava:

– Claudiu foi destruído. Precisamos ir. Agora.

CAPÍTULO 20

Antanasia

Eu apertava a mão de Lucius com força enquanto seguíamos pelos corredores em direção ao saguão de entrada, onde o corpo de Claudiu nos aguardava. Mesmo naquela crise não estávamos correndo, pois a realeza jamais se apressa, e quando passamos por uma das grossas janelas de vitral tive um segundo para notar que já estava amanhecendo.

Olhei de relance para o rosto de Lucius. *Até que horas ele ficou fora do quarto? Onde ele estava? E como foi que eu nem senti quando ele mudou minha posição na cama e pôs minha cabeça no travesseiro?*

Queria fazer todas essas perguntas, mas ele parecia muito preocupado – e, claro, Emilian e a guarda que Lucius raramente solicitava estavam bem atrás de nós, por isso fiquei quieta.

Foi Lucius que falou primeiro, quando chegamos a outra esquina. Olhou para os guardas atrás, ordenando:

– *Rãmâneți acolo.*

Eles pararam, e ele me guiou por mais alguns passos, depois se abaixou para me falar em particular:

– Preciso soltar sua mão agora. Você vai parecer mais forte sozinha.

Assenti.

– Entendo.

Os olhos escuros de Lucius encararam os meus, como se ele estivesse tentando me fortalecer.

– E pode haver muito sangue. Esteja preparada.

Assenti outra vez.

– Eu sei. – O diário de minha mãe biológica havia me alertado. *“Para os vampiros, o sangue é uma parte inevitável da morte.”* – Vou ficar bem.

Prometi a ele, mas quando viramos a esquina e entramos no enorme saguão onde Lucius me detivera como a primeira prisioneira de uma guerra declarada contra minha família, cobri o nariz e a boca com uma das mãos, mas não por conta da visão do corpo, e sim por causa do *cheiro*.

CAPÍTULO 21

Antanasia

Vários Anciões já haviam se reunido, e nem consegui ver Claudiu de cara, porque sou baixinha e os vampiros mais velhos, que formavam um círculo ao longo da curva das paredes, eram todos altos, com exceção de Dorin, que parecia nervoso e até mais pálido do que o normal, com o casaco preto abotoado até o pescoço.

Ylenia também estava lá, agasalhada como Dorin, e a princípio não consegui descobrir por que eles estavam no castelo ao amanhecer. Nosso castelo era enorme, como uma cidade independente que os Anciões Vladescu percorriam à vontade e onde ficavam hospedados frequentemente durante semanas seguidas. Mas meus parentes Dragomir quase nunca dormiam ali.

Então tive a vaga lembrança de tê-los convidado para passar a noite. Eu estava tão extenuada que mal me recordava de ter feito o convite.

Obrigando-me a afastar a mão do rosto, assenti levemente para meu tio e minha prima quando os Anciões abriram caminho para Lucius – e para mim, embora eu mal tivesse conseguido me espremer ali no meio antes de eles cerrarem as fileiras de novo.

– O que aconteceu aqui? – perguntou Lucius, indo direto para o centro e se ajoelhando.

Sem saber qual seria o meu papel, parei antes e me esforcei para não engasgar quando o cheiro familiar – e repugnante desta vez – ficou mais forte ainda.

Sangue.

Desde que tinha me tornado uma vampira completa, eu – como todos os mortos-vivos – desenvolvi um olfato aguçado para o sangue. Para os

vampiros o cheiro era tão característico quanto digitais ou DNA. E o sangue de Claudiu fedia como... bem, como Claudiu.

Enquanto o sangue de Lucius tinha um cheiro doce e inebriante, o de Claudiu parecia o de algo podre. Como se ele já estivesse se decompondo antes mesmo de ser destruído. O cheiro praticamente dominava o salão.

Mesmo assim, controlei a ânsia de vômito por tempo suficiente para enfim olhar o tio de Lucius, e ainda que desejasse ser forte naquela hora, eu era tão fruto de uma bondosa família vegetariana quanto era princesa vampira – e provavelmente mais vegetariana do que vampira –, portanto cobri a boca de novo quando vi o corpo sob a sombra de meu marido.

Então olhei do cadáver para Lucius, ajoelhado junto ao tio, e a ânsia de vômito se intensificou quando me lembrei de como Lucius havia ameaçado a vida de Claudiu em público, menos de um dia atrás.

CAPÍTULO 22

Antanasia

- *Alguém se manifeste!* - ordenou Lucius, olhando de um Ancião para outro. - Como isso aconteceu?

Ninguém se ofereceu para responder, e Lucius deixou o silêncio se prolongar, continuando a examinar cada rosto ao mesmo tempo que enfiava a mão debaixo da cabeça inerte de Claudiu, aninhando-a num gesto incompreensível para mim.

Será que Lucius respeitava - até mesmo amava - seu tio, de certa forma?

Mas Claudiu o espancava quando ele era mais novo, e o havia desafiado...

Eu não queria, mas não consegui deixar de olhar para o cadáver de Claudiu outra vez. Era quase como se ele estivesse dormindo, até que Lucius o virou de costas com delicadeza e deu para ver onde a estaca havia entrado.

Flagrei-me contando. Um, dois, três ferimentos. Tem muito sangue fresco no chão, no corpo...

Com a mão livre, Lucius fechou os olhos de Claudiu, que tinham ficado abertos e terrivelmente vazios, mas o gesto pouco contribuiu para deixar a cena menos pavorosa.

Cobri a boca de novo, frustrada por ser uma consumidora de sangue, pelo fato de o sangue até mesmo ter feito parte de meu casamento, mas, ao mesmo tempo, eu mal conseguir tolerar aquela cena.

Não vomite. Você já apertou um ferimento igual a esse uma vez, no celeiro de Jack Zinn, tentando salvar Lucius. Você pode fazer isso. Já viu muitos animais mortos na fazenda.

- Quem o encontrou? - perguntou Lucius por fim, sendo que ninguém respondera à primeira pergunta. Ele continuava ajoelhado, aparentemente

sem notar o sangue que empoçava ao redor, manchando sua calça. – Alguém pode responder ao menos a isso?

– Fui eu, Lucius. Eu o encontrei. – Virei-me e vi meu tio Dorin avançando, o rubor das bochechas esmaecido e a mão direita erguida, trêmula. – Ylenia e eu estávamos indo embora ao amanhecer, quando o encontramos aqui.

Lucius olhou meu tio por um longo tempo, a expressão mais séria ainda.

Não, protestava uma parte de mim. Você não pode ficar com raiva de Dorin só por ele estar no lugar errado na hora errada! Não é justo!

Mas não falei, porque, embora desejasse proteger meu tio, eu sabia que era mais importante ainda não demonstrar qualquer divergência entre mim e Lucius. Ele sempre dizia que era crucial apresentarmos nossa união.

Ou será que eu estava com medo de dizer a coisa errada?

E como é que todos podíamos estar tão calmos? Havia um corpo ali. Não era uma cena de crime na TV. Era *real*.

Mantive a mão apertando a boca. *Este é o meu mundo.*

Lucius tirou a mão de debaixo de Claudiu e pousou a cabeça do tio no chão outra vez. Depois ficou de pé, e muito embora o ferimento de Claudiu tivesse sido desferido no peito, os dedos de meu marido estavam sujos de sangue, provavelmente do mesmo jeito que ficaram depois da execução que ele realizara menos de dois dias antes.

– Alguém mande os serviçais limparem e prepararem o corpo – ordenou aos Anciões em geral. – Ficarei aqui até eles chegarem, e vamos nos reunir ao fim desta tarde no salão. – Ele olhou severamente para Dorin, que se encolheu. – Espero que todos aqui compareçam. Todos os Anciões.

Dorin assentiu.

– Sim, claro.

Tentei lançar um olhar de compaixão para Dorin, mas a cabeça dele já estava abaixada, os olhos escondidos.

Não parecia haver mais nada a dizer, por isso, como se acompanhando o gesto de Dorin, todos baixamos a cabeça, oferecendo um momento espontâneo de respeito silencioso a Claudiu. Enquanto permanecíamos

calados, Flaviu deu um passo adiante e pôs sua capa sobre o corpo, depois voltou a ocupar seu lugar entre os outros.

Achei que deveria fechar os olhos, mas não o fiz. Dei uma espiada em Lucius enquanto ele fitava o tio, sua expressão indecifrável mais uma vez.

– Com licença?

Todos nos voltamos para aquela voz hesitante e baixa e vimos Ylenia ainda encostada na parede.

O quê?

– Hum... não quero interromper, mas a *estaca* não foi encontrada, foi? – perguntou ela.

Todos a encaramos, e ela ficou vermelha e ajustou os óculos. Tive a nítida sensação de que Ylenia se arrependeu de ter falado, e ao mesmo tempo desejei ter sido *eu* a pessoa a se expressar. Dizendo qualquer coisa. Eu era uma princesa e deveria ter ficado perto de Lucius.

Então todos nos viramos para a gigantesca porta externa, que se abriu com um rangido das dobradiças antigas, e outra pessoa se juntou a nós, exclamando enquanto entrava no círculo de vampiros, obviamente sem discernir o que estava escondido sob a capa a seus pés.

– Caramba! Será que cheguei, tipo, numa hora ruim?

CAPÍTULO 23

Raniero

Para: LVVladescu@euronet.web

De: surfistanoturno3@freeweb.net

Lucius, meu amigo,

Hoje cedo, à uma da tarde, este seu criado estava prestes a pedir o delicioso burrito de feijão no Terrible Taco, um trailer famoso que fica estacionado muito convenientemente perto de minha cabana, quando houve um cutucão no braço nu de Raniero.

– Sim?

Olhei para baixo, esperando encontrar um turista procurando aulas de surfe (tenho um pequeno negócio de aulas de surfe, com divulgação boca a boca, sabia? Mas infelizmente nunca me lembro de pedir o pagamento – o que acho que ajuda na divulgação. É um círculo vicioso, sim?). Mas não era um turista. Era um vampiro, que olhou atentamente o braço que desprezo e disse:

– Você é Vladescu Lovatu, não é?

(Sou tão famoso quanto o Terrible Taco! rs, mas com carinha triste.)

Meu novo amigo – que usa um monte de piercings para dizer ao mundo que não tem medo de nada, nem mesmo de Raniero! – não esperou pela minha negativa. Ficou ocupado me parabenizando por meus muitos feitos nos campos da morte, do desmembramento, etc.

Você pode imaginar que esse não é o tipo de elogio que desejo, por isso agradeci as palavras gentis e peguei a comida. Tuttavia, antes que pudesse me afastar, meu equivocado jovem fanático disse:

– Você soube o que houve com Claudiu, não soube, cara?

Parei e quase deixei cair um burrito muito bom quando ouvi as palavras seguintes, que repito para você:

– O cara bateu as botas, mermão.

Lucius... essa história é verdadeira? Claudiu foi destruído? Nesse caso, quando isso aconteceu? Porque trocamos mensagens durante a manhã toda e você não mencionou nada.

Não acredito que deva me preocupar, mas admito que essa notícia abala minha paz, só um pouquinho.

Estou muito ansioso pelo mensagem no qual você vai rir de mim e aconselhar: “Não dê ouvidos a jovens vampiros que mal conseguem falar por causa dos espetos de prata que atrapalham as línguas idiotas!” Imagino também o longo parágrafo no qual você expressará seu desprezo por burritos de feijão, cabanas de qualquer tipo e lugares onde as pessoas dizem “mermão” e não sentem vergonha. Se você quiser, dou um sermão em mim mesmo e lhe poupo do trabalho, rs!

Mas, por favore... responda presto, Lucius, se não for complicado demais.

E, se não se importar em me contar... Melinda Sue está aí, no meio dessa morte e destruição possível, ainda que improvável?

Raniero

CAPÍTULO 24

Mindy

Jess e eu nos aninhamos na cama imensa do meu quarto de hóspedes, desistindo totalmente da tarefa de desfazer as malas. Ambas tentamos fingir que estávamos bem, mas a mão de Jess começou a tremer assim que ela tentou abrir o zíper da bolsa que continha todos os meus sapatos, por isso apenas nos sentamos ao lado do vestido preto que eu tinha trazido para o caso de ocorrer algum evento chique.

Lancei um olhar bem triste para o vestido. Uma pena: o tal evento chique ia ser um enterro.

– Sinto muito mesmo por isso ter acontecido agora – disse Jess.

Ela roía as unhas, hábito que, eu sabia, estava tentando abandonar. No entanto, não comentei nada. Jess já estava com a cabeça cheia demais para ter que se preocupar com coisas como manicure.

Um dos vampiros velhos tinha sido morto. Quando entrei, achei que fosse, tipo, um cachorro morto no chão, e fiquei totalmente confusa quando vi que Lucius estava coberto de sangue. Quando enfim saquei o que estava acontecendo, foi meio que a primeira vez que entendi por que Jess achava a vida de princesa bem menos empolgante do que o que narravam nos contos de fadas.

– Você está legal? – perguntei.

Ela tinha olheiras e estava magra demais. Fiquei feliz por ter trazido os bolinhos Tastykake.

– Eu é que deveria estar perguntando isso a você. – Ela me olhou, preocupada de verdade. – E entendo se quiser dar meia-volta e ir para casa.

Mesmo com ela tendo dito isso, eu conhecia minha melhor amiga: ela queria que eu ficasse.

– De jeito nenhum, Jess. Não vou abandonar você agora!

Ela pareceu superaliviada.

– Sinceramente, acredito que você está em segurança aqui. – E mesmo assim ela me ofereceu mais uma chance de recuar: – Mas entendo se quiser ir embora.

Nossa, eu meio que queria ir. Mas aí pensei nas férias com minha mãe pegando no meu pé todos os dias para eu arranjar um emprego em uma lanchonete qualquer, pois ela ia começar a me cobrar *aluguel*, e de repente a alternativa não pareceu tão ruim. Não era como se algum daqueles vampiros velhos – e, vamos encarar a realidade, um deles era culpado de assassinato – fosse me perturbar.

– Jess? – falei. – Preciso contar uma coisa.

– É? – Ela ficou furiosa consigo mesma e tentou de novo, porque estava treinando para falar de um jeito mais majestoso. – Sim?

– Eu, tipo, levei pau na faculdade – confessei. – Não tenho para onde ir agora, minha mãe está *pê da vida*. Se eu for para casa, vou ter que pagar só para morar na porcaria do meu quarto.

Jess piscou umas 10 vezes, como se estivesse quase tão surpresa com minha notícia quanto com o fato de um vampiro ter morrido na casa dela.

– Poxa, sinto muito. Acho que as coisas também andaram complicadas para você. Desculpe se eu estava ocupada demais reclamando da minha vida para prestar atenção nos seus problemas.

Dei de ombros.

– Tudo bem. Na verdade eu também não tinha sacado o que estava acontecendo com você. Achei que você estivesse reclamando à toa. Até hoje.

– Pois é...

Jess pareceu meio assustada e sussurrou:

– Estou preocupada de verdade com Lucius.

Foi minha vez de piscar.

– Por quê?

Eu não conseguia imaginar ninguém que exigisse menos preocupação.

Mas Jess ficou mais quieta ainda, mesmo sabendo que o único vampiro a menos de um quilômetro de nós era seu guarda-costas pessoal, Emilio.

– Lucius teve uma briga com Claudiu ontem, na frente dos Anciões. Uma briga *feia*.

Eu não era nenhuma matemateleta, mas pelo menos sabia somar dois mais dois.

– Ah, nossa. Que barra, Jess. – Depois tive que perguntar: – Você não acha que ele poderia...?

– Não. – Ela balançou a cabeça. – De jeito nenhum. – Mas seus olhos ficaram, tipo, desesperados. – Você também não acha, não é?

Demorei um segundo pensando. Eu tinha visto Lukey jogar Frank Dormand contra um armário, e sabia que ele não era nenhum santo. Mas também vira Lukey no casamento deles, e de jeito nenhum ele iria estragar o que tinha com Jess matando outro vampiro. Além disso, se Lucius fosse matar alguém, não iria esconder. Faria isso à vista de todos, depois diria o motivo. E provavelmente você terminaria dizendo: “Claro, Lucius. Saquei tudo!”

Por fim, mas não menos importante, Jess precisava que eu acreditasse nela. Tomei a decisão ali mesmo.

– Acredito em você, Jess. Lukey é inocente.

Fiquei feliz porque pude falar aquilo de coração, pois era algo que parecia significar muito para ela. Jess até tentou sorrir, e disse:

– Tenho certeza de que tudo vai ficar bem, tá?

– Ah, vai, sem dúvida.

Tentei sorrir também. Mas não estava tão segura assim.

Então nós duas ficamos bem quietas, só sentadas ali, meio desanimadas com nossas vidas.

Depois de uns minutinhos, afinal a gente não conseguia ficar quieta por muito tempo, Jess me olhou como se eu fosse alguma equação matemática que ela quisesse resolver. Tipo o problema de álgebra mais lamentável do mundo.

– O que aconteceu na faculdade, afinal? Você nunca foi a melhor aluna no ensino médio, mas também nunca levou pau em nada.

Fiquei vermelha e quase desejei que estivéssemos falando de vampiros mortos de novo.

– Sei lá. Eu só não conseguia pensar naquele lugar.

Eu queria contar a Jess sobre Raniero. Queria mesmo. Mas eu nunca poderia contar a uma princesa casada com o cara que tinha acabado de lidar com a cena de um crime, todo seguro de si, que eu havia passado mais de um mês com o único vampiro do mundo que *gritaria* ao ver sangue, e talvez até fugisse, pois odiava violência. A violência era a *única* coisa que ele odiava.

Eu nunca teria um príncipe de verdade – ficar de *fora* da realeza era, infelizmente, a única coisa que Ronnie não negociava –, mas eu queria mais do que um defensor da paz, pobre, preguiçoso e maluco-beleza incapaz de me defender. Mesmo que ele tivesse o melhor beijo do mundo e olhos que me deixavam louca.

Mas Jess me conhecia bem o suficiente para ler minha mente. Ela abaixou a cabeça, tentando enxergar meu rosto.

– Min, o que aconteceu entre você e Raniero no meu casamento?

Eu sabia que teria que revelar tudo em breve – devia ter contado meses antes –, mas mesmo assim fiquei feliz quando alguém bateu à porta. Até a pessoa enfiar a cabeça pela porta e se revelar. Uma cabeça coberta de cachos iguais aos de Jess, só que mais crespos, como se implorassem por um produto à base de silicone. E usava uma blusa roxa, a cor que era marca registrada de Jess. A boca da garota também era igual à de Jess – só que ela não tinha culpa por isso.

Mesmo assim, não consegui deixar de pensar: *Essa garota é uma cópia pirata de Jess. E eu conheço falsificações de longe!*

Cruzei os braços sobre minha blusa falsificada Anna Sui e observei Elaine, ou Elainey, ou sei lá como era o nome dela, entrar em meu quarto, gaguejando e se desculpando como se lamentasse a própria existência – mas ela não deixaria que *isso* a impedisse de se aproximar de uma princesa.

Então... *aquela* era a nova amiga de Jess.

CAPÍTULO 25

Antanasia

– *Ylenia, esta é minha* melhor amiga, Mindy.

Minha prima deu alguns passos hesitantes ao entrar no quarto e sorriu timidamente.

– Oi. Prazer em conhecê-la. Ouvi falar bastante de você.

Mindy assentiu – mas não sorriu.

– É. Eu ouvi coisas sobre você também.

Olhei para Min, surpresa com o cumprimento frio.

Então me virei de novo para Ylenia.

– Então você e Dorin voltaram para a reunião, é isso?

– Bem, eu não vou participar, claro. – Ela olhou para Mindy, que era mais forasteira ainda, para esclarecer: – Afinal, não sou uma Anciã. Mas sim, Dorin precisa comparecer.

– Então vocês encontraram mesmo o corpo? – perguntou Mindy. Ela inclinou a cabeça em um gesto que insinuava que a minúscula Ylenia poderia ter cravado uma estaca em um vampiro de mais de 1,80 metro. – Deve ter sido terrível.

Ylenia estremeceu, uma característica aparentemente comum a todos os Dragomir, do mesmo modo que a sobrancelha erguida de forma cínica caracterizava os homens Vladescu.

– Sim. Foi terrível. Mas foi Dorin que notou Claudiu primeiro, e tentou me virar para o lado oposto antes que eu pudesse ver muita coisa. – A voz dela ficou um pouco embargada de emoção. – Acho que ele sabia que eu ficaria perturbada caso visse o corpo, considerando o que aconteceu há pouco tempo com meu pai.

– O pai de Ylenia foi destruído – expliquei a Mindy. – Lembra do julgamento que contei a você?

– Sinto muito pelo seu pai – disse Mindy à minha prima. – Meu pai também se foi. É uma barra.

Ylenia piscou.

– Seu pai... morreu? – quis saber.

– Não, só foi embora – respondeu Mindy secamente. – Mas, de qualquer modo, ele é, tipo, um fracassado desempregado, então acho que isso não é grande coisa.

Mindy havia passado tanto tempo na fazenda de meus pais que às vezes eu me esquecia da existência de seu pai imprestável que, não importava onde estivesse, mal telefonava para ela.

– Minha mãe foi embora também. – Em termos de disfunção familiar, Ylenia dava de mil em Mindy. – Eu não a vejo há anos.

– Lamento – disse Mindy. – É uma barra para você, também.

Ylenia deu de ombros.

– Tudo bem. Por causa disso fui matriculada em um colégio interno na Inglaterra. Pelo menos até o dinheiro acabar. – Ela deu um jeito de sorrir para mim. – E agora tenho a sorte de morar na casa da família de Antanasia, desde que ela veio morar aqui.

Mindy não parecia ter mais nada a dizer, e embora a dinâmica esquisita entre elas estivesse piorando um dia que já estava ruim, tive que perguntar a Ylenia:

– Quer ficar aqui com a gente? Ou com Mindy, já que preciso me preparar logo para a reunião?

Meu senso de premonição semipermanente se aguçou de novo ao pensar naquele encontro. *Lucius ameaçou Claudiu. Tudo mundo viu os dois brigando. E ouviu a declaração de ambos: “Isso não acabou.”*

– Na verdade, eu queria conversar com você sobre isso – disse Ylenia. – Sei que não tenho voz em relação ao que acontece nos conselhos, mas achei que poderia sugerir... – ela levantou as mãos – não que eu tenha o direito de sugerir *alguma coisa* a uma princesa...

– Ylenia, nós somos amigas – lembrei a ela. – E seria bom ter uma sugestão agora.

– Bem, eu imagino que Lucius tenha pensado nisto, mas, caso não tenha... talvez *você* devesse pedir a todos os Anciões que mostrem suas estacas.

– O quê? – perguntou Mindy antes de mim.

– Foi assim que o assassino de meu pai foi condenado – explicou Ylenia a nós duas, já que, claro, eu tinha perdido o julgamento. Mas ela olhou para Mindy, presumindo que eu entenderia o que seria dito a seguir: – Todo vampiro do sexo masculino tem uma estaca que lhe é dada pelo pai, quando chega à idade adulta.

Então me lembrei de outra coisa do diário da minha mãe. “*Uma estaca, como o sangue, é característica de seu portador...*” E eu sabia que Lucius possuía apenas uma estaca.

Virei-me para Mindy, explicando em termos que ela conseguisse entender:

– Ylenia está certa. Uma estaca é como... um presente de bar mitzvah.

Mindy franziu a testa.

– É um presente bem bizarro.

– Talvez – concordou minha prima. – Mas a maioria dos vampiros do sexo masculino, em particular os nobres, só usará essa estaca quando precisar de uma arma. Ela se torna uma espécie de extensão de seu braço. – Ylenia fez uma pausa. – E uma estaca nunca é “largada no lugar errado”.

Assenti, compreendendo.

– Então você está dizendo que, se um dos Anciões destruiu Claudiu, o sangue dele estaria na arma.

Ylenia assentiu também.

– Sim. O cheiro do sangue de meu pai estava na estaca do assassino dele. Era inconfundível.

– Isso está ficando meio esquisito – interrompeu Mindy. – Sem querer ofender.

– É esquisito – admiti.

No entanto, simplesmente pedir que todo mundo mostrasse sua estaca poderia ser um jeito eficaz de encontrar o assassino. Ou de pelo menos

ajudar a inocentar Lucius, cuja estaca estaria limpa.

– Tenho certeza de que Lucius pensou nisso – acrescentou Ylenia de novo.
– Mas pensei em lhe fazer essa sugestão porque de repente ele pode estar distraído, sofrendo.

Eu não tinha certeza se Lucius estava sofrendo, mas com certeza ele estava distraído.

– Obrigada.

– Eu só quero ajudar – disse Ylenia. Depois olhou para a porta. – Vou embora agora.

– Obrigada – repeti. – Vamos fazer alguma coisa mais tarde. Nós três.

Ylenia se animou.

– Seria legal.

Quando ela saiu, comecei a ajudar Mindy outra vez a desfazer as malas. Eu estava me sentindo um pouco melhor, mas ela tinha ficado muito quieta. Começou a levar os sapatos da mala para a parte de baixo do amplo armário de porta dupla, que parecia não ter tamanho suficiente para guardar todos eles.

Também fiquei calada. Estava preocupada enquanto pendurava um vestido que parecia perfeito para uma festa que provavelmente não teríamos.

Até que ponto estou preocupada com Lucius?

Onde ele estava ontem à noite?

De repente, Mindy interrompeu meus pensamentos com uma pergunta que eu nunca tinha pensado em fazer. Mas quando a escutei sendo verbalizada, ela me intrigou de verdade.

– Essa tal de Ylenia... – disse ela quase bruscamente. – Ela é, tipo, uma vampira de verdade, certo? Tipo, os dentes crescem e ela bebe sangue? Do mesmo jeito que você começou a fazer depois que Lukey te mordeu?

Virei-me para olhá-la.

– É, acho que sim.

– Hum... – Mindy se ajoelhou para organizar melhor os sapatos. – Fico pensando: quem diabo mordeu *a garota*?

CAPÍTULO 26

Lucius

Para: surfistanoturno3@freeweb.net

De: LVVladescu@euronet.web

Raniero,

Não vou esconder minha consternação por saber que mais um jovem vampiro falhou desertando para a praia. (Será que isso vai virar moda? Sei que não desintegramos ao sol, mas será que não deveria haver limite de exposição para seres que governam o lado sombrio do Universo? Será que podemos despertar admiração se estivermos fedendo a bronzeadores com cheiro de coco?) E também vou adiar o sermão sobre burritos – o que, como você prevê, é inevitável – para informar que a notícia é verdadeira. Claudiu foi destruído.

Imagino que essa informação inspire em você as mesmas emoções conflitantes que experimento por perder um tio inescrupuloso e que atormentou a nós dois, muitas vezes com um risinho de escárnio – e que no entanto era tão ferozmente, tão orgulhosamente um Vladescu. Ou talvez você não enxergue nada além da crueldade dele nessa altura de sua existência.

Quanto a quem cometeu o ato, ainda não está determinado, e é um assunto que eu preferiria discutir pessoalmente.

Imagino que você tenha pouca bagagem para arrumar, mesmo para uma estadia prolongada, o que deve tornar sua viagem muito mais fácil para os músculos, ainda que não para a mente.

L.

P.S.: Melinda chegou – e de modo bastante dramático, uma característica cativante dela. Fique tranquilo, porque, claro, irei protegê-la – mas reitero

que o serviço seria mais bem feito pelo segundo-na-linha-de-sucessão-do-reino-vestindo-calças.

P.P.S.: Você notará que optei por nem mesmo abordar seu uso da palavra “mermão”, opção que continuarei seguindo. Já me dói o suficiente usar a palavra uma vez, aqui, e jamais a trarei à tona de novo.

CAPÍTULO 27

Antanasia

Lucius caminhava de um lado para outro, as mãos cruzadas às costas e a cabeça baixa, sem dúvida pensando em tudo o que nós – *que ele* – havíamos acabado de ler em voz alta em todos os livros antigos que determinavam quem fazia o que quando um vampiro era destruído, afinal não havia polícia oficial para os mortos-vivos.

Sentada no sofá de couro, eu o seguia com os olhos para lá e para cá, contando todas as vezes que ele pisava em um ponto escuro no tapete turco. Uma nódoa de sangue que nenhuma lavagem parecia capaz de remover. Era como se Vasile, o tio de *Lucius* que ele havia destruído naquele local, se recusasse a nos abandonar.

E então, no instante em que pisou naquela mancha pela 54^a vez, *Lucius* se virou para mim, arqueou uma das sobrancelhas escuras e me causou um choque ao sugerir a pergunta que eu não descobrira como fazer sem que parecesse que estava duvidando da inocência dele. E eu *não duvidava*.

– Você não quer perguntar onde eu estava ontem à noite, Jessica?

CAPÍTULO 28

Antanasia

– Não, Lucius – *garanti*. – Não preciso perguntar.

Ele sorriu e veio se sentar perto de mim. Abri espaço, mas ele segurou minha mão, prendendo-me ao seu lado.

– Isso é interessante, porque estou enxergando a pergunta em seus olhos há pelo menos uma hora.

Fiquei vermelha.

– Lucius, não!

– Tudo bem – garantiu ele. – Assim como os outros, você me viu ameaçar Claudiu. E, diferentemente dos demais, que vão suspeitar baseados apenas nisso, você entrou neste escritório tarde da noite e não me achou aqui.

Arregalei os olhos.

– Como você sabia?

Lucius sorriu de novo.

– Eu não vigio você, Jessica. Quando fui para o quarto e dispensei Emilian, ele mencionou que você havia me procurado aqui e que não me encontrou.

– Ele ficou sério. – E você nem sentiu quando eu a ajeitei na cama, por isso imagino que não faça ideia de que horas eram quando me juntei a você.

– É... Sim, dormi pesado ontem à noite.

Depois de ver outra *estaca* na cama. Aquele sentimento horrórico de mau agouro ficava retornando, e eu me esforçava para afastá-lo.

Mas não ajudou em nada quando Lucius acrescentou:

– O fato de eu ter destruído alguém antes... – Seu olhar foi para a mancha no tapete. – Inclusive outro tio, um ato pelo qual fui julgado... Tenho certeza de que nada disso ajuda a aplacar as suspeitas de qualquer pessoa sobre meus atos ontem à noite.

– Então onde você estava? Não porque eu não confie em você. Mas se os Anciões vão fazer perguntas, eu deveria saber.

Lucius apertou minha mão.

– Você tem *certeza* de que confia em mim? – O olhar dele obscureceu. – Porque eu avisei, nesta mesma sala, que sempre seria um príncipe vampiro e sempre seria traiçoeiro. Tenho certeza de que usei essa palavra, pois me lembro daquela noite mais nitidamente do que de qualquer outra, afinal foi a pior, e a melhor, de minha existência até agora.

Encarei os olhos muito sombrios de Lucius, nos quais eu captara aspectos ainda mais sombrios de seu coração. Eu sabia que ele era capaz de coisas que me causavam calafrios, tanto no bom quanto no mau sentido. Sem dúvida, ele era capaz de destruir outro vampiro, e não hesitaria em fazê-lo...

Ele nem sequer piscou, permitindo que eu lhe examinasse a alma.

Mas Lucius só destruiria outro vampiro se isso fosse inevitável, justo e lícito, segundo o código que ele espera estabelecer de forma mais adequada em nosso reino.

– Confio em você, Lucius – declarei. – Não importa onde você esteve ontem à noite. Sei que não destruiu Claudiu.

Havia muito mais assuntos a discutir antes da reunião com os Anciões, mas eu me esqueci de todos eles – inclusive da sugestão de Ylenia, de pedir que todos mostrassem as estacas – quando Lucius se inclinou, me beijou e disse:

– Obrigado por sua fé, Jessica. Temo que seja a única confiança que tenho agora, e vou precisar dela nos próximos dias.

– Mindy também acredita em você.

Aquilo soou bobo quando falei, porque, sério: o que o apoio dela significava? Ela nem era vampira, quanto mais uma Anciã.

Mas Lucius sempre gostara de Min e pareceu grato.

– Ela tem bom coração. – E deu um sorriso torto. – Talvez ela possa depor a meu favor se eu precisar do que vocês, americanos, chamam de testemunho de caráter. Tenho certeza de que garantiria aos Anciões que eu sou “maneiríssimo”, ainda que eles não façam ideia do que isso signifique.

– Ah, Lucius...

Eu estava rindo, mas também morta de medo diante da lembrança de um possível julgamento, então me inclinei e lhe dei um beijo.

Encerramos a conversa aí, mas foi como se tivéssemos continuado a conversar enquanto prosseguíamos com o beijo, terno porém profundo. De vez em quando nos afastávamos para fitar os olhos um do outro, e fiquei tão envolvida nos braços dele, tão perdida na sensação de seus lábios nos meus e em nossa comunicação silenciosa mas intensa, que vários dias se passaram e só então notei que ele acabou não me contando onde havia estado naquela noite.

E aí já era tarde demais para perguntar *qualquer coisa*.

CAPÍTULO 29

Antanasia

- *Então todos concordam* que vamos sepultar Claudiu daqui a cinco dias? – perguntou Lucius aos Anciões. Em seguida fechou a agenda com capa de couro que usava nas reuniões, porque o laptop que tinha tentado levar uma vez irritara alguns vampiros da época dos papiros e dos tinteiros. – Estamos de acordo em relação a isso?

– Sim, sim.

O murmúrio de concordância percorreu a mesa e cabeças grisalhas assentiram.

Soltei o ar, e pareceu que eu o prendia havia horas. Nem tinha percebido como estava tensa até a reunião parecer se desenrolar sem incidentes. Talvez, sem Claudiu, houvesse menos probabilidade de os Anciões criarem problemas.

Olhei para Lucius.

Ou será que estavam todos apavorados com a perspectiva de sofrer o mesmo destino de Claudiu caso discordassem? Definitivamente havia um sentimento silencioso de desconfiança naquela sala.

– Obrigado a todos por terem vindo depois de uma convocação tão em cima da hora – acrescentou Lucius. – Antanasia e eu vamos mantê-los informados enquanto determinamos os próximos passos do inquérito desse crime.

Minha respiração se normalizou mais e consegui oferecer um sorriso trêmulo a Dorin, que parecia compartilhar de meu alívio, sem dúvida porque Lucius não o havia colocado na berlinda. Ou talvez só estivesse feliz porque mais ninguém tinha sido *assassinado*. Toda a pauta havia girado ao redor da garantia de que realizaríamos uma investigação meticulosa e da

decisão sobre a data do enterro de Claudiu, pois precisávamos dar tempo para a notícia de sua destruição se espalhar por toda a rede mundial de boatos, já que não havia jornal, quanto mais uma rede de TV como a CNN ou mesmo um site voltado ao público dos mortos-vivos.

Lucius sentou-se e declarou:

– A sessão está encerrada.

Mas, claro, meu alívio foi prematuro.

– O que exatamente esse “inquérito” vai implicar? – perguntou Flaviu Vladescu. – E quem exatamente vai conduzi-lo?

Ah, não.

Remexi-me na cadeira para procurar Flaviu e meu coração se apertou. Ele sempre fora ofuscado pelo irmão mais velho, Claudiu, mas estava claro que agora era sua vez de se destacar. Tal como Claudiu havia ascendido ao poder após a morte de Vasile. O vampiro magricela, de nariz aquilino, empertigou-se mais um pouco e tamborilou na mesa, os dedos magros e nodosos, do mesmo jeito que seu irmão costumava fazer. E Vasile, antes deste.

Tive um lampejo de desconfiança. *Será que há alguma chance de Flaviu ter algo a ver com a destruição de Claudiu?* Fiquei observando o vampiro caçula saborear seu novo status enquanto também tentava parecer enlutado, e aquela possibilidade me pareceu plausível.

– Como você sabe, nossas leis relativas à punição são amplas – lembrou Lucius ao tio. – Mas a investigação tem sido praticamente ignorada. Somente a suspeita tem bastado para levar as turbas a fazer “justiça”. – Ele me olhou. – Antanasia e eu queremos estabelecer um protocolo mais moderno e empírico. Só pedimos tempo para discutir o que deverá acontecer em seguida, para que possamos colocar a questão em votação.

Mesmo odiando atrair atenção, assenti para apoiar o plano. Nós com certeza concordávamos que a justiça dos vampiros enfatizava demais a vingança e a pressa em levar os suspeitos a julgamento – e, em consequência, à estaca. E a coisa mais próxima de uma corporação policial que possuíamos eram vampiros que mais se assemelhavam a caçadores de recompensa, escolhidos por sua natureza especialmente implacável.

– Permaneçam tranquilos: a destruição de Claudiu não ficará sem resposta
– acrescentou Lucius.

Mas Flaviu não pareceu tranquilo. Parecia estar com raiva, e olhou ao redor, buscando apoio.

– Nenhum de vocês é corajoso o suficiente para falar o que todos estamos pensando? Que aquele que *afirma* acreditar na “lei” foi o último a ser visto discutindo...

Senti o medo borbulhar dentro de mim e lutei para mantê-lo sob controle. *Foi assim que tudo começou naquele dia.*

– Tenha cuidado se for fazer acusações – interrompeu Lucius, lançando um olhar incisivo de advertência para o tio. – Este não é o lugar nem a hora. Prometo que descobriremos quem cometeu esse ato.

– Como? – pressionou Flaviu, querendo detalhes. – O que implica esse tal processo “empírico”?

Embora Lucius já estivesse abrindo a boca para responder, ainda não tínhamos um processo, e eu imaginei toda a situação fugindo ao controle, do mesmo jeito que havia acontecido com Claudiu. Foi provavelmente por esse motivo que, apesar de mal ter falado uma palavra durante qualquer um dos encontros com os Anciões, eu soltei:

– A primeira coisa que pretendemos fazer é pedir que cada Ancião mostre sua estaca.

Flaviu pareceu chocado ao me ouvir erguendo a voz, mas girou e perguntou muito rápido:

– Quando, Antanasia?

Eu não havia pensado nisso, mas precisava dizer alguma coisa. E, quanto antes, melhor.

– Amanhã. Vamos nos encontrar aqui a esta mesma hora.

Houve um silêncio mortal à mesa. Presumi que todos estivessem atordoados por eu enfim ter anunciado *alguma coisa*.

Então, de repente, em vez de sons de repúdio – ou mesmo de gargalhadas à minha custa, como eu meio que esperava –, ouvi murmúrios de aprovação e vi cabeças assentindo.

Apesar das circunstâncias terríveis, senti uma onda de alívio que beirava o orgulho.

Eu enfim tinha feito alguma coisa certa na função de princesa, e olhei para Lucius em busca de aprovação. Mas quando o encarei percebi que ele não achava minha sugestão tão fantástica assim. E, apesar de ter me apoiado publicamente, dizendo: “Faremos como Antanasia determinou e vamos nos encontrar amanhã ao crepúsculo” –, percebi que desta vez eu *de fato* tinha feito besteira pelo modo como ele coçou o queixo antes de acrescentar que a reunião estava encerrada.

Eu só não conseguia deduzir porque, já que meu plano – quer dizer, o plano de Ylenia – para determinar quem havia destruído Claudiu parecia bastante infalível.

CAPÍTULO 30

Lucius

Para: surfistanoturno3@freeweb.net

De: LVVladescu@euronet.web

R.,

Desculpe o tom brusco e a ordem mais concisa ainda: se você ainda não embarcou para a Romênia, conforme já desconfio, afinal você É um Vladescu nobre, sua presença no castelo é exigida agora.

L.

P.S.: Não precisa trazer nenhum de seus poucos pertences. Meu alfaiate está preparando um terno para você usar no enterro, já que pode ser chamado a servir como meu suplente – o equivalente de padrinho para um enterro –, pois há uma grande possibilidade de meu comparecimento se provar impossível.

CAPÍTULO 31

Mindy

– *Obrigada por ter trazido* isso – disse Jess, bem baixinho. Ela estava com a cabeça abaixada e beliscava a cobertura de caramelo de seu bolinho predileto. – Às vezes fico realmente com fome aqui.

Estiquei-me no colchão onde estávamos sentadas de pernas cruzadas, do mesmo jeito que costumávamos ficar na cama de Jess na Pensilvânia, e peguei outro pacote de bolinhos.

– Como você pode passar fome aqui? Os empregados não trazem tudo o que você quer?

Jess ergueu os olhos, que estavam vermelhos e cansados.

– Não sei falar com a cozinheira. Às vezes, se Lucius não está por perto, eu simplesmente não como. É mais fácil.

Olhei para minha amiga como se ela fosse maluca.

– Jess, você precisa comer!

Ela estava magra, tipo tamanho 38. Talvez 36, o que era magra *demais* para ela.

– Eu sei.

Mas mesmo assim ela continuou só beliscando a cobertura.

Fitei-a por um segundo e perguntei:

– Ainda está chateada por causa da tal reunião?

– Você não viu a cara de Lucius quando solicitei uma apresentação das estacas – repetiu ela. – E depois, quando todo mundo já tinha saído, ele ficou todo distante e disse: “Precisamos conversar depois.” – Ela olhou para mim, arrasada. – Nunca é bom quando um cara diz “precisamos conversar”.

É verdade – e também não é bom quando as garotas dizem isso. Eu mesma tinha dito a frase fatídica em todas as vezes que rompera com Raniero. Mas

Jess e Lukey não iriam romper.

Ela afastou o bolinho e deu um suspiro enorme.

– Não sei o que fiz de errado.

Você ouviu aquela sua prima. Esse foi o seu erro. Eu bem que queria dizer isso, mas não falei nada. Só fiquei olhando para minha melhor amiga, que eu conhecia desde que a gente era criança, pensando que embora nunca tivéssemos sido populares, ela sempre fora muito segura de si. Era estranho ver como o cargo de princesa e o relacionamento com um marido por quem a maioria das garotas *mataria* estavam arruinando toda aquela autoconfiança.

Fala sério! Cadê aquela garota que colocou um vestido preto chiquérrimo, chegou ao baile de Natal e roubou Lucius Vladescu da líder de torcida mais maligna do mundo?

– Estou fracassando nisso. – Ela enterrou os dedos nos cachos dos cabelos.

– Nessa coisa toda. É frustrante demais.

– Jess, você nunca fracassou nem em uma prova da escola – lembrei a ela.

– Vai ser uma princesa incrível. Só precisa de um tempinho.

– Esse é o problema: eu não tenho esse tempo.

Pus a mão em seu joelho magrelo demais e o sacudi.

– Jess...

– Desculpa jogar tudo isso em cima de você, Mindy. Mas estou com dificuldades mesmo. – Depois ela assumiu uma expressão esquisita e perguntou, sussurrando: – Você acreditaria se eu dissesse que comecei a *enxergar* coisas por aí, às vezes?

Parei de lamber o chocolate dos dedos.

– O quê?

– Acho que estou tendo alucinações, por causa do estresse.

Deixei meu bolinho cair, enchendo o cobertor de veludo de migalhas.

– Hum... o que você está vendo?

Jess me olhou, como se quisesse sacar minha reação quando respondesse.

– Uma estaca. Eu vejo uma *estaca*. E juro que é DE VERDADE. No começo não pensei muito nisso, mas...

Uau. Eu não era psiquiatra, mas acreditava em visões e sonhos.

– O que você acha que isso significa?

– Nada, só que estou exausta. – Ela tentou rir. – Mas Lucius diz, pelo menos acho que ele disse, que sonhar com uma estaca significa... *traição*.

– Traição...

Eu não conhecia muito bem o círculo de vampiros de Jess, mas entendia as pessoas – mortas-vivas ou não. E então me veio à mente um punhado de rostos. Mas não tive a chance de mencionar nomes porque alguém bateu à porta, e Lukey entrou sem ao menos verificar se estávamos vestidas. Era provável que tivesse outras coisas na cabeça.

– Peço desculpas por interromper a reunião de vocês, Melinda Sue. – Ele veio até a cama e estendeu a mão. – Mas está ficando muito tarde e preciso de minha esposa. – Ele arqueou uma sobrancelha para Jess, exatamente como Raniero costumava fazer comigo. Era, tipo, um lance dos Vladescu. A única semelhança entre Lucius e Ronnie. – Se você estiver pronta.

Jess descruzou as pernas e me lançou um olhar do tipo *Lá vamos nós!* Mas disse a Lukey:

– É... Sim, estou pronta.

Daí ele a ajudou a se levantar da cama, e quando Jess ficou de pé ele fechou os olhos, curvou-se e beijou o topo da cabeça dela, e foi, tipo, a coisa mais fofa que eu já tinha visto. Quer dizer, quando eles se casaram foi bem intenso. Havia fagulhas voando para todo lado. Mas quando ele fez aquilo... foi a coisa mais romântica de todos os tempos. Depois ele abriu os olhos e me disse, tal como Jess dissera:

– Tenho certeza de que você está em segurança, Melinda. O que quer que esteja acontecendo aqui, não tem a ver com você. Mas vou deixar Emilian, o guarda de Antanasia, à sua porta. – Ele olhou para Jess. – Porque você estará segura comigo.

Quase suspirei. *Ele é tão protetor! Quero muito um cara assim!*

Jess olhou para Lukey e fez que sim com a cabeça.

– Boa noite, Min – despediu-se ela. – Obrigada de novo por ter vindo. E por ter ficado. – Então me lançou um olhar cúmplice. – E, por favor, não se

preocupe com a coisa que mencionei. Só estou dizendo bobagens porque tenho estado cansada.

– Claro, Jess. – confirmei. Mas eu não esqueceria nada do que ela disse. Na verdade, eu iria começar a procurar “estacas” no significadodossonhos.com assim que encontrasse um computador. – Boa noite para vocês.

– Durma bem – disse Lucius. – E, se precisar de alguma coisa, fale com Emilian.

– Com certeza – prometi.

Quer dizer, *eu* sempre quis um serviçal, mesmo que Jess não quisesse.

Então peguei meus bolinhos, lambi a embalagem, fiquei olhando o príncipe Lucius e a princesa Jess saírem, e soube, sem ao menos um tiquinho de dúvida, que estava certa ao afirmar para Jess que Lukey era inocente. Porque, só pelo modo como ele havia lhe beijado a cabeça e segurado a mão dela, eu tive certeza absoluta de que ele jamais se arriscaria a arruinar o que possuíam.

Mas *alguém* estava causando uma encrenca para os dois, e isso estava começando a me deixar irritada.

CAPÍTULO 32

Antanasia

– *Lucius, você queria* conversar? – indaguei enquanto seguíamos de mãos dadas pelo castelo escuro, em silêncio até então.

Ele está quieto demais...

– Daqui a pouco – respondeu ele baixinho.

Ainda parecia preocupado, e eu fiquei mais preocupada ainda.

Essa conversa vai ser ruim. E por que inventei de contar a Mindy que estava vendo coisas? Não quero que nem mesmo minha melhor amiga saiba disso.

Continuamos andando pelos corredores iluminados somente pelos raios de luar que entravam por janelas ocasionais, e, como sempre, deixei Lucius me guiar. Presumi que estivéssemos indo para nosso quarto e quase não prestei atenção no caminho.

Mas depois de uns cinco minutos virando esquinas e tropeçando nos degraus minúsculos e aparentemente inúteis distribuídos por tudo que era canto de nossa casa, percebi que não íamos para o quarto, localizado a não mais do que dois minutos de distância do de Mindy. E, mesmo não achando que houvesse motivo para sussurrar, perguntei baixinho:

– Para onde estamos indo?

Ele não respondeu, mas apertou minha mão, os dedos tensos em volta dos meus.

– Lucius? – arrisquei perguntar de novo, depois de dar voltas por mais uns três minutos, durante os quais tive a sensação de estarmos descendo, apesar de os degraus minúsculos serem tão aleatórios que era difícil ter certeza.

Eu não queria sentir medo – estava com meu marido, que me protegeria com sua própria existência –, mas os corredores pareciam estar ficando mais

escuros, e mais mofados também, como se poucos vampiros se aventurassem naquela área onde estávamos.

– Aonde nós...? – insisti.

Mas antes que eu pudesse concluir, ele parou, e mal consegui notar, bem em frente ao meu nariz, uma porta muito estreita. Parecia quase uma fenda preta na pedra. Como a tampa de um caixão pregada na parede. Uma luz fraquíssima escorria aos nossos pés, como se Lucius tivesse estado ali antes e iluminado o que quer que me aguardasse lá dentro.

Havia algo de agourento naquela luz pálida, como as chamas infernais no tribunal, e eu de fato tentei soltar nossos dedos e dar um passo para trás.

Mas Lucius me segurou e disse:

– Preciso lhe mostrar algo, Antanasia. – Ele fez uma pausa, depois, demonstrando algo similar a relutância, acrescentou: – Algo que eu deveria ter mostrado há muito tempo, talvez antes de você se casar comigo.

Então, antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, ele estendeu a mão, abriu a porta e me fez passar pelo portal alto e estreito, a mão em minhas costas a fim de me tranquilizar, o que não me impediu de arfar e dar um passo para trás enquanto perguntava baixinho:

– Lucius, que lugar é esse?

CAPÍTULO 33

Antanasia

Como uma americana que nem sabia direito o nome de seus bisavós, eu ainda achava difícil compreender até onde a linhagem vampira de Lucius remontava. Mesmo tendo preenchido em nosso casamento a grossa genealogia que ele tanto priorizava, acrescentando meu nome a uma lista de mortos-vivos que datava de milhares de anos, jamais captei de fato a ideia de uma família que media o tempo em milênios e que incluía membros vivos que poderiam ter esbarrado em Aristóteles, Henrique VIII ou Aníbal enquanto este cruzava os Alpes.

Não, os conceitos vampíricos de história, legado e patrimônio não penetraram de fato em minha mente até eu ver a herança medida em *estacas*.

– Lucius, isso é...

Espantoso? Inacreditável? Nojento?

– Sim, a *camera de miză*, a sala das estacas, é tudo isso – concordou ele, sem dúvida lendo minha mente, como eu às vezes achava que era capaz de fazer. – É tudo isso e muito mais para mim.

A sala era pequena, com tamanho suficiente para apenas dois ou três ocupantes e uma mesa no centro, mas o que lhe faltava em tamanho era compensado em armamento. Praticamente cada centímetro livre de parede tinha um suporte com uma estaca, a ponta voltada para baixo, de modo que toda a sala parecia a mandíbula superior de um grande tubarão branco. Talvez mais apavorante ainda. Quase senti que estava sendo comida viva quando me arrisquei a dar um passo à frente, amedrontada mas também curiosa.

Estou em um museu da destruição.

– Cada uma dessas estacas pertenceu a um Vladescu que foi destruído – explicou Lucius, se posicionando atrás de mim e pondo a mão no meu ombro. – Em determinada época, cada arma foi uma posse valiosa. – Ele estendeu a mão, passando por mim, e apontou para um pedaço minúsculo de papel amarelado abaixo de uma delas. – Veja: o nome do dono e a data de sua destruição.

A sala estava iluminada por duas velas apenas, e me inclinei para mais perto, tentando ler, mas o nome estava escrito em algum precursor do alfabeto cirílico, perdido havia muito tempo, e eu não chegava nem perto de decifrá-lo. Mas reconheci a data: 53 *d.C.*

Também reconheci a mancha nítida que subia até a metade da arma e que me dizia que o dono da estaca a havia utilizado, provavelmente mais de uma vez.

Hipnotizada, soltei-me da mão de Lucius e comecei a avaliar cada artefato com mais atenção, acompanhando as datas que aumentavam: 358, 765, 822...

Apesar de usadas em diferentes eras, as armas não mostravam qualquer evolução. Cada uma não passava de um pedaço de madeira rústico e afiado. Era como se o projeto fosse tão eficaz que não houvesse motivo para atualizá-lo. Encolhi-me, observando uma fileira de pontas manchadas.

Qualquer uma daquelas faria o serviço.

Então parei e espiei com mais atenção, detendo-me em um grupo de estacas da Idade Média. Ali havia pequenas distinções. Desenhos esculpidos na parte que servia como cabo. Iniciais gravadas. Reentrâncias gastas por dedos antigos, de épocas ainda mais violentas, quando os vampiros teriam andado constantemente com suas estacas.

Lucius ficou parado em silêncio, permitindo que eu explorasse os objetos, e fui andando em sentido horário, sem saber direito como me sentia em meio a tanta história – e tanto sangue antigo.

E então, quando estava quase no fim daquela coleção bizarra, arfei assim que li *Valeriu Vladescu* perto de uma data próxima do primeiro aniversário

de Lucius. Então meu olhar foi atraído por outro nome familiar, perto da única estaca dentro de *uma caixa de vidro*.

O quê?

Virei-me para Lucius, perplexa.

– Por que a estaca de *Raniero* está aqui? Ele está vivo. Foi seu *padrinho*.

Lucius veio para perto de mim.

– É uma história para outra ocasião. Uma longa história, que vou contar quando tivermos algumas horas de folga em alguma noite de inverno igualmente longa.

Olhei de novo para o nome *Raniero Vladescu Lovatu* – e para a estaca do *pacifista*, que estava *coberta* de sangue – e abri a boca para insistir que queria ouvir aquela história imediatamente.

Mas quando me virei de volta para Lucius ele estava pegando minha mão de novo e a expressão em seu rosto fez com que eu decidisse esperar. E mesmo tendo adivinhado o que ele realmente queria me mostrar naquela sala, meu coração bateu mais forte quando me levou à mesa onde havia uma caixa preta e lustrosa que se assemelhava a um pequeno caixão – um caixão dentro do caixão no qual havíamos entrado.

Eu sabia o que havia sob a tampa daquela caixa antes mesmo de ele abri-la, e olhei para meu marido.

– Então é aqui que você a mantém guardada?

Ele assentiu, o cabelo brilhante reluzindo à luz das velas.

– Sim, Antanasia. *Em geral* ela fica aqui.

O fato de ele usar meu nome “oficial”, mesmo sabendo que estávamos a sós, me pareceu estranho – tal como sua ênfase no “em geral” – e eu inclinei a cabeça, ficando mais tensa ainda.

– Por quê, Lucius?

Por que está me mostrando isso agora? O que isso tem a ver com o erro que eu cometi na reunião, seja ele qual for?

– É incomum uma vampira usar uma estaca – prosseguiu ele, respondendo de seu modo tortuoso de sempre à minha pergunta incompleta. – Se você soubesse ler cirílico, perceberia que não há nomes femininos nestas paredes.

– Ele pousou a mão na caixa. – Mas estes são novos tempos, e você é *igual* a mim, Antanasia. E pode ser chamada a agir como tal, de um modo que suas predecessoras, com exceção de sua mãe biológica, jamais teriam sonhado fazer. Mihaela foi a primeira a governar como uma verdadeira rainha, e você tem a força dela dentro de si.

Balancei a cabeça e recuei de novo, não gostando nada do rumo da conversa.

– Não, Lucius. Eu realmente nem poderia sonhar em usar uma estaca, não importa o que minha mãe tenha feito.

Mas Lucius assentia, me contradizendo.

– Sim, Antanasia. Se algo me acontecer, você precisa saber onde isso está, e se acostumar a senti-la na mão. Se algum dia precisar dela, você não vai desejar ter dúvidas, nem hesitar. – Ele fez uma pausa, então acrescentou: – E há outro motivo para você precisar ver isso agora.

Então, enquanto eu ainda tentava processar o que ele queria dizer – *Por que estou passando subitamente de “princesa que nem pode participar de um julgamento” para “aulas de uso de estaca”?* –, ele levantou a tampa da caixa e eu franzi o nariz ao sentir um cheiro muito poderoso – e reconhecível –, que me deu ânsias de vômito por mais de um motivo.

Era o cheiro de deterioração. De podridão.

Do sangue de *Claudiu*.

CAPÍTULO 34

Antanasia

- *Lucius, você tem certeza* de que não faz ideia de como o sangue de Claudiu veio parar em sua estaca? – perguntei pela décima vez, no mínimo. Sentia como se aqueles dentes de tubarão estivessem se fechando em cima de mim, furando a pele. – *Tem certeza* de que não sabe quem fez isso?

Claro que tínhamos considerado os possíveis suspeitos. Os principais eram Flaviu e outros Anciões descontentes, o que incluía a maior parte daqueles vampiros velhos. Mas eu não conseguia parar de ficar repetindo a pergunta.

Será que estou com medo de ele estar escondendo mais coisas de mim? De não estar me contando tudo?

- Juro que não, Jessica – repetiu Lucius. – Vim aqui pouco antes da reunião para planejar o enterro de Claudiu e descobri isso. Não sei de nada que você não saiba.

Mas na reunião ele *sabia* mais do que eu, então o encarei, não apenas apavorada porque era claro que alguém estava tentando acusá-lo injustamente, mas um pouco... traída.

- Por que você não me contou? E por que veio aqui, para início de conversa?

Lucius passou a mão pelos cabelos, como se sentisse culpa.

- Eu achava que você já tivesse preocupações suficientes, com a ameaça de caos na reunião. Se eu tivesse lhe contado que *minha* arma estava manchada com o sangue de Claudiu...

Fiquei vermelha.

- Você pensou que eu fosse pirar de vez e talvez fazer alguma coisa idiota.

– Por favor, não faça parecer que não confio em você. Eu só queria lhe poupar uma informação e uma pressão que achei desnecessárias naquele momento.

– Porque você não *podia* confiar a verdade a mim. – Minha indignação foi diminuindo e minhas bochechas ficaram quentes demais para as de uma vampira quando pensei no modo como seguira tão prontamente o conselho de Ylenia sem ao menos comunicar Lucius. – E eu fiz uma coisa idiota, de qualquer forma, insistindo que todo mundo apresentasse as estacas.

– Não. – Lucius balançou a cabeça. – Você achou que a ideia fosse boa, que ela iria me inocentar. A culpa foi minha por ter escondido informações de você. Se eu houvesse contado logo sobre a estaca, você saberia que eu estava tentando ganhar tempo para investigar. – Os olhos dele expressavam seu sofrimento. – O erro foi meu.

Lucius e eu nos encaramos, e apesar de ele estar assumindo a culpa pela crise, também havia admitido que nós de fato *não éramos* iguais ainda. *Será que algum dia seríamos? Será que eu o havia obrigado a guardar um segredo?* Pensei na estaca que tinha visto em nossa cama, que parecera tão real quanto qualquer outra daquelas ao redor. *E ele nem mesmo faz ideia de como estou arrasada.*

– Por que você veio aqui depois da morte de Claudiu? – perguntei de novo. Minha voz soou sufocada. – O que estava verificando? Ou *pegando*?

– Um dos Anciões foi destruído em nossa casa. – Lucius cruzou os braços, como se estivesse me desafiando a questionar sua lógica. – Achei melhor me armar, para proteger você, até poder ensiná-la a se proteger.

De novo, eu precisava de proteção.

Analisei o rosto dele à luz das pequenas velas. O maxilar marcante, com a cicatriz que eu não conseguia enxergar naquela sala escura. As maçãs do rosto proeminentes, sombreadas pela luz das velas e pela barba por fazer. E os olhos, que eram tão doces e ternos... e tão bem treinados para esconder sentimentos.

– Você ia me contar que estava carregando a estaca...

...que quase usou para me destruir? Que eu não tinha visto desde aquela noite?

– Ia – garantiu Lucius. – Eu ia contar.

Ficamos nos encarando por um longo tempo, em meio a um silêncio muito estranho. Como se, com aqueles olhares, estivéssemos tentando fechar uma fissura que houvesse se aberto aos nossos pés. Era como se a estaca – aquela arma medonha, ainda visível na caixa aberta – tivesse sido investida no chão, criando um abismo entre nós.

Será que aquela lacuna existiria para sempre?

– Por que você nem me mostrou esta sala? – perguntei finalmente. – Por que a escondeu de mim?

– Olhe em volta – disse Lucius, sem deixar de me encarar e sem descruzar os braços. – Você já está inserida em um mundo de violência. Você se *casou* com a violência. Eu não queria chocá-la com uma lição explícita e desnecessária de como sua nova família é brutal e até que ponto nós, Vladescu, cultuamos a agressão. Pelo menos não por enquanto.

Ah, os milhões de pensamentos e emoções que me atravessaram quando ouvi a explicação dolorosa de Lucius que justificava o porquê de ele ter me mantido longe daquela câmara! Para ele, a família era muito importante. Além disso, ele também aprendera nos Estados Unidos que a violência não era o único modo de manter a ordem. Como eu, Lucius estava lutando para compreender um novo modo de vida, e me senti mal por ele. E senti vergonha por mais uma vez ser considerada fraca demais por ele para enfrentar a vida nova – mesmo que eu fosse fraca de fato.

É, tínhamos um monte de desafios pela frente.

Olhei a estaca que representava o maior problema de todos.

Como iríamos explicar aos Anciões? Por que raios resolvi acatar a ideia de Ylenia? Ideia que agora parecia péssima, afinal os vampiros mais velhos também sentiriam o cheiro do sangue e iriam responsabilizar Lucius.

– Jessica? – Ergui os olhos e vi Lucius pegando minhas mãos, senti os dedos dele envolvendo os meus. Senti o X que lhe marcava a palma da mão esquerda e isso ajudou a nos conectar de novo, tal como havia acontecido

no casamento, quando ambos cortamos as mãos e misturamos nossos sangues. – Eu tinha outros motivos para não querer lhe mostrar esta sala – confessou ele. – Motivos egoístas. – Seus olhos se anuviaram com a expressão de desculpas. – Acha que eu gosto de lhe lembrar do que quase fiz com *você*, uma vez? Acha que eu queria reviver aquela noite, à sombra dos momentos mais tenebrosos de meus ancestrais?

– Lucius... – Segurei as mãos dele com mais força, lutando para encontrar palavras, afinal eu também pensava um bocado naquela noite. Ainda era capaz de sentir a ponta da estaca fazendo pressão abaixo de meu esterno e os caninos dele furando minha pele de um modo muito diferente, apenas alguns minutos depois. – Não se esqueça de que aquela noite também foi uma das melhores de minha vida. Você disse que foi *a* melhor para você.

– E a pior – lembrou ele.

– Foi as duas coisas – insisti. – As duas coisas.

Era a primeira vez em que eu pensava nos dois acontecimentos da noite em questão – o modo terrível como Lucius havia ameaçado me destruir e o momento lindo no qual me tornara sua por toda a eternidade – como algo inteiriço ao invés de duas ocorrências separadas e incompatíveis. Pela primeira vez enxerguei os dois acontecimentos como algo indivisível, como o símbolo de yin-yang que Raniero tinha no braço.

– Talvez tudo tivesse que acontecer como aconteceu, para ficarmos juntos – afirmei. – Talvez a estaca seja uma parte *boa* de nossa história.

Lucius deu um sorriso sombrio.

– Perdoe-me se nesse momento demonstro dificuldade para encarar uma arma suja de sangue que quase usei em você, e que agora foi voltada contra *mim*, como algum tipo de prenúncio de finais felizes.

Então ele soltou minhas mãos e apagou as velas, e eu ouvi o estalo da tampa da caixa e o atrito de madeira contra pedra quando ele tirou a estaca da mesa para levá-la de volta ao nosso quarto. E, ainda que inicialmente sua intenção fosse pegá-la para me proteger, eu sabia que não ia conseguir dormir direito com aquela coisa no quarto.

Ela *não era* um prenúncio de qualquer coisa boa. Poderia vir a ser até mesmo o instrumento da destruição de *Lucius*. A própria arma, usada contra ele.

Senti um aperto na garganta e quase não consegui respirar quando me lembrei de repente de nossa lei, enunciada por *Lucius*: “*A destruição deve ser punida com destruição*”, e “*A destruição de um Ancião deve ser realizada pelo membro mais elevado do clã...*” O que significava que, se *Lucius* de fato fosse considerado culpado pela destruição de *Claudiu*, esperava-se que *eu...*

PARA, JESSICA! A situação NUNCA vai chegar a esse ponto. Lucius não vai permitir!

Ainda assim, achei que fosse passar mal enquanto o acompanhava até a porta, sabendo que estivera enganando a mim mesma sobre a estaca, momentos antes. E que havia começado a me enganar meses antes, quando jurara a *Lucius* estar pronta para ser uma vampira e pertencer a ele por toda a eternidade.

CAPÍTULO 35

Mindy

Eu não sentia medo por estar no castelo de Jess – até por volta da meia-noite, quando me vi sozinha na cama, os bolinhos tinham acabado, o fogo na lareira foi ficando menos vívido e comecei a me perguntar se o vampirinho bonito chamado Emilio continuava à porta do meu quarto, pois não havia nenhum barulho.

Joguei as cobertas para o lado, fui até a porta na ponta dos pés, destranquei a fechadura e abri só uma fresta.

Emilio saltou, alerta.

– A senhorita deseja... alguma coisa?

– Ah... não. – Fechei a porta, feliz por ele ainda estar ali. Mesmo tendo consciência de que ele era um vampiro. Virei a chave. – Mesmo assim, obrigada – gritei.

Então, só para garantir, fui para o outro lado do quarto verificar se as janelas também estavam trancadas, mesmo sabendo que meu quarto ficava, tipo, no quinto andar, dando para a frente do castelo, de modo que eu tinha uma vista fantástica do grande vale que parecia prestes a engolir o lugar inteiro. Eu sabia que os vampiros não voavam como os morcegos, como nos filmes – eles *surfavam* –, mas era melhor não me arriscar.

Quando cheguei à primeira janela e olhei para fora, vi que estava nevando. Flocos grandes e redondos passavam pela janela. Encostei a cabeça no vidro, olhando para o pequeno círculo de luz que marcava a porta da frente – bem onde Claude tinha sido “destruído”, que era a palavra que os vampiros sempre usavam. Não eram mortos, e sim “destruídos”.

Então pensei ter visto uma coisa se mexendo perto daquela luz e pisquei duas vezes.

Estava escuro lá embaixo, mas por acaso aquilo era alguém *andando* na neve..?

Era...?

Não!

Pisquei de novo e a pessoa – ou vampiro – sumiu, e comecei a verificar todas as fechaduras feito louca, duas vezes, depois pulei de volta na cama e puxei as cobertas até o queixo, pensando que talvez algo naquele lugar fizesse a gente realmente ter alucinações, pois eu também estava começando a ver coisas.

CAPÍTULO 36

Antanasia

Encostei a cabeça no peito de Lucius, tentando desfrutar do ritmo lento da égua, que escolhia o caminho pela neve funda que havia caído durante a noite. Mas as perguntas ainda sem resposta que tinham me mantido acordada a noite inteira continuavam arruinando o que deveria ser uma cavalgada tranquila ao amanhecer na silenciosa floresta dos Cárpatos.

Como o sangue de Claudiu foi parar na estaca de Lucius? Como vamos explicar isso? Porque não podemos...

– Lucius? – Comecei a me remoer de novo e ouvi ecos de Dorin em minha voz. – O que *vamos* dizer aos Anciões?

– Tente não se preocupar agora, Jessica – disse ele, e apertou minha cintura com mais força.

Claro que eu era uma amazona boa o suficiente para montar meu cavalo sozinha, mas Lucius quis que cavalgássemos juntos naquela manhã e nem se deu ao trabalho de selar uma das poucas éguas mansas do estábulo que ele gostava de preencher com montarias ariscas.

– Vamos dizer a eles o pouco que sabemos – afirmou. – Exatamente como discutimos. – Ele roçou o nariz em minha nuca, sussurrando: – E agora, como não podemos fazer mais nada, vamos só aproveitar que estamos juntos, certo?

– Vou tentar.

Mas eu não entendia como ele conseguia aproveitar qualquer coisa naquele momento e me encolhi dentro do casaco, porque estava com muito frio. Não era frio de temperatura nem de vampiro, e sim frio *de medo*.

Talvez pudéssemos continuar cavalgando até outro país. A Moldávia fica perto e ninguém iria nos procurar por lá.

Continuamos em silêncio por uns 20 minutos e comecei a ter esperanças de que talvez estivéssemos mesmo indo para a fronteira, até que de repente a água saiu da região coberta por uma densa copa de árvores rumo a uma clareira cinza e tristonha, e então percebi onde estávamos. Pressionei o meu corpo contra o de Lucius, tal como havia feito na noite anterior quando ele me mostrara a sala cheia de estacas – mas desta vez para firmar meu corpo, pois aquele lugar...

A oportunidade de enfim conhecê-lo fez com que eu me encolhesse de modo diferente.

CAPÍTULO 37

Antanasia

O portão de ferro preto do cemitério onde nossas famílias estavam enterradas se destacava contra a neve, e permaneci rígida mesmo quando Lucius abriu a tranca e estendeu a mão, dizendo:

– Por favor, Jessica. Não há o que temer aqui.

Ah, há sim...

Mas o que eu podia fazer, além de dar um passo relutante à frente e me juntar ao príncipe que me chamava? Assim que passei pelo portão percebi que, no reino dos vampiros, a morte espelhava a vida. Nem precisei perguntar qual dos dois mausoléus maiores – obviamente túmulos das famílias reais – pertencia aos Vladescu e qual pertencia aos Dragomir.

Os Vladescu – pelo menos os reis e rainhas – repousavam em uma estrutura altíssima pontuda e negra, feita de pedra e mármore, que ecoava o castelo gótico que podia ser visto se assomando à distância.

E meus pais... Sem precisar perguntar, eu sabia que seus corpos estavam dentro da cripta mais baixa e discreta de mármore branco, do lado oposto do cemitério.

Parei, e Lucius também.

– Ficamos separados mesmo na morte – disse ele com reverência silenciosa.

– Como vampiros, somos segregados dos humanos e obrigados a enterrar nossos cadáveres neste lugar escondido no alto das montanhas. Mas nos dividimos dentro deste cemitério também. Sua família fica longe da minha, como se *nunca* pudéssemos compartilhar a terra. – Ele me olhou. – Isso me parecia natural, até me apaixonar por você.

Eu nunca me cansava de ouvir Lucius declarar que seu amor por mim havia apagado o ódio por minha família que provavelmente estava

entranhado nos genes dele. Mas eu não desejava enfrentar aquilo. Pelo menos não naquele momento.

– Não quero ver mais nada – falei, sem me mexer quando ele recomeçou a avançar.

Lucius parou e eu olhei seu rosto, então pensei que ele fosse protestar e me empurrar para que me aproximasse dos túmulos das duas famílias. Ele já vinha me pressionando em direção àquelas criptas – para enfrentar a perda de meus pais e nosso possível futuro – desde a noite na Pensilvânia em que me mostrara sua valiosa genealogia. E também manteve uma das mãos pousada em meu ombro enquanto eu assinava meu nome em nossa certidão de casamento, dando mais um passo para perto daquele lugar.

Só que desta vez resolvi ser incisiva.

– Não vou chegar mais perto – insisti. – Pelo menos não hoje.

Já estou enfrentando coisas demais. Não consigo encarar a destruição de meus pais de cabeça erguida. Ou o que pode acontecer com a gente, pois apesar de termos uma chance de imortalidade, também podemos acabar aqui.

Durante mais de um segundo Lucius pareceu a ponto de protestar, depois assentiu.

– Claro. Tudo a seu tempo.

Talvez nunca conseguisse. Como não consegui participar do julgamento nem aplicar a justiça...

– Por que estamos aqui? – perguntei, examinando o rosto dele. Talvez eu estivesse evitando olhar o mausoléu de minha família. – Por que hoje?

Os olhos de Lucius não ofereciam muito consolo. Estavam sepulcrais como... as sepulturas ao redor, e ele segurou minhas mãos, por isso pensei mais uma vez em meu casamento. Estávamos ali de pé como noivos. Mas eu também não queria pensar nisso bem ali, no cemitério.

– Antanasia, o que nos espera nas próximas horas, e talvez nas próximas semanas, pode ser muito ruim. – Ele juntou as palmas de minhas mãos e seu olhar pousou sobre as criptas que ele não tinha medo de encarar. – E até

descobrirmos quem destruiu Claudiu, você vai ter que ser tão firme e forte quanto essas pedras à nossa volta, *filha da formidável Mihaela Dragomir*.

Eu sabia que Lucius adorava simbolismos e metáforas, mas naquele momento eu os odiava. E me senti quase envergonhada ao ser comparada à minha mãe poderosa, porque estava começando a ficar óbvio que eu *não* era igual a ela.

– Será que a gente pode ganhar algum tempo? – sugeri. – Adiar a reunião, pelo menos? Não seria o mesmo que fugir.

Mas Lucius balançou a cabeça.

– Não, Jessica. Estamos tentando criar uma nova ordem entre os vampiros. Concordamos que precisamos do primado da lei. Que mensagem eu transmitiria se tentasse fugir da estrutura que nós mesmos estamos estabelecendo?

Eu odiava aquilo também: o fato de eu concordar – em tese – com a necessidade de atualização de nossos clãs.

– Um governante que desafia as próprias leis não é um príncipe, e sim um déspota – acrescentou Lucius. – E não queremos ser déspotas, não é?

– Neste momento não tenho muita certeza.

Lágrimas começaram a fazer meus olhos arderem.

Por que Lucius Vladescu teve que escolher *esse momento* para abraçar o primado da lei democrática? Na Pensilvânia, ele falava incessantemente sobre realza, autocracia e sobre como os “camponeses” precisavam de uma “mão firme”. Mas minha família o havia transformado. Ensinamos um príncipe a dobrar a própria roupa lavada e acabamos mudando tudo.

Lucius sorriu, como se soubesse o que eu estava pensando. Depois me puxou para perto e insistiu:

– Chore agora, Jessica, para que isso não aconteça quando eu for levado embora, pois no nosso mundo não existe fiança. Claro que serei detido, já que o crime é a destruição e as provas são contundentes. Essa também é nossa lei.

– Claro – concordei, como se estivesse fazendo todo sentido.

Mas na minha mente eu ficava repetindo as palavras dele. *Levado embora... Ele vai ser levado para longe de mim...*

Fiquei aterrorizada por ele. Será que Lucius teria que se posicionar de novo naquele círculo desgastado no tribunal? Será que a situação chegaria tão longe? E uma parte menor minha estava apavorada por mim mesma. Com medo de ficar sozinha, tentando governar sem ele.

– E se não conseguirmos descobrir quem destruiu Claudiu? – perguntei, quase incapaz de pôr as palavras para fora.

Lucius agarrou meu queixo.

– Vamos encontrar a verdade. A verdade sempre é revelada no fim.

Minha família tinha oferecido uma boa dose de televisão a ele também...

– Nós não estamos em um seriado de investigação policial – lembrei. – E nem sei como começar a buscar a verdade, principalmente se você não estiver livre para me ajudar.

Lucius sorriu de novo.

– Sua inteligência foi uma das primeiras coisas pelas quais me apaixonei, Jessica. Isso e sua habilidade para limpar os estábulos – provocou. Seus olhos se enevoaram um pouco. – E, conforme nós dois sabemos, eu possuo, para o bem e para o mal, uma vasta experiência na área das tramas diabólicas. Tenho certeza absoluta de que, juntos, vamos descobrir quem destruiu Claudiu. Talvez o encarceramento seja bom, porque não terei nada além de tempo para pensar e desvendar a trama.

– E lá se vai o voto de confiança e nossa coroação – consegui dizer, enxugando uma lágrima que caía. – Acho que isso *realmente* já era!

Lucius deslizou as mãos para cima, segurou meus braços e ficou sério.

– Primeiro vamos nos preocupar em provar minha inocência, depois pensaremos na coroação. Mas não perdi a esperança em relação a nenhuma das duas coisas.

Meu queixo começou a tremer e não consegui controlar o choro.

– Ah, Lucius...

Enterrei as mãos sob o casaco dele e comecei a soluçar, e quando fiquei sem lágrimas ele segurou meus braços de novo e, pela primeira vez desde o

casamento, me afastou só um pouquinho, como se já estivesse me obrigando a me virar sozinha, mesmo eu não estando nem um pouco preparada.

– Antanasia – disse ele baixinho, porém com firmeza. – Sei que é difícil para você enfrentar este lugar hoje. E não vou fingir que sou mais sábio do que você. Mas sei alguma coisa sobre sofrimento, e aprendi há muito tempo, tanto experimentando a violência quanto *prevendo-a*, que o medo é o pior tipo de sepultura, pois enterra gente viva. Como seu marido, eu imploro: não se coloque em um túmulo prematuramente, porque, como todos aqui atestariam se pudessem, nossa hora já chega cedo demais.

Naquele momento eu estava perturbada demais para poder assimilar suas palavras sábias.

– Vamos embora – falei, ainda sem olhar a cripta branca que se erguia sobre a neve mais branca ainda. Nem a preta, por sinal. – Eu gostaria mesmo de sair daqui.

– Claro. – Ele olhou para o céu. – Parece que há outra tempestade vindo aí, não é?

– É – concordei, sem me dar ao trabalho de olhar as nuvens.

Não precisava. Sempre havia algum tipo de tempestade se formando nas montanhas.

Cavalgamos de volta em silêncio enquanto o vento aumentava e chegamos em casa assim que a nevasca piorou, mais forte ainda que o normal, fato que tinha algum significado nos Cárpatos. Até os cavalos mais selvagens de Lucius pareceram se encolher nas baías, como se soubessem que a coisa ficaria feia.

– Lucius. Princesa.

A voz baixa veio das sombras do celeiro escuro, dando um susto em mim e na égua que Lucius puxava para a baía. Ela refugou e quase me derrubou quando Lucius e eu nos viramos e demos de cara com um vampiro que *eu* não tinha previsto que voltaria a ver – talvez nunca mais – e que devia ter chegado no meio da noite.

Lucius, no entanto, não pareceu nem um pouco surpreso.

CAPÍTULO 38

Antanasia

- *Raniero*. - *Lucius* largou a rédea e estendeu a mão para o primo que ele chamava de irmão. - Que bom ver você! Se bem que eu não esperava encontrá-lo *aqui*.

O surfista hippie-retrógrado que eu não via desde nosso casamento se aproximou, tirando as mãos dos bolsos para apertar a mão de *Lucius*.

- Dormi no estábulo esta noite - disse ele com seu sotaque italiano carregado. - Cheguei muito tarde e não quis incomodar vocês. - Ele me olhou. - Ouvi quando vieram pegar o cavalo hoje cedo, mas estava com preguiça demais para sair de debaixo do cobertor e dar um oi.

- Acredito que você estivesse com preguiça - comentou *Lucius*, rindo. - Mas também acho que você dormiu aqui porque preferiu não entrar no castelo. Queria evitar o destino pelo maior tempo possível.

Raniero sorriu, mas não era exatamente a expressão plácida e descuidada que ele ostentara durante quase todo o nosso casamento.

- Não ligo mais para opulência.

- É, parece que você abriu mão disso, assim como o gosto por usar calças.

O sorriso de *Raniero* ficou um pouco mais caloroso com a brincadeira, mas o corpo devia estar congelando, pois ele estava de fato usando uma bermuda verde-oliva desbotada e uma camiseta marrom com a propaganda de um tal *Terrible Taco*. Bem no meio do peito dele estava o desenho de um taco, o prato mexicano, no estilo monstro *Godzilla* esmagando uma cidade, com alface voando para todo lado.

Os vampiros eram frios por natureza, mas não éramos ursos-polares e precisávamos de mais do que uma camiseta em meio a uma nevasca. Olhei

para seus braços nus. Aquelas tatuagens também não iriam mantê-lo aquecido.

Qual é a dessas tatuagens? E por que ele não quis entrar?

De repente me lembrei de uma coisa na qual não havia pensado desde que tinha sido distraída pelo sangue de Claudiu na estaca de Lucius. *Por que a arma de Raniero está aposentada – e coberta de sangue?*

– Hum, não quero ser grosseira – falei, interrompendo o que obviamente era uma conversa que só os dois entendiam. – Mas por que Raniero está aqui? – perguntei a Lucius.

Ele pegou a rédea da égua outra vez.

– Desculpe se não contei que ele viria se juntar a nós. Eu estava meio preocupado, achando que ele poderia desafiar minha ordem de vir, o que teria me colocado na difícil posição...

– ... de ter que me destruir por insubordinação – completou Raniero. – Por isso fiz o obséquio de responder à convocação do príncipe Lucius. – Ele se virou para mim e eu não soube se estava brincando quando acrescentou: – Prefiro não obrigar meus melhores amigos a me matarem. Meu desejo é não fazer mal!

Eu estava ficando mais confusa.

– Então por que...?

Lucius deu um tapa na anca da égua, mandando-a para a baia.

– Antanasia, nós dois sabemos que a lei é clara. Eu serei detido. E, apesar de você estar crescendo em seu papel – *Ha, ha, até parece!* –, vai precisar de proteção. Mais do que Emilian pode oferecer. – Ele olhou para o primo, que estava cabisbaixo, as mãos nos bolsos de novo. – Confio em Raniero para cuidar de você.

Fiquei apavorada diante da ideia de que Lucius pudesse mesmo ser preso. Mas, quando olhei para Raniero, quase gargalhei. *Ele* ia me proteger? Falando sério: o cara conseguia ser menos sanguinário do que o taco em sua camiseta.

Então pensei na estaca aposentada e meus olhos tentaram acompanhar as tatuagens estranhas dele sob a penumbra. Havia algo ali... e talvez algum

método na loucura de Lucius.

– Antanasia, você se importa se eu conversar com Raniero enquanto andamos? – Lucius olhou para nós dois. – Haverá muitas oportunidades para vocês se conhecerem melhor, mas esta pode ser a última chance de eu colocá-lo a par da situação. E no café da manhã poderemos discutir o que provavelmente acontecerá a seguir.

Meu coração quase parou à simples menção do que aconteceria a seguir, mas tentei ser tão corajosa quanto Lucius.

– Claro. Conversem à vontade.

Então Lucius deu um tapa no ombro de Raniero e começou a guiá-lo para o castelo onde ele não queria entrar por algum motivo, os dois vampiros conversando em uma mistura do que parecia romeno, italiano e inglês, e talvez um pouquinho de alemão para completar.

Segui os rastros que eles deixavam na neve, os olhos indo das costas retas de Lucius, com a capa longa e escura e os cabelos negros bem cortados, para os ombros caídos de Raniero, a bermuda completamente inadequada e a juba ondulada revolta e cheia de reflexos dourados. O contraste era grande, no entanto as cabeças dos dois estavam bem perto uma da outra e eles se comunicavam com facilidade na mistura de idiomas – e não havia dúvida de que eram fisicamente equivalentes. Raniero era só um pouquinho mais baixo, talvez por causa da postura, mas tinha o mesmo corpo esguio e musculoso.

Mesmo assim, eu não conseguia imaginá-lo me protegendo como Lucius fazia.

Fechei mais o meu casaco por causa da tempestade que aumentava.

Para começar, eu não conseguia me imaginar ali sem Lucius para me proteger. Não poderia governar sem ele. Seria destruída, se não literalmente, pelo menos figurativamente, como princesa.

Quando chegamos perto o bastante do castelo para enxergá-lo com clareza através da neve, notei movimento em uma janela e ergui os olhos, notando que Mindy observava nós três, e a expressão dela...

Era como se *um* de nós já fosse um fantasma.

CAPÍTULO 39

Antanasia

Passei a maior parte do café da manhã em silêncio enquanto Lucius e Raniero continuavam a conversar naquela confusão de idiomas.

Os empregados entravam e saíam, servindo o café forte e doce que Lucius preferia e chá para mim e Raniero. Por força do hábito, peguei um pedaço do pão que era servido quase todo dia, seguindo a tradição romena. Mas não o comi. Era como se tivesse ficado entorpecida lá na neve. Entorpecida e hipnotizada.

Flagrei-me examinando sem parar aquela profusão de tatuagens que me lembrava um jogo com o qual eu costumava brincar na infância: *Encontre os objetos escondidos nesse desenho*.

Raniero pousou a mão na mesa, sem comer nada também, e graças a anos vivendo com um pai hippie-retrógrado consegui identificar um “*om*” escrito em devanágari, os caracteres chineses que significavam “paz” e a mão aberta dos jainistas, que prometiam não fazer o mal, tal qual Raniero.

– Antanasia?

A voz de Lucius me trouxe de volta à realidade e percebi que os dois vampiros me observavam com atenção enquanto eu olhava o braço de Raniero.

– Sim?

– Raniero, como sempre, deu uma sugestão muito boa – disse Lucius.

Olhei para o cara com a camisa de taco e cheguei à conclusão de que não lhe pediria nem mesmo uma simples informação caso o visse na rua. A não ser que eu quisesse achar uma praia ou um bom burrito.

Então olhei para o rosto dele mais atentamente. Será que havia uma nova fagulha em seus olhos?

Quem é ele?

– Qual é a sugestão?

– Você está interessada em estabelecer o primado da lei, sim? – perguntou Raniero. – E também quer deixar claro que está no poder, que tem autoridade, sim?

Assenti com cautela.

– Sim...

– Então acho melhor que *você ordene que Lucius seja detido, e que depois supervisione o procedimento pelo qual ele será aprisionado.*

Larguei o pão que eu estivera esmigalhando e encarei os dois, incrédula. E eu tinha considerado ruim o plano de minha prima sobre a apresentação das estacas. Pelo rosto de Lucius, porém, dava para notar que era assim que as coisas iriam se desenrolar. Mas eu precisava protestar, de um jeito ou de outro.

– Vocês estão brincando, não é? Não posso ordenar que você seja preso!

Mas Lucius balançou a cabeça.

– Raniero está certo, Antanasia. Se você exigir minha detenção, os Anciões vão considerá-la uma pessoa poderosa e vão entender que estamos falando sério sobre cumprir a lei. Haverá uma votação, claro, mas é você quem deve controlar os acontecimentos posteriores.

Balancei a cabeça.

– Mas...

– Você precisa se provar como soberana *hoje* – insistiu Lucius. – Como diriam seus compatriotas americanos: vamos tirar as rodinhas da bicicleta. E agora.

De repente tive uma lembrança muito nítida do tombo de bicicleta que levei quando meu pai me deixou andar sem aquelas duas rodinhas de apoio pela primeira vez. Bati direto em uma árvore perto de nossa casa.

– Não sei, Lucius...

– Na verdade, não há opção – disse ele. – Querendo ou não, você vai assumir o poder esta tarde.

Os olhos dele se suavizaram, como se soubesse que eu não conseguia me imaginar dando as ordens que iriam tirá-lo de mim, mesmo que ele não fosse muito além das catacumbas nas profundezas do castelo. *Principalmente* se fosse para lá.

– É apenas simbólico, Antanasia – continuou ele, me encorajando. Lucius estava de fato lendo minha mente. – Você consegue. Vai lhe parecer errado, mas na verdade é um gesto *por* nós. Para sua proteção e nosso futuro.

Eu não me achava capaz de fazer o que ele estava pedindo. Mas não podia dizer nada – até porque Raniero estava nos observando – a não ser:

– Certo. Vou dar a ordem.

Então afundei na cadeira, não muito diferentemente de Raniero.

Meu primeiro decreto como princesa vai ser ordenar que meu marido seja acorrentado e preso.

E, mesmo tendo muito com que me preocupar, notei que Mindy – que com certeza estava acordada e adorava um bom café da manhã romeno, até mais do que eu, quando eu ainda comia – não tinha se juntado a nós à mesa.

CAPÍTULO 40

Antanasia

L*ucius e eu estávamos* na antessala onde sempre aguardávamos o início dos conselhos com os Anciões, e eu estava bem consciente de que aqueles seriam nossos últimos momentos de privacidade até... *quando?*

– Não demonstre preocupação – sussurrou ele. E, apesar de em geral usarmos aquele espaço para nos preparar para parecer líderes e agir como tal (pelo menos o pouco que eu havia conseguido), Lucius me abraçou. – Não vamos ficar separados por muito tempo – prometeu ele. – E lembre-se também de que agora você pensa em termos de eternidade, e algumas semanas não significam nada.

Apoiei-me nele, querendo absorver sua força. O tempo – seriam mesmo semanas? – *iria* passar devagar. E, no entanto, as semanas também não pareciam nada quando eu tentava imaginar como descobriríamos quem havia destruído Claudiu antes que um julgamento se tornasse inevitável.

– Odeio isso – desabafei.

Ele mudou de posição e tocou meu queixo com o indicador.

– Agora você é uma princesa – lembrou, parecendo ao mesmo tempo terno e um pouco duro. – O tempo de chorar acabou.

– Eu sei. Prometo que não vou chorar de novo.

Pelo menos não até estar sozinha na cama esta noite.

– Confie em Raniero – insistiu Lucius. – Sei que ele não parece nenhum herói, mas as aparências enganam. Ele é um vampiro com muitos talentos, e a *maioria* deles pode ser útil para você nas próximas semanas. Tirando, claro, a capacidade de “ficar ligado” ao “dropar uma onda”. – Lucius esboçou um sorriso, mas logo ficou sério de novo. – E, fora você, ele é o único vampiro em quem confio. O único.

– Queria que houvesse mais tempo para você me falar sobre ele.

– Infelizmente não temos esse luxo. – Lucius olhou para a porta que iria se abrir a qualquer segundo, depois me encarou de novo. – E acho melhor que Raniero decida o que deseja revelar sobre si. Porque ele tem uma forte inclinação à privacidade. – Ele me puxou para mais perto. – Apenas confie na fé que *eu* tenho nele, Antanasia, e permita que ele a ajude.

Senti a garganta apertar, pois sabia que estávamos ficando sem tempo.

– Eu te amo – falei. – Te amo muito.

– Também te amo, Jessica. – Lucius me abraçou com mais força ainda. – Te amarei por toda a eternidade. Vamos superar essa tempestade.

Assenti como se realmente acreditasse nisso, então ele baixou a cabeça e roçou os lábios nos meus, depois se afastou, de modo que eu estava ao seu lado mas ainda assim me sentia solitária. Empertigando os ombros e ajeitando os punhos da camisa, Lucius se transformou de marido em governante que provavelmente seria prisioneiro em breve, e a voz dele saiu mais firme ainda quando me disse:

– É hora de você assumir *de fato* seu papel como princesa. E tenho certeza absoluta de que se sairá bem, muito além das expectativas de qualquer pessoa, principalmente das suas.

Então, em meio àquela deixa silenciosa que eu precisaria aprender caso um dia tivesse coragem de reunir os Anciões sem Lucius, a porta dupla se abriu.

CAPÍTULO 41

Antanasia

Os Anciões já estavam reunidos ao redor da mesa, e diante de cada um havia uma caixa semelhante à que também aguardava diante do assento de Lucius. Até meu tio Dorin tinha uma pequena caixa de pinho, se bem que eu não conseguia imaginá-lo usando uma estaca nem mesmo para fazer churrasquinho.

Enquanto ajustava minha cadeira para mais perto da mesa observei meu marido, que já estava dando início à reunião.

– Não desejo perder tempo – disse ele. – Vejo que todos trouxeram suas armas. Vamos em frente.

Senti minha garganta se fechando, de modo que eu mal conseguia respirar.

Quero perder tempo. Quero fugir com você e viver como Raniero, em uma cabana na praia.

Mas isso não ia acontecer. Lucius já estava apontando com a cabeça para a esquerda, em direção a Flaviu, que sem dizer palavra abriu a caixa diante de si e exibiu sua estaca, batendo-a na mesa com uma segurança que proclamava inocência. Um instante depois Horatiu Dragomir o acompanhou. Então foi a vez de Dorin e eu vi suas mãos tremerem, ainda que sua estaca estivesse completamente limpa. Não havia nenhuma gota de sangue nela, pois ele era adepto da fuga, não da luta.

Assim como eu? Porque não estou mais tão segura...

E assim foi, caixas se abrindo ao redor da mesa, mãos pálidas se enfiando nelas, estacas batendo na madeira. Era como assistir a uma onda muito sinistra passando por cima de mim antes de arrebentar do outro lado, cobrindo Lucius.

NÃO!, senti vontade de gritar quando chegou a vez dele. *Precisamos de mais tempo!*

Mas só pude ficar olhando, horrorizada, enquanto o vampiro que eu amava basicamente se entregava à condenação.

No momento em que Lucius abriu a caixa e bateu sua estaca sobre a mesa com tanta segurança quanto qualquer um dos Anciões, todos os vampiros na sala arfaram e o ambiente foi preenchido por vozes romenas chocadas, ultrajadas e... acusadoras.

CAPÍTULO 42

Antanasia

– *Explique isso, Lucius* – exigiu Flaviu, levantando-se. – É óbvio que isso é sangue de Claudiu!

É, era mesmo. Esforcei-me bravamente contra a ânsia de tapar o nariz de novo. O sangue estava seco, mas fresco o suficiente para que o cheiro permeasse a sala.

– De fato é o sangue de Claudiu – concordou Lucius com toda a calma. – Isso é óbvio.

– E como ele foi parar aí? – berrou Flaviu. Ele permanecia de pé e seus olhos brilhavam, como se mal pudesse esconder o júbilo pela ascensão ao poder e pela aparente *queda* abrupta de Lucius. – *Você está confessando, Lucius?*

– Ora, ora, Flaviu. – Dorin fez uma interferência rara. – Tenho certeza de que o príncipe Lucius tem uma boa explicação para isso. – Meu tio ofereceu um sorriso trêmulo e esperançoso a Lucius. – *Você tem, não tem, Lucius?*

Mas Lucius balançou a cabeça.

– Não, não sei como o sangue de Claudiu foi parar aí, mas vou encontrar a explicação. – Em seguida encarou cada um dos Anciões, acrescentando: – E a justiça *será* feita. Não somente pela destruição de Claudiu, mas por essa tentativa óbvia de *me* destruir.

Flaviu sentou-se bruscamente, como se estivesse exasperado.

– Mas este exercício se destinava a determinar quem destruiu meu irmão! – Ele apontou para mim e eu me encolhi. – Sua esposa o sugeriu!

Senti meu rosto ficar vermelho.

– Sim, e se Antanasia e eu quiséssemos esconder alguma coisa, não teríamos prosseguido com isso – lembrou Lucius a todos. – E mesmo assim

pedimos que as armas fossem mostradas...

Minhas bochechas ficaram mais quentes ainda. *Pelo menos eu pedi.*

– ... e eu me apresentei a vocês e mostrei minha estaca voluntariamente – acrescentou ele. – Porque sou inocente e isso será provado.

– E nesse meio-tempo? – perguntou Flaviu com um risinho. – O que faremos? – Ele se dirigiu a Lucius. – Com o devido respeito, é difícil justificar por que você ficaria à solta neste castelo! – Ele apelou aos outros. – A prova garante uma votação para decidir a detenção do príncipe, não concordam?

Houve um silêncio longo e tenso, durante o qual eu olhei para todos ao redor. *Todos o consideram culpado. Exceto Dorin, talvez.*

Mas nem mesmo meu tio ousou voltar a me encarar. Ficou remexendo na caixa onde guardava sua estaca, fechando-a com dedos desajeitados.

E quando enfim me volvei para Lucius, percebi que meu momento havia chegado. Seus olhos pediam que eu falasse – e asseguravam que eu podia fazer o que tínhamos decidido. Mesmo assim, minha voz tremeu quando me expressei, baixo demais:

– Flaviu está certo em relação às provas.

Eu nunca tinha assumido nenhum cargo mais importante do que o de tesoureira da minha turma na escola, por isso as palavras pareceram estranhas em meus lábios quando acrescentei:

– Vamos votar agora.

Eu sabia que os Anciões ficaram chocados ao me ouvir assumindo o comando – e ao perceber que Lucius iria mesmo cumprir a lei. Mas, apesar de toda a insistência dele de que o que estávamos fazendo era certo, não consegui encarar meu marido enquanto dizia:

– Aqueles que acreditam que Lucius Vladescu deve ser detido até ser inocentado ou julgado, levantem a mão esquerda e digam “Sim”. Os que acreditam que ele deve permanecer livre, levantem a mão direita e digam “Não”.

Com exceção de Flaviu, que ergueu a mão esquerda sem vacilar, todos foram hesitantes, afinal todo mundo sabia que, se por fim fosse absolvido, o

príncipe Lucius se lembraria do desenrolar da votação. Mas a prova contra ele era tão evidente que, um por um, os Anciões se renderam ao “Sim”.

Até mesmo Dorin pareceu não ter escolha, embora houvesse ensaiado levantar a mão direita. Mas isso só aconteceu porque ele era um raro vampiro destro e muitas vezes se confundia nas votações. Então se conteve e levantou a esquerda, que tremia feito uma folha ao vento.

– É unânime – atestei, arrasada, quando todas as mãos já estavam ao alto.
– Lucius Vladescu será encarcerado.

Quando percebi que Lucius não parecia perturbado nem com medo, interpretei como uma nova prova de sua coragem. Ele parecia orgulhoso – de mim. Mesmo que eu não conseguisse deixar de me sentir uma traidora, especialmente quando me levantei e ordenei aos guardas, usando as palavras que ele tinha me ajudado a memorizar: “*Intrați, gardieni.*”

Fiquei aliviada por eles obedecerem à minha ordem, porém senti ânsia de vômito quando Lucius se levantou, virou-se e estendeu as mãos às costas por vontade própria. Pensei ter ouvido o guarda murmurar um pedido de desculpas enquanto lhe prendia os pulsos com uma corrente de ferro.

E quando o cadeado antigo foi trancado, os Anciões, inclusive Flaviu, permaneceram sentados, imóveis.

Percebi então que a estratégia de Raniero estava certa. Nós havíamos abalado o mundo deles. Um príncipe estava obedecendo à lei mesmo quando ela não atendia aos seus objetivos. Isso provavelmente nunca tinha acontecido em toda a brutal história dos vampiros.

Lucius e eu nos encaramos, e ainda que eu quisesse usar meu novo poder para libertá-lo, obriguei-me a dizer:

– *Luați-l.*

Levem-no.

Ele assentiu para mim mais uma vez, garantindo que eu tinha feito tudo certo. Depois, de cabeça erguida, virou-se para os Anciões e disse:

– Não se esqueçam disso. Agora *todos* somos governados pela lei, e eu me submeto, de bom grado, para provar que entramos em uma nova era. – No entanto, ele semicerrou os olhos de um modo que tornava difícil acreditar

que fosse mesmo um prisioneiro. – E lembrem-se também, quando eu for inocentado, de que o castigo para quem *de fato* destruiu Claudiu será breve e rigoroso, também de acordo com nossas leis. – Um vestígio de seu eu aristocrático emergiu. – Garanto que, quando eu estiver no papel de *juiz*, também não me esquecerei deste momento.

Ele me olhou mais uma vez pouco antes de o guarda abrir a porta, permitindo que Lucius saísse à frente, intocado. O príncipe Vladescu podia ter se submetido às correntes para provar um argumento, mas de jeito nenhum aceitaria ser arrastado. Nem mesmo guiado com gentileza.

Fiquei ali, em meio a um silêncio impotente.

Mesmo depois que o som dos passos dele esmoreceu, continuei de pé, afinal meus joelhos tremiam tanto que eu tinha medo de cair caso me sentasse. Mas antes que eu pudesse dizer “A reunião está encerrada”, Flaviu levantou a mão direita, a não dominante, o que sinalizava um pedido para falar.

Não! O pânico me invadiu. *Nós não planejamos isso. Estou sozinha!*

Mas até eu entendia que precisava respaldar a fala do vampiro que provavelmente estava disposto a derrubar meu mundo inteiro, talvez até mesmo à custa da existência do próprio irmão.

Eu sabia que a estaca dele estava limpa. Mas também sabia que Flaviu Vladescu era maligno e capaz de coisas que eu nem mesmo era capaz de imaginar, por motivos impensáveis para mim.

Mas o que eu poderia fazer, além de permitir que ele causasse mais dano ainda?

CAPÍTULO 43

Mindy

Eu estava sentada no meu quarto folheando uma revista, mas era como se estivesse lendo sobre arte na faculdade, porque não conseguia me concentrar em nada. Nem conseguia pensar nos problemas de Jess, pois em algum lugar naquele castelo havia um cara de bermuda...

Olhei para a porta pela milionésima vez. *Não que eu queira que ele venha me procurar! NÃO quero!*

E lá estava eu bancando a boba quando alguém *enfim* bateu à porta e eu caí da cama e meio que engatinhei para atender, porque meus pés estavam embolados nos lençóis de dois milhões de fios.

– Já vou! – gritei. Chutei aquelas cobertas chatas para longe e me levantei.
– Já estou indo!

Demorei um segundo ajeitando o cabelo – não que minha aparência *importasse* –, abri a porta e...

VAMPIROS IDIOTAS!

CAPÍTULO 44

Mindy

Nossa, ele estava um horror.

Um horror *gostosíssimo*.

Quando abri a porta, Raniero estava encostado na parede, as mãos nos bolsos da pior das suas quatro bermudas e usando a pior de todas as suas cinco camisetas – aquela com o desenho assustador do taco –, e o cabelo estava um desastre maior ainda comparado à última vez que eu o vi, no verão. Era como se ele nem tivesse cogitado cortar as ondas castanhas e longas com fios clareados pelo sol. E o cavanhaque precisava ser aparado também, mais do que o normal.

Ele tirou as mãos dos bolsos e cruzou os braços. Os músculos continuavam espetaculares. Por fim, olhei para o rosto dele com atenção. O nariz continuava bonito, e tinha um calombinho, como se ele tivesse tomado pancadas demais da prancha de surfe ao levar caldos no mar. E também os lábios, rachados pelo sol. E aqueles olhos verde-acinzentados que estavam, tipo, se cravando nos meus...

– Oi – falei finalmente, pois ele não tinha dito nem uma palavra. Só ficou me encarando. Com aqueles olhos incríveis e sensuais de *desempregado-desgarrado*. Eu sabia o que ele era, então por que estava tendo dificuldade para falar? Cruzei os braços tal como ele. – O que... hum... o que você está fazendo aqui?

Raniero continuou mudo. E, quando enfim falou, foi, tipo, a primeira vez que o ouvi soar ao menos um pouco bravo:

– Eu disse a você um monte de vezes que não viesse aqui. Que é perigoso. E mesmo assim você veio.

Meio que desviei o olhar, sem saber como me sentia em relação ao jeito como ele estava falando comigo. Quer dizer, eu sempre quis que ele fosse mais, sei lá, enfático, porém...

– Jess precisava de mim – respondi. Fitei-o outra vez. – E então... por que *você* está aqui?

Por mim? Você me seguiu?

Não que eu queira isso!

– Lucius me convocou, e desafiar um príncipe Vladescu é punível com destruição. Por isso obedeci.

– Ah. – Há alguns dias eu teria rido daquilo. Mas de repente eu não sabia direito se era uma piada. – Então você *teve* que vir porque não queria se encrencar?

Ronnie continuou encostado à porta desleixadamente, mas seus olhos ficaram de uma cor estranha. Uma cor escura que eu nunca tinha visto.

– Você acredita mesmo que eu tenho medo de perder a vida, Mindy Sue? – perguntou ele. – Eu vim, contra meu bom senso, só para não dificultar as coisas para Lucius. Não quero obrigá-lo a escolher entre o cumprimento das leis que ele considera importantes e a destruição de alguém que tem como um irmão. Não é legal impor esse tipo de escolha difícil aos amigos. Especialmente quando eles já enfrentam situações difíceis.

Abracei-me com mais força ainda. Então ele tinha vindo por causa de Lucius, e para salvar a própria pele.

– É, saquei.

Ronnie se aproximou um passo e fiquei surpresa ao notar como ele preenchia todo o portal. Parecia mais imponente do que antes. E não tão feliz.

– E, claro, vim por sua casa, Mindy Sue.

Dentre todas as coisas idiotas que eu já havia feito, a pior delas foi querer abraçá-lo naquele momento. Eu queria pular em cima daquele vampiro italiano idiota de quem tinha sentido tanta saudade e dizer como estava feliz por vê-lo. Queria beijá-lo de novo. E tocar seu cabelo desarrumado, e sentir sua boca na minha.

Mas fiquei feliz de verdade por não ter feito nada disso quando ele falou o tipo exato de coisa protetora que eu sempre havia desejado ouvir:

– Vim aqui porque estou preocupado com você. Não consigo dormir em paz sabendo que você está neste lugar perigoso. – E em seguida ouvi a *pior* coisa que ele já dissera: – E também quero dizer que você tem razão. Nós não damos certo como casal, sim? Vou cuidar de você como uma amiga, e não vou falar de amor de novo. É melhor assim, como você já disse muitas vezes.

Foi como se um grande balão tivesse estourado em meu coração.

– Ah, claro.

Ficamos nos encarando por mais alguns minutos, e, apesar de eu ter rompido com ele um milhão de vezes – uma pessoalmente e 999.999 pelo telefone –, nunca pareceu realmente o fim até aquele momento, quando ele complementou:

– Que bom que a gente deixou isso claro agora. E os dois concordam.

– É, com certeza.

Então ele fechou a porta com a mão tatuada e eu fiquei ali feito uma idiota, sem entender direito o que havia acabado de acontecer. Eu só sabia que Raniero enfim tinha concordado em romper comigo – e bem quando quase havia começado a agir como eu sempre desejei que agisse.

Tranquilo, firme e forte.

Era o que toda garota queria, certo?

CAPÍTULO 45

Antanasia

– *Flaviu está com a palavra* – consegui dizer, apesar de mal ouvir minha própria voz.

Era quase como se meus ouvidos estivessem zunindo, de tão apavorada que eu estava.

Ele percebeu – e provavelmente farejou – meu medo, do mesmo jeito que todos havíamos sentido o cheiro do sangue na estaca de Lucius. Olhei para a cadeira de meu marido, mas, claro, estava vazia. Então fitei Dorin, que não me servia de muita coisa, e não tive opção a não ser me virar para Flaviu, que disse:

– Nós não estabelecemos as *condições* do confinamento. Existem leis que também governam a detenção.

Ele parecia ultrajado com tal deslize, mas notei um brilho diferente em seus olhos. A expressão de um lobo partindo para a matança.

Eu não sabia o que dizer, por isso deixei que ele continuasse, mesmo sabendo que isso era um erro.

– O assassino de *Constantin Dragomir* foi mantido em solitária com dieta restrita a pão e água – continuou ele, apelando a cada um dos Anciões. – Determinamos que esta era a lei para um crime capital envolvendo um Ancião. – A voz dele pareceu embargar. – E este ancião era meu irmão, alguém que Lucius ameaçou na frente de todos.

Solitária? Dieta restrita?

Minha cabeça começou a rodar. Lucius não havia me preparado para isso. Eu nem sabia se Flaviu estava dizendo a verdade, pois nunca tinha lido todos aqueles livros jurídicos. Será que Lucius havia cometido um erro? Será

que havia subestimado Flaviu? Este, por sua vez, estava exigindo uma resposta:

– E então, princesa? O que diz?

– Mas... Lucius nem foi acusado formalmente – gaguejei, afinal não podia permitir que ele fosse confinado daquele modo. Eu não poderia vê-lo. E sem sangue ele iria... – Não acho que...

Mas eu não tinha certeza do que eu achava, daí apelei para Dorin.

– Foi isso mesmo que aconteceu com o assassino de Constantin?

Se antes Dorin parecia em conflito, agora suas bochechas ficavam ainda mais brancas enquanto ele confirmava:

– Sim, Antanasia. Isso foi determinado por lei.

– É verdade – concordou um dos outros (Horatiu era o nome dele?).

Parei um segundo, tentando pensar, mas não consegui. Simplesmente não consegui.

– E então, princesa? – pressionou Flaviu de novo por um decreto meu. – A destruição de um *Vladescu* deve ser tratada como a destruição de um *Dragomir*, agora que *você* está no comando?

Eu não podia fazer nada. Era a princesa mais impotente do mundo. Não somente Flaviu tinha virado o primado da lei contra nós como havia colocado milhares de anos de ódio entre os *Vladescu* e os *Dragomir* em jogo. Eu não podia demonstrar preferência se quisesse criar o verdadeiro reino unido que Lucius vislumbrava.

E assim, mesmo sabendo que poderia estar condenando o vampiro que eu amava à destruição, flagrei-me dizendo:

– Se esta é a lei, então Lucius será detido em solitária, alimentando-se apenas de pão e água. Tal como o assassino de Constantin *Dragomir*.

Fiquei tão perturbada que nem cogitei se *aquilo* poderia ser posto em votação. Talvez eu pudesse ter convencido alguns Anciões a apoiar o direito de Lucius pelo menos poder beber o sangue de que precisaria, e poupar-lhe um destino que alguns diziam ser pior do que a destruição.

Eu havia acabado de permitir que Flaviu me pressionasse – me *ludibriasse* – a tomar uma decisão sobre a qual jamais poderia recuar. *Terei ainda*

menos tempo para encontrar o verdadeiro assassino, porque Lucius vai precisar de sangue. Talvez eu precise marcar seu julgamento antes de reunirmos provas para inocentá-lo. E não poderei visitá-lo para lhe pedir ajuda.

Frustrada, declarei:

– A reunião está encerrada. – E, embora eu devesse ser a primeira a sair, não consegui fazer com que as pernas funcionassem, por isso quebrei o protocolo, dizendo a eles: – Estão dispensados.

Era a coisa mais parecida com uma ordem que eu já dera aos Anciões. E tive certeza de que todos sabiam o motivo de haver dito aquilo: eu precisava ficar sozinha para enterrar o rosto nas mãos e chorar.

Dorin fez uma tentativa débil de ficar, dando um tapinha no meu ombro.

– Antanasia... sinto muito.

Mas afastei-me de seu toque.

– Por favor, saia.

Ainda estava sentada com a cabeça apoiada nos braços cerca de uma hora depois, quando senti uma mão muito mais forte apertar meu ombro. O aperto foi tão poderoso e reconfortante que eu nem me sobressaltei, mesmo não tendo ouvido ninguém entrar na sala, pois durante uma fração de segundo pensei que, de algum modo, Lucius havia voltado. Que todo aquele negócio de detenção tinha sido uma piada ou um equívoco.

Mas quando virei o rosto para olhar meu ombro, não encontrei a aliança reluzente de Lucius, e sim um redemoinho de tatuagens.

– Antanasia, precisamos conversar, sim?

E foi no instante que ele falou comigo que enfim encontrei o símbolo que havia notado de forma inconsciente, escondido no meio de todas as tatuagens em redemoinhos: O mesmo “b” cirílico que tinha visto no diário de minha mãe, desenhado perto da palavra romena “*blestemată*”.

Uma palavra e um símbolo reservado para os vampiros *amaldiçoados*.

CAPÍTULO 46

Antanasia

O escritório de Lucius ficava perto do salão de reuniões, por isso levei Raniero até lá para conversarmos.

Sentei-me na poltrona de Lucius, e quando a movi, bati na mesa e a tela do laptop se iluminou, revelando que ele não tinha se desconectado do e-mail. Havia uma série de mensagens... que não eram da minha conta, ainda que fôssemos casados.

– Você quer alguma coisa? – perguntei a Raniero. – Está com fome?

– Não, *grazie* – disse ele, para meu alívio. Eu não seria capaz de enfrentar o fracasso em mais uma coisa naquele dia, nem que fosse apenas pedir o chá.

– Você está muito cansada – observou ele. – Talvez não queira conversar esta noite.

– Estou cansada, mas não vou conseguir dormir. É melhor conversarmos.

– A reunião foi ruim hoje.

Era uma afirmação, não uma pergunta.

– É... foi ruim. Eu...

Mas Raniero levantou a mão.

– Não precisa contar o que aconteceu. Ouvi tudo da antessala.

Senti as bochechas ficarem vermelhas, mas Raniero balançou a cabeça.

– Não se sinta mal. Você enfrentou Flaviu muito bem para alguém que não foi criada entre vampiros. Ele é bem ardiloso, sim?

– É – concordei. – Perdi totalmente o controle, e agora Lucius vai ficar sem sangue.

– Este é o modo secular que eles têm de obrigar o acusado a confessar. É o que muitos chamariam de tortura, mas os vampiros consideram uma atitude muito razoável. – Ele me lançou um olhar tranquilizador. – Mas Lucius é

forte, como você já sabe. Não deve se preocupar. E acho que você nunca poderia ter evitado isso. Ele deseja, acima de tudo, seguir a lei. Aprovava sua atitude.

Eu não conhecia Raniero bem, e tinha motivos para confiar e desconfiar dele ao mesmo tempo. Mas ele era vampiro havia mais tempo do que eu, por isso perguntei, sentindo o estômago revirar:

– Quanto tempo um vampiro consegue aguentar sem beber sangue? O que acontece de verdade? Porque eu só ouvi histórias...

– Eu gostaria de ser honesto com você. Embora Lucius seja forte, ele vai começar a ficar muito cansado em poucos dias, pois está acostumado a beber com frequência. E antes mesmo de uma semana é possível que comece a entrar no que os romenos chamam de *luat*, ou limbo.

A resposta me deixou perplexa. Eu havia pensado que Lucius teria muito mais tempo. Semanas, talvez até *meses*. Meu estômago ficou mais embrulhado ainda quando perguntei:

– O que, de fato, isso significa? É como um coma?

– Não, não é como um coma. É uma coisa diferente. – Raniero me encarou com um olhar firme. – Os vampiros que voltam dizem que é um reino de sonhos terríveis, entre a existência e a escuridão eterna. Há mortos-vivos que ficam lá para sempre, incapazes de retornar mesmo depois de receberem sangue de novo. E os que voltam quase sempre ficam transfigurados. Muitos se tornam loucos, ou ficam à beira da insanidade. – Seus olhos pareceram escurecer mais ainda, porém ele continuou a contar sem rodeios: – São raros os casos em que o vampiro retorna inteiro, inalterado.

Fiquei calada. O fogo estalava na lareira, mas não parecia aquecer a sala.

– E, enquanto estiver longe de Lucius, também deve ter o cuidado de beber o suficiente, Antanasia – lembrou Raniero. – Sei que não vai querer, mas deve. Seu corpo ainda não precisa da mesma quantidade que o de Lucius, mas agora você é uma vampira, e necessita de sangue.

Eu estava sentada com um vampiro marcado como indigno de confiança, mas flagrei-me confidenciando:

– Antes de Lucius, só bebi uma vez. – Lembrei-me de quando estava na garagem de meus pais e bebi sangue. Tinha ficado com raiva de Lucius por ter me dito o que agora eu sabia ser verdade: que eu não estava pronta para ser uma princesa. Então peguei um copo que ele sempre carregava e tomei tudo, dizendo que eu *era* vampira. – Desde então, só foi com ele.

Isso fazia parte de ser casada: compartilhar o sangue um do outro.

– Não é errado beber para sobreviver – garantiu Raniero. – Se vocês ficarem separados por mais do que alguns dias, você deve beber o sangue que estiver disponível aqui, na adega, sem se sentir culpada. Não é bom para Lucius que você fique fraca, e ele não iria querer que você se arriscasse.

Assenti.

– Certo.

Mas eu iria me sentir culpada de qualquer forma.

– Você não condenou seu marido – garantiu Raniero de novo. – É uma cultura cruel que faz isso, e existe uma boa chance de ele ser libertado antes que você ao menos precise se preocupar, sim?

Minha voz saiu abafada:

– E se ele não for?

– Lucius é forte. Duvido que ele tenha medo de espectros em sonhos. – O vampiro misterioso sorriu, mas foi outro sorriso sério, muito diferente de seu riso feliz em nosso casamento. – Se ele não temeu Raniero Vladescu Lovatu quando aquele vampiro terrível encostou uma estaca no peito dele, não vai temer demônios da própria imaginação.

Então me lembrei de que Lucius havia insistido recentemente que *eu* não tivesse medo dos meus sonhos.

– Você tem o poder de convocar o julgamento dele – observou Raniero.

– Não! – Balancei a cabeça, estarrecida com a sugestão. – Nesse momento todas as provas apontam para a culpa de Lucius. Eles iriam condená-lo em minutos! – *E ele seria destruído no mesmo instante.* Eu nem sequer conseguia suportar o pensamento, a responsabilidade, a *perda*. – Eu estaria matando meu marido! – Olhei para Raniero como se estivesse implorando sua aprovação, pois parte de mim sabia o que Lucius, um sujeito intrépido e

disposto a correr riscos, poderia dizer. – Lucius é forte – acrescentei, talvez tentando me convencer. – Vai lutar contra esse tal limbo. *Não posso* convocar um julgamento enquanto não tivermos provas para salvá-lo.

Raniero deu de ombros, como se a decisão não tivesse tanta importância. Como se as escolhas de vida e morte não fossem nada. Nesse sentido, ele também se parecia com Lucius.

– Talvez você esteja certa.

Mas dava para ver que ele não tinha se convencido, que pensava no que Lucius faria.

Então ficamos em silêncio, só nos avaliando, até que o fogo estalou ruidosamente na lareira e eu disse:

– Acho que é hora de você me contar quem é de verdade, Raniero.

Ele arqueou uma sobrancelha, um maneirismo dos Vladescu.

– Lucius contou a você...?

– Quase nada.

– E você quer saber...?

– Tudo. Conte-me tudo.

Raniero assentiu e, mesmo sentando-se mais rigidamente do que o surfista que eu conhecia, de algum modo reconheci o filósofo que havia nele quando me disse:

– Então deveríamos começar pelo começo, sim?

E a história que ele me contou... Era mais complicada e medonha do que eu jamais haveria imaginado, mesmo quando ele mencionou, quase por acaso, que tinha encostado uma estaca no coração de meu marido.

CAPÍTULO 47

Antanasia

– *Nasci em uma casa de campo* nas proximidades de Tropea, Itália, à vista do mar Tirreno, em uma das famílias de vampiros mais ricas – começou Raniero. – Era muito amado por meus pais. Bastante mimado pela minha mãe, que é irmã de Valeriu Vladescu, pai de Lucius.

Eu já conhecia a relação de parentesco. Apesar de se chamarem de irmãos, Lucius e Raniero eram primos. Mas eu não sabia muito mais do que isso.

– Como sua mãe foi parar na Itália?

– Minha mãe não é igual à maioria dos Vladescu. Ela quer uma vida mais pacífica do que esta da Romênia. É igual a mim, não gosta de *violenza*. Assim, ainda jovem, ela se mudou para a Calábria, onde existem muitos vampiros, mas também muito sol e risos. Uma cultura diferente, sim? Foi lá que ela conheceu meu pai, Alrigo Lovatu, e os dois se casaram.

Eu já tinha um milhão de perguntas, mas deixei que ele continuasse.

– Logo depois eles tiveram um filho, que chamaram de Raniero, e por muitos anos foram felizes e não sentiram falta de nada. Principalmente de amor. – Ele me olhou de novo. – Nós somos incomuns para os *vampiri*. Amamos muito, como você e Lucius.

– E o que aconteceu?

Ele se remexeu no sofá e apoiou as palmas das mãos no couro, como se estivesse se preparando para dar más notícias, e eu também fiquei tensa.

– Quando eu estava com 8 anos, os Anciões chegaram à nossa porta e disseram à minha família que era hora.

– Hora de...?

Meu coração sofria por ele, porque eu já adivinhara a resposta.

– De eu deixar minha família e viajar para a Romênia, onde seria treinado como tenente, possível sucessor, de um príncipe vampiro que nasceu no mesmo ano que eu. Um príncipe muito promissor e que está sendo preparado para comandar os clãs. – Ele me lançou um olhar significativo. – E sendo preparado para se casar com uma princesa.

– E seus pais deixaram você ir? – perguntei, incrédula.

Meus pais biológicos também haviam me entregado, mas para uma família bondosa, a fim de me salvar.

E a dor que vi nos olhos de Raniero era um contraste chocante com a expressão suave e tranquila que ele ostentava quando eu o conheci.

– Minha mãe lutou muito – disse ele. – Lembro-me de como ela chorou, pois conhecia a Romênia. Conhecia os Anciões. Mas, no fim, meu pai concordou que nosso dever era servir ao mundo dos vampiros. – Um lampejo de raiva cruzou o rosto dele. – Talvez meu pai também fosse ambicioso e quisesse ficar próximo dos vampiros mais poderosos da terra, sim? Porque, apesar de os Lovatu serem mais ricos do que os Vladescu, nosso nome não é tão temido nem tão famoso. Até que *eu* fui *dado*.

Arfei, surpresa. Os Lovatu eram *mais ricos* do que os Vladescu? Eu não podia imaginar. Mas, claro, esse não era o ponto principal da história.

– O que aconteceu quando você chegou à Romênia?

– Meus novos *tios* começaram meu treinamento. – Raniero não tentou esconder a amargura da voz. – Fui obrigado a lutar com Lucius e era espancado quando não atendia às expectativas como guerreiro, mesmo sendo apenas uma criança. – Seu olhar voltou para mim. – Mas você conhece essa história.

– Conheço – respondi baixinho. – Lucius me contou que era espancado com frequência.

Raniero assentiu.

– Sim. Mas Lucius foi criado assim desde o nascimento e nunca conheceu nenhum toque suave. E é corajoso por natureza. Ser derrubado, açoitado ou ganhar cicatrizes só o fez ficar mais forte e mais decidido a lutar.

Eu sentia orgulho de meu marido, mas queria chorar por ele, como na primeira vez em que ele admitira que levava surras – do mesmo modo que eu queria chorar por Raniero agora.

– E você?

Ele apertou o braço do sofá, de modo que os nós dos dedos ficaram brancos.

– Fiquei fisicamente forte, mas *com raiva*.

Outra interminável tempestade dos Cárpatos estava em curso, furiosa, e o vento desceu pela chaminé, estimulando uma labareda, o que me fez dar um pulo. Ou talvez fosse a expressão de Raniero.

Ele não falou durante um minuto e permiti que ficasse olhando para o nada. Seu peito subia e descia, e achei que talvez ele até estivesse praticando alguma técnica de meditação, tentando se acalmar. Quando enfim voltou a me encarar, parecia menos agitado – mas eu sabia que o pior da história ainda estava por vir. Eu tinha visto a estaca dele...

– Raniero? – instiguei-o finalmente, mas com cautela. – Como você ganhou essa tatuagem na mão? A que *não* é símbolo de paz?

CAPÍTULO 48

Antanasia

Raniero olhou para a própria mão como se nunca a tivesse visto – ou talvez como se a odiasse. Ficou girando-a, examinando os dedos como se fossem seus inimigos mortais. Depois levantou os olhos outra vez e percebi que não estava mais com raiva. Só atormentado. E confuso.

– Não sei tudo o que aconteceu – disse ele. – Há um ponto em que tudo pareceu pura loucura. Quando a pressão cresceu a ponto de virar dor.

Senti um aperto no peito. Eu sabia como era. Também estava cedendo sob a pressão. Tinha sonhado tão vividamente que era capaz de *jurar* que havia ferido Lucius...

– Comecei a me sentir cada vez menos capaz de me controlar. – Raniero deu o sorriso mais amargo que já vi. – E, no entanto, estava me tornando exatamente o que eles queriam: o maior guerreiro. Tão astuto e cruel que, quando tinha 15 anos, os Anciões decidiram que Lucius e eu havíamos treinado o suficiente e eu ganharia outra utilidade. Recebi um novo objetivo.

– Um... objetivo?

– Sim. – Raniero dominou as emoções e me lançou um olhar firme. – Fui despachado para viajar pelo mundo, encontrando vampiros desgarrados e trazendo à justiça.

Encolhi-me um pouco, depois me senti mal. Mas sabia a que ele se referia. Lucius havia descrito esses vampiros para mim quando explicou como a “justiça” funcionava.

– Fui mandado na função que você chamaria de caçador de recompensas – esclareceu Raniero, usando a mesma expressão que havia passado pela minha cabeça quando Lucius leu os livros jurídicos para mim. – E recebi a

ordem de destruir os que não viessem para o julgamento de forma espontânea.

Mal ouvi minha pergunta seguinte, de tão relutante que estava para fazê-la:

– Com que frequência isso acontecia?

Os olhos de Raniero estavam livres de remorso.

– Você está começando a conhecer nossa raça. – Ele fez uma pausa. – Há quem diga que eu não era um caçador de recompensas, e sim um assassino. Quando Lucius fala em acabar com os linchamentos como forma primária de justiça para os vampiros, fala de mim e de outros como eu. Eu era da turba que linchava, mas trabalhava com tanta eficiência que não precisava de ajuda. Eu era uma “turba” de um homem só.

O vento rugia em volta do castelo e eu olhei para Raniero, não muito certa se estava horrorizada ou aliviada por saber a verdade a respeito dele. Provavelmente um pouco das duas coisas. O vampiro que agora não seria capaz de matar um inseto já havia ceifado muitas vidas.

Mas eu sabia que a história não tinha chegado ao fim.

– Por que eles tomaram sua estaca?

Ele passou a mão pelos cabelos, um gesto que também me fazia lembrar de Lucius. *Será que Lucius está com frio nessa tempestade horrorosa? Será que tem fogo lá para ele se aquecer? Ou será que está em uma região tão profunda do castelo que nem percebe que o local inteiro está quase se sacudindo no vendaval?*

– É confuso até para mim, mesmo agora – disse Raniero. – No verão, aos 16 anos, voltei à Romênia para o congresso de vampiros...

Encolhi-me à menção do encontro no qual aconteceria a votação para validar minha capacidade e a de Lucius para governar – isto é, se conseguíssemos sobreviver até lá.

– ... e, claro, fiquei infeliz por ver os que me transformaram em algo que não queria ser. Que me deturparam até eu não saber quem, ou o quê, eu era.

– Ele pareceu mais confuso ainda enquanto revivia a lembrança. – E certa noite, tudo deu errado.

– Errado?

– Sim – respondeu ele, mas estava perdido em pensamentos. – Em um momento estava com raiva, mas controlado. E no outro comecei a fazer coisas que não entendia. Coisas muito *erradas*. – Ele balançou a cabeça, parecendo perplexo. – Enfim, sem ao menos saber o que fazia, destruí um vampiro sem motivo. – Ele deu de ombros, como se aquele ato não tivesse significado nada na ocasião. – Eu o vi, pequei minha estaca e o destruí, só pela empolgação. – Raniero franziu ainda mais as sobrancelhas e a testa. – Era como se eu estivesse assistindo a tudo. Como um sonho, mas era real. Uma *allucinazione* que eu acordo e descubro que aconteceu de verdade.

Meus dedos se contraíram nos braços da poltrona de Lucius. Eu tinha dificuldades com o idioma romeno, mas reconheci a palavra italiana que ele havia acabado de usar. *Alucinação*. Tremi tal como as janelas que chacoalhavam ao vento. Será que a pressão daquele lugar era *mesmo* capaz de enlouquecer as pessoas?

– Eu nunca havia experimentado nada assim – disse ele. – Antes eu era um assassino, mas nunca sem ordem dos Anciões.

– E destruir sem ser provocado é o maior dos crimes, não é?

– Sim – confirmou Raniero. – Tenho sorte por não haver sido destruído pelos que testemunharam meu ato naquela noite.

– Então por que você ainda está...?

Vivo?

– Lucius dispersou as pessoas, porque, mesmo sendo jovem, já tinha autoridade sobre os outros vampiros. E no meu julgamento ele implorou pela minha vida. Seu poder era suficiente para conseguir uma suspensão da pena. – Ele estendeu a mão. – Em vez de morto, fui marcado como *blestemată*. Um vampiro que será destruído sem ao menos a garantia de um julgamento caso cometa outro ato de violência. – Ele baixou a mão. – Claro, nenhum vampiro marcado assim viveu muito tempo, porque violência atrai violência no nosso mundo, mas sou grato a Lucius pela clemência. Eu não merecia isso, especialmente dele.

Eu também estava meio confusa com a compaixão de Lucius.

– É, já que vocês lutaram um contra o outro até *sangrarem*. Como terminaram virando “irmãos”?

Enfim Raniero voltou a esboçar um sorriso sincero.

– Você não entendeu. Nós éramos obrigados a lutar. Mas os Anciões sabiam que na verdade isso iria forjar um laço entre nós. Quando não estávamos em batalha, ríamos de nosso destino fatídico, com a boca sangrando. – O sorriso ficou mais caloroso. – E éramos rebeldes juntos também, principalmente quando muito jovens. Não éramos controlados com facilidade e gostávamos de criar problemas para os tios.

Dei meu primeiro sorrisinho do dia. Conseguia visualizar Lucius como uma criança travessa. Fiquei feliz por ele ter tido um amigo.

Meu sorriso morreu depressa. E se Lucius *não houvesse* conhecido a amizade? Será que teria ficado igual aos tios? Será que meu marido não possuiria aquele brilho nos olhos e a disposição de se sacrificar pelos outros? Será que seria frio e incapaz de amar até mesmo a *mim*?

Então percebi que a infância de Raniero tinha sido roubada e desperdiçada por *minha* causa, também. E de repente, enquanto percebia a ligação entre aqueles dois vampiros muito diferentes, também entendi o sacrifício que Raniero estava fazendo ao retornar à Romênia.

– Você sente como se estivesse arriscando tudo ao vir aqui, não é? Sente que pode perder o controle de novo, ou ser sugado para a violência que já começou. É por isso que vive desse jeito, surfando e meditando na praia.

– Eu sigo um novo caminho, sim. – Ele deu de ombros. – Mas devo minha vinda a Lucius, que não acredita que algum dia vou perder o controle de novo. Ele acredita que posso ajudar vocês dois sem me tornar aquele vampiro que destrói aleatoriamente; ou que destrói simplesmente.

Examinei os olhos perturbados de Raniero.

– Quando está aqui, enfrentando as lembranças terríveis da infância, você perde a fé em si mesmo, não é?

Ele ficou calado por um instante.

– Eu acho que a pergunta, princesa, é se *you* confia em mim. Porque agora você ocupa o trono. Pode me dispensar ou usar minha ajuda, como Lucius

quer, e devo admitir que sei como encontrar e castigar os piores de nossa raça.

Assenti, entendendo minha escolha. Será que eu confiava que Raniero não iria desmoronar? Eu já o vira agitado, naquela noite mesmo. E se sua sede de sangue voltasse e ele partisse para cima de mim – ou de Mindy ou de qualquer outra pessoa?

Enquanto o vento rugia ao redor, um pensamento horroroso me abateu. *E, se ele perder o controle e fizer algo terrível, eu serei responsável por destruir meu primeiro vampiro – ou vampiros. As atitudes dele – e suas consequências – estarão em minhas mãos, porque, de forma egoísta, eu quis que ele salvasse Lucius, em vez de deixá-lo livre para “seguir seu caminho”.*

– Tenho que pensar. – Levantei-me, e ele também. – Preciso de tempo, mas não tenho, não é? Eu não sabia que Lucius ficaria fraco tão depressa.

Raniero assentiu.

– É, você tem escolhas a fazer, e depressa. – Ele seguiu para a porta. – Vou esperar sua decisão a meu respeito.

– Raniero? – interrompi-o enquanto ele estendia a mão para a maçaneta. – Mindy...

– Não se preocupe – tranquilizou ele. – Nós gostamos muito um do outro. – E deu um sorriso triste. – Se bem que ela nem sempre acha isso! – Em seguida fez uma pausa e ficou pensativo. – Mas concordamos que não existe futuro.

Notei que ele não disse “para nós”. Era como se estivesse resignado a não ter futuro caso fosse apanhado pelo mundo que havia abandonado.

– Certo. Só quero que ela fique em segurança, está bem?

– Também quero isso. Não consigo me imaginar fazendo algum mal a ela, mesmo se eu perdesse qualquer traço de sanidade.

Por algum motivo, acreditei naquelas palavras.

– Ela sabe sobre seu passado?

– Muito pouco – admitiu ele. – Tentei me convencer de que o antigo Raniero não existia, e de que ela não precisava saber sobre ele. – De todas as coisas que Raniero me dissera naquela noite, essa confissão foi a que pareceu

deixá-lo *mais* arrasado. – Claro, eu estava me enganando. E pior ainda, estava enganando Mindy.

– Eu também me enganei. E a Lucius, fingindo que era capaz de lidar com essa vida. Não se sinta tão mal.

– Gostaria que você não contasse minha história a Mindy – acrescentou ele. – Agora não tem motivo para isso.

– Se você tem certeza de que não há nada entre vocês... Porque, se houvesse, eu teria que contar.

Deu para notar a dor dele ao dizer:

– Tenho certeza. Não há nada.

Então, enquanto girava a maçaneta, Raniero se virou mais uma vez.

– Esqueci de contar a história de como quase destruí Lucius, instigado por Claudiu.

Congelei.

– E... por que isso aconteceu?

Raniero abriu a porta e deu de ombros de novo.

– Claudiu apenas brincou com a ideia de eu ascender ao trono. Afinal, na posição de único outro filho existente de uma Vladescu de sangue puro, irmã do pai de Lucius, sou o próximo na linhagem para governar. Mas isso é uma história para outro dia, sim?

O próximo na linhagem? E Claudiu...?

Fiquei surpresa demais para falar, e Raniero já tinha me deixado de queixo caído e com muita coisa em que pensar, desde julgamentos, passando pela sucessão, até a revelação arrepiante de que eu não era a única a ter alucinações naquele castelo... isso sem contar as consequências terríveis sofridas pelo *primeiro* vampiro que viu coisas.

CAPÍTULO 49

Lucius

Raniero,

Dentre os vários luxos dos quais sem dúvida sentirei falta (liberdade, luz... alimento) como prisioneiro em minha própria casa, a tecnologia já está se mostrando importante na lista de coisas pelas quais mais anseio. (Omito a companhia de minha esposa dessa lista de propósito; palavras como “anseio” ou mesmo “saudade” são inadequadas para explicar como já me sinto por ser separado de Antanasia à força. Talvez não haja maneira de descrever, mesmo em meu vocabulário vasto.)

Avaliando apenas as perdas que posso expressar, eu diria que e-mail, internet e os vários aplicativos de meu celular constituem as privações mais irritantes.

Pego-me estendendo a mão para meu celular a todo momento, com a intenção de negociar ações, verificar a situação do mundo – e, devo admitir, desfrutar de um joguinho de polo virtual. Depois me flagro lembrando que não há “barras” de sinal atrás das barras subterrâneas, e de que preciso me contentar com a única diversão disponível, que consiste em chutar um rato persistente e agressivo que parece acreditar que tem direitos de proprietário sobre este canto lamentável do mundo. (A luta pela supremacia acontece até aqui. Talvez seja travada com mais fervor quando o prêmio são apenas migalhas de pão!)

O mais perturbador é eu estar nessa posição de “mandar um bilhete” para você disfarçadamente, como se ambos estivéssemos na Escola Woodrow Wilson. (E, acredite, Raniero, você tem sorte por não haver passado por essa experiência. Você pode ter sofrido alguns golpes eventuais no Castelo Vladescu, mas pelo menos jamais suportou um ano de “Conceitos de Saúde” com o professor substituto de educação física “Vic” Baker. Imagine um curso

obrigatório inteiro dedicado a encorajar indivíduos maduros a escovar os dentes – ao passo que o curso de economia básica era “eletivo”! Quando o sistema econômico americano desmoronar de uma vez por todas, pelo menos os moradores terão dentes brilhantes para roer o destino que eles próprios provocaram!)

No entanto, admito (de má vontade) que a escola tinha certo charme em comparação às minhas acomodações atuais.

Raniero, a situação é feia. Não faço ideia de como o sangue de Claudiu manchou minha arma, mas, pelo que começo a deduzir, a trama que se desdobra promete ser, no mínimo, intrigante.

Orquestrar minha destruição empregando contra mim minha própria insistência no primado da lei... Existe certa elegância que eu até apreciaria mais se não tivesse acabado de chutar um rato.

Mas enquanto reflito, as ideias pulando em minha mente enquanto meu companheiro pula no meu pé, também penso na sabedoria do perpetrador ao me escolher como primeiro alvo da trama.

Você e eu fomos treinados como caçadores, Raniero, e a primeira lição que o predador aprende é derrubar antes a presa mais fraca. Depois, alimentado com essa vítima, ele tem forças para perseguir uma caça mais poderosa.

Não quero descrever Antanasia como fraca – ainda que ela se perceba cada vez mais assim –, mas ambos sabemos que sou um inimigo mais poderoso, e enfrentarei esse jogo de modo tão implacável quanto qualquer oponente. (Sob o risco de transparecer arrogância: mais implacável, e mais hábil.)

Portanto a pergunta é: será que o vampiro que tenta me sobrepujar é incrivelmente corajoso e poderoso ou apenas insensato? Ou será que a trama é tão tortuosa que estou deixando de enxergar algum fato como um todo? Um fim que nem eu imaginei?

Essas são perguntas que precisamos responder – e depressa, irmão.

Também preciso que você “espalhe a notícia”, com discrição, de que, se algum mal acontecer a Antanasia enquanto eu estiver encarcerado, eu não somente vou derrubar estas paredes, pedra por pedra, como – assim que estiver livre – vou despedaçar o primado da lei e destruir, com grande

satisfação, qualquer um que provoque em mim a menor desconfiança. Na verdade, se um fio de cabelo que seja de minha esposa for tocado enquanto eu não puder protegê-la, este reino verá uma vingança que entrará para os livros de história – para ser lido pelos muito poucos que permanecerão de pé.

Lucius

P.S.: Você vai notar que optei por me corresponder com você, e não com Antanasia. Ainda que eu não tenha permissão para receber visitas, no momento não existe regra determinando se posso me comunicar por escrito. Sei que você, habilidoso na arte de criar subterfúgios, saberá trocar mensagens sem atrair atenção para esta “região nebulosa”. Além disso, se eu começasse a parecer fraco ou incoerente, só serviria para preocupar Antanasia e distraí-la dos deveres que ela deve cumprir com coragem. É melhor que ela não testemunhe quando eu – sejamos diretos – inevitavelmente vacilar, caso meu encarceramento continue. Resumindo: sua total discricção sobre nossas comunicações faz-se necessária.

P.P.S.: Se sua resposta incluir uma breve atualização de como estão os jogos da NBA, ficarei muito grato.

CAPÍTULO 50

Mindy

Alguém me sacudiu para me acordar, aparentemente no meio da noite, e eu quase gritei, até que vi Jess sentada em minha cama. Na verdade, quase gritei assim mesmo, pois ela estava um horror. Como se não houvesse dormido nada – eu também quase não tinha dormido, afinal não existe nada igual a uma nevasca em uma montanha da Romênia, mesmo quando se está em um castelo de pedra.

Então me lembrei de tudo o que vinha acontecendo e me senti mal por ter sequer reparado nos cabelos despenteados de Jess.

– O que aconteceu? – perguntei, sentando-me na cama. Peguei meu relógio da Hello Kitty e vi que eram sete da manhã, horário da Romênia. – Como foi a reunião?

– Terrível. Levaram Lucius embora e ele está preso na solitária. – Ela ficou com uma expressão esquisita. – E sem poder beber sangue, algo pelo qual eu não esperava.

– Ai, nossa, Jess. Que barra! Se bem que não sei o que essa última parte significa.

– Ele... ele... não vai durar muito tempo se não beber sangue. Nós, os vampiros, entramos em um estado pior do que o coma.

Caramba, parecia que a vida dela estava ficando cada vez mais horrível, e eu nem sabia o que dizer. Então simplesmente abri espaço para Jess na cama e ela subiu como se fôssemos crianças outra vez, uma dormindo na casa da outra.

Mas aí ela mudou de assunto.

– Na verdade, eu não vim aqui falar sobre Lucius. Queria perguntar a você sobre Raniero. Sobre o que aconteceu entre vocês e o que você acha dele. De

verdade.

Imaginei que não houvesse mais jeito de esconder aquela confusão. Aquela confusão *deliciosa*.

– Eu devia ter contado há meses – respondi. – Mas estava sem graça porque saí da sua festa para me atracar com ele. – Fiquei meio vermelha. – Aquilo não foi legal.

– Tudo bem – garantiu Jess. Foi bom ver o sorriso dela, mesmo que bem fraquinho. – Sei como é ficar nas nuvens por causa de um vampiro de smoking.

– É, só que Ronnie nem sempre usava smoking. – Fiquei repuxando a estampa tribal do meu cobertor. – Eu também devia ter contado que ele foi, tipo, passar um tempo comigo na Pensilvânia. – Olhei para ver se ela havia ficado chocada, e de fato ficou. – Ele se hospedou com uns malucos que tinham uma banda em Lancaster, e a gente saiu e se pegou um bocado.

Senti arrepios tristes e maravilhosos só de me lembrar. Tinha sido tão vergonhoso e tão bom!

Jess estava com os olhos arregalados.

– Você não... Ele não *mordeu* você, não é?

– Não, não sou vampira. – Eu tinha me expressado mal, então lancei o olhar mais arrependido do mundo. – Não foi isso que eu quis dizer.

Eu estava era com raiva por ele nunca ter se *oferecido*.

Mas Jess estava acostumada a me ver pagando mico.

– Tudo bem.

– De qualquer modo... – Dei de ombros. – O lance não deu certo.

– O que aconteceu, exatamente?

– Alô-ou, o que *não* aconteceu, né? – Comecei a fazer uma lista contando nos dedos. – Ele não arranjou emprego. Não cortou o cabelo. E nunca tinha dinheiro, apesar de os pais dele serem super-ricos.

– É, ouvi falar. – Então Jess, tipo, começou a me sondar. – Alguma vez ele pareceu... perigoso? Tipo, violento?

Eu estava com o coração meio partido, mas mesmo assim tive que rir. Por um segundo. De um jeito triste.

– Jess, a pior coisa que ele fez foi *não* me defender quando um dos idiotas que moravam com ele me acusou de ter roubado pizza da geladeira, apesar de *eu* ter comprado a pizza. Eu e o doidão tivemos uma briga enorme, ele me *empurrou*, e eu fiquei toda, tipo: “Ronnie, você viu isso?” E tudo o que meu namorado fez foi dizer, com seu sotaque maluco: “Desculpe, Mindy Sue, mas não posso fazer nada.” E então foi embora e eu saí também. E foi só! – Suspirei. – Ele é um vagabundo, igual ao meu pai. Nós nunca iríamos dar certo.

– Raniero saiu mesmo de perto quando *você* foi empurrada?

– Saiu.

Fiquei muito sem graça por contar aquilo a uma garota casada com Lucius Vladescu, o cara que tinha acabado com Frank Dormand. E não saquei o que Jess disse depois:

– Que bom para Raniero. – Ela me olhou de novo, com bastante atenção. – E você tem certeza de que ele *nunca* pareceu nem um pouquinho violento?

– Jess, ele nunca nem se ofereceu para me *morder*. – Agarrei um dos milhões de travesseiros da cama e fiquei abraçada a ele. – Para falar a verdade, essa foi *realmente* a pior parte. – Dei de ombros, ao estilo Raniero. – Acho que ele apenas não queria compromisso.

Não sei bem o que foi que eu disse, mas pelo jeito Jess tinha concluído alguma coisa, porque falou:

– É uma pena mesmo que não tenha dado certo para vocês, mas obrigada por ter contado tudo. Preciso saber quem está morando em meu castelo, agora que Lucius não está aqui para me orientar.

– Ah, eu *conheço* Raniero, Jess, e acredite: ele é o cara mais legal do mundo. É um vagabundo sem ambição, mas é legal.

Eu queria ficar ali sentada e conversar, talvez pedir um café da manhã na cama, mas de repente houve uma batida na porta e em segundos a nova amiga de Jess, Ylenia, estava ali com a gente – às sete da matina, caramba! E então, daquele jeito de quem lamenta mas na verdade não lamenta nada, ela disse:

– Não queria interromper, mas eu estava procurando você, Antanasia. Fiquei com medo de ter se esquecido de que a gente precisa planejar um enterro hoje. Tínhamos uma reunião no escritório de Lucius às sete.

– Ai, nossa, esqueci mesmo. – Apesar de ainda parecer cansada, Jess saiu depressa da cama, como se *Ylenia* fosse a chefe. – Desculpe, Min. A gente conversa mais tarde. Talvez a gente possa almoçar juntas. Que tal?

– É claro.

Mas eu estava sacando a prima de Jess, e *ela* parecia ter dormido bem.

– Ei, Jess – falei antes que ela e sua nova colega saíssem. – Se você vai usar o escritório de Lucius, será que eu posso usar o seu?

Ela pareceu surpresa, mas concordou:

– Claro, acho que sim.

Fiquei olhando para *Ylenia*, que estava dando ordens em romeno a Emilio como se fosse chefe dele também.

– Obrigada. Só quero procurar umas coisas no Google.

Ou *alguém*.

Eu esperava conseguir soletrar o nome daquela garota direito.

CAPÍTULO 51

Antanasia

Meu tio Dorin aguardava em frente ao escritório de Lucius, e baixou a cabeça quando Ylenia e eu nos aproximamos.

– Lamento o que houve com Lucius. Sinto como se meu papel tivesse sido...

Era irracional ficar com raiva dele só por dizer a verdade – ele não tivera escolha, e eu o havia colocado na berlinda –, mas não consegui evitar ficar meio chateada, pensando em como suas palavras tinham ajudado a pôr Lucius em uma situação tão terrível quanto aquela. Mas falei:

– Tudo bem. – Em seguida destranquei a porta e mudei de assunto. – Sei que Lucius tem o livro certo aqui. Só precisamos encontrar.

– Sim, sim – concordou Dorin. – Vou começar a procurar.

O livro que devíamos encontrar nas estantes entulhadas de Lucius se chamava *Carte de Ritual: Nașterea, Moartea, și Căsătorie*, ou coisa assim, mas em vez de ajudar na busca fui à mesa de Lucius, sentei-me e balancei o mouse do laptop, de modo que os e-mails dele apareceram de novo. Havia pelo menos seis mensagens datadas da manhã da morte de Claudiu, trocadas entre meu marido e alguém cujo apelido era surfistanoturno3, muito provavelmente Raniero. Eu não podia imaginar que ele conhecesse nenhum outro “surfistanoturno”.

– Já encontrei – anunciou minha prima.

Levantei os olhos e vi Ylenia puxando um livro quase do tamanho dela. Meio que esperei que ela tombasse para trás quando o volume caiu em seus braços, mas ela pareceu pegá-lo com facilidade e o entregou a Dorin, que o largou na mesa com uma pancada, quase esmagando o laptop.

Afastei o computador quando meu tio disse:

– O funeral é muito simples, na verdade, até mesmo para um Ancião. Vampiros gostam de cerimônias grandiosas, mas nós não exageramos na questão do luto. – Ele suspirou. – E vamos ser sinceros: muitos de nós não temos coisas boas para dizer sobre Claudiu. As homenagens tenderão a ser breves... e estranhas.

Perguntei a Ylenia e Dorin, que estavam me tirando um pouco do espaço:

– Imagino que eu seja encarregada da homenagem fúnebre, não é?

Minha prima assentiu, e seus cachos balançaram.

– Sim, o soberano *deve* fazer o discurso para um Ancião. Lucius fez o de meu pai.

– Não que eu não acredite em Ylenia... – falei, girando a cadeira para Dorin. – Mas você tem *certeza* de que eu preciso fazer o discurso? Não há como escapar disso?

Eu me sentia mal pela destruição de Claudiu, mas isso não mudava o fato de que ele me odiava. O que eu diria? “*Eu era grata por ele não ter me destruído... ainda. Ele parecia contente em apenas enfraquecer a mim e a Lucius.*”

Isso é que é ser breve e estranho.

– Bem, podemos verificar. – Dorin abriu o *Carte de Ritual*. – Acho que é possível.

Eu tinha visto o *Livro do ritual – Nascimento, morte e casamento* antes de me casar. Na época não tinha entendido nada do romeno, e agora continuava sem entender.

– Vocês vão ter que ler para mim – lembrei aos dois.

– Sim, fico contente em fazê-lo – concordou Dorin. Ele passou um dedo pela página, que parecia ser a certa, traduzindo trechos. – Vejamos... rito de enterro para um Ancião... caixão de ébano... velório organizado... toques de sinos... – Então ele parou e franziu as sobrancelhas, lendo com mais atenção, para minha decepção. – Sim, infelizmente o membro mais elevado do clã *deve* se dirigir aos presentes antes do enterro. E como Lucius não estará conosco, por motivos óbvios...

Ele deixou o restante no ar e trocou um olhar desconfortável com Ylenia.

Fiquei olhando de um para outro.

– Vocês *dois* acreditam que ele é inocente?

– Sim, sim! – assentiu Dorin, depressa demais. Depois acrescentou, com mais sinceridade: – Lucius não é descontrolado. Ele não age por raiva e é ambicioso demais para arriscar o futuro dele, e o seu, em um impulso momentâneo, ainda que compreensível, para destruir alguém que desafiou sua autoridade, como Claudiu fez. Lucius seguiria os caminhos devidos caso quisesse castigar um insubordinado!

Não eram exatamente as palavras mais elogiosas para a defesa de um caráter – que meu marido não mataria alguém porque isso destruiria sua carreira –, mas eu sabia que Dorin só conseguia enxergar Lucius como um governante que vivia menosprezando-o.

Por que eles não podem ser amigos? Seria bom o Lucius ter outro aliado também.

– Tenho certeza de que Lucius é inocente – disse Ylenia, com mais convicção.

Lancei-lhe um olhar agradecido.

– Obrigada. – Depois me virei, desamparada, para o livro aberto à minha frente. – Agora, será que um de vocês, por favor, poderia continuar lendo?

Ylenia e Dorin trocaram um olhar de novo, e meu tio pôs a mão em meu ombro.

– Por que não vai descansar um pouco? – sugeriu ele.

– Você tem tido dias difíceis – acrescentou Ylenia. – Dorin e eu podemos traduzir tudo o que você precisa saber e escrever um resumo. Talvez dê até para pensarmos em sugestões para o discurso fúnebre.

– Sim – concordou Dorin. – Podemos cuidar de tudo e informar a Flaviu qualquer coisa de que ele precise saber também.

Eu tinha consciência de que deveria ficar com eles, mas estava *exausta*. E, para ser sincera, não queria pensar no tal discurso fúnebre... nem lidar com Flaviu.

– Obrigada. Seria ótimo.

Levantei-me para sair, mas Dorin manteve a mão em meu ombro.

– Quer que eu peça o jantar, Antanasia? Sei que a cozinheira não fala inglês.

Fiquei vermelha, desejando não ter confidenciado que certa vez, esperando surpreender Lucius, acabei pedindo um prato romeno chamado, de forma muito apropriada, *salata de pește*.

Lucius riu quando viu aquilo no prato.

– Sério, Antanasia? – provocara ele. – Salada de peixe? Você me fez sentir saudade das lentilhas! Os Vladescu não comem criaturas que se alimentam nas profundezas das águas!

Só de pensar em Lucius – especialmente em Lucius rindo – perdi qualquer apetite que poderia ter.

– Não quero jantar. Só vou cair na cama.

Então deixei meus parentes sozinhos para fazer *meu* trabalho enquanto Emilian me acompanhava até meu quarto, embora àquela altura eu já conhecesse o caminho. O castelo, coberto de neve – e sem Lucius por perto –, parecia quieto demais, e quando Emilian virou uma esquina tive plena consciência de que, ao permitir que ele me guiasse aos lugares em vez de me seguir, eu deixava as costas expostas. Era uma sensação arrepiante, vulnerável, e quando olhei por cima do ombro algumas vezes pude jurar ter visto uma figura me seguindo nas sombras.

Ou talvez eu estivesse tendo alucinações outra vez.

CAPÍTULO 52

Mindy

De algum modo, sem Lukey por aí, acabei sem guarda-costas e demorei uma eternidade para encontrar o escritório de Jess. Devo ter testado umas 50 portas e perguntado: “Princesa? Escritório?” a umas 20 garotas que imaginei serem empregadas, pois estavam espanando o pó e andando depressa de um lado para outro.

Depois do que pareceu uma hora, enfim abri uma porta e vi uma escrivaninha gigantesca com uma foto muito meiga de Ned e Dara Packwood sorrindo para mim em um porta-retratos dourado. O dicionário de romeno-inglês de Jess também estava ali, e eu achei que ela deveria andar com aquilo *no bolso*.

Sentei-me na cadeira imensa, liguei o laptop dela e só precisei de três tentativas para descobrir a senha do computador, que era... dããã... “*Lucius!*”.

Quer dizer, o nome do marido dela e um número? A única parte que me atrapalhou foi o ponto de exclamação, que não fazia o estilo de Jess.

– Mesmo assim não é muito complicado, Sra. Vladescu – falei em voz alta.

Alguns segundos depois, eu tinha acesso a cada um dos milhões de programas de seu computador incrementado, e à internet. Abri um site de busca e demorei um tempo para escrever “Ylenia Dragomir” de forma correta.

Mas enfim consegui, e a princípio pensei estar errada. Praticamente não havia nenhum resultado, e a única coisa que descobri foi o tempo que ela passou no colégio interno. A Academia Lanier tinha todos os antigos anuários no site, e havia fotos de Ylenia referentes a todos os anos que ela passara lá. Pelo jeito ela experimentara todas as panelinhas que existiam – e

nunca se encaixou. Ali estava ela, no cantinho junto aos Astros da Ciência, depois na base de uma pilha de animadoras de torcida e, no primeiro ano do ensino médio – acho que “antes de o dinheiro acabar” –, ela parecia ter desistido e se juntado aos párias e aos doidões, porque só apareceu em uma foto, e era uma imagem aleatória de alunos na arquibancada, com cara de tédio. A galeria dos fracassados. Dava para imaginar que metade deles acendera baseados assim que o fotógrafo saiu. Para mim, eram todos iguais aos caras que dividiam a casa com Raniero.

Para ela, deve ter sido um saco, mas não era isso que eu esperava achar – e sim uma foto dela *cravando a estaca* em alguém.

– Qual é, Min? – falei para mim mesma. – Pesquise direito pelo menos uma vez na vida!

E talvez eu devesse ter me esforçado mais na faculdade, pois não demorei muito até encontrar um jornal chamado *Destaques da Romênia!*, uma espécie de tabloide sensacionalista daquele fim de mundo, onde achei outra foto muito diferente, que grudou na minha cabeça, pois eu nunca esqueceria *aquilo*.

Não foi por causa da aparência de Ylenia. Foi principalmente por causa da pessoa com quem ela estava, o que tirou meu fôlego, como se eu tivesse levado um chute.

Depois que aquela foto ficou gravada em meu cérebro, entrei na Amazon, onde eu sabia que duas traças de livros como Jess e Lukey deviam ter conta, e usei o cartão de crédito deles para comprar um presente para Jess que iria ajudá-la muito a virar uma princesa romena *de verdade*.

E não era um vestido novo, uma tiara ou um cetro, como eu teria pensado algumas semanas antes.

O que comprei por 69 dólares e 95 centavos – mais 38 dólares para o frete internacional mais veloz – foi *poder*.

CAPÍTULO 53

Raniero

Lucius,

Lamento saber que sofre com a privação em seu cativeiro. Se eu pudesse trocar de lugar com você, faria isso. Gostaria muito de meditar tendo apenas um rato como companhia. Será que pensar nas palavras do venerável Cheng Yen ajuda? “A felicidade não resulta de ter muito, e sim de estar ligado a pouco.”

Repito esse ditado com frequência em minha cabana humilde, lembrando que sou muito feliz tendo quase nada. Para alguém como eu, é melhor ter areia escorrendo pelos dedos vazios do que sangue em mãos cheias de dinheiro, sim?

Mas, afinal de contas, quem é Raniero Lovatu para mandar um príncipe abandonar os desejos mundanos? Principalmente quando durmo com tanto conforto em uma cama macia à sua custa? (rs)

Claro, tenho certeza de que você não deseja a sabedoria de filósofos chineses, e sim notícias de sua esposa, que vigio do mesmo modo que faria com minha própria vida – se eu ainda a valorizasse.

Durma em paz esta noite, Lucius. Antanasia não chora, nem na frente dos amigos, e isso diz muito sobre ela, eu acho. Ela é mais forte do que até mesmo você acredita, irmão.

Você me aconselha muitas vezes no quesito roupas, por isso ousarei oferecer palavras importantes também.

Não desejo essa experiência para nenhum de vocês, mas não se pergunta se sua esposa não vai crescer mais rápido para cumprir seu papel de principessa quando não estiver à sombra do enorme carvalho que é Lucius Vladescu? Todas as coisas ficam mais fortes ao sol e ao vento, sim?

Esta é uma ideia na qual se pensar em suas horas de companheirismo silencioso junto a seu amigo rato, sim? (Já pensou em coexistir em vez de CHUTAR, Lucius?)

Também saiba que investigo o crime, conforme você anseia. Claro que Raniero vai encontrar o verdadeiro assassino. (Imagino que, como conhecedor das ciências, você esteja pensando agora: Semelhante atrai semelhante. E sentindo-se mais seguro! rrsrs, que triste.)

Até acredito que já respondi a uma de suas perguntas. Há um bom motivo para seu inimigo escolhê-lo como a primeira presa. Ele teme a vingança sobre a qual você escreve, caso algo aconteça a sua esposa. (Fico temeroso só de ler sua última mensagem!) E assim resolvemos uma parte do quebra-cabeça, e depressa.

A maior charada é: qual é o objetivo dessa trama?

E por que nós “evitamos” a discussão do fato de eu ser o suspeito mais provável, como seu sucessor legítimo na linhagem do trono?

R.

CAPÍTULO 54

Antanasia

A manhã do enterro de Claudiu – e o quinto dia da prisão de Lucius – começou de um modo que me lembrou do próprio falecido. O dia estava cinza, frio e úmido, com um cheiro quase bolorento no ar, como se as poucas pessoas corajosas o suficiente para morar nas casas espalhadas pelo vale sombreado nos arredores de nosso castelo estivessem queimando madeira podre nos fogões.

Abri a janela pesada, inclinei-me para fora e vi fumaça subindo de chaminés escondidas pelas árvores, e meu companheiro constante, o medo, me sufocou ainda mais.

Humanos sortudos, que hoje farão coisas comuns de humanos.

Será que vou conseguir me lembrar das palavras que decorei?

– Jess, você está pronta? – Virei-me e vi Mindy entrando no quarto de vestir. – Está quase na hora, certo?

– Está... Está. – Fechei a janela antes que nós duas congelássemos. Depois me virei e alisei o vestido preto, que era comprido, simples e feito de lã grossa, pois eu teria que caminhar até o local do enterro depois do discurso fúnebre. – O que você acha?

Min inclinou a cabeça.

– Acho que você está usando o traje certo. – Ela olhou para meus cachos. – Mas vamos fazer alguma coisa no cabelo.

Então notei que ela arrastava uma maleta com rodinhas que reconheci de meu casamento: era o salão de cabeleireiro ambulante de Mindy Stankowicz, talvez mais bem-equipado do que muitos salões de beleza de verdade. Também percebi que ela vestia preto, tendo conseguido encontrar em uma de suas outras malas uma roupa adequada para um enterro.

– Mindy, você não precisa ir.

Ela se aproximou e segurou meus ombros, me empurrando para a cadeira da penteadeira.

– Claro que vou apoiar você, Jess. Você teria me ajudado a estudar Arte Renascentista e Pensamento Crítico se não estivesse tão ocupada governando uma espécie de país, não é?

– Claro. – Enquanto ela segurava meu queixo para firmar minha cabeça, acrescentei: – Obrigada.

Mas Mindy já estava trabalhando, do seu jeito rápido e eficiente.

– Vou fazer um penteado Princesa Grace de Mônaco. Bem puxado para trás e sério.

– Confio em você.

Pensei em Raniero e na decisão que ainda não havia tomado. *Será que devo confiar nele?*

– Min?

Ela puxou meus cachos para domá-los.

– O quê?

– Você disse que Raniero nem se ofereceu para transformá-la em vampira...

As mãos dela pararam.

– Hã?

– Você teria mesmo... aceitado isso? Viraria vampira por *ele*? Como eu fiz por Lucius?

Seus dedos puxaram meu cabelo com mais força.

– Não sei. Sério. – Ela deu de ombros e recomeçou a trabalhar. – Não que faça diferença agora. Ele já está em outra.

Eu mal conseguia me mexer, tamanha era a força com que ela havia prendido minha cabeça, mas pude ver seu rosto e percebi com um sobressalto... *Ela ama Raniero.*

Mindy Stankowicz não queria, mas amava um cara que considerava um hippie sem rumo igual a seu pai fracassado, mas que na verdade era o maior assassino vampiro do mundo e o segundo na linhagem do trono de meu marido – fato que vinha me mantendo acordada nas últimas noites.

Será que Raniero deseja secretamente ser rei? Será que o voto de pobreza pacifista não passa de um ardid? Será que as proclamações de fraternidade escondem um coração traiçoeiro? Ele é amaldiçoado, afinal, e matou sem ter sido atacado...

Eu precisava decidir no que acreditar em relação ao ex de Mindy. E, nesse meio-tempo, tinha que convencê-la a mantê-lo assim. *Ex.*

– Bom, na verdade foi bom vocês romperem, não é?

– É. Claro.

Mas ela não parecia ter certeza.

De repente suas mãos se movimentaram mais depressa ainda, e alguns segundos depois ela me virou para o espelho, e eu vi que meu cabelo parecia adequadamente sério para um funeral. Mas meu rosto estava abatido, e os olhos exaustos, assombrados e... solitários. Eu precisava de Lucius. Precisava de *sangue*, mas não conseguia me obrigar a beber.

Será que Lucius está muito fraco? Raniero previu que ele começaria a resvalar para o luat em menos de uma semana, e ele já está sem beber sangue há cinco dias.

Lucius era forte, sem dúvida, mas eu conhecia meu marido, e ele tinha um apetite enorme por... mim. Levantei a mão e toquei o pescoço onde seus dentes costumavam se cravar. Ele sempre parecia se conter, jamais sorvendo tanto quanto desejava. E na Pensilvânia ele raramente ficava sem um copo enorme, mesmo na escola. Será que seu corpo – e sua mente – já estaria pifando?

Mindy deve ter pensado que eu estava franzindo a testa por causa do meu visual, porque disse:

– Você está ótima. Sério.

– Meu *cabelo* está ótimo, graças a você. Mas *eu* estou apavorada e cansada. E este dia é importante demais. – Virei-me para ela. – Não é só o enterro de Claudiu. Eu preciso provar a todo mundo que estou pronta para comandar, pois muitos nobres que em algum momento vão votar sobre minha condição de ser rainha estarão lá. Preciso fazer isso direito, por Lucius.

Eu nem mesmo me permitia pensar que talvez não chegássemos à tal votação.

– Ei, Jess! – Min agarrou meus ombros e os sacudiu. – Você é a garota que levou os nerds de matemática da Woodrow Wilson às semifinais do campeonato regional. E se lembra do ano em que aquele bezerro que você criou, o Fedido, foi para a exposição agropecuária estadual?

– O nome dele era Felício – corrija. – Você é que chamava de Fedido.

De repente, o absurdo completo de nossa conversa – sem mencionar quanto meus “feitos” eram patéticos – pareceu atingir nós duas, e toda a minha tensão explodiu em uma onda de gargalhadas histéricas que contaminaram Mindy. Nós duas rimos até eu chorar. Então chorei até *chorar* de verdade, e Min me abraçou e garantiu:

– Vai dar certo, Jess. Lucius ficará bem. E você vai mostrar quem manda hoje. Você *vai*.

Não era nem mesmo uma questão de realizar um trabalho ótimo, percebi. Nós duas provavelmente sabíamos que apenas enfrentar o funeral já seria uma vitória.

– Espero que sim – declarei.

Min já estava me soltando quando alguém bateu à porta e eu me recompus o suficiente para gritar:

– Entre!

Claro, eram Dorin e Ylenia, vindo garantir que eu estava em condições de ir ao funeral. Mas depois que enxuguei os olhos de novo vi que meu tio carregava algo nos braços, como se fosse um bebê. Sentindo-me mais arrasada ainda, já sem vontade de rir, olhei para Min e, mesmo querendo que ela ficasse, falei:

– É melhor você ir agora.

Porque, mesmo que ela estivesse apaixonada por um vampiro e tivesse me visto oferecer e beber sangue em meu casamento, eu não queria que ela me visse bebê-lo *daquele jeito*.

CAPÍTULO 55

Antanasia

– Não sei... talvez eu devesse esperar até o funeral.

Mas Dorin já estava derramando um líquido espesso, quase preto, em uma pequena taça de prata que me lembrou a que eu havia segurado sob o pulso aberto antes de meu casamento, para que Lucius pudesse beber meu sangue na cerimônia. Desejei que tivessem trazido uma taça diferente.

– Não, não, Antanasia – protestou ele com seu jeito afável. Porém a mão dele estremeceu ao servir, como se também não estivesse muito seguro. – Acho que não é sensato esperar. Você precisa ter forças para este dia. – Como se eu me importasse, ele acrescentou: – E este é de uma safra maravilhosa da adega. Muitos adorariam prová-lo!

Eu precisava de sangue, mas olhei para a taça com aversão.

– Não é por causa do gosto.

Ylenia avançou e disse a Dorin:

– Dê-nos um momento, por favor. Está bem?

– Sim, claro. – Meu tio pareceu satisfeito em recuar para um canto. – Levem o tempo que precisarem.

Ylenia se aproximou e falou baixo demais para que Dorin pudesse ouvir:

– Ele não entende o que você está sentindo, pois acho que nunca se apaixonou.

Continuei olhando a taça, cheia com o sangue de um *estranho*.

– É, ele não entende.

– Mas está certo no que diz respeito à sua necessidade de fazer isso. – Ela pôs a mão no meu braço. – Não se sinta mal, Antanasia. Não é errado só porque Lucius não está aqui. Você precisa fazer.

Fitei os olhos dela – que tinham a mesma tonalidade dos meus – e não enxerguei somente compaixão, mas também uma compreensão genuína, e de repente me lembrei da pergunta que Mindy havia feito.

Quem mordeu Ylenia?

Por que ela não tinha um parceiro? Porque, se ela era totalmente vampira, seus caninos estavam liberados para crescer e mudar a partir da mordida de um vampiro do sexo masculino, e esse momento era o simbolismo mais próximo do sagrado que os vampiros possuíam. Meu casamento havia sido um reconhecimento público do compromisso entre mim e Lucius, mas nosso momento particular tinha sido mais importante ainda. Antes de mergulhar os caninos em meu pescoço, Lucius me dissera: *“Isto, para nós, é a eternidade.”*

A partir daquele momento eu só deveria beber dele, e ele de mim.

– Está tudo bem – garantiu Ylenia de novo. – Se estiver sozinha, você precisa beber desse jeito. Lucius vai entender. Ele diria para você fazer isso.

A compreensão nos olhos dela me deu coragem para pegar a taça.

– Eu sei. Sei que está certa.

Então ela recuou e eu ergui a taça rapidamente, porque tinha medo de não conseguir caso hesitasse. O sangue possuía um gosto tão amargo e acre que engasguei quando ele tocou meus lábios. Eu tinha ouvido os vampiros falarem sobre as safras incríveis que haviam provado, e sabia que Dorin devia ter escolhido dentre as melhores da famosa adega dos Vladescu, porém senti ânsia de vômito enquanto o sangue passava pela minha garganta. Não era só o gosto que me sufocava, ou a ideia generalizada de beber sangue, afinal eu fazia isso o tempo todo. Era a sensação de estar violando meus votos, não importando o que Raniero, Ylenia ou Dorin dissessem.

Estou traindo Lucius... de novo. Traindo-o...

– Apenas beba – sussurrou Ylenia, tocando meu ombro. – Engula de uma vez só, se precisar. Está tudo bem.

Assenti, encostei a taça nos lábios de novo e fiz o que ela disse. Bebi depressa, esvaziando a taça, depois a bati na penteadeira e limpei a boca com

a mão. Meus dedos tremiam, e eu vi o sangue neles.

– Pegue um pano molhado, Dorin – ordenou Ylenia. – Agora.

– Sim, sim – disse ele.

Um instante depois, meu tio limpava minhas mãos, e os dois pareceram entender que eu não queria falar mais.

Fomos juntos para a câmara do funeral e meu corpo de fato parecia mais forte, mas eu não conseguia deixar de pensar que deveria ter esperado até depois do enterro – deveria ter confiado em meus instintos, e não na insistência bem-intencionada de meus parentes –, pois minha cabeça estava uma confusão na primeira vez em que eu iria me apresentar diante de um grande número de súditos.

CAPÍTULO 56

Mindy

Para um cara que todo mundo parecia odiar, até que Claude Vladescu havia atraído uma boa quantidade de pessoas. Eu estava no final de uma fila de pelo menos 100 vampiros, todos de preto e arrastando os pés até o caixão a fim de olhar para o defunto, tipo o desfile mais triste do mundo.

Virei-me para dar uma conferida no cara atrás de mim.

Bem, para ser honesta, ninguém parecia muito triste. Talvez só um pouco chateado pela obrigação de passar o sábado com um cadáver em um lugar enorme e arrepiante. O salão do funeral era como uma igreja, com teto alto e pontudo, mas não havia estátuas nem nada. Só um punhado de cadeiras encostadas nas paredes, uma mesa de pedra no meio, onde estava o caixão, e uma pequena plataforma de pedra onde imaginei que Jess fosse fazer o discurso. Também não havia nenhuma janela, então quase parecia que *todos nós* seríamos enterrados.

Eu não acreditava que Jess fosse mesmo comandar aquilo tudo.

O vampiro atrás de mim pigarreou e vi que a fila havia andado sem mim. Dei um passo à frente e um segundo depois chegou minha vez de olhar Claude. Olhei dentro do caixão e não foi tão nojento quanto eu esperava. Ele tinha a aparência bem similar à do casamento de Jess. Pálido, velho e assustador. Estava todo enrolado em tecido preto, como uma lagarta suja que nunca se transformaria em algo bom.

Lancei um olhar para o vampiro atrás de mim, que pigarreava outra vez, e disse:

– Tudo bem, estou andando!

Depois fui caçar uma cadeira vazia, e quando me sentei enfiei a mão na bolsa a fim de colocar o celular para vibrar, afinal não queria interromper o grande momento de Jess. Não que alguém ainda telefonasse para mim. Jess e Ronnie eram praticamente os únicos. E agora só restava Jess.

Eu estava apertando o botão de silenciar quando, de repente, houve um burburinho. Todos aqueles sugadores de sangue começaram a falar como se o cadáver tivesse se sentado ou algum famoso astro do rock houvesse entrado para dar os pêsames. Tive um ataque de nervosismo por causa de Jess e levantei os olhos, esperando ver a princesa Antanasia Dragomir Vladescu passando pela porta dupla no final da sala.

Mas Jess ainda não estava ali, e fiquei totalmente confusa, pois o astro do rock que estava fazendo todo mundo pirar e sussurrar feito maluco...

Era *meu* ex-namorado, Raniero Vladescu Lovatu.

Parado bem diante do caixão, sozinho.

De terno.

CAPÍTULO 57

Antanasia

Dorin e Ylenia só podiam ir comigo até certo ponto, depois precisavam entrar na fila para olhar Claudiu, por isso fiquei sozinha do lado de fora, diante da porta pela qual entraria no salão do funeral.

Meu coração acelerava a cada passo que eu dava na direção daquela câmara, e já estava batendo tão rápido que tive medo de que explodisse. Um coração de vampira não deveria bater tão depressa... Passei a mão na boca de novo, pois não conseguia me livrar daquele gosto amargo, acre, ainda que minha língua estivesse bem seca.

Não estou preparada... preciso de Lucius... Preciso de minha mãe para dizer que tudo vai ficar bem...

Mas isso não iria acontecer, e de repente, do outro lado da porta, ouvi as pessoas falarem inesperadamente alto. Eu não fazia ideia do que estava acontecendo, e nem tive tempo para ao menos imaginar, pois sem aviso – eu ainda não havia descoberto a deixa secreta – a porta foi aberta e eu me vi diante de uma multidão maior do que havia esperado.

É isso aí. Minha primeira aparição como princesa desde o casamento, quando Lucius estava comigo.

As conversas pararam de forma brusca quando cerca de 200 vampiros ficaram de pé em respeito não a Claudiu, mas a *mim*. Dava para sentir a curiosidade de alguns – os que ainda não tinham me visto em carne e osso – enquanto eu olhava um mar de ternos pretos e peles alvas, tentando ganhar tempo, organizar os pensamentos e encontrar rostos familiares.

Mindy, que me fez um sinal de positivo entusiasmado.

Raniero, encostado na parede do lado oposto, as mãos cruzadas e a cabeça erguida.

Ylenia, que assentiu sóbria e ligeiramente para me encorajar, e meu tio Dorin, que estava sentado junto aos Anciões.

Eu posso fazer isso – por Lucius, falei para mim mesma. Subir no pódio, pedir um minuto de silêncio, ouvir o toque dos sinos e falar.

Então vi Flaviu Vladescu, que conseguiu fazer uma careta e sorrir ao mesmo tempo, como se mal pudesse esperar para ver meu fracasso, e me deu um branco total.

CAPÍTULO 58

Mindy

Todo o universo dos vampiros olhava para Jess e foi, tipo, a primeira vez que minha ficha caiu: *Caraca. Ela é mesmo, realmente, uma PRINCESA.*

Claro, ela estava igualzinha a uma princesa no casamento, mas um monte de garotas também se assemelhava a uma. E tudo bem, ela morava em um castelo e tinha empregados. Mas foi quando aquela porta enorme se abriu e minha melhor amiga apareceu sozinha, com um vestido preto simples, e todo mundo se levantou, que entendi o que significava ser régia.

E pela primeira vez eu tive que admitir que estava cem por cento feliz por ela ser a princesa, não eu. Eu não trocaria de lugar com ela por nada naquele castelo, inclusive pelos diamantes que com certeza ela possuía, mesmo que nunca os usasse.

Também fiquei olhando para Raniero, encostado em uma parede, de terno, mais gato do que nunca, com as mãos cruzadas e o queixo erguido, como se não notasse que ainda havia vampiros espiando-o de rabo de olho também. E ao mesmo tempo que eu enfim sacava o que Jess era, também pensava: *Quem diabo todos eles pensam que Raniero é?* Porque eu não tinha entendido os sussurros, mas conhecia bem o som emitido por vampiros surtados. Era igual ao de pessoas surtadas.

Ronnie baixou a cabeça, mas notei seu olhar percorrendo o ambiente, como se estivesse caçando alguém naquela multidão, então comecei a pensar naquela foto na internet, e pela primeira vez desde que o beijara também me perguntei: *Será que eu sei mesmo quem ele é?*

Depois voltei a olhar para Jess e comecei a suar, porque ficou muito claro que ela também estava surtando.

CAPÍTULO 59

Antanasia

Sabe-se lá como, consegui subir ao púlpito em um silêncio digno do mausoléu onde já parecíamos estar.

E de algum modo me lembrei de pedir um minuto de silêncio, usando as palavras que havia decorado em romeno.

– *Vom respecta acum tacere la marca Claudiu Vladescu trecerea intr-un teren de curcubeu.*

Ouvi um burburinho logo em seguida, como se minha pronúncia tivesse sido ruim, e quando olhei para Dorin seus olhos estavam arregalados de surpresa. E Ylenia havia agarrado o braço do vampiro ao seu lado, como se eu a tivesse chocado também.

Será que falei as palavras erradas? Mas eu havia decorado o texto dado por eles. *Agora respeitaremos o silêncio para marcar a passagem de Claudiu Vladescu para o silêncio eterno.* Eu tinha certeza de que pronunciara direito, mas quando olhei ao redor ficou claro que algo tinha dado errado. Alguns vampiros estavam visivelmente lutando para não *rir*. Flaviu era um deles, a mão pálida apertando a boca e os ombros tremendo – embora estivéssemos ali para enterrar o irmão dele.

Claro que Mindy parecia tão pasma quanto eu. Ela virou as mãos para cima e moveu os lábios em mímica:

– Não entendi.

Eu queria perguntar a *alguém* o que havia feito ou, melhor ainda, fugir do salão, mas estava sozinha ali, então tudo o que pude fazer foi baixar a cabeça e me lembrar das palavras que falaria em inglês, porque jamais teria sido capaz de decorar uma homenagem fúnebre inteira em romeno.

Mas quando olhei para baixo – direto para o caixão de Claudiu –, não me importei com o fato de o discurso cuidadosamente decorado ter evaporado do meu cérebro. Porque Claudiu não estava naquele caixão de ébano.

Lucius estava, com um buraco enorme no peito.

E a última coisa de que me lembro foi de ter dado um berro tão alto que o som ecoou pelas paredes e abafou os sinos que começavam a tocar sobre o vale coberto de neve, anunciando que um vampiro nobre havia morrido.

CAPÍTULO 60

Lucius

Raniero,

Será que é a fraqueza que começo a sofrer que me faz sucumbir aos maus presságios e às tristes conjecturas, ou será que aconteceu alguma coisa com Antanasia? Sinto algo me rasgar como os sinos que dobram por Claudiu.

Talvez minha intuição sombria se deva à falta do sangue dela, o que me deixa fatigado a ponto de começar a coexistir de forma pacífica com meu colega de cela roedor, que se enrosca no mesmo pé que um dia usei para chutá-lo. Ou talvez o laço do casamento seja tamanho que consigo sentir o que ela sente...

Por favor, Raniero. Notícias.

L.

CAPÍTULO 61

Antanasia

- *Ela não está se alimentando bem. Está fraca.*

- Está exausta de tanto se preocupar com Lucius.

- Ela precisa de ar! Deem um pouco de espaço!

A escuridão que estava me esmagando começou a se dissipar e consegui reconhecer as vozes que giravam acima de minha cabeça. Dorin, preocupado com minha alimentação. Ylenia, demonstrando compaixão por causa de minha separação de Lucius. E Mindy assumindo o comando com uma voz mais autoritária do que qualquer uma que eu já havia usado em meu mandato.

- Sério! - rosnou ela quando minhas pálpebras se abriram. - Deem um pouco de espaço, caramba!

Meus amigos estavam tão afoitos para ajudar que nem notaram que eu estava acordada, ainda que grogue, até que me apoiei nos cotovelos e choraminguei:

- Lucius? Como Lucius está?

- Está bem - disse Mindy quando todos se viraram para me olhar.

Sentei-me um pouco mais ereta e ela se acomodou ao meu lado, afastando Ylenia com uma cotovelada.

- Você só teve um pequeno surto, só isso.

- Você jura que Lucius está bem?

- Juro. - Mindy parecia confusa. - Não aconteceu nada com Lucius!

Relaxeí só um pouquinho, mas minha cabeça doía e os pensamentos pareciam enevoados.

- O que aconteceu? Não me lembro de muita coisa, só de ter visto Lucius em um caixão.

Min lançou um olhar esquisito para mim.

– Jess, quem estava no caixão era Claudiu. Eu juro. Eu vi.

A névoa em meu cérebro pareceu se dissipar um pouco mais e nós nos encaramos – ambas sabíamos que não deveríamos verbalizar o que estávamos pensando. Eu havia tido uma alucinação. De novo.

Então Ylenia nos interrompeu, explicando:

– Você presidia o funeral e de repente começou a gritar, chamando Lucius. Então parece que você... desmaiou.

Dorin assentiu, confirmando a história.

– Sim, você... você disse uma coisa estranha em romeno, depois desmaiou. Foi aterrorizante!

– É, agora eu lembro. – Tudo voltou de repente, desde minha subida ao púlpito até os *risos* e o momento em que berrei, e então gritei de novo: – Ah, não!

Todos aqueles vampiros de cujos votos iríamos precisar no congresso tinham me visto surtar. Os poucos minúsculos fiapos que restavam do sonho de coroação de Lucius haviam chegado ao fim, incinerados por mim.

Lucius estava na prisão, mas eu nunca duvidara de que se – *quando* – ele fosse solto, ainda teria total confiança por parte dos parentes que o haviam visto crescer em seu papel como príncipe. Eles ainda iriam querê-lo como rei. Mas eu... Agora *já* iriam querer a mim, e nós éramos um pacote.

– O que eu disse, afinal, que fez com que eles rissem? – perguntei a Dorin e Ylenia. Não que isso importasse no momento. – Eu decorei o roteiro.

– Você não disse o que *nós* escrevemos – corrigiu Ylenia com delicadeza. – Você desejou que Claudiu fosse para uma “terra de arco-íris”, em vez de ao “silêncio eterno”. É claro que eu não escrevi isso para você.

– *Arco-íris*? – Fiquei mais confusa ainda. – Mas eu nem *sei* essa palavra em romeno.

– Como saber o que você ouviu e guardou no seu subconsciente? – Dorin se inclinou e ajeitou meu travesseiro. Parecia que ele nem conseguia me encarar, como se eu o tivesse humilhado também. – Como saber?

Também notei que Mindy estava olhando meus parentes com a mesma expressão que Lucius exibía com frequência. Uma expressão de ceticismo que chegava às raias da aversão. Mas meu erro não tinha sido culpa deles.

– Quem concluiu o funeral? – perguntei, alternando o olhar entre os três. – Como cheguei até aqui?

– Flaviu se ofereceu, o que era certo – explicou Dorin. – Ele é o sucessor de Claudiu.

– Flaviu...

Cocei a cabeça no lugar onde achava que tinha batido. *Ele tem que estar por trás do que está acontecendo com Lucius. E comigo. Mas não tenho poder para lutar contra ele. Simplesmente não tenho.*

– Como cheguei aqui? – perguntei de novo. – Alguém me *carregou*?

Como se fossem marionetes conectadas pelo mesmo fio, meus três protetores se viraram para o canto oposto do quarto e dei um pulo quando um vampiro alto e imponente, que eu nem tinha percebido estar conosco, saiu das sombras e anunciou:

– Gostaria que todos saíssem agora. Preciso falar com Antanasia. A sós.

CAPÍTULO 62

Antanasia

Quando todos saíram, Raniero parou perto de minha cama e vi diante de mim um vampiro preso entre dois mundos. Parecia que *ele* estava no limbo.

O terno havia sumido, mas não fora substituído pelo monstro do taco. Em seu lugar, ele usava uma camiseta familiar e *cara*. Além disso, também estava de calça jeans de grife, mas o cavanhaque ainda era um desastre. E seus olhos raros de um verde acinzentado... Quase pareciam tranquilos demais, como o oceano pouco antes de uma tempestade.

– Você viu o *Lucius* no caixão? – perguntou ele. – Teve alucinações?

Olhei-o de meu ninho de travesseiros e parecia que meus pensamentos estavam em um turbilhão, em um padrão tão confuso e tortuoso quanto as tatuagens dele. *Ele é um maldito vampiro natureba deturpado assassino e vegano, o melhor amigo e quase assassino de Lucius, e o segundo na linhagem do trono depois de meu marido, mas pode ser o único indivíduo capaz de nos ajudar, se não enlouquecer no processo – e não faço ideia do que devo contar a ele.*

– Eu... estou cansada demais para falar sobre isso agora – respondi, embromando. – Preciso descansar.

Raniero assentiu, e pensei que ele fosse me dizer que estava tudo bem. Que eu deveria ficar deitada um tempo. Acho que esperei compaixão porque fiquei acostumada demais a ter todo mundo oferecendo isso enquanto eu tentava em vão ser uma princesa.

Assim, fui pega completamente desprevenida quando ele disse com delicadeza, porém de modo firme:

– Sei que isso vai parecer ir contra tudo em que você acredita, Antanasia, mas se quer ser governante e salvar seu marido, que está mesmo ficando mais fraco, agora é hora de começar a lutar com o máximo de força que puder. Não há mais tempo para ser criança, reclamando de cansaço e confusão.

Enquanto eu estava ali sentada, boquiaberta – *Estou fazendo o máximo que posso. É difícil* –, ele acrescentou:

– E você precisa decidir, de uma vez por todas, se quer se aliar a mim, pois também tenho que saber se vou lutar. Estou feliz por dar sentido à minha existência, mas quero fazer isso por alguém que aprecie o sacrifício e esteja disposto a cair junto comigo se a situação chegar a esse ponto.

Então Raniero se empertigou e me aconselhou:

– E se você escolher lutar, sugiro enfaticamente que comece saindo já da cama.

De repente, enquanto o encarava, percebi que Raniero era *tudo* o que eu tinha pensado que fosse – tudo ao mesmo tempo. Era vegano e vampiro, budista e sanguessuga, pacifista e assassino. Mas estava abrindo mão de metade dessas personalidades, e depressa.

Ele havia escolhido o que seria e, ao contrário de mim, não estava remoendo o passado, desejando em vão ainda estar no ensino médio quando havia uma nação de vampiros para governar e seu melhor amigo para salvar.

Observei Raniero sair do quarto, ainda sem palavras e me perguntando como exatamente o *antigo* Raniero seria quando eu o visse em *toda* a sua glória anterior. Porque o vampiro que estava emergindo – o mesmo que havia destruído talvez dezenas de vezes e que uma vez quase tinha cravado a estaca em meu marido – era meu novo aliado.

CAPÍTULO 63

Mindy

Esperei Raniero em frente ao quarto de Jess, e não demorou muito até ele aparecer. Só que o cara que passou pela porta não parecia Ronnie. Tinha algo diferente no jeito de andar e na expressão dele.

– Raniero? – chamei. – Jess está legal?

– Sim.

A voz também parecia um pouco diferente. Tipo... mais severa.

Ele não fez menção de parar, por isso lhe agarrei a manga e ele se virou e me olhou. Será que antes eu precisava levantar a cabeça tanto assim para olhá-lo? Ou será que ele estava, tipo, ficando mesmo *mais alto*?

– Ronnie? – chamei de novo. – Tem certeza?

– Ela vai ficar bem.

Ficamos ali durante alguns segundos e tentei deduzir exatamente o que havia mudado, mas não consegui. Também fiquei pensando no jeito como todo mundo tinha surtado quando ele entrou no funeral e em como Jess havia me perguntado se ele era perigoso, por isso fiz uma pergunta que soou esquisita até para mim:

– Raniero... quem é você de verdade?

Ele demorou um tempão para responder, e por um segundo pensei que quase pareceu normal de novo. Os ombros meio que relaxaram e o olhar ficou mais brando, assim como a voz.

– Ah, Mindy Sue...

Nunca pensei que diria isso, mas fiquei aliviada ao vê-lo *não* empertigado.

– Sério, Ronnie. – Examinei o rosto dele. Sobre tudo os lindos olhos, que ainda não estavam exatamente como eu me lembrava. – Quem é você?

Ele estava escondendo alguma coisa. Ou tipo... mudando, de algum modo. Mas ainda parecia um filósofo – um filósofo triste – quando disse:

– Estou me transformando em tudo o que você sempre desejou que eu fosse, Mindy Sue. E esse é um vampiro que você não deveria querer conhecer.

Eu estava tentando decifrar *aquela* quebra-cabeça quando ele saiu andando pelo corredor, parecendo mais alto a cada passo, e de repente me lembrei do que eu queria ter perguntado de fato e gritei para ele:

– Ronnie... Você e Ylenia... O que *aconteceu*?

Ele se virou, mas não disse nada.

Não precisou. Estava escrito na cara dele, assim como estivera escrito na cara de Ylenia quando ela ficou observando-o de pé no canto – como se não conseguisse parar de olhar. Pus as mãos na barriga, porque parecia que o cara incapaz de ferir qualquer pessoa – o mesmo que tinha aquela expressão de *sinto muitíssimo* nos olhos acinzentados – havia acabado de me dar um soco no estômago.

CAPÍTULO 64

Raniero

Lucius,

Repito: fique tranquilo. Sua esposa teve mesmo dificuldade no funeral, mas se recupera. Na verdade, acho que ela vai ficar melhor do que nunca!

Durante muitos anos acreditei que não aprendera nada de bom em minha época de treinamento de violência, mas agora (com o coração relutante) vejo o valor do que gli Americani chamam de amor duro. Os sábios, que dizem que nenhuma experiência é desperdiçada, provam-se corretos de novo, sim?

Já que estamos no assunto violência, você se oporia se eu pegasse emprestado um artefato de sua coleção de armas de nossos ancestrais? Ou prefere que eu cinzele uma nova estaca?

R.

Acrescento um pós-escrito, coisa de que você tanto gosta: estou passando a usar calça, como sugeriu tantas vezes. Acho que não vai ficar chateado se eu pegar emprestado no seu armário. Talvez um dia eu possa pagar... por exemplo, com minha existência! (rsrsrs)

CAPÍTULO 65

Antanasia

*N*ão me levantei da cama de imediato quando Raniero saiu do meu quarto. Na verdade, fiquei ali por muito tempo, olhando o teto enquanto a luz ia sumindo e sombras imensas se arrastavam pelas paredes.

Raniero foi duro demais comigo. Ninguém é capaz de imaginar como é difícil ser uma estudante comum do ensino médio em um dia e no outro ser casada e líder de vampiros malignos. Eu podia mesmo perder meu marido... para sempre.

Minha parte racional dizia isso. A hábil matemática que havia em mim, que pesava e quantificava os desafios de modo lógico.

Mas eu não era mais aquela garota. Também era – sempre tinha sido – a filha de Mihaela Dragomir, uma rainha poderosa, que enfrentara a própria destruição sem medo, escrevendo uma última anotação no diário, uma que eu nunca fora capaz de terminar de ler porque começava com “*Esta é minha despedida para você*”. E eu tinha sido criada por outra mulher forte, Dara Packwood, que me dera um beijo de despedida na Romênia e seguira para encarar novos desafios, dizendo: “*Você consegue fazer isso, Antanasia. Você prometeu a Lucius que era capaz, e vai crescer para enfrentar qualquer problema que surgir.*”

Ouvi as palavras de Lucius, também, e só então as compreendi. “*O medo é o pior tipo de sepultura, pois enterra gente viva.*”

E por fim, mas não menos importante, ouvi Raniero me dizendo para sair já da cama.

Levantar... eu precisava me levantar...

Sem esperar mais, afinal já era quase meia-noite, enfim rolei para fora do colchão, vesti uma calça jeans e fui para a porta. Abrindo-a, falei para

Emilian:

– *Eṣti demis* – no mesmo tom que tinha ouvido Lucius falar tão frequentemente.

“Está dispensado.”

Não disse “por favor” nem “obrigada” e ignorei o olhar dele de surpresa e incerteza. Depois de um minuto, ele fez uma ligeira reverência e concordou.

– *Da*.

Quando desapareceu no corredor – dando uma olhadinha para trás, como se de fato não tivesse certeza se deveria ir –, retornei ao quarto, peguei meu casaco e enfi o diário de minha mãe no bolso. Depois fui para o estábulo, selei a égua que Lucius e eu havíamos montado para ir ao cemitério e parti noite afora, ignorando os lobos que uivavam na floresta.

Eu não precisava mais temer cães selvagens. Vivia com predadores muito mais perigosos em minha casa. E era hora de parar de me esconder deles e começar a *caçar*.

CAPÍTULO 66

Antanasia

O portão de ferro do cemitério se abriu com facilidade, afinal as dobradiças haviam sido usadas recentemente para o enterro de Claudiu. A trilha de rastros dos enlutados que tinham vindo do castelo continuava pela neve, levando até a sepultura dele. Mas eu não estava ali para prestar respeitos ao tio de Lucius.

Fechei o portão depois de entrar e olhei para o cemitério silencioso. O luar iluminava o mausoléu claro que eu mal conseguira olhar quando estivera ali com Lucius. Virei-me para a cripta dos Vladescu também, quase invisível contra o céu, preto contra preto. Só dava para ver o contorno da cobertura pontuda, que me lembrou da parede de estacas na *camera de miză*.

“Não há o que temer aqui.”

Ouvi mais uma vez as palavras de Lucius, aprumei os ombros e comecei a andar para a cripta dos Vladescu. Então parei e me virei, primeiro para a estrutura menor, para enfim encarar os vampiros que tinham me dado a existência que eu desperdiçara durante tantas semanas, quando deveria estar saboreando cada momento com meu marido. Algumas pessoas – e a maioria dos vampiros – jamais haviam experimentado o amor que possuíamos. Errei ao desperdiçar um segundo daquilo.

Minhas botas guinchavam na neve e o pequeno portão que lacrava a cripta rangeu quando eu o abri, usando de mais força do que o necessário. Eu meio que havia esperado que a entrada estivesse emperrada por causa da ferrugem, pois não podia imaginar ninguém indo ali. Nem mesmo Dorin, que teria calafrios naquele lugar, imaginando o próprio falecimento.

Entreí e acendi uma das três velas que repousavam em nichos nas paredes antigas, e apesar de ter imaginado que ficaria triste, e talvez até chorasse de

novo, flagrei-me sorrindo um pouco, porque alguém estivera ali havia não muito tempo.

Lucius.

CAPÍTULO 67

Antanasia

O bilhete estava enfiado embaixo de uma tigelinha com sangue – já seco –, mas pude ver o suficiente do meu nome escrito em letra familiar, forte e nítida, a ponto de perceber que a mensagem era para mim, por isso me abaixei e a peguei, desdobrando-a com os dedos rígidos de frio. O papel estava quebradiço, talvez pela exposição ao ar gélido – ou talvez porque eu tivesse esperado mais tempo para fazer a jornada do que Lucius havia estimado.

Lucius.

Estava claro que ele tinha fé de que um dia eu reuniria coragem para ficar naquele local junto a meus pais biológicos – e junto a um lugar vazio que provavelmente também estava ali, em algum ponto entre os cerca de 30 caixões dentro das paredes, esperando por mim.

Cheguei mais perto da vela e li as palavras de Lucius:

Antanasia, eu venho aqui com frequência e deixo uma taça de sangue para seus pais. É uma oferenda tradicional entre os vampiros, que demonstra reverência pelos falecidos. Dou esse presente também em gratidão – quando baixo a cabeça, agradeço a eles em silêncio por você. Gostaria de poder oferecer-lhes mais em troca do presente que me deram, mas NADA poderia pagar isso.

L.

Eu ainda estava sorrindo em meio a uma mistura estranha de felicidade genuína e tristeza profunda quando enfiei o bilhete no bolso e enfim examinei as paredes de mármore, procurando o nome de meus pais.

Mihaela Dragomir e Ladislau Dragomir.

E, quando finalmente os encontrei, gravados em letras simples, baixei a cabeça e apenas me permiti *sentir* por um minuto. Deixei tudo aquilo me inundar, inclusive as coisas que eu vinha tentando evitar – todo o medo, o sofrimento e a saudade de casa – e o orgulho que eu sentia de meus pais também. Quando levantei o rosto de novo, foi como se a conexão que vinha crescendo entre mim e minha mãe biológica estivesse selada. Enquanto estava ali, pela primeira vez me dei conta de que os *amava*. Eu admirava meus pais e sentia um temor respeitoso por minha mãe, e era grata a eles por terem salvado minha vida, mas não os havia *amado* de fato até então.

E de repente entendi por que Lucius visitava um cemitério, e o que ele sentia quando estava ali.

Minha família está aqui. Foi aqui que comecei e é aqui que provavelmente terminarei, e é o meu lugar.

Tirei o diário de minha mãe do bolso, voltei a me aproximar da vela e enfim li a última anotação. Era surpreendentemente curta e dizia apenas:

“É hora de me despedir de você, Antanasia. Quero que saiba que estou preparada e em paz. E se você leu até aqui... então também está preparada.”

Notei que ela não disse para que eu estaria preparada. Eu tinha quase certeza de que ela se referia a *tudo*. Desde me casar com Lucius até comandar os clãs e enfrentar o destino que levou a mim e a minha mãe àquele lugar em uma noite de nevasca, quase 19 anos depois de sua destruição.

Após fechar o diário pela última vez, enfiei-o em uma fenda do mármore que separava os caixões de meus pais. Aquela era minha oferenda particular a eles. Era meu jeito de dizer: *“Estou preparada.”*

Então segui para o cemitério e fechei o portão do mausoléu. Parada na neve, hesitei mais uma vez, depois dei um passo em direção à cripta cuja fachada escura e pontuda continha uma palavra gravada, apropriadamente serrilhada. VLADESCU. No entanto, algo me fez parar, e em vez de seguir em frente fui até a égua trêmula, montei na sela e virei para casa a fim de iniciar a difícil tarefa de salvar Lucius.

Mas quando bati os calcanhares nos flancos do animal, nós duas paramos bruscamente – porque alguém havia segurado as rédeas. Eu meio que sabia que ele havia estado comigo o tempo todo.

CAPÍTULO 68

Mindy

Fiquei deitada em minha cama enorme com o laptop que tinha pegado emprestado no escritório de Jess, tentando demonstrar interesse em navegar na loja Zappos, mas não conseguia me importar com sapatos nem com o que tinha pedido à cozinha através de um simples telefonema, apertando botões e dizendo “sorvete” até *alguém* conseguir me compreender.

Jess estava certa. Aquele castelo era medonho. Eu estava cercada de coisas fantásticas, mas aquilo não fazia com que me sentisse melhor. Eu iria para casa se ela não precisasse tanto de mim – e se minha mãe não quisesse me matar.

Enfiei a colher de prata na boca, mas quase não senti o gosto do Häagen-Dazs, porque como é que eu poderia me importar em comer – mesmo que fosse sorvete de chocolate?

Só pela expressão de Ronnie, e pelo modo como ele *não* dissera nada, eu tinha quase certeza de que ele havia mordido Ylenia Dragomir. Que havia feito com ela algo que nem ao menos se *oferecia* para fazer comigo.

Eu sabia que deveria odiá-lo. Mas não odiava.

Eu *amava* aquele vampiro italiano idiota e sem ambição. Não conseguia *parar* de amar.

Era ELA que eu odiava. Havia alguma coisa errada na garota, desde os óculos de nerd até os sapatos pesados, e ela *havia* feito alguma coisa com ele. Eu sabia.

Com um enorme suspiro frustrado, larguei o laptop e peguei a revista *Cosmo*, afinal não podia fazer nada naquela noite – nem por mim, nem por Jess, nem por Ronnie ou Lucius –, a não ser, talvez, ler nossos horóscopos para ver se havia uma notícia boa para *alguém* no futuro.

Mas antes que eu pudesse chegar aos astros, a matéria principal na seção “Segredos & Conselhos” me fez congelar. Eu tinha me esquecido por completo de que a matéria estava ali, mas quando a notei, li como se cada palavra fosse um teste. Deve ter sido a leitura mais rápida que já fiz, e quando terminei fechei a revista com força e repeti o título em voz alta:

“Mantenha as amigas por perto, e as INIMIGAS mais perto ainda.”

Eu me lembraria disso. E sabia que nunca me esqueceria das últimas frases – mesmo nem tendo tentado decorar.

“Quem sabe? Manter sua inimiga por perto pode lhe render uma nova amiga sincera. Talvez ela não seja tão má quanto você pensava. E se ela for do tipo que esfaqueia pelas costas, pelo menos você vai ficar sabendo de todos os segredos dela.”

Tomei mais uma enorme colherada de sorvete, pensando que a *Cosmo* sempre dava bons conselhos.

Era uma atitude horrível, e eu odiei fazer aquilo, mas peguei o computador de novo e abri o e-mail de Jess, onde, claro, havia mensagens para sua nova melhor amiga, Ylenia – que, a meu ver, *não* deveria estar usando o login Dragomir1. Ela era, tipo, a número dois – na melhor das hipóteses.

E, mesmo precisando fazer um baita esforço para ser simpática, digitei:

“Oi, Ylenia, aqui é Mindy, usando o e-mail de Jess. Estou muito entediada, afinal Jess está ocupada, dããã, e ela disse que você é a melhor guia de turismo da Romênia, então que tal a gente dar uma volta? Sua amiga também – Min.”

Eu tinha consciência de que era a coisa certa a fazer – precisava saber se só estava com ciúme ou se Ylenia era mesmo uma sanguessuga/*traidora* –, mas, mesmo assim, quase vomitei o chocolate holandês caríssimo que estava dentro de mim quando apertei a tecla para mandar a mensagem.

CAPÍTULO 69

Antanasia

– *Eu ia procurar você* – falei para Raniero, que segurou as rédeas enquanto eu desmontava da égua. – Mas tive a sensação de que você estava perto.

– Sim, eu a segui. – O olhar dele estava fixo no cemitério e ele parecia mais tenso do que eu por estar ali. – Esperei você no portão.

Será que *Raniero* temia que seu destino estivesse entre o muro de pedras? Uns bons instantes se passaram antes de ele afastar o olhar do cemitério para encontrar o meu, sob o luar.

– Por que *você* iria *me* procurar?

Provavelmente era estranho ele não ter perguntado primeiro por que eu tinha ido sozinha a um cemitério à noite, mas talvez ele soubesse o que eu estava fazendo. Como *eu* estava mudando. Não pareceu surpreso quando falei:

– Quero que sejamos parceiros, e, se acontecer algum tipo de batalha, seja em um tribunal ou com estacas, estarei ao seu lado e jamais vou fugir. – Olhei no fundo dos olhos dele, que eram tão complexos quanto os de Lucius e guardavam ainda mais dor. – Fiz os votos a Lucius há alguns meses, mas na ocasião não entendi de fato o que eles significavam. Garanto, porém, que agora entendo.

O sujeito que estava bem certo de que eu pedia – ordenava – que ele sacrificasse a existência para salvar meu marido me examinou por um longo tempo, como se imaginando se eu iria voltar para a cama em algum momento. Então ele assentiu e declarou:

– Claro que vou ajudar você e o irmão que demonstrou tanta clemência para comigo. É uma honra.

Naquela hora eu soube que enfim tinha feito alguma coisa certa. Havia conquistado o respeito de um vampiro que eu também respeitava.

Mas ainda não era tão corajosa quanto Raniero, ou tão corajosa como Lucius poderia ter sido, porque quando Raniero perguntou se eu pretendia marcar a data do julgamento, respondi imediatamente:

– Não. Ainda não. Ainda não há provas para salvá-lo. – Continuei a encará-lo para ele perceber que eu não estava mais acovardada, mesmo que ainda não estivesse cem por cento segura. – Mas vou conseguir alguma prova.

Eu tinha quase certeza de que Raniero teria arriscado e marcado uma data imediatamente, mas o amor que ele sentia por Lucius, por mais que fosse forte, não chegava nem perto do meu, e eu não me arriscaria. Ainda não. Até ter alguma prova da inocência de Lucius, era melhor continuar correndo o risco do *luat* do que condená-lo à destruição certa e imediata. Saber que sua existência acabaria, sem esperança de jamais vê-lo de novo, tocá-lo...

– Não – repeti. – Por enquanto não vou marcar a data.

– Claro. – Raniero me entregou as rédeas e quando começamos a adentrar na floresta escura dos Cárpatos, lado a lado, ele perguntou: – Então, como quer agir, princesa?

– Preciso de um mapa do castelo. Não posso ficar me perdendo na minha própria casa.

– Posso providenciar isso – garantiu ele. – Sou bom com mapas. Posso desenhar a propriedade de cor, inclusive lugares que você nem sabe que existem.

Não fiquei surpresa ao ouvir aquilo. Lucius havia me garantido que Raniero tinha muitos talentos ocultos, os quais seriam úteis.

– O que mais você deseja? – perguntou ele, me olhando.

O surfista praticamente tinha desaparecido, mas de algum modo eu me sentia mais à vontade com o guerreiro que vinha emergindo. Eu o compreendia – porque compreendia Lucius. E então tomei mais uma decisão. Se eu iria mesmo confiar nele, então precisava confiar por completo.

– Quero que me ensine a usar uma estaca. Lucius ia fazer isso, antes de ser preso.

As árvores haviam se fechado ao redor de nós, escondendo o luar, mas acho que vislumbrei dentes brancos, como se Raniero estivesse sorrindo no escuro. Eu esperava que fosse um sorriso de aprovação pelo modo como eu estava enfim me comportando, e não expectativa pela perspectiva de tocar uma arma que com certeza ele não usava havia dois anos.

CAPÍTULO 70

Lucius

R.,

Acordei do que parece ser um cochilo interminável para perguntar se há alguma novidade acima do subsolo desde o funeral... ocorrido há quantos dias? Dois? Três? Perdi a noção. Antanasia ainda está em segurança? Porque começo a ter sonhos terríveis que muitas vezes acabam de maneiras que não suporto colocar no papel.

Nunca passei tanto tempo sem beber, e meus pensamentos quando acordo ficam apreensivos por conta da sede por minha esposa em muitos sentidos... Descubro que sou incapaz até mesmo de pensar em planos e estratégias e só consigo me concentrar na pergunta: haverá um julgamento? A data foi marcada?

Lamento por não ser capaz de ajudar mais.

L.

P.S.: Obrigo-me a manter a sensatez e lembro-me de que também gostaria de ter notícias de meu estimado “contraparente” Dorin. Sei que deveria agradecer a ele por trazer Antanasia de volta para meu lado, no entanto, não posso perdoar seu instinto tóxico e infeccioso de autopreservação, que temo influenciar demais minha esposa, causando – ironicamente – perigo a ela.

Aí vai uma para seus livros de filosofia, irmão: haverá algo mais perigoso do que o desejo de viver livre do perigo?

Você vai rir da minha tentativa de ser profundo – ou coçar a cabeça, como se eu já estivesse falando coisas sem sentido.

CAPÍTULO 71

Mindy

Eu estava sentada na sala de jantar na hora do café da manhã, esperando comer um pedaço de pão sozinha, porque Jess tinha sumido desde o desastre no funeral. Ela havia mandado sua pequena serviçal me procurar naquela manhã, depois da confusão, com um bilhete pedindo que eu fosse paciente enquanto ela ficaria ocupada durante alguns dias, resolvendo coisas.

Fiquei meio com medo de Jess estar escondida no quarto e talvez nunca mais sair. Por isso quase levei um susto quando a porta se abriu e a princesa Antanasia entrou – parecendo melhor do que durante todo o tempo que eu já havia passado na Romênia.

Tinha feito alguma coisa no cabelo, vestido uma bela calça jeans de lavagem escura e um suéter que não a fazia parecer desesperada para ser uma princesa, mas era correto para uma governante adolescente. Não lembrava a garota que costumava andar comigo na Pensilvânia, mas também não parecia tão arrasada como antes.

– Nossa, Jess. – Larguei meu pão pela metade. – Você está melhor hoje!

Como sempre, quando eu abria a boca, falava a coisa errada. Mas, como sempre também, Jess não ficou nem um pouco ofendida.

– Obrigada. – Ela sentou-se e pegou um pedaço de pão. – Estou me sentindo melhor.

Fiquei feliz por vê-la comer, mas eu... ainda não sentia fome. E voltei a ficar enjoada quando a porta se abriu mais uma vez e Ylenia entrou. Para mim, ela ainda parecia uma imitação pálida e crespa de Jess, e eu não entendia como o Ronnie poderia ter sido capaz de...

– Oi. – Jess pareceu surpresa ao ver a prima. – Eu não esperava você, e infelizmente estou ocupada.

– Tudo bem – retrucou Ylenia com sua voz falsa. – Mindy e eu vamos a Bucareste. – Ela franziu a testa um pouco. – A não ser que você precise de minha ajuda com alguma coisa.

– Não, estou bem. – Jess passou uma tonelada de manteiga em seu pão. – Divirtam-se, vocês duas.

Levantei-me, peguei minha bolsa e fiz o máximo esforço para sorrir, esperando que o sorriso saísse melhor do que meu estado de espírito. Eu tinha um monte de coisas falsificadas, desde bolsas Gucci até sapatos Manolo Blahnik, mas nunca fui muito boa em bancar a falsa.

– Certo, então vamos indo.

Jess pareceu feliz de verdade porque íamos fazer algo juntas, e eu tentei me concentrar nisso. Pelo menos eu a estava deixando um tiquinho mais animada.

– Vejo vocês mais tarde – disse ela.

– É, mais tarde.

Acompanhei Ylenia para fora da sala, pensando: *Vamos logo com isso*. Toda vez que eu a olhava, via Raniero curvando-se sobre ela, os dentes mudando, e sentia vontade de gritar. Já era ruim o suficiente quando eu só achava que ela estava roubando minha melhor amiga.

Parei. *Está com ciúme, Min? É por isso mesmo que você a odeia?*

A porta estava se fechando atrás de mim, mas no último segundo ouvi Jess dando uma ordem a um empregado:

– *Ceaiul, te rog.*

Era uma das primeiras vezes que eu a ouvia falar em romeno – sem contar sabe-se lá o que ela disse no funeral –, e aquilo me fez lembrar de uma coisa, então entrei na sala de novo, enfiando a mão na bolsa.

– Ei! – falei, pegando o presente que tinha comprado na Amazon. Entreguei-o a ela. – Esqueci de lhe dar isso. Espero que goste!

– Ah... obrigada.

Jess pareceu surpresa de novo. Não esperei até ela rasgar o papel, mas olhei para trás brevemente e a flagrei sorrindo ao ver seu novo exemplar de *Fluente em cinco minutos – Romeno*.

Então saí e encontrei minha guia de turismo esperando, e me obriguei a entrelaçar meu braço ao dela, que era frio e pequeno, como se de fato fôssemos amigas.

– Venha, Yleni – falei. – Vamos ver o que você reservou para nós.

CAPÍTULO 72

Antanasia

Continuei a enfiar pão e chá goela abaixo, sabendo que precisava comer, e fiquei folheando o livro de exercícios que vinha com o DVD de romeno que Mindy tinha me dado.

A boa e velha Mindy. Sempre sabia do que eu precisava. E fiquei feliz porque ela e Ylenia estavam tentando ser amigas. Para mim, seria importante que se dessem bem.

Virei outra página do livro, surpresa ao ver que tantas palavras nos diálogos pareciam familiares. Eu nunca tinha tentado mais do que captar expressões ao ouvir Lucius e os outros falando, mas quando vi as palavras escritas, percebi que muitas delas estavam enraizadas no latim que minha mãe havia me obrigado a estudar na adolescência a fim de me preparar para o vestibular que acabei nunca fazendo, afinal troquei a faculdade pelo governo dos vampiros.

Mesmo assim, como sempre, a previsão das minhas mães continuava me ajudando. Eu *precisava* aprender romeno.

Será que eu tinha sido não apenas covarde, mas também um pouco... preguiçosa?

– *Scuzați-mă?*

As palavras exatas que eu estava lendo em “Diálogos 3: Expressões educadas” foram ditas atrás de mim, então olhei e vi a empregada que em geral trazia o chá me oferecendo algo diferente na bandeja de prata.

– *Aceasta este...?* – Fiz um esforço para perguntar o que ela estava me dando. – *Isso é...?*

– *De La Lordul Raniero Lovatu.*

Tive quase certeza de que ela dissera “Do *lorde* Raniero”. Eu tinha ouvido pessoas se dirigindo a ele assim em meu casamento, e na ocasião ri do que considerei uma cortesia exageradamente formal. Mas não tinha mais graça.

Enquanto pegava alguns papéis enrolados como um pergaminho na bandeja, olhei para meu livro, lembrando-me do que responder:

– *Vă mulțumesc*. Obrigada.

A serviçal fez uma reverência e recuou, deixando-me a sós. Empurrei o prato, tirei o elástico dos papéis e os desenrolei. E quando vi os desenhos, percebi que Raniero tinha dito a verdade. Ele era *muito* bom com mapas.

Até mesmo se lembrara de incluir uma planta detalhada de algo escondido no castelo. Eu tinha me esquecido de que aquilo existia, mas resolvi começar a fazer uso dele naquela mesma noite.

CAPÍTULO 73

Mindy

Sinceramente, eu estava começando a me preocupar pensando que talvez não gostasse de Ylenia Dragomir porque ela possuía um milhão de coisas em comum com Jess, tipo morar na Romênia, parecer inteligente e ser *vampira*, por isso devia fazer sentido que no decorrer de, sei lá, 200 anos – muito tempo depois de minha morte – elas se tornassem as duas melhores amigas do mundo, e Jess nem mesmo se lembrasse mais de mim. E talvez eu odiasse Ylenia porque ela possuía algum tipo de passado com Raniero.

De fato, comecei a achar que talvez houvesse algo de errado *comigo* enquanto percorríamos Bucareste – em um carro tão pequeno que eu meio que esperava que um bando de palhaços pulasse do porta-malas toda vez que parávamos diante de outro museu ou parque superchato.

Aquele carro – que pelo jeito Dorin usara para buscar Jess quando ela chegara à Romênia, o qual sem dúvida a fizera começar a *não* se sentir uma princesa – era um horror, mas Ylenia... Eu tinha que admitir: ela parecia legal.

Até que paramos diante de um prédio que parecia a Casa Branca, caso alguém tivesse jogado um bolo de casamento gigantesco no telhado, e ela começou a fazer seu discurso de guia. Era um prédio sem graça onde aconteciam coisas entediantes, mas quando saímos eu soube que enfim havia visto algo interessante.

Tinha tido um vislumbre da *verdadeira* Ylenia Dragomir – e eu não era a única ciumenta naquele carro de palhaços.

CAPÍTULO 74

Mindy

O *Ateneu romeno* não era o lugar onde o presidente da Romênia morava. Na verdade, era um grande teatro, e eu acompanhei Ylenia e um grupo de turistas – suficientemente loucos para visitar Bucareste no inverno – rumo à parte principal onde ficavam as poltronas.

– Isso é bem bonito – falei, olhando ao redor. – Tipo uau.

– É. É “uau” mesmo. – Ylenia também olhava, boquiaberta, como se nunca tivesse visto aquele lugar, embora eu soubesse que tinha, sim. – É considerado o prédio mais bonito da cidade. – Ela apontou para o teto. – Veja esses tons intensos de vermelho, como sangue, e as folhas de ouro. E, quando este lugar é preenchido pelos sons da orquestra, e por pessoas e vampiros usando suas melhores roupas... É simplesmente incrível vir aqui em uma noite de verão, mesmo que você só esteja nas poltronas mais baratas, olhando lá de trás.

Não era possível ir a lugar algum sem ouvir um vampiro falar de sangue, por isso aquilo não me soou estranho. Esquisito foi o modo como ela ficou muito sonhadora e meio desligada, por isso nós duas continuamos olhando tudo – até muito depois de eu já estar pronta para ir embora. Era um lugar chique e bonito, mas eu estava ficando deprimida, pois mesmo que não quisesse odiar minha nova amiga falsa, continuava odiando, e queria voltar para o castelo de Jess. Eu não estava descobrindo nada a respeito de Ylenia, só aprendendo a história do comunismo.

Talvez pela primeira vez a revista *Cosmo* estivesse errada. Talvez sair com uma amiga falsa só fizesse a cabeça – e o coração – da gente doer.

Eu já ia dar um tapinha no braço dela, porque ela parecia perdida *de verdade*, quando de repente Ylenia apontou para algumas poltronas no

segundo andar – o tipo de poltronas de camarote, onde os ricos ficam – e disse bem baixinho, mas de um jeito que quase me fez sair de mim de tanto susto.

– Foi ali que vi Lucius... e Raniero pela primeira vez.

Por que eu havia duvidado da *Cosmo*?

CAPÍTULO 75

Antanasia

Parei diante do enorme espelho pendurado na parede do meu quarto de vestir – mas não olhei a jovem pálida refletida ali.

Em vez disso, levei a mão ao canto superior direito da moldura de madeira pesada e tateei às cegas.

Lucius havia me mostrado a porta escondida quando tínhamos nos casado, e falou dela fazia pouco tempo, quando achou que eu pudesse estar em perigo. “*Você sabe aonde ir.*” Mas eu não tinha entendido o que ele queria dizer. Havia me esquecido daquela porta até Raniero desenhar o mapa – e incluir a rede de túneis que Lucius garantira existir atrás das paredes.

– Claro que temos um elaborado sistema de fuga, escondido dentro das pedras – dissera ele, guiando minha mão para a tranca. Somos vampiros, e pelo jeito nunca aplacamos a sede de criar subterfúgios. – Encontrei os olhos dele refletidos no espelho, e ele sorriu. – Não que eu fosse fugir do perigo!

Só estávamos casados havia alguns dias, e tudo era tão perfeito que nem mesmo a menção a emergências me impedia de sorrir. Não quando estávamos sozinhos, as mãos se tocando, o corpo forte de meu marido às minhas costas...

– E eu? Fujo?

Mesmo nos nossos bem-aventurados primeiros dias juntos, Lucius entendia, claro, os riscos que enfrentávamos, então a mão dele congelou ao redor da minha enquanto ele pensava na resposta.

– Não sei. Em tese as princesas não fogem. Mas se você estivesse correndo perigo de verdade, não consigo me imaginar não obrigando você a fugir para a segurança. – Ele fez uma pausa, os olhos se abrandando, e acrescentou: –

E, caso tenhamos a sorte de ter filhos, eu a obrigaria a protegê-los e permaneceria atrás. Assim como nossos pais, que nos protegeram à custa da própria existência.

Eu ainda me sentia jovem demais para pensar em bebês, mas Lucius sempre raciocinava em termos de família, e havia algo na menção dele – pela segunda vez desde nossa breve vida de casados – de que poderíamos ter filhos juntos que me fez...

Senti uma onda intensa de emoção por meu novo marido, que seria um pai incrível, então me virei e o beijei... e talvez por isso agora eu não estivesse conseguindo encontrar a tranca com meus dedos desajeitados. Nós nunca concluímos aquela lição.

– Vamos lá – murmurei, ficando impaciente e enfiando os dedos embaixo da moldura de madeira com mais força. Parecia impossível que o espelho, feito para refletir reis e rainhas totalmente aparatados, fosse sair do lugar um dia. Mas aí encontrei. Um pequeno calombo de metal, como um botão. Apertei-o e aquele espelho enorme se soltou da parede tão depressa que quase gritei, pois tive certeza de que ele ia cair e me esmagar. Devia pesar mais de 50 quilos.

Mas ele não caiu. Só girou alguns centímetros nas dobradiças invisíveis, revelando uma passagem escura. Exatamente como Lucius e o mapa de Raniero haviam prometido.

Espiando aquele túnel escuro e mofado, cheio de poeira e teias de aranha, quase mudei de ideia. Afinal de contas, eu estava começando a controlar Emilian com mais destreza e poderia dispensá-lo se quisesse ir sozinha a algum lugar.

Mas a nova princesa que emergia dentro de mim... ela nem tinha mais certeza se confiava em seu guarda. Eu queria ser capaz de usar aquelas passagens quando desejasse me movimentar em segredo absoluto. Do mesmo jeito que fiz naquela noite.

E assim, com a rota que eu havia memorizado a partir do mapa de Raniero e uma lanterna na mão, passei pelo espelho. Inspirando o ar rançoso, girei-o e fechei-o, mesmo não tendo certeza se a tranca poderia ser aberta por

dentro – ou se a saída do outro lado não tinha sido lacrada há gerações conforme o castelo evoluía. Pelo que eu sabia, Raniero nunca pusera os pés dentro daquelas passagens e só as conhecia pelas lendas.

Olhando por cima do ombro, pensei em testar se eu seria capaz de retornar por ali – depois resolvi que não ia começar aquela jornada com um recuo.

Eu estava *farta* de recuar.

CAPÍTULO 76

Mindy

- Raniero?

Bati na porta com delicadeza, pois já estava tarde quando eu e Ylenia voltamos de Bucareste. Mas eu não podia esperar até de manhã para falar com ele. *Precisava* saber o que tinha acontecido entre meu ex-namorado e a prima de Jess, mesmo que isso me matasse.

A voz de Ylenia falando sobre Lucius e Raniero ainda ecoava na minha cabeça, bem como o jeito como ela os havia olhado das poltronas baratas, babando por eles – e odiando-os ao mesmo tempo.

– Todas as cabeças se viravam para olhar Lucius, com seus cabelos negros e olhos escuros arrogantes, e Raniero, com a pele morena e o sorriso que fazia as debutantes tremerem, porque todo mundo sabia que ele era tão cruel... Eles pareciam governar não somente o reino dos vampiros, mas o mundo, e dava para ouvir todo mundo sussurrando: “Vladescu... Vladescu...” – contara ela.

Eu não queria, mas tive que perguntar:

– Você, tipo, chegou a andar com eles?

Ylenia deu um sorriso arrepiante que disse demais sobre ela, Lucius e Raniero. E Jess.

– Ah, não! Isso foi antes de os Vladescu se apaixonarem pelos Dragomir... na época em que até uma Dragomir europeia educada não passava de poeira sob os pés deles.

Ah, ela praticamente estava fervendo de ciúme ao pensar que uma americana criada em uma fazenda tinha aparecido e ganhado o coração do príncipe...

– Raniero?

Ele continuou sem ouvir, por isso bati mais alto, porque de repente pareceu esquisito – mais esquisito ainda do que alguém usar a palavra “cruel” para descrever o sorriso dele – que Ronnie tivesse fechado a porta. Ele nunca fazia isso. Segundo ele, nem havia uma porta em sua cabana de praia. Só uma velha cortina de chuveiro.

Girei a maçaneta, que chacoalhou mas não cedeu. E Ronnie *nunca* trancava nada. Quase desejava que as pessoas roubassem suas coisas.

De repente eu não estava só perturbada, mas também preocupada com ele, e remexi na bolsa até encontrar uma lixa de unha, que enfiei na fechadura antiga tal como tinha visto em um milhão de seriados de TV quando deveria estar estudando.

Mas pela primeira vez a TV foi valiosa. Ou talvez a tranca estivesse tão velha que fosse fácil de ser arrombada. Parecia da época do Renascimento ou coisa parecida.

De qualquer modo, a porta se abriu depois de umas cinco cutucadas, e um segundo depois eu tinha entrado no quarto. Estava escuro ali dentro, e a princípio não me movimenter porque o cômodo... tinha o cheiro de Ronnie. Tipo o Ronnie *surfista*, que de algum modo mantivera o cheiro da praia mesmo morando na Pensilvânia. A pele e os cabelos sempre cheiravam a coco, água salgada e... sol. Era ridículo, mas, para mim, a criatura da noite que eu amava cheirava mesmo a sol.

Eu sabia que estava bancando a invasora, mas fui até a cama dele, com a intenção de apenas cheirar seu travesseiro. Só por um segundo.

Mas algo me fez parar. Alguma coisa no chão se embolou nos meus pés, e de repente eu estava agachada e tentando não gritar, porque fui espetada quando caí. Não entendi que diabo aconteceu, por isso comecei a tatear – e era como se eu estivesse sentada em uma pilha de *poeira*.

Funguei e senti cheiro de uma coisa diferente também. Tipo... *madeira*.

O piso do quarto de Ronnie tinha o mesmo cheiro da oficina de marcenaria da Escola Woodrow Wilson.

Tateei mais um pouco e meus dedos tocaram aquela coisa afiada. Um *monte* de coisas afiadas.

Batendo no piso, tentei contá-las. *Uma, duas, três, quatro, cinco...*

Sentindo enjoo, desisti de contar, peguei só uma e falei alto, para ninguém:

– Raniero Vladescu Lovatu, por que raios você está esculpindo todas essas *estacas*?

E por que alguém disse que você é cruel?

CAPÍTULO 77

Antanasia

Até onde eu via, os túneis batiam mesmo com o mapa desenhado por Raniero, o que era reconfortante. Mas mesmo assim era difícil não ficar inquieta enquanto eu seguia a rota que memorizara, penetrando cada vez mais no coração do que parecia um verdadeiro labirinto saído direto da mitologia. Tropecei algumas vezes no piso irregular e tentei manter aquele meu lado matemático concentrado para contar os pequenos desvios do caminho principal.

Eu precisava encontrar a 13^a ramificação minúscula à esquerda. Isso me levaria aonde eu desejava ir.

– Não tenha medo – falei quando minha lanterna piscou como se as pilhas estivessem acabando. – Não tenha medo.

Agora aquilo seria um mantra. Eu iria cantarolá-lo se precisasse.

Mas era quase impossível não ficar nervosa enquanto o teto se tornava mais baixo e o facho da lanterna ia enfraquecendo. Eu devia ter andado mais de um quilômetro e parecia estar penetrando direto na montanha.

Será possível? Não, claro que não.

Então, no instante em que a lanterna tremeluziu de novo e se apagou, mergulhando-me no negrume, encontrei a 13^a saída do caminho principal. Recusando-me a hesitar – porque o caminho era apertado feito uma sepultura, de modo que meus ombros roçavam as paredes –, me espremi no escuro. Sete passos depois, senti a coisa que eu *havia* temido.

Um beco sem saída.

Mas quando estendi a mão e tateei, já muito perto do pânico claustrofóbico, não senti pedra, e sim madeira sob os dedos. Madeira úmida

porém lisa.

Embora eu soubesse que provavelmente havia algum mecanismo escondido para liberar a porta, eu precisava sair dali, por isso empurrei com força – e quase tropecei, pois ela cedeu sem o mínimo esforço.

Talvez porque Raniero a tivesse aberto pelo outro lado e estivesse me aguardando – junto com uma caixa de estacas recém-esculpidas.

CAPÍTULO 78

Antanasia

A *camera de miză* – a sala das estacas – parecia deixar Raniero tão desconfortável quanto a passagem estreita havia me deixado. Ele caminhava de um lado para outro enquanto eu acendia as duas velas, pois ele estivera me aguardando no escuro, e quando a luz surgiu eu o vi espiar ao redor, cauteloso... sem ao menos chegar perto de olhar a própria estaca dentro do vidro.

Ele odeia estar aqui. Odeia estar na presença de todas estas armas e da própria estaca.

– Este lugar não foi uma boa escolha para nosso encontro – falei. – Escolhi aqui porque é onde Lucius guarda a estaca dele, mas você está incomodado.

– Não. Estou bem.

Mas ele continuou andando como um leão desesperado para sair da jaula.

– Deveríamos ir para outro lugar – sugeri. Olhei a caixa de estacas aparentemente recém-esculpidas. Ele a havia colocado na mesa junto à arma de Lucius, que havia sido devolvida ao lugar de sempre depois de sua prisão.

– Sobretudo porque acho que não precisamos da estaca de Lucius.

Raniero diminuiu o passo e me encarou, falando com mais calma:

– Desculpe por eu estar agitado. Eu peço para você ser corajosa e depois ajo feito um covarde. – Ele respirou fundo. – Vamos ficar aqui, Antanasia.

Observei o rosto dele, tentando avaliar se era mesmo uma boa ideia. Toda vez que eu o via ele se assemelhava menos ao surfista que eu conhecera. Não se encurvava mais, o sorriso pacífico havia sumido e as bermudas e camisetas com logotipos tinham desaparecido. Pelo jeito ele atacara o armário de Lucius à vontade, e estava diante de mim usando uma das muitas calças jeans de marca de meu marido e uma camisa cinza que

combinava com seus olhos, que nunca mais aparentaram ser verdes. Mas, quando fitei aqueles olhos, não vi nada que me aterrorizasse. Vi um vampiro poderoso e perigoso como Lucius, mas não alguém a ponto de morder. Pelo menos não por enquanto.

Talvez por isso eu tivesse me arriscado e pressionado um pouco, tal qual ele havia feito comigo. Chegando até a caixa de vidro, falei:

– Raniero, antes de prosseguirmos, acho que você deveria me contar por que sua estaca está em uma caixa de vidro, como um artefato precioso ou um vírus que precise ser isolado. E também quero ouvir a história do dia em que você quase destruiu Lucius.

Quando falei aquilo e ele enfim olhou para a caixa, vi algo amedrontador brilhar em seus olhos – mas ele se controlou e concordou.

– Você está certa, Antanasia. Acho que é hora de saber toda a verdade sobre o vampiro que está com você e muito perto da arma que faz *dele* o próximo futuro rei.

CAPÍTULO 79

Antanasia

Raniero não começou a história de imediato. Passou alguns instantes olhando para a própria estaca ensanguentada, como se estivesse se acostumando a vê-la de novo.

– O que é, Raniero? – instiguei baixinho. – É um relicário ou uma contenção?

– Na verdade, acho que é as duas coisas – disse ele. – Os Anciões removeram a estaca de minha posse, como é costume para os condenados como *blestemată*, mas foi Lucius quem optou por dar a ela esse lugar especial. – Ele passou um dedo tatuado com o símbolo da paz sobre a caixa de vidro. – Embora eu esperasse jamais tocar nisso de novo, Lucius acredita que ela me aguarda e que é diferente das outras, não porque tenha causado talvez mais destruição do que qualquer outra aqui, mas porque o dono ainda está neste mundo. E Lucius acredita que vai continuar assim por muito tempo.

Então ele levantou a cabeça e vi aquela sombra familiar de dor. Dor dos Vladescu. Mas apesar de os olhos dele estarem tempestuosos, as emoções continuavam sob controle.

– Acho que Lucius também quer fixar na memória o dia em que *ele* chegou mais perto da destruição – comentou.

Era difícil ouvir aquelas palavras, e precisei me lembrar de que a história havia tido um final feliz.

– O que aconteceu?

Raniero passou a mão pelos longos cabelos, obviamente incomodado ao contar aquilo.

– Um dia Lucius e eu estávamos treinando nas masmorras... Nossa parceria de combate chegava ao fim e nós travávamos a disputa de forma violenta, equiparados. Havia muito sangue, porque estávamos ficando mais fortes. Não éramos mais garotos, e sim homens. – Ele deu um sorriso torto. – Acho que éramos homens havia muito tempo e nem sabíamos.

Saber que a história terminava com Lucius vivo não impediu que minha boca ficasse meio seca.

– E...?

– Nós fazemos uma pausa – disse ele, escorregando para o verbo no tempo presente, como se as lembranças fossem nítidas demais para serem contidas no passado. – E os que supervisionam a luta, Claudiu e Flaviu, nos puxam de lado e dizem, como sempre, que estamos fazendo tudo errado.

Ele coçou a nuca com força e eu me perguntei se tinha cometido um erro ao pedir para ouvir aquela história. Mas era tarde demais para recuar. Era como se ele estivesse dando os primeiros passos rumo a um mausoléu ou túnel escuro, tal qual eu tinha acabado de fazer. Encarando coisas que Lucius também se achava capaz de enfrentar.

– É Claudiu que fala comigo – continuou ele. A boca assumiu uma expressão triste e os olhos ficaram duros como pedra. – Ele me diz que Lucius é o vitorioso naquele dia. Que lamenta terem se dado ao trabalho de me tirar de meu amado lar em Tropea e desperdiçado grandes esforços para me tornar um guerreiro.

– Deve ter sido horrível – observei, demonstrando compaixão. – Ouvir que a perda de sua infância foi em vão...

– Sim – concordou ele. – E então, quando estou com muita raiva, Claudiu sussurra ao meu ouvido: “Por que você não se prova agora? Derrube o príncipe, ascenda ao trono e faça seu sacrifício valer a pena.”

Fiquei rígida no lugar, fascinada e horrorizada.

– Ele não precisou insistir – admitiu Raniero. – Lucius ainda está falando com Flaviu, de costas para mim, e eu atravesso o piso e agarro o ombro dele, e quando ele se vira para me encarar vê minha expressão e entende *imediatamente* que não estamos mais brincando de guerra.

Um arrepio percorreu minhas costas quando os dedos de Raniero se apertaram como se segurassem uma estaca imaginária, e a expressão nos olhos dele...

– Golpeio sem hesitar porque tenho um segundo de vantagem enquanto Lucius percebe a mudança na disputa. – Eu vi um lampejo de caninos. – E minha mira é boa.

Dei um passo para trás, nauseada – e consciente de que ele estava perdido no passado. *Eu o pressionei demais. Cometi um erro. E até que ponto ele chegou de...?*

– Mas...? – falei. De repente estava desesperada para ouvir o final da história, o final feliz, e para chamar Raniero de volta. – O que aconteceu?

Pareceu que minha voz o alcançou. Ele me encarou e percebi que estava no presente de novo, ainda que arfasse como se continuasse no calor da batalha.

– Nós somos equiparados o suficiente para Lucius recuar, talvez dois centímetros, e é esse movimento ínfimo que salva o coração dele.

NÃO!, senti vontade de gritar. Não havia esperado que Raniero tivesse chegado *tão* perto de acabar com a existência de Lucius. *Quantas vezes meu marido vai chegar à beira da destruição – e sobreviver? Quantas chances tem um vampiro?*

– Lucius está deitado no chão – acrescentou Raniero, parecendo ter se livrado da raiva. Seus dedos não estavam mais apertados em torno da estaca, os ombros tinham baixado quase como antigamente e os caninos se foram. – Estou acima dele e me ajoelho, preparado para ser o vitorioso naquele dia. O vitorioso de todos os tempos. – Ele baixou a cabeça e olhou para aquela mão odiada. – Mas quando meus dedos agarram a estaca para enfiá-la pelos dois centímetros que vão me dar o trono, seu marido, que é sempre corajoso mesmo no sofrimento, consegue sorrir de algum modo enquanto o sangue escorre na poeira e me diz, ofegando muito: “Raniero, meu irmão! Quase acreditei que você quisesse me destruir, se não tivéssemos marcado um jantar para esta noite. Você não vai me fazer perder a lebre na qual fiquei pensando o dia todo,vai?”

Raniero ergueu os olhos e eu vi que ele estava rindo por causa da lembrança. Horrorizado e rindo, como eu.

Quando Lucius for solto, vou encomendar 65 mil euros em coelhos para ele, por ter sido corajoso a ponto de fazer piada de um modo que quase certamente salvou sua existência, dando-me assim a oportunidade de conhecê-lo e de me casar com ele.

– Lucius me chama de irmão... e sorri. – Raniero continuou olhando para os próprios dedos, que tremiam. – Minhas mãos começam a tremer como agora, e eu arranco a estaca da carne dele e aperto o ferimento com os dedos, dizendo que ele feche os olhos. Que ele está em segurança e que lamento por minha mão ter escorregado. – Ele levantou os olhos para me encarar outra vez. – Mas nós dois sabemos que o que eu fiz não foi um engano.

Entendi tudo o que havia se passado entre Raniero e Lucius naquele dia. A estranha mistura de raiva, fraternidade e ciúme que levara àquele momento. Mas havia algo importante que eu ainda não compreendia.

– Por que Claudiu não foi castigado por ter incitado você a fazer isso? Ele usou *você* como arma. Não sei muito sobre nossas leis, mas isso *deve* significar traição.

Raniero deu de ombros.

– Lucius e eu não falamos mais sobre o incidente, e logo fui despachado para atuar como assassino. Só muito mais tarde chegamos a mencionar o que quase aconteceu, mas nunca de forma direta.

– Entendo.

Mas Raniero não havia terminado de confessar, e passou a mão pelo cabelo outra vez.

– Acho que você *não* enxerga a parte mais terrível da história, Antanasia. Ninguém enxerga, porque nunca contei.

Senti arrepios de novo, porque ele estava falando de modo muito estranho. No entanto, cheguei ao ápice de minha confiança em Raniero quando ele me mostrou seus olhos, cheios de autorrecriação, e admitiu:

– Enquanto eu me preparava para destruir seu marido, havia uma parte de mim que agia não por raiva infantil, mas por um desejo genuíno, um apetite poderoso, de tomar *tudo* o que ele possuía e tornar meu.

Raniero e eu nos encaramos, a estaca ensanguentada entre nós, e aquela confissão pairando no ar. *O vampiro que um dia jurou não precisar de nada na verdade havia desejado TUDO. O poder – e a vida – de Lucius.*

Deixei essa ideia se assentar, depois lhe disse:

– Está ficando tarde. Dê uma estaca para mim.

CAPÍTULO 80

Mindy

Fiquei sentada na cama de Ronnie tomando sorvete Häagen-Dazs de baunilha e pensando em Jess, Raniero, Ylenia e Lucius, e em toda a confusão na qual estávamos metidos.

– Conexões, Min – falei para mim mesma. Meu professor de Pensamento Crítico sempre dizia que qualquer um consegue decorar coisas, mas uma pessoa inteligente faz *conexões*. – Conecte os pontos.

Um vampiro morto no saguão. Sangue em uma estaca. Raniero sendo tratado feito um astro do rock assustador – e esculpindo armas. A expressão de Ylenia quando falou sobre os dois caras – e Jess. Isso sem mencionar aquela foto na internet, mostrando Ylenia em alguma festa de vampiros... com Ronnie. E minha melhor amiga, que era a pessoa mais lúcida que já conheci, *tendo alucinações* no momento mais importante de seu reinado.

– Ai, nossa. – Tomei outra colherada de sorvete e bati a embalagem na mesinha de cabeceira, furiosa comigo mesma. – Não sou inteligente o bastante para juntar *tudo* isso.

Desistindo, joguei-me de volta na cama que tinha o cheiro forte de Ronnie – e de incenso também, do tipo que ele sempre acendia quando meditava. Aquele negociozinho de mármore que ele usava para segurar os gravetos de incenso estava ao lado do sorvete, e eu rolei para olhar dentro da tigelinha. As cinzas pareciam velhas e frias, e não cheiravam muito, como se ele não entrasse em êxtase mental havia dias.

Na primeira vez em que senti o cheiro daquele incenso peguei no pé dele porque achei que ele estivesse fumando maconha. Mas ele não fazia isso. Eram aqueles idiotas com quem ele estava morando que ficavam doidões

com qualquer coisa nas quais pusessem a mão, desde xarope até cactos, ervas e saquinhos que eles compravam nas esquinas.

– Não deixe isso incomodar você – dissera Raniero quando o cara chamado Dirk teve uma viagem ruim de verdade e pirou geral. – Induzir visões faz parte de muitas religiões, de muitas culturas, e não devemos condenar. Viva e deixe viver, sim? Isto aqui é só um lugar para eu dormir e ficar perto de você.

Debrucei-me no colchão e olhei para aquela pilha de estacas outra vez. Imaginei que “viva e deixe viver” não fosse a filosofia daquele castelo. Nem para Ronnie, que teria que me dar muitas explicações... caso voltasse um dia.

Rolei na cama e, mesmo estando com raiva, furiosa e de coração partido, fiquei com sono depois de algum tempo, e pouco antes de cochilar pensei estar tendo sonhos incríveis, pois senti cheiro de praia – de *Ronnie* – no travesseiro dele, ou então eu estava tendo pesadelos por tomar sorvete antes de ir para a cama com um punhado de estacas em volta.

E naquele instante, quando meus olhos estavam se fechando, enfim senti o início ínfimo de uma conexão se formando no cérebro. Era uma conexão *maluca*, mas eu estava em um lugar completamente doido onde vampiros que citavam Gandhi esculpam estacas e a garota mais lúcida do mundo tinha visões, então meio que permiti que tudo se acendesse como o incenso de Raniero, para ver se a ideia poderia pegar fogo na minha cabeça.

CAPÍTULO 81

Antanasia

Raniero segurou minha mão, guiando meus dedos do mesmo jeito que Lucius tinha feito ao me mostrar a tranca atrás do espelho do quarto de vestir. Mas enquanto o guerreiro que eu amava me ensinara uma rota de fuga, o pacifista estava tentando me ensinar a lutar.

– Ainda não parece a ideal. – Soltei-me dele e larguei outra estaca, rejeitando-a. – Tem certeza de que eu não deveria tentar com a de Lucius?

– Não. – O aperto de Raniero havia sido suave, mas o tom fora firme. – A estaca de Lucius é grande demais para sua mão. Eu esculpi estas para você. São as melhores das cerca de 50 que eu criei. – Ele pegou talvez a décima estaca da caixa. – Experimente esta.

Aceitei mais um pedaço de madeira afiada e enrolei os dedos nela, já balançando a cabeça.

– Desculpe. Simplesmente não parece adequada.

– Antanasia.

Levantei os olhos e encontrei Raniero franzindo a testa.

– O quê?

– Será que a arma parece errada na sua mão... ou na sua mente? Na sua consciência? Você não pode rejeitá-las tão depressa.

Parei, segurando a estaca. Ele tinha razão. Eu estava sendo chata de novo, apesar de minhas promessas de abandonar a covardia.

– Vou tentar outra vez – respondi em um tom mais resolutivo. – E me esforçar mais.

– Ótimo. – O tom dele se abrandou enquanto pegava mais uma estaca na caixa. – Você deve se demorar para entender a arma. Você aperta com força

demais e não se permite senti-la contra os dedos. Não tenha medo de deixá-la descansar em sua mão e de encontrar o próprio lugar.

Era estranho como ele levava um toque do filósofo até mesmo para aquele lugar e aquela aula. Fiquei olhando enquanto Raniero sentia o peso da estaca, permitindo que ela caísse com naturalidade na palma, apertando e soltando os dedos em volta, mas com suavidade. Havia um ar de concentração no rosto dele, mas era óbvio que Raniero era muito familiarizado com aquele movimento.

– Aqui! – Ele encontrou o que estava procurando. – Este é o modo de segurar esta.

– Como?

Eu ainda não tinha entendido. A estaca parecia perfeitamente lisa, uniforme por toda a extensão. Como poderia haver um lugar “certo” para segurá-la?

Raniero abriu a mão e se curvou, de modo que nossas cabeças quase se tocaram.

– Está vendo isto? – Ele desceu o indicador pela madeira, perto do polegar.
– Há uma ligeira reentrância e um chanfro.

– Sim. – Consegui ver. Uma concavidade muito sutil que terminava em um ligeiro calombo suficiente apenas para delinear a “lâmina”, separando-a do “punho”. – Isso é para...

– Impedir que seus dedos escorreguem quando a arma encontra a carne. – Antes que eu pudesse ficar chatinha de novo (eu me recusava a ser a chatinha), ele acrescentou: – Aqui. – E aparentemente sem mexer os dedos, girou a estaca de modo que a parte mais larga ficasse na minha direção e a ponta, virada para o corpo dele. Aquilo me lembrou dos pistoleiros do Velho Oeste, que giravam as armas e depois disparavam seis tiros com precisão mortal. – Tente você, sim?

Sentindo-me mais novata ainda depois de ver aquilo, peguei a estaca da mão dele com cautela, usando o polegar e o indicador.

E ele a pegou de volta no mesmo instante.

Olhei para Raniero.

– O quê?

Ele estendeu a arma de novo.

– Pegue como se estivesse levando isso a sério, *princesa*.

Devia ser errado provocar uma soberana, mas eu havia pedido que Raniero me ensinasse, e compreendia a atitude dele. Não era como Cinderela tentando aprender a segurar uma xícara de chá sem quebrar a porcelana. Eu era uma princesa *vampira* e precisava de habilidades diferentes.

Ele estendeu a mão, esperando, e eu assenti.

– Certo.

Então apertei a palma contra a dele e segurei a estaca com a mão inteira, sem hesitar, com confiança, e, para minha surpresa, ela se encaixou no lugar como se de fato tivesse sido moldada para meus dedos.

Raniero fitou minha expressão e, pela primeira vez desde que eu havia me encontrado com ele naquela sala, sorriu com prazer genuíno.

– Isso é bom. Você fez direitinho. – Então ele pareceu se conter, como se não achasse que deveria sorrir diante da habilidade de alguém com uma estaca. – Acho que basta por uma noite, sim?

– É. Está ficando tarde.

– Vou voltar com você pelos túneis, afinal você está certa: precisamos trabalhar em segredo. A surpresa também é uma arma excelente. É bom quando os inimigos subestimam a gente, e ainda não sabemos quem eles são, não é? É melhor manter todo mundo complacente.

Ele era cheio de surpresas e segredos também. E àquela altura eu já conhecia os maiores que ele tinha a oferecer, mas ao mesmo tempo tinha certeza de que ele ainda possuía muitos truques na manga. Raniero não havia desenhado aquele mapa das passagens a partir de uma lembrança distante – e era provável que houvesse omitido algo bem significativo. Quando chegamos à porta, eu o fiz parar colocando a mão em seu ombro.

– Raniero... você viu Lucius, não viu?

Ele hesitou, depois admitiu.

– Eu o vigio de vez em quando. Acho que isso não significa violar a amada lei dele, já que não faço nada além de observar das sombras enquanto o

guarda dorme sob a influência do vinho que mando quase todas as noites.

Apertei o braço de Raniero, e embora eu estivesse ficando melhor em dar ordens, ouvi um toque de apelo em minha voz quando disse:

– Leve-me para vê-lo, também.

Os olhos de Raniero ficaram muito perturbados, como se ele fosse questionar – mas ele *era* meu súdito.

– Claro. Você é a princesa, sim?

Meu coração recomeçou a martelar com muita força enquanto eu seguia Raniero para dentro dos túneis, entrando em passagens que ele não havia marcado para mim e que ficavam cada vez mais úmidas e rançosas até eu sentir que ia sufocar. Pareceu que tínhamos andando por uma eternidade – como se de fato estivéssemos seguindo para o coração da montanha, ou talvez para o inferno – até que Raniero finalmente abriu uma pequena porta secreta que devia ser a mais baixa do castelo e eu saí atrás dele, chorando baixinho.

– Lucius.

Quando Raniero segurou meu braço, me impedindo de correr até a cela onde meu marido estava deitado sobre uma tábua, compreendi por que ele relutara em me levar até ali.

CAPÍTULO 82

Antanasia

Quando parei de lutar contra Raniero, ele me soltou e recuou, como se me oferecesse um momento de privacidade com o marido que eu nem mesmo podia tocar e que partia meu coração do outro lado de uma masmorra suja.

Lucius estava deitado de lado no catre de madeira, sem ao menos um travesseiro, e sua mão esquerda encostava no chão, do mesmo jeito que às vezes pendia da cama quando dormíamos juntos. Ele parecia estar sempre tentando alcançar alguma coisa, como se fosse ambicioso até nos sonhos.

Seus cabelos negros brilhavam à luz do único lampião a óleo que pouco servia para iluminar a cela – porque os Vladescu não queriam eletricitas xeretando em suas masmorras –, e apesar de só estar preso há cerca de nove dias, achei que seu cabelo já parecia mais comprido. Isso me lembrou de como ele havia mudado fisicamente para o papel de guerreiro na primeira vez em que eu tinha vindo à Romênia. Na época ele usava os cabelos compridos, presos com displicência em um rabo de cavalo, quando declarou guerra à minha família.

Mas antes ele parecia poderoso. *Ainda* parecia, mas também parecia estar lutando pela sobrevivência. Parte de mim havia se preparado para o pior, mas acho que também nutria em segredo a expectativa de encontrar um Lucius Vladescu indomável e alerta, andando de um lado para outro, talvez até fazendo piadas com o guarda. *E não daquele jeito...*

Ousei avançar alguns passos, querendo ver melhor o rosto dele, e, mesmo não desejando acordar o guarda que roncava na cadeira dura – perto de uma garrafa vazia –, falei o nome dele baixinho outra vez, escutando a consternação em minha minha voz.

– Ah, Lucius...

Eu o tinha visto dormir muitas vezes. *Gostava* de observar Lucius dormindo, pois era a única ocasião em que podia examiná-lo sem ser distraída por seus olhos sempre mutantes – ou sem ser provocada pelos devaneios com ele.

– Você acha seu marido bonito, não é? – gostava de brincar meu príncipe maravilhosamente arrogante sempre que me flagrava boquiaberta, como se fosse Mindy na arquibancada do colégio. – Não faço ideia de por que você demorou tanto para me amar, já que eu amei você até quando usava suas piores camisetas com estampas de cavalos!

Quase abri um sorriso, mas ele morreu nos meus lábios enquanto eu olhava Lucius estendido na cama dura. Ele tinha o sono inquieto até mesmo em nosso colchão macio, mas naquela noite não se mexeu.

Será que está entrando naquele lugar de sonhos terríveis que enlouquecem os vampiros? Dei mais um passo, pensando: *Dane-se o primado da lei. Vou até ele.*

Mas, antes que eu pudesse correr, Raniero veio por trás e segurou meu braço de novo.

– Não, Antanasia – ordenou baixinho. – Temos que ir embora agora.

Olhei para meu acompanhante imponente e quase protestei. Mas sabia que ele estava certo. Lucius queria que tudo acontecesse de acordo com a lei. Não iria querer que eu arruinasse seu grande desígnio em um impulso. Não desejava que o guarda acordasse e contasse a Flaviu e aos outros: “A mulher dele vem visitá-lo.” O que deixaria todos se perguntando quais outras leis maiores nós ignorávamos quando isso nos era conveniente.

Virei-me para Lucius de novo, esperando que ele se mexesse – mas ele não se mexeu.

– Venha – disse Raniero.

Ele manteve a mão em meu braço e me levou de volta para os túneis enquanto eu continuava a olhar por cima do ombro para o marido com quem estava tão desesperada para falar, e em quem ansiava por tocar.

Continuei olhando-o até que Raniero passou por mim e nos trancou na passagem estreita e escura que obviamente era tão familiar para ele quanto a sensação de ter uma estaca na mão.

– Ele se mexe? – perguntei. As palavras estavam presas na minha garganta.
– Em algum momento?

– Ele se mexe – confirmou Raniero, e a onda de alívio que senti quase me fez chorar de alegria. – Ele ainda fala, até. Mas dá para notar que ele está ficando fraco.

Começamos a andar no escuro, mas depois de uns 20 metros estendi a mão para Raniero e o fiz parar de novo. Senti e ouvi quando ele se virou.

– Sim?

– Vou convocar os Anciões e marcar a data do julgamento – respondi. – Vou fazer isso amanhã.

Raniero fez uma pausa, depois disse:

– Ainda é arriscado. Não existem provas para inocentá-lo.

Eu sabia disso. Mas também admitia que tinha sido egoísta ao agir de modo seguro. Eu sabia o tempo todo que Lucius preferiria ser destruído de imediato a se esvair em uma cela, deslizando para um outro mundo que não era a morte nem a vida. Ele jamais desejaria existir pela metade, e escolheria a cripta para não ter um destino que o diminuísse ou que deixasse a mim a incumbência de cuidar de uma casca de seu eu anterior. Eu não podia deixar que *meus* temores determinassem a existência *dele*. Ou minha própria existência, por sinal.

– Então é melhor arranjarmos alguma prova – retruquei. – E depressa.

A passagem estava um breu, mas nem aquele negrume profundo bastaria para esconder os dentes incrivelmente brancos do vampiro quando ele sorriu em aprovação. Então notei que Raniero nunca havia pretendido de fato me desencorajar a ver Lucius. Talvez até tivesse planejado me levar, quando achasse que fosse a hora certa.

CAPÍTULO 83

Lucius

R.,

Obrigado por ter tirado Antanasia de lá antes que ela pudesse se aproximar de mim. (Você ficará surpreso ao saber que também estou consciente de sua presença frequente naquelas sombras.)

Precisei de todo o autocontrole para não deslocar o rato – que agora sempre dorme enrolado no meu pé –, me levantar e chamá-la para chegar mais perto, de modo que eu pudesse ver seu rosto com mais clareza, tocá-la através das barras.

É estranho como o amor é uma fonte de poder – ele consegue provocar o desejo de lutar até a morte, ou de lutar para sair de algo que se assemelha à morte por tempo suficiente para poder escrever um bilhete coerente –, mas também é uma fonte de fraqueza. Quase abandonei todos os valores sobre os quais pretendo basear meu reinado, isso sem mencionar minha melhor (única?) defesa, só para compartilhar alguns instantes com ela.

E agora não consigo pensar, a não ser para me lembrar do rosto dela...

L.

Não estou enganado e sonhando, estou? Ela ESTEVE aqui, certo?

CAPÍTULO 84

Mindy

Dormi a noite toda no quarto de Raniero. Já tinha amanhecido quando acordei e descobri que ele não havia voltado. Tive certeza de que estava sozinha.

Então rolei e vi que tinha me enganado.

Raniero não estava apenas no quarto. Estava *na cama*. Sentado ao meu lado, sem mexer um músculo. Só me olhando.

Esfreguei os olhos para vê-lo melhor.

Bom, eu meio que tinha razão. O Raniero que eu conhecia não havia voltado.

E o cara que se encontrava sentado ali, que havia esculpido todas aquelas estacas e usava a roupa de Lucius – uma camiseta cinza que custara pelo menos 200 dólares, pois eu sentia *o cheiro* da etiqueta Prada... eu deveria fazer um milhão de perguntas àquele cara. Tipo: o que você fez com meu ex-namorado? Onde você o trancou dentro desse vampiro de olhos frios e roupas chiques? E por que Ylenia Dragomir disse que você era cruel?

E ele devia ter um milhão de perguntas para mim também, tipo: por que você está aqui depois de me afastar durante meses? Por que está na minha cama depois que enfim concordei em deixá-la em paz?

Provavelmente deveríamos ter uma conversa que terminaria com uma briga feia e muitas lágrimas, porque era como se houvesse uma bomba-relógio entre nós.

Mas éramos eu e Raniero, e pouco antes de a bomba explodir eu captei um pequeno vislumbre do velho Ronnie – aquele que me amava – em seus incríveis olhos acinzentados. Então nós explodimos de um modo diferente quando ele se aproximou e eu coloquei as mãos em seu rosto – naquela

barba idiota, bagunçada. A boca dele pressionou a minha como se ele estivesse faminto de mim, tanto quanto eu estava faminta dele.

Beijamo-nos por um longo tempo, e foi como se tivéssemos dito um milhão de coisas diferentes que não éramos capazes de expressar com palavras, tipo “Desculpe”, “Sou louco por você”, “Isso é errado demais” e “Não vamos parar nunca”, e talvez a coisa tivesse continuado para sempre se eu não houvesse mudado tudo sussurrando ao ouvido dele a única coisa que eu pensava que nuncaalaria, quando os caninos dele – dentes incríveis, sensuais, que costumavam me apavorar – começaram a roçar meu pescoço sem parar:

– *Me morde, Raniero* – implorei. – *Me morde e fica comigo* para sempre.

CAPÍTULO 85

Mindy

Ele se afastou e eu fiquei muito feliz porque o antigo Raniero ainda estava comigo. O Raniero meigo. Eu não tinha certeza se gostava do novo, mesmo que se vestisse melhor e assumisse o controle da situação.

– Você sabe, não sabe? – disse ele bem baixinho. – Você adivinhou uma das piores coisas que já fiz. Que, na minha cultura, quase equivale à destruição.

Eu estava começando a adivinhar que Raniero Vladescu Lovatu havia feito um monte de coisas ruins na vida. Coisas que provavelmente eu nem queria saber. Mas eu tinha ouvido Ylenia falar a respeito dele e também percebera como ela olhava para ele – e como ele *não* olhava para ela. E eu também tinha visto aquela foto no tabloide da Romênia com a manchete espalhafatosa que, assim como tantas coisas na Europa, estava impressa em dois idiomas – “*Partidul Vampir Expus! Festa de Vampiros Revelada!* –, a foto na qual ela estava *segurando a mão dele...*

– É, acho que sei.

Ele acariciou meu rosto e eu quis empurrá-lo, mas não consegui.

– Sinto muito – disse ele. – De todos os atos pelos quais eu me desprezo, talvez esse seja o que me causa mais remorso.

Eu acreditava nele. Ele estava infinitamente arrependido. No entanto, nem por isso foi mais fácil perguntar:

– Então por que você a mordeu? – Minha voz saiu bem desolada, como se eu fosse chorar. – Por quê?

Raniero rolou, deitando de costas, e ficou olhando para o teto, como se não pudesse me contar cara a cara. Eu também não sabia se queria encará-lo. Havia uma boa chance de eu começar a odiá-lo dali a pouco.

– Isso aconteceu no congresso de vampiros, quando tudo desmoronou – disse ele. – Na época eu era um vampiro muito raivoso. Passei muitos meses na estrada fazendo coisas terríveis, e quando retornei à Romênia Lucius foi o único vampiro que me recebeu calorosamente. Meus próprios pais, que me entregaram anos antes, olharam para o filho, o *assassino*, com uma espécie de medo nos olhos. Não era mais nem mesmo um filho amargo e poderoso, da riqueza e dos privilégios. Era um *pária* que perdeu tudo, menos um amigo que ele não merecia.

Havia muita coisa errada no que ele estava dizendo. Tipo... Raniero era um *assassino*? Eu precisava que ele explicasse aquilo, e esperava que ele estivesse usando o termo errado, como fazia o tempo todo. Mas por ora não fiz perguntas. Primeiro queria escutar o restante da história. A parte que poderia *me* matar.

– Estou sozinho na maior festa de todas, observando os tios que desprezo sorrirem e tramarem suas maldades para o próximo ano, e então, saindo das sombras, Ylenia se aproxima. Identifico-a no mesmo instante como uma Dragomir e fico duplamente satisfeito. Um lado pequenino e triste de mim fica feliz porque alguém além de Lucius ao menos fala comigo, já que a maioria evita o vampiro que um dia pode destruí-los. – Ele enfim virou a cabeça para me olhar. – E sei que meus tios vão ficar horrorizados por me ver com uma Dragomir, porque fui criado para odiar os Dragomir.

Quando vi seus olhos tristes, não consegui odiá-lo. Pelo menos por enquanto.

– É? E...?

– Nós conversamos e ela sugere bebermos alguma coisa. – Ele acrescentou bem depressa: – Só compartilharmos sangue, como fazem muitos vampiros jovens. Bebendo do estoque da adega. E ela é muito meiga. Parece entender que não estou feliz e se oferece para arranjar algo para nós, apesar de o castelo ser o meu lar. – O queixo dele estremeceu, coisa que eu nunca tinha visto. – Ou melhor, era onde eu morava. Nunca foi um lar.

Aquela pequena chama no meu cérebro tremeluziu de novo.

– Então *Ylenia* arranjou um pouco de... sangue, e você bebeu?

– Sim, e nós caminhamos para conversar a sós. – Ele devia saber que era melhor não falar mais, me poupando dos detalhes sórdidos. Talvez porque uma vez tivesse me chamado para caminhar daquele mesmo jeito. De qualquer modo, ele saltou para: – Eu não pretendia beber dela, Mindy Sue. Nunca. Mas ela insistiu, sem parar, e é como se tudo mudasse, e eu perdi o controle...

Ele sentou-se e enterrou o rosto nas mãos, e eu me sentei também, de modo que pude ouvir quando ele falou, muito depressa, como se necessitasse pôr para fora:

– Toda a raiva dentro de mim jorrou, e eu cravei os dentes nela, e a estranheza que eu já sentia... ficou *molto peggio*, muito pior.

– Ronnie? – Eu meio que engasguei nas palavras. – Alguma vez... alguma vez você pensou seriamente em ficar com ela, para sempre? Porque é isso que deve acontecer, não é, se você morde uma garota?

Ele manteve a cabeça baixa.

– Não tive oportunidade para pensar nisso. Porque naquela noite, logo depois de provar o sangue dela, destruí um vampiro sem motivo, e fui marcado na mão para ser destruído, um sinal que havia muito tempo ninguém carregava. Não houve chance nem de falar com ela de novo. E ela não poderia ter futuro com um vampiro condenado, independentemente de qualquer coisa. Era melhor que esse erro fosse esquecido.

Eu não entendi metade daquela história, mas tinha quase certeza de que ouvira o pior de sua “crueldade” se derramando dele em um ímpeto confuso. Ele havia mordido Ylenia, conforme eu havia imaginado, e também tinha feito um monte de coisas horríveis. Coisas que *ninguém* poderia perdoar.

– Mostre a marca – falei bem baixinho.

Segurei a mão tatuada dele e ele levantou a cabeça, e eu vi que estava *chorando*. Só um pouquinho. Só, tipo, uma lágrima escorrendo pelo rosto.

Tudo o que eu sempre desejei foi um cara forte, mas nunca o amei tanto como quando ele chorou. Mesmo odiando-o também. Eu *precisava* odiá-lo, não por morder Ylenia, mas por esconder tantas coisas de mim. Tipo o fato de ser um assassino e parecer tipo... *condenado*.

– É o “b” cirílico. – Ele o trilhó com um dedo pálido. – Isso diz aos outros *vampiri* que sou perigoso e serei destruído caso cometa outro ato de violência. E é por isso que não posso lutar, nem por você, porque tenho medo de perder o controle de novo e isso custar mais vidas ainda.

Encontrei a marca e continuei segurando sua mão, encostada nele, sentindo aquele corpo rígido que era tão macio e ferido por dentro.

É por isso que ele não queria vir para cá. E é por isso que não deveria estar esculpindo estacas. Mas ele veio por minha causa, e de Lucius, e de Jess...

– Eu escondi muita coisa de você, Mindy Sue. – Ronnie parecia arrependido por causa daquilo também. – Tento me obrigar a acreditar que o antigo Raniero não existe e que você não precisa conhecê-lo, mas menti para nós dois. Enterrei a mentira até mesmo na filosofia, que diz que só o presente importa.

Mesmo acreditando nele, nós dois sabíamos que ele havia escondido coisas demais de mim, por isso nem falei nada. Só ficamos encostados um no outro, de mãos dadas, e eu tentava não chorar, soprando aquela pequena chama que estava se acendendo no meu cérebro. Aquela pequena conexão.

Ylenia Dragomir, superciumenta ex-membro da galera fracassada-doidona de um colégio interno. Jess pirando. Raniero sendo extra “cruel”...

Eu não tinha certeza de nada, mas apertei a mão dele e perguntei, sentindo um tiquinho minúsculo de esperança pelo futuro dele, ainda que seu passado fosse assustador e nosso presente estivesse acabado:

– E se aquele Raniero cruel nunca existiu de verdade? E se alguém, tipo... o criou?

CAPÍTULO 86

Mindy

– *Melinda Sue*, não acredito que Ylenia Dragomir represente algum tipo de ameaça a Antanasia ou a qualquer pessoa – disse Raniero. Ele se levantou da cama e começou a vestir a camiseta cinza que havia sido tirada enquanto nos beijávamos, de modo que voltou a se assemelhar ao novo Raniero. Ele passou a cabeça pelo tecido, depois os braços, os mesmos que eu ainda podia sentir em volta de mim... e que não sentiria de novo. – Ela é tímida por natureza, e meiga.

– Ela foi ousada o bastante para se aproximar de um *assassino* em uma festa – comentei.

– Ela sentiu pena de mim, Mindy Sue. E tinha medo de mim, mas a pena foi maior do que o medo. Eu me lembro de como ela se aproximou de mim, como se fosse um pássaro nervoso chegando perto de um leão ferido!

Não sei por que um pássaro se aproximaria de um leão, ferido ou não.

– E então ela implorou que você a transformasse em uma vampira completa. Isso é que é coragem!

Ainda doía muito dizer aquilo e imaginar a prima de Jess com o cara que estava sentado na cama calçando os tênis descolados que também tinham sido removidos durante o beijo. Ele deveria ser meu, mas agora nunca seria. A culpa era ao mesmo tempo minha e dele.

– Foi uma noite estranha, Melinda, e acredito que ela estivesse sofrendo também. – Ele puxou os cadarços com força. – Ela estava como eu naquela noite. Sozinha. Acho que sempre foi uma garota solitária. Eu a vi no Ateneu, e ela sempre ficava olhando para mim e para Lucius de sua poltrona, lá nos fundos. E estava sempre sozinha.

Arregalei os olhos.

– Você se lembra dela? Porque ela sem dúvida se lembra de você lá.

Ronnie apenas deu de ombros e começou a amarrar o outro tênis.

– Eu sou um assassino treinado para vigiar um príncipe, Melinda Sue. Noto todo mundo. Sobretudo os que olham para Lucius e para mim no meio de multidões. – Ele se aprumou de novo. – Acho que você é boa querendo ajudar Antanasia, mas o que nós enfrentamos aqui não tem nada a ver com uma colegial infeliz. É uma tentativa de derrubar um governo e destruir um príncipe. – Sua voz ficou baixa. – Tenho quase certeza de que o que ocorre no momento é obra de Flaviu Vladescu. É só uma questão de criar uma armadilha para ele.

Engatinhei até a beira da cama e me sentei ao lado dele. Não deveria ter tocado nele, mas segurei sua mão de novo.

– Ronnie, você pensa como... a realeza, e sabe tudo sobre tramas para derrubar príncipes. Mas eu conheço estudantes magoadas e ciumentas, e estou dizendo que, mesmo que Ylenia não tenha matado seu tio Claudiu, ela está metida nisso de algum modo. E se você quiser ajudar Jess e Lucius, comece a vigiá-la mais de perto.

Dava para ver que ele continuava não engolindo o que eu dizia, mas me encarou.

– Você acredita mesmo nisso?

– Acredito. Acho que ela tem todo tipo de segredos e raiva reprimidos naquele corpinho, e, se eles derramarem, vão explodir.

– E como você sugere que eu exponha esses segredos? Porque não acho que ela vá me contar nada. Principalmente depois do que fiz com ela.

Eu não queria dizer, mas precisava. E a coisa entre mim e Ronnie já era mesmo. Não importava o que ele fizesse com outra garota.

– Talvez... – comecei. – Talvez você devesse só... tentar conhecer Ylenia melhor. Convide ela para fazer alguma coisa...

Ele arqueou uma sobrancelha de repente.

– Você está dizendo para... convidar Ylenia Dragomir para um *encontro*?

Não, eu não queria dizer isso. Mas confirmei.

– É. Tipo isso.

Ele balançou a cabeça com força e puxou a mão da minha.

– Mindy Sue, eu já fiz mal a ela. Não posso usá-la como se fosse um brinquedo. – Ele olhou aquelas estacas às quais não estávamos nos referindo.

– Sobretudo porque estou amaldiçoado. Sobretudo porque não acredito que ela tenha cometido nenhum crime pior do que ser uma garota solitária!

– Escute, Raniero... – Eu me atrapalhei com as palavras, porque de repente sabia estar dizendo uma coisa bem diferente de minha ideia original, mas que também devia ser verdade. – Mesmo que você não acredite que ela é sinistra, como eu acho, *especialmente* se não acredita nisso, talvez, só para fazer a coisa certa, você devesse pelo menos pedir desculpas e deixar que *ela* decida se quer ter alguma coisa com você. – Eu não conseguia olhá-lo mais.

– Talvez, considerando a importância do que vocês dois fizeram juntos... talvez, só talvez, vocês devessem ao menos *conversar*.

– Mindy Sue...

Ele parecia chocado com o que eu dizia.

Seria porque eu estava *mesmo* afastando-o? Não do mesmo jeito que fazia quando rompia com ele, esperando que voltasse, ou mesmo dizendo para ele ficar com uma garota para descobrir suas tramas, mas sugerindo com todas as letras que, se ele não acreditava que Ylenia fosse uma vaca cheia de armações, provavelmente devia alguma coisa a ela. Talvez dar uma chance de ficarem juntos.

De repente não estávamos falando só de um plano para ajudar Jess.

Mas de eternidade. *Para sempre*.

– Você acredita mesmo que estou errado em nunca mais mencionar aquela noite terrível? – perguntou ele. A voz saiu muito baixa. – Que estou errado em me manter longe de Ylenia e em deixá-la livre de *mim*?

Continuei olhando para o chão.

– É. Talvez. – Senti as lágrimas começando a brotar, mas me obriguei a encará-lo. – Se você me mordesse daquele jeito, eu pelo menos iria querer que tentasse me conhecer. Que nos desse uma chance, e não que fizesse parecer a pior transa da sua vida.

Ele balançou a cabeça.

– Não há chance. Não há futuro. Sobretudo neste lugar.

– Se você acredita mesmo que ela é inocente e meiga – repeti –, então precisa dar a oportunidade de ela decidir isso também.

Os olhos de Raniero refletiram um milhão de mudanças. Eu nem sabia dizer o que ele estava pensando, mas de repente pareceu se decidir e falou:

– Se isso é o que você acha certo, quaisquer que sejam os motivos em seu coração, vou fazer o que pede. Vou pelo menos conversar com ela, ver se ela tem algum desejo de pegar o erro que já cometemos e prolongá-lo mais ainda, junto comigo.

Ele se levantou e foi para a porta, chutando a serragem. Eu não soube dizer se ele estava com raiva de mim ou de si mesmo – ou se não estava com raiva nenhuma. Raniero só parecia... frio. Totalmente desligado.

– Aonde você vai?

– Nós vamos para o seu quarto. É hora de concluir a transformação que comecei. Agora não há como recuar.

Acompanhei-o pela porta, e só muito, muito tempo depois percebi que eu não tinha perguntado sobre aquelas estacas no chão, mesmo tendo quase tropeçado nelas de novo por causa das lágrimas que ainda borravam meus olhos.

CAPÍTULO 87

Antanasia

– *Vă mulțumesc.* – Tirei os fones do ouvido e afastei o livro de exercícios e o iPod, que eu havia carregado com o *Fluente em cinco minutos*, a fim de abrir espaço na penteadeira para a bandeja trazida pela serviçal. – *Vă rog. Sticla. Masa.*

Só usei poucas palavras, “por favor”, “garrafa” e “mesa”, mas também apontei um pouco, de modo que ela entendeu e pôs o sangue e a pequena taça de prata onde eu queria.

– *Vă mulțumesc.*

Lucius poderia não ter agradecido duas vezes, como eu, mas eu definitivamente estava melhorando em dar ordens. A serviçal usou um instrumento de estanho manchado, como um saca-rolhas antigo, para abrir a garrafa, mas antes que pudesse servir eu a dispensei dizendo: *Ești demis.*

Ela fez uma reverência silenciosa, saiu do quarto e eu assumi, servindo uma dose generosa do sangue que havia pedido. Ainda não queria fazer aquilo, mas precisava estar forte para a reunião que tinha convocado para aquela tarde. Ergui a taça e cheirei o conteúdo. O líquido grosso não era tão pungente quanto o sangue que Dorin havia trazido para mim, e dava para sentir o cheiro da mistura de ervas usadas e da rolha apertada para impedir que ele coagulasse na garrafa. Mas ainda que aquele sangue não fosse ofensivo ao meu nariz, não tinha o cheiro inebriante e delicioso do de Lucius, e eu não bebi de imediato. Fiquei um pouco aliviada quando alguém bateu à porta, de modo que pude pousar a taça.

– Entre. *Intră!*

– Antanasia, você está linda. – Dorin entrou no quarto e fechou a porta. – Muito régia!

Fiquei mais ereta no terno escuro que tinha escolhido.

– Obrigada. Quero que pareça que estou levando isso a sério.

– E está, e está! – Ele franziu a testa. – Mas por que vai reunir os Anciões? Todo o castelo está morrendo de curiosidade. – Ele contorceu as mãos. – Há alguma novidade? Você descobriu alguma coisa sobre Claudiu?

Eu queria contar tudo ao meu tio, mas as palavras de Raniero, dizendo que a surpresa era uma arma, me contiveram, assim como a mão dele havia feito na masmorra. Não que eu precisasse surpreender meu próprio tio, mas ele tinha dificuldade para guardar segredos.

– Só acho que é hora de avançar – respondi vagamente. – E mostrar que estou no comando.

– Bem, acho que isso é bom. – Dorin atravessou o quarto para se juntar a mim e franziu a testa de novo quando viu a garrafa em minha penteadeira.

– Mas o que é isso?

Notei então que ele segurava uma bolsa enfiada na dobra do braço, daí ele a abriu e pegou uma garrafa verde e rotulada à mão. *França 1977*. Em seguida se curvou para olhar de perto o sangue que eu havia pedido – que também tinha um rótulo: *România 1872*. Depois, se empertigou e balançou a cabeça.

– Não, Antanasia, eu trouxe coisa melhor. Você ainda não sabe pedir a bebida. Esse sangue não vai ter gosto bom. O sangue romeno dessa época é famoso por ser ruim.

Ele começou a afastar a taça, mas eu o fiz parar e fiquei surpresa ao descobrir que, só de lidar comigo, sem Lucius por perto, ele estava meio trêmulo.

Será que ele *sempre* treme?

– Vou beber este mesmo – falei. – Eu realmente não me importo com o sabor. Mas, mesmo assim, obrigada.

No entanto, Dorin foi em frente e abriu a garrafa com uma torção da mão direita, ainda balançando a cabeça.

– Não, não... Este é muito melhor. – Assim que ele tirou a rolha pude sentir o cheiro forte, amargo e acre que pelo jeito era uma característica do sangue

“bom”, e me encolhi só de pensar em bebê-lo. Dorin pareceu não perceber, e começou a estender a mão para a minha taça mais uma vez, como se fosse derramar meu sangue de safra romena. – Eu lhe disse há muito tempo, o siberiano é melhor! Digno de uma princesa!

Parei a mão dele de novo, frustrada. Se eu era mesmo uma princesa, por que não podia ter o que queria?

– Não, Dorin. Eu pedi este. E quero este. Se não posso ter Lucius, quero um sangue que não me faça ter ânsia de vômito.

Foi uma das poucas vezes em que cheguei perto de tratar Dorin como algo diferente de um conselheiro – de um igual, se não superior –, e a expressão consternada, quase de pânico, no rosto dele não me ajudou a engolir o sangue romeno suave que eu tomava. Ainda sentia vontade de vomitar ao bebê-lo, mas não me sentia tão culpada. Não estava traindo Lucius. Estava salvando-o.

Pelo menos era o que esperava, porque a partir daquela tarde o relógio começaria a marcar o tempo até o julgamento.

CAPÍTULO 88

Mindy

Eu e Raniero não conversamos enquanto eu me preparava para cortar seus cabelos.

Ele pegou a cadeira da pequena penteadeira do meu quarto, que parecia uma versão em miniatura da de Jess, a colocou no meio do cômodo e tirou a camisa de novo, como se soubesse que muito cabelo iria cair. Depois montou na cadeira ao contrário e cruzou os braços lindamente bronzeados no encosto enquanto eu abria uma das grossas toalhas brancas dos Vladescu e a colocava em seus ombros, sabendo que podia ser a última vez que iria tocar neles.

Então peguei o estojo que costumava usar para deixar Jess linda, encontrei minha tesoura profissional e enfiei a mão em suas ondas fartas.

Exatamente o que você sempre quis fazer, Min. Dê-lhe o corte com o qual você sempre sonhou.

– Eu vou...

– Faça como quiser – interrompeu ele. – Tenho certeza de que vai ficar bom, porque você tem talento para isso. E sei que você sempre quis cortar meu cabelo.

Foi só isso que falamos.

Eu sempre quis que ele tivesse cabelos mais curtos, então por que doeu tanto quando dei aquela primeira tesourada, tirando uns 15 centímetros, deixando o cabelo acima da orelha? Por que pareceu tão ruim torná-lo mais bonito ainda?

Porque você não o está deixando bonito, Mindy. Ele já era bonito, para começo de conversa.

Senti a garganta apertar, mas continuei cortando. Tirando mais e mais ondas castanhas com fios dourados pelo sol, e era como se estivesse cortando a praia que ele tanto amava. Jogando as ondas e o sol ali no chão, de modo que viraram somente... lixo. Mais serragem idiota. Eu estava esculpindo *Raniero* até ele virar uma estaca. Terminando de transformá-lo em *assassino* outra vez. Tornando-o alguém que ele não queria ser – para outra garota.

Ele ficou imóvel, mas não parecia meditar. Dava para notar que estava todo tenso, mesmo que eu não conseguisse ver seus olhos. Eu só me concentrava no cabelo e no modo como aparava atrás para mostrar como o pescoço dele era forte. Ele não poderia mais esconder isso, nem fazer um rabo de cavalo.

Quando a forma básica estava definida – um corte baixo atrás, um pouco mais comprido na frente, de modo que o que restava das ondas emoldurasse aqueles olhos que eu não conseguia encarar –, peguei minha navalha e deixei tudo... perfeito.

Perfeitamente *terrível*.

Nunca tinha cortado o cabelo de alguém sem conseguir olhar o rosto da pessoa, mas não precisava vê-lo. Ele parecia mais gato do que qualquer modelo. E aquilo era *horrível*.

– Acho que é isso aí. – Recuei e olhei para o chão. – Está pronto!

Mas ele segurou minha mão, fazendo com que eu quase derrubasse a navalha.

– Não. Ainda não.

Enfim fitei seus olhos. Seus maravilhosos olhos acinzentados, que estavam ficando tão severos de novo. Mais severos ainda do que quando o obriguei a parar diante do quarto de Jess e ele me afastou.

– O que mais?

– Faça minha barba.

– Não... – Ele não ia perder o cavanhaque também. E ele mesmo poderia se barbear, caso o quisesse. Se eu o fizesse, teria que segurar seu queixo e olhar

cada centímetro do rosto que eu também nunca mais tocaria. O rosto que eu estava ajudando a arruinar por completo. – Não quero.

Ele me segurou com mais força, e foi o mais perto que chegou de me machucar – tipo no sentido físico.

– Por favor. Só termine o que você começou.

Encarei-o durante cerca de um minuto e ele retribuiu o olhar, até que desisti e me desvencilhei de sua mão.

– Certo.

Então entrei no banheiro e não consegui encarar meu rosto feio enquanto pegava um copo d'água e o tubinho de gel que havia levado para raspar as pernas. Quando voltei ao quarto, ele ainda estava sentado, imóvel. Mergulhei os dedos na água e pus um pouquinho nas bochechas dele, sentindo a barba crescida. Então espreguei um pouco de gel nos dedos e passei no rosto inteiro. A pele dele estava áspera e a sensação era tão boa sob meus dedos! Eu queria tocá-lo daquele jeito durante horas. Jogar fora a porcaria do creme de barbear e apenas tocar Raniero...

Não consegui evitar olhar nos olhos dele de novo, para ver se ele também sentia, mas ele os havia fechado. Tinha se fechado *totalmente* para mim.

Peguei a navalha de novo.

– Isso pode doer.

Doer em *mim*. Em *nós dois*.

– Estou acostumado com a dor – respondeu ele sem abrir os olhos. – Isso não vai ser nada.

– Certo.

Segurei-lhe o queixo e comecei a passar a navalha pelas bochechas, e meus dedos tremiam tanto que eu morria de medo de cortá-lo em pedacinhos. Mas, de algum modo, deu tudo certo. Fiz linha após linha em meio à espuma, e em pouco tempo o cavanhaque que eu sempre odiara tinha sumido. Ele nem se encolheu nas vezes em que repuxei os fios e cortei a pele.

Afastei-me e olhei de novo para o chão.

– Está *totalmente* acabado.

Do canto do olho, o vi arrancar a toalha dos ombros, virá-la para o lado limpo e começar a enxugar os pequenos pontos de espuma que ainda estavam no rosto. Ele se levantou enquanto fazia isso, em seguida vestiu a camisa de Lucius.

– Como estou, Mindy Sue?

Eu não tinha escolha a não ser olhar para ele da cabeça aos pés. E o que vi quase me fez soluçar. Eu deveria ter sido uma artista da Renascença italiana, porque o vampiro à minha frente estava muito mais incrível do que qualquer estátua. O corpo dele sempre fora perfeito, mas quando ele finalmente ficou parado, de um modo que mostrava como era poderoso, aquilo me fez inspirar com força. Fiquei sem fôlego. Sem a barba bagunçada, dava para ver o queixo, e até ali havia músculos. E o cabelo curto realçava os maxilares, os ombros e os olhos... Os olhos...

– Ah, Raniero!

Meio que ofeguei, admirando-o. E chorei ao mesmo tempo.

– Está bom, sim? – perguntou ele. – Você criou em mim o vampiro dos seus sonhos? O Raniero que sempre desejou?

Não, eu não fiz aquilo, nem um pouco. Queria o antigo Ronnie de volta. Este novo... Eu não gostava dos olhos dele. Eram severos, mas repletos de dor, e ele era louco também.

– Não sei, Raniero...

No entanto, ele sabia como estava. Sabia que todas as pessoas em um teatro chique iriam se virar para olhá-lo de novo.

Será que um lado dele sempre me odiara por querer que ele mudasse? Tanto quanto eu me odiava agora?

– Obrigado, Mindy Sue – falou, como se nunca tivesse existido nada entre nós.

Como se eu tivesse cortado aquilo também.

– De nada.

Não consegui pensar em mais nada para dizer.

Raniero jogou a toalha no chão, deixando a sujeira para as empregadas, e foi para a porta, mas eu precisava saber e o chamei pouco antes de ele sair:

– Raniero? – Era possível perceber minha voz chorosa outra vez. – Por que... por que você nunca se ofereceu para *me* morder?

– Eu amava você demais para trazê-la para este mundo onde estou entrando de novo. Não queria obrigá-la a conviver com isso, quando você nitidamente não tinha certeza do que sentia por mim. Esperei *você* pedir, no tempo que fosse certo para você. Mas, claro, esse tempo nunca chegou, até ser tarde demais.

Raniero sempre misturava os tempos verbais, mas eu notei que ele fora muito claro ao dizer “amava” e não “amo”.

Ele estava esperando por mim o tempo todo. Mas agora é mesmo tarde demais.

– Obrigado, Mindy Sue – repetiu ele. – Obrigado pelo corte de cabelo e por mostrar que eu estava errado no tratamento para com Ylenia. Eu não tinha enxergado pelo ponto de vista dela.

Eu não era capaz de dizer “de nada” outra vez. Apenas o deixei sair, depois fiquei de quatro e comecei a limpar os cabelos do chão, pois também não podia esperar pelas empregadas. Precisava tirar aquela bagunça dali, porque o que havia começado como um plano para flagrar Ylenia Dragomir fazendo algo ruim havia se transformado na entrega do cara que eu amava a uma garota que já tinha direitos sobre ele, pela eternidade.

Aquele cabelo parecia mesmo serragem em minhas mãos.

CAPÍTULO 89

Raniero

Lucius,

É meu prazer ser flexível em relação às suas regras além do que você pretende e dar uma olhada em você de vez em quando. Nem que seja para ver como vai o rato. E, sim, eu levei sua mulher também. Não se preocupe. Você não está vendo coisas... ainda.

Sei que luta para pensar com clareza, mas existe alguma coisa da qual você consiga se lembrar da noite em que eu virei um vampiro amaldiçoado? Algum detalhe que não tenha compartilhado comigo, especialmente em relação a Ylenia Dragomir?

Enquanto isso, saiba que a data do julgamento vai ser marcada hoje. Sua esposa, que ganha poder à medida que você enfraquece, convocou uma reunião dos Anciões para fazer o anúncio.

Permaneça forte, irmão.

R.

CAPÍTULO 90

Antanasia

Um lado meu queria que Dara Packwood estivesse ali para me abraçar, do jeito que havia feito antes de cada uma de minhas competições de matemática e de hipismo, mas afastei a ideia e aprumei os ombros. E, como sempre acontecia, a porta dupla foi aberta a partir de uma deixa que aparentemente nem mesmo eu precisava saber, e me vi diante de uma mesa comprida ocupada por vampiros que não tinham me visto fazer nada além de fracassar.

Mas isso ia mudar. Ou, se eu fracassasse, cairia lutando, conforme havia prometido a Raniero.

Entrando na sala, fitei um por um, e enquanto enfrentava os olhares astutos e frios de repente fiquei muito ciente de um erro que eu cometera desde que me juntara à classe dos vampiros.

Essa pequena parte de mim havia desejado que eles *gostassem* de mim, como se eu fosse uma espécie de aluna nova na escola em vez de governante deles. Ou, se não desejara exatamente que gostassem de mim, pelo menos tinha esperado que me aceitassem na panelinha, nem que fosse como a garota menos importante, mantida à margem.

Mas quando encarei Flaviu e vi sua fome de poder e seu desdém por mim, eu soube que, claro, jamais gostaríamos um do outro. Ele era um vampiro maligno de uma linhagem de vampiros malignos, e com certeza estava tentando arruinar, ou encerrar, a vida de Lucius e a minha.

Uma rainha tem poucos amigos, minha mãe havia tentado alertar em seu diário. *Se ela tiver muitos, decerto está fazendo alguma coisa errada.*

Enquanto continuava a encarar Flaviu, também me lembrei de como Lucius havia caminhado pelo refeitório em um de seus primeiros dias na

escola. Eu me senti mal quando os alunos se desviaram dele, mas ele pareceu satisfeito com o que entendera como uma deferência à sua superioridade.

Tudo tem a ver com percepção, falei para mim. Minha – e deles.

E, sem deixar de encarar Flaviu, fiz minha primeira mudança de plano improvisada, indo não para meu lugar de sempre ao pé da mesa, mas direto à cadeira de Lucius, na cabeceira, onde – sem me sentar – anunciei claramente:

– Convoquei-os aqui com o objetivo de marcar a data do julgamento de Lucius para daqui a dois dias.

Minhas palavras provocaram um coro de murmúrios – que eu esperava serem de tensão por parte de Flaviu. E o tio de Lucius de fato pareceu meio pálido. Mas eu sabia que a maior parte daqueles vampiros estava empolgada com a perspectiva quase certa de ver um príncipe ser destruído.

Então me sentei, e mesmo estando cansada de seu medo interminável, olhei, por hábito, para Dorin – e provavelmente não deveria ter ficado surpresa ao notar que ele parecia mais pálido e mais chocado ainda do que Flaviu.

CAPÍTULO 91

Antanasia

– *Antanasia, você tem...* tem certeza de que quer fazer isso? – gaguejou Dorin. Eu sabia que ele estava apavorado porque eu me arriscava a perder o amor da minha vida, mesmo que *ele* não gostasse de Lucius. – Existe algum motivo premente? Alguma coisa mudou?

– Não quero explicar nada agora – falei a todos eles.

Mas o comentário foi direcionado a Dorin. Eu não gostava de falar com meu tio naquele tom quase áspero, mas, em seu esforço para me proteger, sem querer ele estava minando minha autoridade ao questionar meus motivos.

Flaviu deu um risinho e me depreciou de propósito, dirigindo-se a todos os Anciões:

– Nada mudou! Ela age por medo! Sabe que Lucius está ficando fraco sem sangue e aposta em um julgamento para salvá-lo do *luat*, ainda que seja quase certo que isso o condenará. A estaca de Lucius diz tudo o que precisamos saber!

Levantei-me de novo, como Mihaela Dragomir teria feito, e embora meus joelhos tremessem, minha voz saiu firme.

– Você não vai falar de mim como se eu não estivesse aqui. A menos que queira se juntar a Lucius nas masmorras. E depois veremos quanto tempo *você* suporta sem sangue, pois é 200 anos mais velho e nem de longe tão forte quanto meu marido.

Minhas palavras surpreenderam até mesmo a mim. Eu tinha ido mais longe do que esperava. Flaviu também ficou claramente surpreso. Ergueu as sobrancelhas e quase começou a gargalhar, como se eu fosse uma criancinha que de repente tivesse dado um chilique.

– Você está brincando. Não ousaria.

Levantei as sobrancelhas também. *Não ousaria?*

E de repente fiquei tão irritada com todos eles que meus joelhos começaram a tremer de *raiva*, e eu soube que precisava tomar cuidado para não perder o controle de um modo novo. Eu não estava prestes a apagar nem ver coisas, mas de repente queria gritar com eles. Meses de frustração e medo, tudo o que eu havia sentido desde meu casamento, desde que começara a desmoronar, ficaram à beira de transbordar.

Eles haviam espancado Raniero até ele ficar abalado e no limiar da destruição, pelo menos um deles era responsável pela situação atual de Lucius, riam de mim e eram o pior bando de fofoqueiros, conspiradores e traidores que eu já havia conhecido.

Eu podia não ser a aluna nova no colégio, mas ainda era como se tivesse entrado para o time de animadoras de torcida mais velho, grisalho e menos animado do mundo, e estava cheia de ficar em um castelo feito uma prisioneira junto com todos aqueles nojentos.

– *Gardă! Vin aici!* – ouvi-me rosnando em um tom de voz que nunca havia usado.

E também não sabia de onde as palavras tinham vindo. Elas não estavam no meu DVD, mas devo ter ouvido Lucius chamar os guardas por vezes suficientes, e quando precisei da frase ela simplesmente saiu e os dois vampiros que estavam postados junto à porta vieram para o meu lado.

Não olhei para os Anciões ao redor – eu não ia parar de encarar meu novo pior inimigo –, mas ouvi murmúrios de novo, como se todo mundo estivesse mais surpreso com meu romeno impecável do que com o anúncio sobre o julgamento.

Semicerrei o olhar para Flaviu.

– E então? Quer ver quanto tempo você dura sem sangue?

Continuamos nos encarando e o risinho no rosto dele se esvaiu aos poucos, sendo substituído por uma raiva renovada que eu sabia ser perigosa. Mas Flaviu sempre fora perigoso. Era melhor encará-lo de cabeça erguida. A *sensação* era melhor.

– E então? – repeti.

– Continue com sua reunião – concordou ele por fim, desviando os olhos de novo. – Marque a data do julgamento e salve, ou mais provavelmente condene, seu marido.

Ainda havia um tom desrespeitoso na voz e nas palavras dele, mas não o suficiente para eu me importar demais. Eu tinha sorte por ter obtido uma pequena vitória, e virei a cabeça de forma brusca para mandar os guardas de volta às suas posições. Depois repeti:

– Proponho estabelecermos a data do julgamento de Lucius para daqui a dois dias, reunindo-nos na *Sala de Justiça* ao amanhecer.

Quase todos começaram a assentir, por isso acrescentei:

– Os que estão de acordo, levantem a mão esquerda.

Dorin quase levantou a direita – de novo por acidente, ou não? Depois se juntou aos outros, erguendo a esquerda. Olhei todos os rostos enquanto contava os votos. Haveria alguma pista, algum sinal de culpa na expressão de alguém? Será que eles fitavam Flaviu com muita frequência?

Desejei tê-los examinado mais, porém não podia embromar por muito tempo, então anunciei a contagem unânime a favor, depois concluí:

– A reunião está encerrada.

Não me mexi, agindo como se estivesse estabelecendo um novo protocolo ao deixar que saíssem primeiro – mas só porque meus joelhos começaram a tremer feito *loucos* e eu tive medo de tentar andar. Pelo jeito, fiquei mortinha de medo. Mas me controlei pelo tempo necessário. Era um começo.

Enquanto os Anciões saíam, olhei para Dorin, esperando os parabéns, mas ele não me encarou, como se de repente estivesse com medo de mim. Só consegui sorrir por um segundo e dizer, enquanto se retirava com os outros:

– Você agiu bem.

Quanto todos haviam saído, deslizei na cadeira e respirei fundo, ao mesmo tempo que absorvia tudo que eu tinha acabado de fazer.

Era possível que eu houvesse dado o primeiro passo para garantir o futuro que Lucius sonhava para nós e nossas famílias. Eu tinha visto, se não a culpa

e o nervosismo que esperava, pelo menos o respeito em alguns rostos. Talvez, apenas talvez, eu tivesse ganhado meus primeiros votos de confiança.

Fechei os olhos, tentando me recompor.

Ou talvez só tivesse condenado o vampiro que eu amava mais do que à minha própria existência à destruição.

Por que Flaviu não pareceu mais nervoso?

CAPÍTULO 92

Antanasia

Raniero - sua encarnação mais recente - estava me esperando na *camera de miză* e quase engasguei quando o vi.

A transformação que ele vinha sofrendo, de surfista à assassino outra vez, estava completa.

Não era somente a postura, sem qualquer traço dos ombros caídos e ao mesmo tempo não tão rígida. Ele estava mais apumado, porém relaxado, como Lucius costumava se portar. Como a nobreza. E não eram só as roupas que usava, ou mesmo o corte de cabelo e a barba feita, que presumi serem obra de Mindy, porque eu reconhecia o trabalho dela, sabia qual visual ela gostava de ver nos caras, e Raniero Vladescu Lovatu parecia o ápice de todas as fantasias que ela já havia descrito. Um cara cujo queixo firme e os maxilares pronunciados dos Vladescu, que enfim estavam visíveis, pareciam o ápice das fantasias de *um monte* de garotas.

Mas não era nem mesmo a soma de todas aquelas coisas que o fazia parecer o vampiro majestoso e perigoso que ele fora criado para ser.

Não, era principalmente a estaca recém-esculpida que ele estava guardando na parte de trás da calça jeans enquanto perguntava:

- Está preparada para a segunda aula, Antanasia? Trouxe sua arma?

CAPÍTULO 93

Antanasia

- *Raniero, tem certeza* de que você deveria estar portando isso?

- Eu não precisava dizer *o quê*. - Você tem permissão, ao menos?

- *Eu* não trabalho dentro da restrição das leis. Não mais. Mas se você me ordenar diretamente a ficar sem a arma, claro que vou me curvar à sua decisão.

Observei-o durante alguns segundos, tentando avaliar sua expressão, mas seus olhos pareciam cerrados.

- Tem certeza de que precisa de uma estaca neste momento?

- Antanasia, um vampiro já foi destruído e um príncipe está para ser julgado. Seria idiota em não me armar quando estou fazendo perguntas sobre o assassinato. Com muita frequência os que fazem perguntas acabam com o próximo buraco no peito, não é?

Eu não queria concordar, mas ele estava certo. E, tal como Lucius ficara ao chamar seu primo de volta à Romênia, eu também estava um pouco preocupada, pensando que Raniero acabaria desobedecendo se eu ordenasse que ele deixasse de andar armado. Para não dizer que eu provavelmente devia a ele o direito de se proteger...

- Certo, fique com ela, se assim o desejar.

Mas, por favor, não a use. A menos que não haja opção.

Ele baixou a cabeça recém-tosada.

- *Grazie.*

- Você disse que está fazendo perguntas...

- E não estou descobrindo nada. Pergunto a todos os empregados se eles viram alguma coisa na manhã da morte de Claudiu. - Ele me olhou diretamente. - Inclusive um príncipe que não deveria estar por perto.

Meu coração falhou, não porque eu desconfiasse de Lucius, mas porque percebi que nunca havia ficado sabendo onde ele tinha estado naquela noite.

– E?

– Ninguém viu nada. Não conseguem relatar nada incomum.

– Ah.

Fiquei aliviada e desapontada ao mesmo tempo.

O olhar de Raniero se abrandou só um pouquinho.

– Não se preocupe, Antanasia. Vamos descobrir a verdade. E, claro, eu ouvi da antecâmara, e você se saiu bem durante a reunião quando marcou a data do julgamento. Agora há vampiros Anciões que enxergarão você de modo diferente.

Olhei a estaca em minhas mãos.

– Espero que sim.

E naquele instante que meus olhos se desviaram, Raniero optou por começar a aula, de modo que um segundo depois me flagrei com as costas de encontro ao peito dele – do mesmo jeito que já havia ocorrido com Lucius –, a estaca posicionada junto a meu esterno, enquanto Raniero aconselhava:

– Nunca é sensato expressar dúvida diante de um vampiro armado e perigoso, sobretudo se isso faz você baixar a cabeça como se fosse ser sacrificada... e largar a arma.

CAPÍTULO 94

Antanasia

- *Raniero... o que você está fazendo?*

Lutei para acalmar a respiração e não sucumbir ao pânico. Raniero era incrivelmente forte. Seu peito era rígido contra minhas costas e a mão estava plantada com firmeza em minha barriga, bem embaixo do esterno. Eu podia sentir a ponta de uma estaca.

- Raniero! - falei um pouco mais alto.

Ele estava com meus dois pulsos presos em uma de suas mãos temíveis, e apertou mais. Porém sua voz não era ameaçadora - apenas mais nítida do que o usual - quando disse:

- Estou mostrando, em um movimento rápido, quase tudo o que você precisará saber se for usar mesmo uma estaca.

- Certo, mostre.

Ele parecia calmo, mas eu lutava para controlar a voz, que queria tremer.

- Você vai ficar parada e ouvir com atenção, sim?

- Sim - concordei. Eu não tinha escolha. - Vou.

- Você é pequena, portanto é vantajoso agir primeiro. Usar o elemento surpresa, se possível. Viu com que facilidade eu peguei você porque não estava preparada?

Eu nem o tinha visto se mexer.

- Certo, entendi.

- E esta... - Ele apertou o braço contra meu peito. - Esta é a melhor posição para causar um dano sério. Seu próprio corpo oferece a resistência, de modo que há mais potência quando você crava a estaca. É um princípio de alavanca, e é especialmente importante para uma pessoa pequena como você.

Assenti, minha cabeça batendo no peito dele.

– Entendi.

– Se você não puder prender o oponente desse jeito, tente garantir que ele esteja com as costas junto a uma parede. Caso contrário, você pode ter que golpear muitas vezes, o que é perigoso. Um lutador fraco costuma acabar dando vários golpes, em pânico, e nesse tempo o oponente começa a reagir. Você não pode permitir isso.

Assenti de novo, tentando me concentrar, apesar da pressão da estaca que ele continuava apertando junto ao meu coração. *Eu confio nele.*

– Eu vou... eu tentaria usar uma parede.

Minha confiança vacilou quando ele apertou a estaca com mais firmeza, fazendo com que eu me encolhesse. Mas suas palavras faziam sentido.

– Este é o lugar onde a ponta *deve* entrar. Lembre-se disso, sim? Caso contrário, mais uma vez, você pode não destruir de primeira. E depois você acabaria se metendo em uma luta.

– Vou me lembrar.

Eu *me lembrava* daquele lugar, da vez em que Lucius quase havia me destruído. Nunca me esqueceria.

Ficamos em silêncio e eu esperei que ele continuasse falando – ou que me soltasse. Mas ele não fez mais nada. Ficamos travados, e dava para senti-lo respirando contra meu ouvido, então enfim falei, com uma voz que eu esperava projetar uma autoridade capaz de alcançá-lo, caso ele estivesse de fato perdendo o controle e aquela “aula” não fosse nada além de um artil para me tornar vulnerável enquanto ele tentava decidir naquele instante seu próximo passo...

– Raniero, ordeno que você me solte. Agora.

Ele me soltou de imediato. Eu me virei e vi que ele assentia em aprovação. Em seguida enfiou a arma na cintura novamente.

– Esse é o último argumento que eu gostaria de levantar. Uma lição que você está aprendendo sozinha, e só pode aprender sozinha.

Afastei-me dele, ainda cautelosa.

– Não entendi.

– Você é da realeza. Isso implica um poder especial, e se acreditar nisso entrará na batalha com vantagem. Veja como eu me afasto ao ouvir sua ordem no instante em que você se lembra de quem é.

– Não creio que alguém que tente me destruir ouvirá minhas ordens.

Raniero sorriu, mas não calorosamente. Era um sorriso de guerreiro, talvez provocado por algum triunfo recordado.

– Não, talvez não. Mas seu oponente pode hesitar só um momento, e é então que a batalha é vencida.

Será que ele está pensando naquela vantagem momentânea sobre Lucius?
Assenti.

– Entendi.

– Desculpe por amedrontar você – acrescentou ele. – Mas seu medo vai ajudar a recordar tudo o que eu ensinei. Garanto que vai se lembrar de cada momento que nós compartilhamos.

– É, sem dúvida, vou. – Abaixei-me para pegar a estaca que eu tinha deixado cair, sem afastar os olhos dele. – E acho que já basta por esta noite.

Mas, quando me levantei, Raniero agarrou meu pulso, me fazendo parar de novo.

– Com sua permissão, também gostaria de administrar um pequeno teste. Um desafio. E, se você passar, se conseguir fazer o que peço, acho que estará pronta para carregar uma arma com confiança.

Olhei para minha mão e ele a soltou.

– Que tipo de teste?

– Você está ficando muito corajosa, e rápido. Mas tem coragem para *usar* a estaca?

– Usar? Tipo cravar em alguma coisa?

Ele assentiu.

– Sim.

Eu não deveria desviar os olhos de um vampiro armado, mas fiz uma verificação rápida na sala ao redor.

– Aqui não há nada além de estacas. O que eu usaria?

– Podemos usar isto.

– O quê?

Ao olhar para ele de novo, notei que Raniero não estava segurando coisa alguma.

Ele simplesmente estava apontando para o próprio peito.

CAPÍTULO 95

Antanasia

- *Você está brincando, não é?*

Por um momento não tive certeza se Raniero estava me provocando ou se oferecendo de verdade para deixar que eu o *destruísse*. Então ele levantou a mão e disse:

- Vou colocar minha mão na mesa e você vai atravessá-la com a estaca. É assim que se aprende a sensação de causar um ferimento.

- Você não pode estar falando sério.

- Estou falando muito sério. Você não faz ideia de qual é a sensação de causar dano até fazê-lo. Se não quer hesitar em um momento crucial, é melhor ter a experiência em segurança primeiro. E em pouco tempo, como muitas outras coisas, causar dano fica fácil com a prática.

Ouvi a melancolia e a amargura voltarem à sua voz, e mais uma vez isso me levou a confiar nele mais ainda. Raniero se arrependia de seus feitos do passado.

- Mas nem sou capaz de imaginar quanto doeria se eu *cravasse uma estaca* na sua mão mesmo.

Ele não pareceu preocupado.

- Suportar a dor é igual a causar dor. Também fica mais fácil com a prática. E você sabe, claro, que os vampiros se curam rápido. - Ele abriu a mão tatuada na mesa e indicou a parte carnuda entre o polegar e o indicador. - Aqui não tem osso. O ferimento vai durar no máximo alguns dias.

Balancei a cabeça, consternada.

- Não... eu não poderia.

Raniero sorriu diante do meu pavor.

– O próprio Buda diz: “A vida é sofrimento.” A dor não pode ser evitada, apenas enfrentada e aceita por completo. Para mim, um momento de desconforto não é nada.

– Não acho que Buda aprovaria se eu *cravasse uma estaca* em você deliberadamente.

O sorriso abandonou os lábios dele devagar, e eu vi que, sem querer, havia feito suas novas filosofias se chocarem com sua antiga vida, onde elas já não se encaixavam tão bem quanto na praia. E aquele era exatamente o motivo pelo qual ele não queria estar ali.

– É assim que Lucius e eu fomos treinados. E ainda que eu não possa lhe dar a ordem, já que você é soberana, sugiro com veemência que faça isso se deseja ter as habilidades necessárias para sobreviver em seu novo papel.

Recuei.

– Você e Lucius *cravaram estacas de propósito na mão um do outro*?

Ele não respondeu, mas por sua expressão pude ver que os dois tinham feito aquilo, sim. Tinham sido obrigados a fazer. E talvez mais de uma vez – provavelmente o motivo pelo qual ele fora capaz de cravar a estaca no *peito* de Lucius.

Raniero se encostou na mesa, olhando para o meu rosto, e ficou pensativo.

– Você já machucou alguma coisa ou alguém, Antanasia? Não falo de pisar em uma aranha, mas de causar dor verdadeira.

– Bem, uma vez cravei um forçado no pé de Lucius.

Os lábios de Raniero, não mais escondidos pelo cavanhaque, se retorceram com diversão, como se ele conhecesse a história e não a considerasse significativa.

– Não. Acho que nunca machuquei ninguém de verdade – admiti.

Ele me surpreendeu – e me deixou sem graça – ao dizer:

– Você saiu do tribunal incapaz de ao menos votar para destruir um vampiro.

– Como você sabe?

Ele deu de ombros.

– As notícias viajam até mesmo aos vampiros que moram na praia.

Até Raniero sabia o que havia acontecido, e ele se mantinha deliberadamente afastado das fofocas. Apoiei-me na mesa também, com minha nova coragem levando um pequeno golpe.

– Se *todo mundo* sabe que eu fugi, como posso ao menos sonhar em ser elevada à rainha?

Então o vampiro que pensara ter abandonado sua personalidade de filósofo me ofereceu outra coisa profunda sobre a qual refletir – e desta vez era uma citação de Raniero, não do Buda:

– Se você não consegue destruir um vampiro que merece isso, de acordo com a lei, talvez não devesse *querer* ser rainha.

Demorei alguns instantes para absorver aquilo e de repente foi como se meus olhos se abrissem.

O que eu tinha *desejado* era ser mulher de Lucius. Isso, sim, era o que eu queria quando concordei em me tornar princesa. E tinha aceitado a ideia de construir um reino melhor para os súditos que havia ganhado quando coloquei a aliança de casamento. Eu queria fazer isso – sobretudo por Lucius.

Mas então percebi... será que eu realmente, honestamente, *queria* ser uma governante?

E sabia que a resposta era não.

Ser princesa sempre havia sido apenas uma circunstância infeliz de meu nascimento e o prêmio despropositado que acompanhava a vida conjugal com Lucius. Eu não estava falhando como realeza só porque não me esforçava o bastante para aprender romeno, estudar os velhos livros de leis ou aprender a andar pelo castelo – embora esses tivessem sido erros grandiosos de minha parte.

Eu estava falhando porque meu objetivo havia sido apenas *agir* como governante.

No fundo, eu não queria ser monarca, como o vampiro que estava preso em uma cela e que ansiava pela chance de ser rei – um bom rei – com a intensidade de cada batida de seu coração enfraquecido.

Eu devia a Lucius o *desejo* de governar ao lado dele – não porque esse fosse o preço para estar perto dele, mas porque *eu* acreditava em minha liderança. Precisava tomar aquele cetro nas mãos. Oferecer menos do que isso não seria enganar meus súditos ou a mim – ou até mesmo a meus pais biológicos. Seria enganar Lucius.

E eu não faria isso. De algum modo, eu mudaria não apenas meus atos, mas também minha postura. De algum modo, eu iria *me obrigar* a querer – e reivindicar – meu direito inato.

Eu havia caído tão profundamente nos pensamentos que quase me esqueci de Raniero a meu lado, até que o vampiro muito perceptivo que eu estava começando aos poucos a compreender – ao mesmo tempo em que ele sentia estar se perdendo – disse:

– E então, Antanasia? O que você quer fazer?

Encarei-o por um longo momento, depois mudei a posição da estaca na mão até que estivesse bem acomodada e falei, com uma convicção que de fato já estava começando a se formar:

– Eu *quero* ser a princesa Antanasia Dragomir Vladescu, governante dos clãs de vampiros mais veneráveis.

Sem hesitar, Raniero pôs a mão na mesa e eu cravei a estaca em sua carne com toda a força.

CAPÍTULO 96

Mindy

- *Você vai ficar fantástica* - falei para Ylenia.

E ia mesmo, pois era eu quem estava arrumando os cabelos dela, e eu não fazia serviço ruim nem para uma garota que eu odiava - talvez pelos motivos certos ou talvez pelos errados. Não sabia mais dizer.

- Obrigada, Mindy - disse ela. - É muita gentileza sua me ajudar. - As bochechas pálidas ficaram um pouquinho vermelhas. - Sei que não sou muito boa com o cabelo e as roupas.

- Você se vira legal - menti. - Mas eu ajudei Jess a ganhar o Lucius, por isso acho que levo jeito.

- Não é um encontro - retrucou Ylenia, depressa demais. - Ele só pediu para conversar. E eu nem acreditei que ele fez *isso*.

- É, bem, com Raniero a gente nunca sabe, não é? - De fato, não dava mais para saber. Puxei com um pouquinho de força demais, tentando penetrar os cabelos crespos de Ylenia com a escova de pelos de javali que havia levado especialmente para os cachos de Jess. - E não faz mal ficar bonita.

Ylenia sorriu e pareceu tímida de verdade, como Raniero disse que ela era.

- É, acho que não.

- E aí... aonde vocês vão?

Na verdade, era isso que eu queria saber, e o motivo pelo qual eu tinha me oferecido para dar um jeito nela.

- Eu já disse, não é grande coisa. - Ela encolheu os ombros ossudos. - Só um passeio no jardim.

- Ah.

Puxei os cabelos dela com força demais de novo. Não porque a odiasse. Foi só que meus dedos ficaram trêmulos.

Talvez eu estivesse mantendo minha inimiga perto demais. Eu *queria* odiá-la e ainda não confiava nela, mas naquele momento também senti pena. Raniero a havia mordido e abandonado, e não importava o que ela dissesse, Ylenia estava empolgada porque ele queria conversar.

Ou seria culpa dela o fato de ele ter sido amaldiçoado? E de Jess e Lukey estarem encrencados?

Ou será que eu é que era doida, vendo coisas que não existiam? Porque me sentia quase maluca de ciúme só de imaginar Ylenia andando com Raniero por um jardim lindo, do mesmo jeito que eu e ele costumávamos fazer em algum parque idiota em Lancaster.

Continuei a trabalhar durante todo o tempo que passei pensando na situação, e me perdi em minha mente, na confusão de cachos de Ylenia e em minha caixa de maquiagem, e quando enfim recuei da minha segunda transformação daquela semana, para que Ylenia pudesse se levantar e dar uma rodadinha, quase gritei ao ver seus cachos brilhantes e seus olhos grandes e luminosos, porque pela primeira vez ela havia tirado os óculos...

Caramba, eu fiz um trabalho bom *demais*.

Ainda que a saia que ela usava fosse totalmente cafona, o restante dela quase parecia... Jess.

Quase igual a uma verdadeira princesa vampira.

CAPÍTULO 97

Lucius

R.,

É, eu me lembro de muitas coisas da convocação que resultou na marca em sua mão. Mergulho cada vez mais no passado, ou no que parece ser o passado, até a memória ficar mais clara do que a realidade. E naquela noite me recordo de que você estava com raiva, porém lúcido. Você recusou até minhas tentativas de conversar, parecendo preferir ficar distante – até que Ylenia Dragomir se aproximou de você.

Aquilo me pareceu tão estranho... Uma garota que sempre esteve à margem, e ainda mais uma Dragomir...

Lembro-me de ter pensado, enquanto vocês saíam juntos, grudados demais: “Isso é um erro.” Porque a expressão nos seus olhos era perigosa, Raniero – porque, para mim, você não parecia ameaçador, e sim vulnerável. (É estranho usar essa palavra para descrever você – mas é exata.)

E quando fitei seus olhos em seguida, eles estavam desfocados e loucos – diferentes até mesmo do dia em que você quase me destruiu – e você estava em uma poça de sangue com uma vampira recém-mordida ao lado... e um vampiro morto aos pés.

Na posição de alguém que está enlouquecendo lentamente, Raniero, eu sei – com mais certeza ainda do que soube naquela noite – que a mudança que você experimentou em minutos em geral acontece em horas, dias ou anos. Mesmo naquela época percebi que Claudiu devia ter feito alguma coisa para alterá-lo, esperando que você fosse destruído por uma turba, afinal não bastava mandá-lo para longe durante meses seguidos. Nem isso poderia aliviar a preocupação do meu tio de que um dia a verdade sobre como ele o incitou a me destruir fosse revelada.

E, claro, eu sempre soube que foi Claudiu quem o instigou a me atacar. Eu SEMPRE confiei em você, Raniero. Não foi a brincadeira que fiz naquele dia que poupou minha vida. Você nunca chegou mesmo perto de acabar com minha existência, como quis acreditar.

Preciso de toda minha energia para escrever isso, e para manter o foco, mas se isso ajudar você a perceber que não apenas está apto para retornar à nossa sociedade, como também para reivindicar seu lugar entre a realeza...

Talvez esta seja minha última carta, e assim, antes de voltar para meus sonhos, que ficam cada vez mais sombrios e mais longos, dou uma última ordem. Quando eu me for, como parece provável, seja pela destruição ou entrando no reino das imaginações loucas, reivindique seu lugar como regente e governe ao lado de Antanasia, pois nós dois sabemos que não existe restrição para um vampiro blestemată governar. Não há precedente, portanto não há restrição.

Faça isso por TODOS nós, irmão – padrinho – protetor da noiva...

Com gratidão tão eterna quanto espero que seja sua existência,

L.

CAPÍTULO 98

Antanasia

– “*In cazul in care acuzatul nu poate vorbi*” – leu Raniero em voz alta, o dedo acompanhando as palavras, e como eu não estava nem perto de entender as frases complexas nos livros de direito que estávamos examinando, flagrei-me olhando o curativo na mão dele.

Eu fiz isso com ele – e a sensação é terrível. Mas ao mesmo tempo poderosa.

A estaca não havia atravessado por completo, mas eu tinha causado algum dano. Muito mais do que quando acertei o pé de Lucius com um forçado. E Raniero achou que fiz direitinho.

– Esta é passagem que estamos procurando – disse ele, me arrancando dos pensamentos. – Um caso de 1622, mas relevante. *In realtà*, os Anciões vão respeitar um precedente tão venerável. Alguns até podem se lembrar do julgamento.

– O que diz exatamente? Preciso saber das palavras exatas.

Raniero pegou um pedaço de papel na escrivaninha de Lucius e começou a escrever.

– No caso de o acusado ser incapaz de falar...

Ele terminou e empurrou o bilhete para mim. E quando sua mão se moveu, o laptop de Lucius se acendeu pela terceira vez naquela noite. E pela terceira vez vi os e-mails de meu marido. Todas aquelas conversas com Raniero, algumas datadas de antes da destruição de Claudiu.

Sobre o que eles discutiam? Futebol e surfe? Ou segredos e política?

– Se você tem o que necessita por enquanto, está ficando tarde e eu tenho um compromisso – disse Raniero.

Eu queria estudar aqueles livros de direito a noite toda. Faltava menos de um dia para o julgamento de Lucius. Mas eu já havia perguntado a Raniero

o suficiente por um dia. Talvez por uma vida inteira. Não tinha o direito de indagar o que era o “compromisso” dele.

Será que tem a ver com Mindy? Porque ela não está preparada para enfrentar o Raniero que vem surgindo.

– Não vou ver Mindy Sue – informou ele, me surpreendendo. Minha preocupação, pelo jeito, era óbvia. – Não se preocupe com ela. – Ele deu um sorriso triste e amargo, combinando os únicos tipos de sorriso que tinha nos últimos tempos. – Eu contei a ela *tudo* sobre meu passado enquanto ela usava a tesoura, e o que restava entre nós desapareceu junto com meu cabelo.

Comecei a me levantar.

– Eu deveria ir vê-la. Ela deve estar chateada.

Porém ele pôs a mão em meu ombro, pressionando-me para voltar a sentar.

– Ela está bem. E creio que também tem planos.

Planos? Tarde da noite em um castelo solitário?

Mas aceitei a palavra de Raniero, pois de qualquer modo eu não podia ser de grande ajuda para Mindy. Pelo menos não até salvar Lucius. Aí então eu lhe ofereceria um ombro para chorar, caso ela precisasse.

– Certo, se você tem certeza de que ela está bem.

– Você deveria descansar – sugeriu Raniero, indo para a porta. – Precisa tanto de forças quanto de conhecimento.

Sentei-me de novo na poltrona de Lucius.

– Não. Vou continuar trabalhando. Posso dormir quando Lucius estiver livre.

– Essa é uma boa atitude. – Raniero abriu a porta. – Melhor ainda do que a de seu marido, eu acho.

E saiu antes que eu pudesse perguntar o que ele sabia sobre a aparência de Lucius. Ou sobre sua sanidade.

Eu sabia que precisava trabalhar, mas quando fiquei sozinha não tive certeza de como agir. Estava ficando sem tempo para inocentar Lucius, e não tinha prova alguma. Enquanto lutava para pensar, levei a mão

distraidamente ao mouse do laptop e o sacudi, de modo que o computador acordou de novo, e desta vez cedi à tentação e cliquei no e-mail de Lucius.

Eu não estava xeretando de verdade, só procurava algum tipo de informação que pudesse ajudá-lo. Queria saber mais sobre Raniero também, afinal agora o assassino conflituoso fazia parte da *minha* vida. E um lado meu ansiava por ao menos esse pequeno contato com Lucius. Queria ler sua prosa espirituosa e sarcástica, que era tão... ele.

Sentindo a menor das pontadas de culpa, abri a última mensagem trocada entre os dois vampiros poderosos e misteriosos e desci a tela até o início da correspondência, que havia começado semanas antes de meu casamento e continuava esporadicamente até a manhã da destruição de Claudiu.

Os e-mails, claro, eram destinados a Raniero, e eu captei algumas ideias sobre o relacionamento deles – e suas suspeitas. Mas também encontrei outra coisa espalhada nas mensagens, e aquilo era quase melhor do que pistas.

Uma carta de amor para mim.

Pelo menos começava desse jeito.

CAPÍTULO 99

Mindy

Eu deveria ter imaginado que Raniero iria se encontrar com Ylenia em um jardim. Ele sempre gostava de ficar ao ar livre e dizia que as construções o sufocavam, e independentemente do que pensava sobre si, eu sabia que Raniero não estava mudando de verdade. Podia ter roupas melhores e um novo corte de cabelo, e até parecer louco algumas vezes, mas ainda era o Ronnie meigo e inofensivo, amante da natureza.

Se ele não fosse um cara legal, não concordaria em fazer a coisa certa por Ylenia, que já estava sentada perto dele em um banco sob as estrelas. Cheguei tarde, pois precisei pedir informações a dois empregados diferentes, mas pelo jeito não tinha perdido muita coisa. De onde eu estava, nas sombras, parecia que todas as coisas piores, mais dolorosas, estavam acontecendo naquele momento.

– Ylenia – disse Raniero, parecendo muito triste. – Acho que errei por não conversar com você antes. A princípio acreditei que estava fazendo um favor a você, porque não posso imaginar quem iria quer um vampiro *blestemată*, mas talvez essa escolha também devesse ser sua, não é? Porque nossa tradição diz que o que compartilhamos, o sangue, é um laço para toda a eternidade.

Fiquei igual a uma das estátuas de mármore ao redor, que eu conseguia ver dali do meio dos arbustos, como se a Renascença italiana ainda estivesse acontecendo e eu também não pudesse me mexer. Era como se eu também fosse de pedra.

Eu não deveria ter ido espioná-los. Não estava ali para flagrar Ylenia fazendo ou dizendo alguma coisa errada. Estava ali porque uma parte de

mim desejava testemunhar o cara que eu havia mandado embora – e que eu queria de volta – me abandonar para sempre.

Eu, tipo, *queria* sofrer. E tive o que queria.

– Entendo por que você agiu daquele jeito – disse Ylenia. – Aquela noite deu tão errado...

– Deu, sim.

Eu a vi levantar a mão e tocá-lo, como eu teria feito, e meu coração se encolheu no peito.

– Mas Lucius acreditou que você não pretendia de fato destruir ninguém naquela noite – disse ela. – E eu também acredito. Não sei o que aconteceu, mas você não queria fazer aquilo.

– Até hoje também não entendo. – Ele deu de ombros, quase como se tivesse desistido de se importar com aquela coisa ruim que havia feito. – Mas sei que nós compartilhamos algo sagrado para os vampiros, e se você não me desprezar, se de algum modo quiser que comecemos a nos conhecer mais, aos pouquinhos, e quiser descobrir se talvez deseje um vampiro perturbado e com certeza condenado, vou cortejá-la como você merecia e ainda merece.

Ela ficou sentada, encarando-o, e meu coração encolhido parou. *Diga que não! Diga a ele que não! Diga para ele ir se catar!*

Mas, dããã, Ylenia era louca por ele havia anos – ela o odiava e amava completamente – e respondeu:

– Eu gostaria, Raniero. Isso significaria muito para mim. Assim como aquela noite também significou.

Nenhum deles disse com todas as letras, mas eu percebi o que havia acabado de ocorrer. Em resumo, ela afirmara: “Aceito você como meu, para sempre.” Muita coisa da vida dos vampiros era um mistério para mim, mas eu sabia que uma garota mordida possuía direitos sobre o cara para sempre. Como uma garota que *não tinha* sido mordida, eu sabia disso bem DEMAIS.

Eu quase fui “destruída” naquele momento, e a única coisa que me impediu de gritar foi saber que Raniero não retrucara dizendo que aquela noite havia significado muito para ele também. Fiquei satisfeita ao menos por isso.

Até que ele se inclinou e deu um *beijo* nela.

Não foi como os beijos que nós dávamos. Eles não se atracaram e ficaram grudados, sem conseguir se afastar nem se o mundo acabasse. Foi só um beijo no rosto – mas foi a última estaca tenebrosa no *meu* coração.

Comecei a me virar, sabendo que tinha cometido um erro ENORME indo até ali.

Eu não devia ter visto a cena. Isso vai me assombrar para sempre... mesmo que eu não tenha um para sempre, como eles vão ter, porque ela NUNCA vai largá-lo.

Comecei a respirar de maneira ofegante e histérica, e foi uma surpresa ao menos ter conseguido ouvir quando ela sussurrou:

– Vou ser boa para você, Raniero. Prometo. E você vai precisar de alguém se... se o pior acontecer com Lucius e você ascender e se tornar regente de Antanasia. Prometo que estarei pronta para ajudar a governar.

Eu estava de costas para eles e congelei de novo. Fechei os punhos com tanta força que minhas unhas se cravaram na pele.

Vaca. Ela ERA uma vaca cheia de truques.

E eu não soube que diabo *Raniero* quis dizer quando respondeu:

– Obrigado, Ylenia. Acredito que você vai agir bem ao meu lado caso eu ocupe o lugar de regente, governando com Antanasia na ausência de Lucius.

Uma de minhas unhas quebrou de encontro à mão.

Estava tudo errado. Ele não deveria agir como se houvesse alguma chance de Lukey não ficar bem. Amigos não falam daquele jeito. E ele não deveria estar falando sobre governar nada. Ele não queria aquilo. Sempre jurou que não queria...

Então por que ele parecia estar *babando* diante da chance de ocupar o lugar de Lukey?

De repente eu não sabia se estava certa em relação ao meu ex-namorado.

Fiquei ali naquele jardim muito silencioso, como se duas pessoas tivessem parado de conversar para se beijar mais um pouco, e pela primeira vez imaginei se Raniero não havia escondido algumas coisas muito importantes

de mim. Imaginei se ele não teria *mentido* para todos nós o tempo todo, fingindo ser um cara legal e um bom amigo.

CAPÍTULO 100

Antanasia

Ainda que Lucius não falasse sobre Raniero com frequência, havia ocasiões em que eles trocavam um bocado de e-mails. A correspondência entre os dois era uma daquelas coisas que ele escondia até de mim – talvez em parte porque era onde ele falava *sobre* mim. Eu tinha certeza de que esse era o único fórum, além de nosso quarto, onde Lucius Vladescu chegava ao menos perto de expressar *sentimentos*.

“Minha esposa está enfraquecendo, Raniero... Eu me preocupo com ela... Não suporto vê-la lutando...”

– Desculpe, Lucius – murmurei, com vergonha. – Desculpe mesmo.

Subindo pela tela, percebi que tinha chegado ao fim da sequência de mensagens e me recostei na poltrona, com raiva de mim mesma e enxergando mais claramente ainda como me encolhera atrás dele desde nosso casamento. Como eu o havia deixado na mão e aumentado seus fardos.

Quase todas as primeiras mensagens de Lucius incluíam algum tipo de elogio a mim – em geral escondidos dentro dos papos de homem sobre esportes, estacas e os méritos de usar calça ou não. *Antanasia é brilhante, Raniero. Você precisa vir ao meu casamento, nem que seja para ver a mulher que tem o poder de ME deixar sem fala.*

Raniero havia escrito sobre Mindy também, e apesar de eu ter pulado essas partes, pois não queria xeretar, ficou claro, mesmo com todos os rrsrs sobre os sapatos dela, que ele se importava muito com minha amiga, e talvez enxergasse as necessidades dela com mais clareza do que ela mesma. *“Ela frequenta a faculdade porque a mãe quer, mas eu lhe disse que há uma escola de estética excelente, não muito longe da casa da praia.”*

Infelizmente, com o tempo, os dois relacionamentos pareceram se desintegrar um pouco. Os rs de Raniero terminavam muitas vezes com um “*mas triste*”, enquanto Lucius começava a expressar arrependimento, não por ter se casado comigo, mas por me arrastar para uma vida que estava me esmagando aos poucos.

Relevei uma das últimas mensagens, na qual Lucius pedia a Raniero, mais uma vez, para vir ajudá-lo a cuidar do reino de forma que pudesse se concentrar mais em minha proteção.

– Desculpe – repeti, levantando o dedo para fechar o programa.

Mas segundos antes de clicar notei a hora e a data das últimas mensagens, que tinham sido trocadas durante um breve período no qual Lucius mencionou que eu estava dormindo perto dele, pois às vezes ele trazia o laptop para nosso quarto e trabalhava diante da lareira.

Descendo de novo pela tela, acompanhei a sequência mais uma vez, ficando empolgada enquanto as imagens de relógios, de Lucius me acordando e de *sangue vermelho intenso* começavam a dançar de repente diante dos meus olhos.

Obriguei-me a me acalmar e a pensar com clareza, usando os dois hemisférios do cérebro. *Pense como uma vampira – e uma atleta de matemática, Jess. Use seu lado racional e sua nova familiaridade com o sangue.* E aos poucos a pergunta foi se formando na minha mente:

Dada a taxa de coagulação do sangue, será que um vampiro que estava mandando mensagens às 6h47 – e ao meu lado na cama às 7h15 – poderia estar no saguão na hora certa para cravar uma estaca três vezes em seu inimigo?

CAPÍTULO 101

Antanasia

O julgamento de Lucius estava chegando e eu tinha apenas uma prova minúscula a favor dele, por isso pensei que jamais conseguiria dormir naquela noite. Só que, não fazia muito tempo, eu havia cravado uma estaca na mão de Raniero, lido as leis e realizado meu estudo habitual de romeno, então acho que estava exausta, pois assim que minha cabeça bateu no travesseiro, caí no sono quase no mesmo instante.

Ou talvez eu não tivesse dormido de fato, porque enquanto estava apagando comecei a ter um sonho quase tão nítido quanto as alucinações que havia sofrido. Só que dessa vez – talvez alimentada pelos e-mails de Lucius – tive um sonho *bom*.

Na verdade, era uma lembrança. Uma lembrança que começava na noite em que me casei, quando Lucius fechou a porta de nosso quarto, de modo que, pela primeira vez desde que havíamos recitado nossos votos, estávamos a sós.

CAPÍTULO 102

Antanasia

– *Eu teria levado você a qualquer lugar do mundo, você sabe – provoca meu marido, puxando-me para perto. – Nós não precisávamos ficar aqui em casa na noite de núpcias!*

Sorriso para ele.

– *Eu não queria viajar. Só queria ficar aqui com você.*

Ele sorri também e beija meu pescoço, depois diz:

– *Não tenho objeção a isso, esposa minha. Prefiro carregá-la para nosso quarto a arrastar malas por aeroportos!*

Dou uma risada nervosa. Esperei tanto tempo por esse momento... mas de repente também tenho uma ciência aguda da minha inexperiência.

Lucius é experiente.

Isso fica explícito no modo como ele tira o paletó sem interromper o roçar suave e insistente dos lábios em meu pescoço. E um segundo depois ele solta as abotoaduras às minhas costas e eu as ouço tilintar no chão.

Nem sei como as abotoaduras funcionam. Será que devo ajudá-lo? Será que devo me despir?

Claro, Lucius sente minha tensão, já que fiquei rígida nos seus braços, e diz baixinho:

– *Não fique nervosa. Eu amo você.*

– *Também amo você.*

Recuo um pouco e seguro sua gravata-borboleta, puxando-a. O que não resulta em nada, só faz com que a gente quase caia. Ponho a mão no ombro dele, tentando nos firmar.

– *Desculpa. Meleca!*

Eu não queria dizer aquela gíria sem graça, infantil, nem quase puxar nós dois para o chão. Estou constrangida e arruinando a noite mais especial da minha vida...

– Permita-me, por favor.

Acho que Lucius vai rir de mim, mas ele não faz isso. E com um puxão breve a gravata está desamarrada e pendendo em volta do pescoço. Então ele me beija, os lábios firmes porém ternos contra os meus, e muda a posição para sussurrar de novo ao meu ouvido, murmurando uma das coisas mais doces que já me disse. Palavras que, tenho certeza, nunca vou esquecer, assim como nunca poderia me esquecer de seu pedido de casamento ou dos votos que acabamos de trocar.

– Algum dia, Jessica – diz ele baixinho – você vai estar diante de mim neste mesmo quarto enquanto nos preparamos para alguma cerimônia que ambos odiamos, afinal já teremos estado em tantas outras durante os anos que passamos juntos, e você vai sorrir, levantar a mão e ajeitar minha gravata torta, como sempre faz. E um de nossos filhos, talvez nosso primeiro filho, vai puxar seu vestido, exigindo nossa atenção. Então vou beijar você e me abaixar para pegá-lo, pensando: Como foi que me tornei tão feliz?

Adoro a historinha. O príncipe guerreiro com quem me casei imaginou aquela cena de família. A família que vamos criar. Ele nos visualiza muito depois da nossa primeira noite, juntos, felizes e acostumados um com o outro, mas ainda empolgados, como sempre estaremos...

E de repente não estou nem um pouco nervosa.

– E se só tivermos filhas? – provoco-o, porque sei que o comentário sobre um filho, no masculino, não foi somente descuidado ou uma brincadeira.

Lucius fora criado para acreditar que ter um herdeiro homem é muito importante.

Passo os braços em volta da cintura dele, sentindo a camisa branca e engomada sob os dedos. Também sonhei em ter filhos com ele – algum dia. Só tenho 18 anos e nunca contei isso a ninguém. Mas penso nisso às vezes.

– E se só tivermos meninas, príncipe Lucius? – pergunto de novo, rindo.

Ele ri e aperta a boca mais perto do meu ouvido – e meu corpo mais perto do dele, de modo que consigo sentir todo o poder, a tensão gostosa crescendo nele, pois apesar de estarmos falando do futuro, estamos cada vez mais sob o feitiço do presente.

– Se só tivermos filhas, eu serei o vampiro mais feliz que existe – sussurra ele. – Porque aprendi com você que uma princesa pode ser tão poderosa quanto um príncipe.

Então ele me tira do chão pela segunda vez naquela noite e me carrega para nossa cama, e não consigo imaginar por que fiquei nervosa ao menos por um segundo enquanto estamos juntos – completamente juntos – pela primeira vez, e logo os caninos que senti roçando em minha pele mergulham fundo em meu pescoço outra vez.

Acordei no meio da noite e esfreguei o pescoço como se o sonho tivesse sido real. Não como se fosse outra alucinação. Foi só um sonho vívido, maravilhoso, que *iria* se realizar. Ele tinha previsto nosso futuro, que iria acontecer.

Eu *faria* acontecer.

Queria ser a mulher que ajeitava a gravata do rei, que comparecia a eventos tediosos e o olhava colocar nossos filhos nos ombros. E queria mais do que isso. Queria recuperar o tal poder que Lucius tinha visto em mim e que eu havia perdido, e usá-lo para comandar um reino de vampiros com a mesma força que minha mãe biológica mostrara. Queria tudo isso, de coração, mais do que já tinha desejado qualquer outra coisa na vida. Enquanto permanecia na nossa cama, o desejo de governar, que eu havia começado a sentir quando usei a estaca pela primeira vez e experimentei aquele poder nas mãos, endureceu, transformando-se em uma resolução feroz. Uma *necessidade feroz*.

Eu não queria ser apenas a Sra. Lucius Vladescu, ou uma princesa, até. Queria ser *rainha*.

De repente entendi o que Raniero devia ter sentido naquele momento em que ficou tentado a tomar o poder. Mas eu não afastaria minha mão e nem recuaria, temerosa de dar o golpe final para tomar o que era meu.

Eu tinha algumas horas, e iria aproveitá-las do melhor modo possível para conseguir tudo o que eu *precisava* ter.

Quando pus os pés para fora da cama, pensei em Lucius e na imagem da estaca que era sempre tão importante em nossa vida juntos, e ainda era capaz de sentir a força e a autoridade nas mãos dele, uma remanescência do sonho – e outra coisa se encaixou para mim. Uma coisa que era, de novo, uma combinação entre matemática racional e a esfera irracional dos vampiros – e tão óbvia que eu não conseguia acreditar não ter percebido antes.

Correndo para me vestir, saí do quarto, sem nem mesmo me dar ao trabalho de me dirigir a Emilian.

Percebi que ele seguia atrás de mim enquanto eu corria até o quarto de Raniero, onde entrei sem bater. Fechando a porta e deixando meu guarda do lado de fora, fui até a cama e sacudi Raniero, dando-lhe um susto, de modo que ele se sentou totalmente alerta, então perguntei:

– Raniero... Você já exumou um corpo?

CAPÍTULO 103

Antanasia

A noite estava muito fria, mas a lua estava reluzente e nem precisamos de lanterna quando chegamos ao cemitério, onde não havia árvores para bloquear a luz. Através das barras do portão de ferro já dava para ver o mausoléu onde meus pais biológicos tinham sido enterrados – e onde um dia eu talvez fosse repousar – como uma mancha cinza na vastidão de branco. E à distância também dava para ver a cripta muito mais grandiosa dos Vladescu, onde um lugar esperava...

Olhei para Raniero, que se mantinha atrás de mim, com uma pá apoiada no ombro como se fosse uma prancha enquanto eu levantava a tranca.

– Tem certeza de que precisamos fazer isso? – perguntou ele.

– Tenho. Eu me lembro de uma coisa do dia em que Claudiu morreu. Uma coisa na qual nem pensei, até que você me ensinou a usar uma estaca. – Entrei e logo encontrei o túmulo de Claudiu. A lápide nova em folha reluzia mais branca do que as que estavam ao redor, e a neve formava montinhos, afinal a terra tinha sido revirada havia pouco tempo.

Avancei alguns passos, depois me virei, porque Raniero não estava me seguindo. Estava parado junto ao portão, tenso, como na primeira vez em que eu o encontrara ali.

– Não me diga que *você* fica nervoso aqui – falei.

Ele se remexeu, inquieto.

– Não, eu já disse que sou preguiçoso. O chão vai estar duro.

– Se não quer ajudar, eu mesma faço.

– Só tento fazer uma piada, Antanasia. – Mas, mesmo assim, ele não se mexeu. Demorou um instante examinando o cemitério, e mesmo ao luar deu para ver que o queixo dele estava tenso. – Não gosto de estar aqui. Sou

responsável por algumas dessas sepulturas. Andar aqui é pisar em um campo minado, e me pergunto se a visão de uma lápide vai bastar para me fazer explodir. Só brinco para afastar pensamentos mais sombrios.

Apertei minha capa com mais força em volta do corpo.

– Desculpe, não pensei nisso. Só quero ajudar Lucius.

Ele me lançou um olhar cético.

– E você acha que desenterrar o corpo de Claudiu Vladescu vai ajudar alguém?

– Acho.

Seus dedos se flexionaram em volta do cabo da pá.

– Ainda não entendo.

– E eu não entendo por que os vampiros ainda investigam crimes como se estivéssemos na Idade Média, usando tortura, sussurros e a palavra de um vampiro contra outro. Quero levar *provas* ao julgamento de Lucius. – Examinei o trecho de neve salpicado de lápides brancas. Em algum lugar embaixo do chão estava um vampiro que eu não tinha podido condenar. – Houve testemunhas, mas nenhuma prova de verdade quando o assassino do pai de Ylenia foi julgado. – Encarei Raniero. – E será que alguém, além de Lucius, tentou defender você no seu julgamento?

– Não. Ninguém. – Ele arrastou os pés de novo. – Então você quer fazer justiça para os vampiros igual à dos seriados de TV americanos, sim?

Ele ainda estava meio brincando, mas respondi muito séria:

– Isso mesmo. E, apesar de não termos equipamento de cromatografia líquida e nem mesmo um kit para tirar digitais, podemos coletar fatos. Os Anciões podem ser levados a fazer julgamentos mais racionais, mais comedidos.

Raniero assentiu, pensativo.

– Lucius diz que seu jeito americano lógico de pensar vai beneficiar nossos clãs.

Estávamos separados por alguns metros de neve e eu disse baixinho porém com firmeza, do mesmo jeito que ele já havia falado comigo várias e várias vezes:

– Se eu consigo sair da cama e encarar as coisas que me aterrorizam no futuro, você pode encarar seu passado.

O vento soprou e olhei de novo para a cripta dos Vladescu. *Será que sou hipócrita...?*

Quando me virei, vi que Raniero tinha se aproximado. Nem ouvi o portão se fechar ou a neve guinchar embaixo das botas pesadas que haviam substituído seus chinelos. Ele virou a cabeça para a nova lápide.

– Vamos, Antanasia, vamos acabar logo com isso.

Sem mais uma palavra, fui adiante, até o túmulo de Claudiu. Quando chegamos, Raniero tirou a pá dos ombros, jogou a capa de Lucius no chão, depois se curvou e cravou a pá na neve e na terra.

Ainda que a terra provavelmente estivesse dura, continuava solta na cova rasa, e Raniero era forte. Nem ofegou enquanto trabalhava. Poucos minutos depois a pá acertou em madeira. Em meia hora ele havia liberado o caixão.

Ajoelhando-se ao lado do buraco estreito, ele passou os dedos embaixo da tampa de ébano e ergueu o rosto para o meu.

– Está preparada, Antanasia? Está frio, e não se passou muito tempo, de modo que não haverá muita podridão. Mas a visão não vai ser bonita.

Eu sabia disso. E sabia o que havia acontecido na última vez em que tinha olhado para aquele caixão. Mas precisava me certificar.

– Vá em frente.

Ele puxou com força e eu dei um pulo, pois a tampa cedeu com facilidade, abrindo-se para revelar o corpo. Inclinando-me, obriguei-me a olhar.

– Tire a mortalha para vermos o ferimento – instruí.

Raniero iniciou, em silêncio, o processo desajeitado de descobrir o peito de Claudiu, e eu me virei – não porque estivesse surtada demais para olhar, mas porque, mesmo tendo desprezado Claudiu, parecia desrespeitoso espiar seus ombros nus e ossudos. Eu estava quase sem graça por ele.

– Diga o que vê.

A voz de Raniero saiu abafada, porque a cabeça dele estava voltada para dentro da sepultura.

– Talvez você possa me dizer o que deseja que eu procure.

Mas nem precisei responder. Antes que eu dissesse qualquer coisa, ouvi-o murmurar baixinho uma expressão de surpresa em italiano.

– *Mavalà.*

Cerca de uma hora depois, tínhamos enterrado Claudiu Vladescu de novo, então Raniero vestiu a capa, escondendo a estaca recém-esculpida que continuava enfiada na cintura da calça jeans.

Fomos caminhando pelos montes de neve e, quando ele fechou o portão, eu olhei para o céu, esperando que nevasse mais ainda, pois eu queria que a sepultura parecesse intocada... para o caso de eu precisar abri-la de novo.

CAPÍTULO 104

Antanasia

- *Por que estamos aqui?* - perguntei a Raniero. Tateei procurando a estaca no bolso do meu casaco. Estava tentando me acostumar a andar com ela. - Achei que as aulas houvessem terminado.

Tínhamos ido direto do cemitério para a *camera de miză*, e Raniero passara o tempo todo calado. Enquanto eu acendia as velas, ele andava de um lado para outro, mas não como fizera na primeira vez em que eu o encontrara ali. Dessa vez ele ainda parecia um leão, mas fazia do mesmo jeito que Lucius quando andava para lá e para cá, imerso em pensamentos.

Raniero parecia estar rondando, com a presa à vista.

- Raniero?

Acordei-o de um devaneio que parecia mais profundo ainda do que o sono que eu tinha interrompido antes.

- Sim? O quê?

- Por que estamos aqui?

- Preciso ver... - Ele foi até a caixa onde a estaca de Lucius estava e abriu a tampa com os dedos ainda sujos depois de desenterrar um cadáver e de examinar os ferimentos de Claudiu - ... isso.

Ele ergueu a arma de Lucius e a pôs perto do rosto, depois passou um dedo pelas manchas de sangue em camadas, como se as estivesse analisando. Ou *medindo*.

Eu ainda conseguia sentir levemente o fedor de Claudiu e, como sempre, queria recuar. Mas o assassino que sabia tanto sobre ferimentos, estacas e sangue não se afastou do odor rançoso tal como tinha feito no cemitério. Limpou as mãos na calça, tirando parte da sujeira, e segurou a estaca mais perto do rosto, inalando o cheiro desde a ponta até o cabo.

Depois se virou para mim e declarou de modo muito solene:

– Esta estaca está manchada com o sangue de Claudiu. Mas não é a arma que destruiu meu tio.

Meu coração falhou pelo menos umas cinco batidas.

– Como você sabe?

– O sangue de Claudiu, que é pungente, só está na ponta da estaca.

– O que significa...

– Uma pessoa fraca a usou e não conseguiu penetrar o suficiente. Ou o sangue foi posto mais tarde, por alguém que não sabe quanto a ponta deve penetrar para furar um coração. Isso é algo forjado ou parte de uma tentativa fracassada, e nós temos certeza de que Lucius não falharia.

Meu coração começou a bater *mais forte*.

– Isso é uma boa notícia. Não é?

No cemitério já havíamos estabelecido a precisão de minha memória. Claudiu tinha sido golpeado *três vezes*, ao passo que Lucius o teria destruído com uma única investida. Além disso, Raniero havia determinado que os dois primeiros golpes tinham sido dados por um vampiro *destro*. Ele não precisava de nenhum laboratório ou equipamento especial. Só de seu conhecimento sobre o modo como os ferimentos eram infligidos em lutas mortais.

– Então você está dizendo que não só o *número* de ferimentos e seus ângulos de entrada ajudam a inocentar Lucius, mas que a arma dele nem mesmo causou o ferimento fatal?

Eu pedia uma confirmação, porque aquilo era importante demais.

– Sim, mas não se empolgue muito, Antanasia – alertou ele. – Mesmo assim, foi um vampiro *canhoto* que furou o coração de Claudiu.

Mas eu estava empolgada.

– Lucius jamais precisaria de ajuda em uma luta – lembrei. – Será óbvio para os Anciões que ele não estava envolvido.

– Sim. – Mas na verdade Raniero não estava escutando. Dava para ver que as engrenagens giravam na cabeça dele, e havia algo que não estava me contando. Eu conhecia aquela expressão reservada. Ele estava ficando com

raiva também, por algum motivo. – Desculpe por eu não ter olhado a estaca nem o corpo antes.

– Tudo bem. Agora nós sabemos de mais coisas, e é só isso que importa.

Ele balançou a cabeça, no entanto, parecendo mais preocupado ainda. Não pressionei para que me contasse seus pensamentos, pois ele era igualzinho a Lucius e não revelaria nada antes de estar pronto para isso.

– Perdi alguns instintos depois que saí deste lugar. – Ele me encarou. – Desculpe.

Não tive certeza se ele estava se desculpando por não ter pensado em verificar a estaca antes ou pelo que fez em seguida: foi até a caixa onde sua arma estava, ainda mais ensanguentada, e deu um soco no vidro, despedaçando-o e liberando a arma, que levantou com uma segurança incrível e enfiou atrás da calça depois de tirar a outra, menor, mais nova, e jogá-la no chão.

– Está quase amanhecendo – observou ele quando notou que eu o encarava, sem fala. – Você deveria se preparar para o julgamento. Acho que este será um dia longo.

CAPÍTULO 105

Mindy

Chequei ao quarto de Jess bem cedo com meu estojo de maquiagem, pensando que precisaria fazer mais uma transformação antes de aposentar a tesoura para sempre. Depois de aprontar Jess para o julgamento, eu *nunca mais* ia mexer com cabelos. Estava farta de gente bonita – e de vampiros bonitos.

Mas quando bati à porta e abri, Jess não estava lá.

Quem estava era a princesa Antanasia Dragomir Vladescu.

– Acho que você não precisa de mim hoje – falei. – Uau!

No casamento, ela estava bonita. Mas agora estava *poderosa*.

Essa era, tipo, a única palavra para descrevê-la.

– Sempre vou precisar de você, Min – disse ela, e de algum modo, embora o amor da vida dela estivesse para ser julgado e com a vida em jogo, ela sorriu. – Sempre.

Mas não era verdade. Pelo menos não do modo de sempre. Alguma coisa havia mudado dentro dela, tipo, da noite para o dia. Nós sempre seríamos melhores amigas, mas algo estava diferente. Não fazia sentido, mas parecia que eu estava me despedindo quando nos abraçamos.

– Boa sorte, Jess. Vou ficar assistindo.

– Obrigada. – Ela segurou minha mão antes que eu saísse. – E, quando isso acabar, vai ser minha vez de ajudar você. Sabe disso, né?

Imaginei que ela tivesse percebido que eu estava sofrendo um bocado também. Não tanto quanto ela, talvez, mas o bastante, a meu modo.

– É, eu sei.

Pensei em contar que eu estava confusa em relação a Raniero, que não sabia se ela deveria confiar nele, e que eu estava em dúvida quanto à Ylenia

também, mas fiquei quieta. Hoje a luta era dela, e dava para ver em seus olhos que ela estava decidida a vencer. E tentar confundi-la com relação a vampiros que ela provavelmente enxergava com mais clareza do que eu não iria ajudar no último minuto. Eu poderia abalar tudo o que ela havia conseguido construir. Depois de ter lido um milhão de matérias sobre autoconfiança, eu sabia que acreditar em si mesma era metade da batalha.

Se isso era mesmo verdade, então Antanasia Vladescu estava pelo menos 50 por cento a caminho de vencer seu primeiro julgamento. Por isso falei apenas:

– Fique esperta. Você sabe quem são seus amigos de verdade.

Ela me lançou um olhar dizendo que eu ainda era a número um.

– Sim. Eu sei.

A princesa Antanasia virou para se olhar no espelho, mas não havia nada para consertar no visual formado pelo terno vermelho escuro ou nos cachos pretos, ou no modo como ela simplesmente se portava, parecendo ter uns 3 metros de altura. Por isso peguei minha bolsa e a deixei sozinha.

Assim que fechei a porta, dei de cara com Emilio, que carregava uma garrafa – e um bilhete.

– Me dê isso.

Estendi a mão.

Ele recuou.

– *Este pentru prințesa.*

Eu não saquei nada do que ele disse, mas continuei com a mão estendida.

– Me. Dê. Isso.

Emilio estava acostumado a obedecer e me entregou a garrafa. Abri o bilhete e li: *Por favor, Antanasia, beba antes do julgamento. Você vai precisar de todas as forças. D & Y.*

Emilio estendeu as mãos.

– *Vă rog, trebuie să duc asta.*

Não entendi uma palavra também, por isso não estava mentindo quando disse:

– Desculpe, não falo romeno.

Pude senti-lo me espiando o tempo todo enquanto eu atravessava o corredor com a garrafa.

Talvez a princesa Antanasia ainda precisasse de mim, só um pouquinho.

Parei em uma das zilhões de salas que quase nunca eram usadas naquele castelo enorme e joguei toda a minha maquiagem em um tapete, afinal não iria levar nada daquilo para casa e as empregadas ganhariam um belo presente surpresa. Parte daquilo era de marcas concorridíssimas e ainda estava com os lacres. Usei o espaço vazio para guardar a garrafa cheia de sangue nojento, sentindo-me muito melhor por Antanasia, e um pouco melhor por mim também, pois tinha quase certeza de que havia salvado a pele dela uma última vez.

CAPÍTULO 106

Antanasia

Os Anciões já estavam reunidos quando cheguei à sala do tribunal e fiz uma pausa à entrada a fim de encarar a multidão que tinha ido assistir ao julgamento de Lucius. A sala estava apinhada, e havia mais vampiros esperando nos corredores e nos arredores dos muros do castelo.

Eu tinha ouvido um barulho baixo e persistente ao alvorecer, e, quando fui à janela e olhei para baixo, vi um fluxo constante de parentes arrastando os pés pela estrada gelada, do jeito silencioso que os vampiros fazem graças a séculos tentando não atrair atenção. A princípio fiquei surpresa, até que me dei conta de que, obviamente, o julgamento era de interesse de todo o reino. Eu não havia espalhado a notícia de que ele ia acontecer e estivera preocupada demais para pensar em como nossos súditos estariam curiosos. Tinha até imaginado a notícia sendo publicada mais tarde, depois do veredicto, mas era claro que, mesmo sem uma mídia organizada, a data e a hora haviam se espalhado pelos clãs.

De pé na sala do tribunal, demorei um instante a mais para encarar alguns rostos.

Os mesmos vampiros que tinham me visto desmoronar no enterro de Claudiu estão aqui.

Há ainda mais vampiros aqui.

Sem hesitar mais e sem nem sequer olhar os Anciões ao redor para ver se alguém questionava, segui direto para a cadeira de Lucius outra vez – o assento do poder – e me acomodei.

Mantive o queixo erguido enquanto reivindicava meu lugar, depois olhei devagar para a esquerda e para a direita, encarando todos os Anciões – passando rápido por Dorin, pois não queria ver o medo dele, que era

contagioso – e sustentando o olhar em Flaviu, afinal queria que ele enxergasse exatamente o que eu estava projetando.

Poder.

Ele não desviou o olhar de cara e deu um risinho cínico, mas tudo bem. Eu sabia que uma pequena vitória em uma reunião do conselho não bastaria para desfazer o dano que eu causara ao me acorvadar durante meses. A pequena dose de respeito em vários rostos dos Anciões já me bastava.

Sem perder mais tempo, voltei-me para a multidão e anunciei, com uma voz clara que escondia por completo o terror que eu havia trancado bem no fundo, sabendo que jamais poderia deixar que voltasse a transparecer em público:

– Tragam o acusado.

Nem mesmo hesitei – nem ao menos pisquei, embora um lado meu *gritasse* por dentro – quando Lucius foi escoltado até aquele círculo cinza-claro no chão.

CAPÍTULO 107

Mindy

Não sei como Jess aguentou quando o Lukey foi conduzido à sala lotada, as mãos acorrentadas à frente do corpo. Eu não sabia para onde os guardas achavam que ele poderia fugir, pois parecia que mal conseguiria chegar ao meio da sala, onde eu tinha me espremido depois de empurrar uns 100 vampiros do caminho. Mas quando arranjei um lugar, quase desejei não ter conseguido.

– Coitado do Lucius! – meio que choraminguei.

Jess me dissera que ele estaria quase morrendo por não beber sangue, mas acho que eu não tinha como imaginar a cena. E era *ruim*.

Mas Jess nem se encolheu. Apenas encarou o marido, que se esforçava bastante para ser como antes, porém mais parecia o Raniero surfista. Era como se os dois tivessem trocado de lugar. Os ombros de Lucius pendiam, frouxos, seu lindo cabelo preto estava desgrenhado, ele precisava se barbear e as roupas estavam sujas, e quando enfim abriu os olhos e tentou olhar em volta, como se quisesse dizer a todo mundo que ainda estava no comando...

Olhei para Jess de novo. Como ela conseguia não chorar ao vê-lo lutando tanto para ainda ser... Lucius?

Mas Jess também estava lutando. Lutando por ele, e seus olhos pareciam gelo. Eram como gelo *negro*, como se toda a parte castanha tivesse sumido. Eu nunca tinha visto Jess daquele jeito.

– Está claro que Lucius Vladescu não está em condições de falar por si mesmo – disse ela, depois parou para lançar um olhar matador a um dos tios, Fabio era o nome dele, acho. Eu me encolhi um pouco. – Porque foi mantido em confinamento solitário sem alimentação. E assim, como sou sua

esposa e portanto não poderei participar do veredicto, vou falar por ele, convocar suas testemunhas e apresentar seu caso.

Aquilo pareceu chocar todo mundo, e o vampiro velho parecido com o que eu tinha visto no caixão havia não muito tempo saltou da cadeira e começou a gaguejar como se estivesse tendo um ataque cardíaco.

– Isso não tem precedentes! Lucius deve falar por si! E seu papel é presidir, *princesa*.

O *tio Fabio* devia ser acorrentado por falar daquele jeito, mas Jess nem piscou. Apenas se virou para ele e disse, muito calma:

– Há um precedente. – Em seguida se levantou, demorando-se, e falou com todo mundo como se estivesse na suprema corte: – *Vladescu versus Vladescu*, 1622. A rainha Sorina Vladescu presidiu o tribunal como juíza não votante e falou pelo acusado, seu marido, Alexandru, que se encontrava quase no estado de *luat* por conta da privação de sangue. Os casos são idênticos.

Ao redor, escutei vampiros traduzindo todas as palavras de Jess e vi alguns Anciões balançando as cabeças grisalhas e dizendo “*Da*”, como se concordassem.

– A princesa Antanasia tem razão – berrou um deles. – Eu estive nesse julgamento, assim como Horatiu Vladescu, e ocorreu exatamente como ela relata. Há um precedente. Ela deve prosseguir.

– *Da. Da* – assentiu todo mundo, exceto Fabio. – Prossiga.

Caramba! Eu estava quase histérica por dois motivos: Jess tinha vencido o primeiro round! E havia caras que estavam *vivos* em 1622 ali?

Será que Lucius, Jess e Raniero – e Ylenia – de fato iriam viver tanto assim porque bebiam sangue? Aquilo nunca havia soado real, mas agora eu percebia que pelo menos alguns deles ainda estariam andando por aí muito depois de eu partir.

Comecei a procurar por Raniero e Ylenia, que eu estivera tentando não ver, e encontrei Ylenia sentada quase na frente, como se já se esgueirasse para o lugar de Jess, e a odiei mais ainda. Eu não estava mais com ciúme, apenas. Eu a odiava como nunca havia odiado ninguém na vida.

E Raniero... Não estava em lugar nenhum. O que *isso* significava?

Olhei de novo para Jess e Lucius... e vi os olhos dela se suavizarem, só por um segundo, quando ele levantou o rosto para fitá-la. Parecia exausto, como se estivesse dormindo em pé, mas o estranho é que eu pude jurar que ele *sorriu* para ela, e tinha aquele brilho de Lucius Vladescu nos olhos sonolentos, pouco antes de Jess ficar durona de novo e dizer aos guardas:

– *Intoarcerea la prizonier în celulă*. Levem o prisioneiro de volta à cela. Sua presença não é necessária agora.

Lucius estava péssimo, mas ainda era Lukey, e senti um nozinho na garganta quando ele se desvencilhou dos guardas e foi caminhando sozinho para fora da sala enquanto todo mundo olhava em silêncio absoluto.

Ele era Lucius Vladescu, caramba, e achei que ninguém jamais teria coragem de cochichar, mesmo com ele moribundo. Mesmo daquele jeito, ele ainda parecia um rei.

De algum modo, lutando para ficar de pé acorrentado, ele parecia *mais* rei do que nunca.

Quando ele saiu e a porta bateu, comecei a procurar de novo pelo cara que eu temia querer roubar o trono – mas não precisei procurar muito, pois Jess se sentou de novo e disse:

– Convoco Raniero Vladescu Lovatu para apresentar a primeira prova.

Aí, nossa, a multidão pirou, boquiaberta e cochichando, e então meu coração parou quando Raniero entrou pela mesma porta por onde Lucius tinha acabado de sair e ocupou o lugar do melhor amigo naquele círculo no chão.

CAPÍTULO 108

Mindy

Como é que a visão de alguém tão forte e lindo, sobre quem eu nem sabia mais como me sentia, podia doer mais do que ver um bom amigo doente e abalado?

Acho que foi porque Raniero pareceu mais arruinado para mim – ali de pé e usando um terno feito sob medida – do que Lucius lutando acorrentado. Não ajudou em nada o fato de os olhos de Raniero terem ficado muito pretos também quando aquele Fabio sinistro e os outros vampiros velhos começaram a guinchar:

– Mas ele é *blestemată*... ele se condenou!

É, houve um enorme barraco enquanto os Anciões decidiam se poderiam – ou deveriam – ouvir o testemunho de um vampiro que era, tipo, o pior criminoso de todos os tempos.

Observei Raniero permanecer muito ereto durante toda a discussão e vi que era como se estivessem dando socos nele. Dava para notar que ele se esforçava muito para não se encolher toda vez que alguém dizia “Mas ele é amaldiçoado... O testemunho dele não é válido”.

No entanto, Jess devolveu os socos, defendendo-o, e disse a todos, muito calma:

– Vocês treinaram Raniero Vladescu Lovatu para ser o que ele é: o assassino mais hábil do mundo, um especialista em destruição, ferimentos e sangue. E, a seu modo, ele é a testemunha mais digna de crédito que nossos clãs poderiam produzir.

Foi então que ela começou a vencer o segundo round.

Houve um longo momento de silêncio, então o velho Fabio disse, muito devagar, como se fôssemos idiotas:

– Ele vai mentir para proteger o amigo.

Jess demorou um segundo para deixar que todos pensassem na declaração. Depois deu o soco que produziu o nocaute, verbalizando exatamente o que estava me deixando meio enjoada naquele momento:

– Raniero tem muito mais a ganhar se Lucius for condenado à destruição do que absolvido. Ele está na linhagem para governar como meu regente. Assim, se seu testemunho inocentar o príncipe, será mais digno de crédito do que qualquer outro, pois pagará um preço alto para tal. Ele perderá a chance de obter riqueza, privilégio e poder com que a maioria apenas sonha.

Jess parecia uma garota diferente – uma *mulher* diferente. Como se estivesse recebendo o espírito da mãe biológica e usando todo um vocabulário novo ainda melhor do que o romeno. Estava falando *realezês*.

Houve mais silêncio. Daria para ouvir um alfinete caindo. Então alguém enfim disse, em nome de todos:

– Que o vampiro *blestematã* fale. Não há regra contra isso.

Vi Raniero cruzar as mãos diante do corpo, parado como Lukey estivera, mas sem as correntes – pelo menos não havia nenhuma à vista – e com a cabeça erguida e os pés bem plantados e separados. Antes, pensei ter visto o sorriso de Lucius quando ele estivera ali, mas, agora, *tive certeza* de que os olhos de Raniero brilharam como se estivessem pegando fogo, de um modo que eu nunca tinha presenciado – e não gostei muito.

Olhei para Ylenia e ela estava meio que sorrindo também, como se aquele julgamento estivesse começando para valer.

CAPÍTULO 109

Antanasia

Para um vampiro que um dia afirmara desejar tudo o que Lucius tinha, Raniero fez um trabalho impressionante defendendo o príncipe que bloqueava seu caminho para o poder – embora o simples fato de comparecer ao julgamento já lhe custasse. Se não a oportunidade ao trono, pelo menos em termos de dor.

– *Ele é um assassino... Amaldiçoado... Ele se condenou...*

Enquanto ouvíamos os Anciões – sobretudo Flaviu – cuspir essas palavras, eu sabia que Raniero enfim estava sendo empurrado para aquele lugar ao qual temia ir. Seus olhos tinham ficado negros e perigosos. No entanto, ele fez o máximo pelo amigo.

Levou a estaca de Lucius e mostrou a todos como a mancha de sangue estava completamente equivocada. E conseguiu que os serviçais que haviam preparado o corpo de Claudiu para o enterro confirmassem que havia três ferimentos no peito do Ancião destruído.

– Dois são rasos e feitos por um vampiro destro, e um golpe final foi causado por alguém que atacou com a mão esquerda – disse a todos. – Para mim, como alguém que destruiu com frequência, é muito fácil ver o padrão. E todos sabemos que Lucius Vladescu destruiria o oponente com um único golpe da mão esquerda. Ele *jamais* usaria a mão direita. Nem *erraria*. – Raniero chegou a sorrir um pouco. Um sorriso austero, de valorização da coragem de Lucius. – E Lucius Vladescu não pede ajuda quando vai à batalha. Se fosse responsável por esse ato, *não* haveria ferimentos realizados com a mão direita.

A maioria dos Anciões e todas as pessoas no tribunal concordaram que Lucius sempre usaria sua mão dominante – destruiria com mais eficiência, e

sem nenhuma ajuda patética de algum vampiro mais fraco e destre. Todo mundo conhecia sua reputação, e seu poder fora aparente mesmo quando entrara no tribunal, acorrentado porém lutando para ficar de pé, ainda soberano em cada centímetro do corpo.

Mas, infelizmente, ainda não parecia que ele iria vencer o julgamento.

Dava para ver que nada do que Raniero dizia seria suficiente para anular o refrão confuso repetido por todos: “Mas o sangue de Claudiu está na estaca, e Lucius não é capaz de explicar isso.”

Nem mesmo minha prova dos e-mails com os horátios, trocados quando Lucius *teria* que estar no saguão caso houvesse destruído Claudiu, os abalou. Se muito, todas as informações que apresentei sobre computadores só pareceram deixar os vampiros mais velhos atordoados e levantar suspeitas entre eles.

Eles entendiam que era estranho o sangue de Claudiu ainda estar em um tom vermelho vivo quando Lucius fora arrastado da cama e todos nos reunimos no saguão, mas não conseguiam compreender como um computador poderia provar que ele estivera ocupado em nosso quarto durante muito tempo antes disso, de modo que o sangue *teria* que coagular e escurecer caso ele tivesse cometido o ato.

Eu estava tão certa de que venceríamos – de que minha nova atitude prevaleceria – que imaginei que Raniero e Mindy, que me conheciam tão bem, deviam ter visto a incredulidade em meus olhos quando bati o martelo e disse:

– Vamos encerrar os procedimentos por hoje e nos reuniremos de novo amanhã.

Porque ao fim da tarde eu já estava sem ideias para salvar Lucius e sentia que o melhor a fazer era esperar por um milagre naquela noite. E se não conseguisse um...

Eu não sabia muito bem o que fazer.

Enquanto os Anciões e os espectadores saíam arrastando os pés, finalmente encarei Dorin e, pela primeira vez, ele não me encarou de volta, nem mesmo

por um segundo. Estava olhando para Ylenia – e os dois pareciam mais perplexos do que eu.

CAPÍTULO 110

Mindy

Eles se encontraram em um jardim diferente depois da primeira parte do julgamento de Lucius. Segui Ylenia direto até o pátio secreto minúsculo onde Jess e Lucius tinham se casado.

Na noite do casamento de Jess, as trepadeiras selvagens e retorcidas que cresciam em todos os muros tinham parecido românticas, mas naquela noite era como se estivessem sufocando a vida daquele lugar pequenino. Como se fossem se enrolar em meus braços e espremer a vida do meu corpo também. A vida de *todo mundo* naquele castelo.

Lucius estava muito encrocado.

Aqueles vampiros eram velhos demais para compreender as provas de verdade, tipo as dos computadores. Ou talvez só quisessem ver um candidato a rei, jovem e forte, ser derrubado porque eles eram velhos e nunca tinham sido nada mais do que uns fracotes. Fiquei enjoada quando vi até Dorin, o tio de Jess, se remexendo como se fosse fazer xixi nas calças.

E quase vomitei nas sombras, também, quando vi o cara por quem estava apaixonada praticamente no mesmo lugar onde eu tinha visto seus olhos incríveis pela primeira vez, sussurrando para Ylenia:

– Você tem certeza de que deseja esta vida? Porque você vê como Antanasia sofre. Se eu chegasse ao poder, isso seria perigoso para você também.

Os olhinhos dela, não mais escondidos pelos óculos, reluziram mais do que antes.

– Sim, eu estaria pronta. Conseguiria dar conta.

Tentei de verdade entender o que Raniero estava fazendo, porque poderia jurar que ele havia se esforçado bastante a favor de Lucius no tribunal.

Havia mesmo? Seria por isso que Jess tinha perdido no final? Porque Raniero não havia tentado de verdade?

Honestamente, não dava para saber. Ele *parecia* ter dito a coisa certa, mas daí...

– É bom nós termos nos juntado de novo – disse ele a Ylenia. Falava baixinho, mas não do mesmo jeito que costumava falar comigo. Não parecia doce. Gostoso, sim, mas não doce. – É bom ter uma segunda chance.

Virei-me, deixei os dois sozinhos e voltei ao meu quarto, certificando-me de que a garrafa que eu havia apanhado estava em segurança. Até enfiei algumas blusas a mais na bolsa, só para garantir que ela não se quebraria por acidente quando eu a levasse para a sessão no dia seguinte.

Eu deixaria Jess continuar fazendo o que sabia, porque eu não tinha cem por cento de certeza em relação àquela garrafa, ou em relação a Ylenia, ou especialmente em relação a Raniero. Ele parecia dois vampiros em um, e eu não conseguia deduzir qual era o verdadeiro.

Mas, se tudo desse errado no final... Bem, eu não era vampira, mas iria destampar aquela garrafa e derramar um bocado de sangue. Ia provocar um pequeno inferno num lugar que já parecia bem perto disso, se quer saber.

CAPÍTULO III

Antanasia

A essa altura eu já presumira que poderia ter acordado o guarda bêbado e simplesmente exigido a chave. Mas, quando parei nas sombras da masmorra, parte de mim se agarrou à pequena esperança de que os Anciões ainda considerariam Lucius inocente, baseados em parte na insistência contínua dele em obedecer às leis que o mandavam para um mundo de pesadelos loucos. Por isso, no fim das contas, fui em silêncio em direção ao meu marido, que estava deitado em sua cama de tábuas, já parecendo um cadáver, e sussurrei:

– Lucius.

Ele permaneceu imóvel.

– Lucius?

Ao meu segundo chamado, um pouco mais alto, seus olhos se abriram, e mesmo à luz fraca do lampião vi uma quantidade enorme de emoções o atravessarem. Surpresa e desaprovação, porque eu não deveria estar ali, tanto porque a lei proibia quanto porque ele considerava arriscado eu vagar por ali sozinha. Mas, acima de tudo, enxerguei o amor que eu precisava ver.

Ele não se movimentou logo. Achei que estivesse exausto demais e tive que dizer baixinho:

– Não posso ir até você. Não tenho a chave. – Lancei um olhar para o guarda que roncava. – E não posso me arriscar a acordá-lo procurando.

Doía demais ficar separada de Lucius, e tinha doído mais ainda vê-lo lutar no tribunal. Mas nada doía tanto quanto vê-lo lutar, e muito, só para se levantar e vir até *mim*. Ele se sentou no catre e parou durante uns 30 segundos com a cabeça baixa, e quase pedi que permanecesse ali. Que já bastaria ficarmos nos olhando.

Mas eu queria tocá-lo e ele também queria me tocar – tanto que conseguiu se levantar e dar os poucos passos até as barras que tinham espaço suficiente apenas para eu enfiar o braço e alcançá-lo. Ele se encostou na parede, mas logo nós dois escorregamos para o chão, tocando um ao outro do único jeito que conseguíamos. E não era nem de longe tanto quanto precisávamos.

Mesmo assim, ele me disse:

– Você não deveria estar aqui, Jessica. Se o guarda acordar, *você* também será castigada por violar as leis.

Ajoelhei-me ao lado dele, e pela primeira vez desde que tínhamos nos casado, quando praticamente deixei Lucius assumir o controle, afirmei minha autoridade para com ele.

– Não me importo.

Ele havia fechado os olhos, mas abriu de novo, e vi ali um traço muito precioso de diversão – junto com a admiração que vinha diminuindo desde o casamento.

– Você mudou, esposa minha, com quem sonho enquanto estou aqui. *Um de nós* está ficando mais forte. – Ele deu um jeito de sorrir. – Você foi muito corajosa ao optar por presidir o funeral de Claudiu, quando não precisava, e hoje foi uma força digna de crédito no julgamento.

Não quis lembrá-lo de que eu era obrigada a presidir o funeral, mas morri de medo pensando que Lucius pudesse ter esquecido até mesmo um detalhe do protocolo real. Os livros que eu tentava decifrar estavam cauterizados na mente dele.

– Eu também sonho com você, o tempo todo – falei, afastando a preocupação. Apertei o braço dele e nós tentamos encostar as testas através da abertura estreita. – Sinto muita saudade. – Minha voz falhou, mas me controlei. – Mas amanhã isso vai acabar. Você vai estar livre.

Lucius podia estar perdendo o contato com a realidade, mas mesmo assim optou por encarar a verdade quando a reconheceu.

– Não creio que eu vá ficar livre, Jessica. Sei que você e Raniero se saíram admiravelmente bem hoje, mas meu guarda informa os boatos com honestidade. Os Anciões não acreditam na minha inocência.

– Eles vão acreditar, Lucius. Vou pensar em outra coisa. Prometo.

Ele afastou a cabeça da minha e me encarou.

– Você se saiu bem, princesa. Assumi um risco e nunca deve se arrepende disso. Eu teria feito o mesmo.

– Vai valer a pena.

Ele não acreditava.

– Se não funcionar, saiba que tenho fé de que você será uma governante incrível... você *já é* uma governante incrível. E lembre-se sempre de que você foi o amor da minha existência.

Aquilo foi demais para ele e Lucius não conseguiu falar mais nada. Eu não parecia capaz de dizer mais nada, também.

Fiquei sentada com ele, em silêncio, sem querer que nosso tempo juntos acabasse. Em algum momento, no entanto, o guarda se mexeu e Lucius murmurou:

– Você precisa ir, agora.

– Não, ainda não. Não antes de você beber.

Ele balançou a cabeça, parecendo confuso.

– Não, Jessica... Nós já violamos leis suficientes, e não tenho como alcançar você. Não vou machucá-la nem tentar beber desesperadamente por entre as barras, como um animal. – Vi o pesar nos olhos dele. – Você não poderia me oferecer o suficiente para me sustentar por mais do que poucas horas, de qualquer modo. Seriam necessárias semanas de descanso e muito, muito sangue antes de eu ficar forte de novo. – Ele continuou a me encarar e eu vi a verdade em seus olhos. Vi como ele estava perto de... desaparecer. Lucius só estava ali porque me amava a ponto de voltar do lugar de pesadelos por tempo suficiente para dizer adeus. – Não quero que você se lembre de mim como alguém que a machucou, ou que agiu com um desespero infrutífero.

Eu não podia aceitar aquilo. Ele precisava continuar lutando, então puxei meu braço, enrolei a manga e enfiei a mão pelas barras de novo. Eu também estava sendo egoísta. Se ele fosse desaparecer mesmo, eu queria que levasse uma parte de mim consigo. E queria senti-lo bebendo de novo. Conectar-me com ele daquele jeito.

– Você pode beber aqui, Lucius. Onde eu me cortei no nosso casamento.

Ele olhou do meu braço para meu rosto.

– Acho que não, Jessica.

Ai, meu marido frustrante, corajoso, maravilhoso. Eu estava me esforçando para ser corajosa também, e começando a ter sucesso, mas lágrimas faziam meus olhos arderem.

– Eu amo você, Lucius. E vou morrer se ficar sem você, por isso você *vai* beber do meu sangue esta noite. – De repente eu parecia Raniero na *camera de miză*. – Acha que eu me importo com alguns minutos de dor física? Acha que eu me importo com a *lei*?

Ele hesitou e acrescentei:

– Faça isso por mim. Por favor, Lucius. Não poderei viver se alguma coisa acontecer a você. Não *vou* viver.

Eu sabia que não estava jogando limpo. Estava pedindo que ele violasse seu código de honra usando a única tentação à qual sabia que ele não seria capaz de resistir.

Eu.

Ele não violaria as regras para salvar a própria existência, mas faria qualquer coisa para salvar a *minha*.

– Lucius – sussurrei, vendo-o enfraquecer de um modo diferente. – Se você entrar no limbo e nunca mais voltar para mim, não somente vou me juntar a você, como você não terá a oportunidade de criar um reino melhor para centenas de milhares de vampiros que precisam de um rei como você. Portanto esta noite vamos violar uma lei no interesse de nos salvar, e em última instância aos nossos parentes, a maioria dos quais provavelmente nem merece a vida que queremos dar a eles.

Ele hesitou só por mais um segundo.

– Às vezes me esqueço de como sua vontade é forte. De como *você* é forte.

É, porque eu também havia me esquecido, por tempo demais. Enfiei a mão mais dentro da cela.

– Aqui... beba.

– Às suas ordens, Jessica. – Eu poderia jurar que ele estava sorrindo levemente, assim como tinha feito no julgamento, sorrindo de orgulho. Uma elevação quase imperceptível dos lábios. – Já que você *insiste*.

Então Lucius tomou meu braço nas mãos frias e baixou a cabeça sobre mim, e senti seus caninos roçando minha pele, afinal ele estava faminto. Eu vinha bebendo sangue algumas vezes, mas também estava faminta dele. Mesmo que, claro, não pudesse beber uma gota dele, meus caninos doeram enquanto seus lábios roçavam a parte interna e pálida do meu pulso, e de fato doeu quando seus dentes romperam a carne. O local era sensível, os caninos dele eram muito mais grossos e rombudos do que a faca que eu havia usado no casamento, e o que estávamos compartilhando naquele momento era diferente da paixão que em geral tornava *bom* ser mordida. Era uma sensação nova, e tudo nela era doloroso. O fato de simplesmente amar o vampiro tão desesperado por se alimentar, mas que tentava ser gentil enquanto meu sangue penetrava em sua boca, *doía*.

– Beba mais – insisti quando ele começou a recuar. – Por favor. Beba o máximo que puder.

Mas, claro, ele era Lucius Vladescu, e ainda que pudesse ter destruído vampiros e cravado uma estaca na mão do melhor amigo, também era meu protetor, e um príncipe, e não acreditava que poderia ser salvo drenando meu corpo em uma noite de desespero. E antes que eu ao menos ficasse tonta, ele levantou a cabeça e a inclinou para trás, os olhos fechados, como se estivesse satisfeito – embora eu soubesse que não estava. Seus dedos não pareciam mais fortes quando ele apertou meu braço, estancando o sangue.

– Você devia beber mais, Lucius.

Mas eu sabia que ele não o faria.

– Eu te amo, Jessica – murmurou ele, parecendo tonto. – Mas agora você precisa ir...

– Sim, Lucius. Eu vou. Também te amo.

Mas não saí. Fiquei sentada com ele, olhando seu rosto, enquanto ele dormia ali mesmo no chão, as costas na parede e a cabeça apoiada nas barras.

Quando o guarda enfim ficou inquieto demais e não consegui suportar a visão dos olhos de Lucius, não mais maliciosos e felizes, e sim sob pálpebras trêmulas enquanto ele retornava a um local de tormento, esgueirei-me de volta ao meu quarto – e para a escuridão, uma última vez.

CAPÍTULO 112

Antanasia

O cemitério parecia mais frio ainda do que antes, e eu sabia que estava mesmo sozinha naquela noite. Raniero havia feito sua parte por Lucius, e agora parecia ter outras coisas ocupando sua vida nova. Eu não o vira desde o julgamento e não sabia para onde tinha ido.

Abri o portão de ferro e fui primeiro para a cripta de meus pais, onde derramei minha oferenda de sangue na pequena tigela, e disse baixinho:

– Espero que, no final, eu tenha deixado vocês orgulhosos. E espero que fiquem felizes, e não decepcionados, se eu não for posta para descansar aqui, perto de vocês, embora fosse uma honra estar a seu lado.

Então saí da cripta dos Dragomir e fui para o alto mausoléu dos Vladescu, o mausoléu pontudo que eu tinha evitado até mesmo olhar durante tanto tempo, e onde insistiria para ser enterrada.

CAPÍTULO 113

Antanasia

Acendi uma fileira de cinco velas que estavam em uma prateleira de mármore dentro da tumba dos Vladescu e derramei outra oferenda de sangue na tigela que Lucius usava para seus pais.

– Eu devia ter vindo aqui antes, para agradecer a vocês pelo Lucius – declarei, de cabeça baixa. – Vocês não podem imaginar como seu filho é incrível, e agradeço também por assinarem o pacto que o tornou meu marido, ligando-me a ele por toda a eternidade.

Quando falei essa palavra – eternidade –, levantei a cabeça e enfim encarei o que tinha me feito afastar os olhos daquela cripta por tempo demais. Finalmente encarei... o futuro.

Ao contrário dos Dragomir, que deixavam espaços vazios em seu mausoléu – talvez um reservado para mim, talvez não –, os Vladescu eram realistas em relação às perspectivas até mesmo de seus filhos prediletos. Li as palavras gravadas em mármore:

LUCIUS VALERIU VLADESCU, 1993 d.C. –

Olhei o nome dele e me recusei a estremecer. Eu não faria isso mais. Lucius se postava naquele mesmo lugar e encarava aquela lápide todas as vezes que ia visitar os pais. Talvez aquele fosse o motivo pelo qual ele conseguisse encarar o fim da própria existência em outras ocasiões também.

E, naquele lugar austero e terrível, fiz uma nova promessa a Lucius.

Eu seria destruída junto com ele antes de participar de sua condenação à destruição. Cometeria traição desafiando as regras dos Anciões, violaria

algumas de nossas maiores leis e morreria com meu marido caso a situação chegasse a tal ponto.

No dia do casamento, eu tinha feito uma promessa a Lucius, de estar com ele durante toda a eternidade, e ia mantê-la, se não do modo como eu esperava, de qualquer modo que fosse necessário. Ou seria destruída imediatamente ou, se de algum modo Lucius fosse inocentado mas já estivesse perdido no reino de pesadelos, eu iria segui-lo até lá, iria encontrá-lo e sofreríamos juntos, porque eu jamais beberia o sangue de outra pessoa de novo, e preferiria passar a imortalidade em tormentos ao lado dele do que cinco minutos sozinha em um castelo com todos os confortos que nosso dinheiro podia comprar.

Apaguei as velas e saí do mausoléu e, na volta para o castelo, caminhando pela floresta cheia de lobos, imaginei quem iria me enterrar caso fosse necessário.

Seria Dorin, cuja existência era passada numa cova rasa feita de medo, tentando espantar sombras que nem estavam ali ainda?

Pensei mais e mais em meu funeral, e comecei a andar cada vez mais depressa. E, apesar de Lucius insistir que membros da realeza jamais se apressavam, quando me aproximei de casa eu já estava correndo a toda velocidade.

Eu precisava ver a *Carte de Ritual*.

O livro que ditava, até os detalhes mais ínfimos, o modo como nossos clãs realizavam os ritos de nascimento, casamento... e destruição.

CAPÍTULO 114

Antanasia

Meus dedos tremiam de empolgação e fúria enquanto corriam pela página do *Carte de Ritual* e eu comparava meticulosamente as palavras que via nas páginas às do dicionário romeno-inglês que enfim estava começando a parecer bem manuseado.

Immormântarea... Pentru... Conducător...

No decorrer de três horas, traduzi todo o trecho sobre funerais de Anciões para garantir que não estava enganada. Tive um cuidado especial com a entonação antes do toque dos sinos. “*Acum vom respecta un moment de tăcere pentru a marca trecerea lui Claudiu Vladescu in tăcerea veșnică.*”

E quando a manhã chegou, fechei o livro com uma pancada que deve ter abalado os alicerces do castelo.

Tudo o que li ali, e outras coisas das quais me lembrava, também – uma palavra no rótulo de uma garrafa, uma rolha tirada um pouco cedo demais, a mão direita de alguém tremendo...

Tudo se traduzia em... *traição.*

CAPÍTULO 115

Mindy

Tentei encontrar Jess antes do segundo dia do julgamento, mas naquela noite ela nem dormiu na própria cama. Esperei durante horas, assim como tinha esperado por Raniero, porque achei que deveria alertá-la sobre minhas crenças em relação a Ylenia e Ronnie.

Mandei torpedos e tentei ligar para o celular, mas ela não atendeu. Nem o Emiliozinho sabia onde ela estava, por isso acabei levando minha bolsa para a sala do tribunal, apertando-a como um bebê, e esperando junto com todo mundo – um punhado de vampiros que me olhavam como se *eu* fosse maluca.

E talvez eu estivesse um pouquinho ansiosa. Mas não tanto quanto a princesa que entrou no tribunal usando jeans muito pouco profissionais e uma camiseta, como se tivesse ido ao inferno e voltado – e já fosse arrastar todos nós de volta para lá, como eu meio que planejava fazer.

Eu soube em uma fração de segundo – e todo mundo também soube, até o velho Fabio – que não estávamos vendo só uma princesa ali parada, usando jeans e botas.

Todos estávamos tendo um primeiro vislumbre da próxima *rainha*.

CAPÍTULO 116

Antanasia

Dava para ver que todo mundo naquele tribunal sabia que eu estava ali a sério, mesmo não usando um terninho e salto alto. Eu poderia estar vestindo a camisola que tinha posto depois de fugir de meu primeiro julgamento, e mesmo assim a expressão em meus olhos bastaria para silenciar toda a câmara.

A atmosfera estava tensa, nervosa e agitada quando marchei sala adentro, e eu soube que era daquele modo que uma princesa – ou até uma rainha – deveria ser recebida.

Até Flaviu parou com seu risinho de desdém, e imagino que tenha pensado ser o alvo quando não fui para trás da mesa dos Anciões para ocupar meu lugar, e sim para a frente de todos aqueles vampiros, que me olharam com cautela até eu encontrar quem desejava ver. E, quando o fiz, pousei as mãos na mesa e o vi tremer enquanto eu anunciava, sem a menor hesitação – e no mesmo tom baixo, suave, ameaçador, que eu tinha ouvido Lucius usar para intimidar tantos vampiros, tornando-o meu tom:

– Dorin Dragomir, você traiu seus soberanos e cometeu traição, e vai pagar com sua existência.

CAPÍTULO 117

Antanasia

– *Eu não... eu não fiz nada*, Antanasia – gaguejou Dorin. E levantou as mãos. – Nada!

Eu não iria aceitar aquilo. Suas bochechas pálidas e seus olhos de coelho assustado entregavam tudo.

Semicerrei os olhos e me inclinei mais para perto dele.

– Você traduziu errado a *Carte de Ritual* para me obrigar a presidir o funeral de Claudiu quando eu não precisaria fazer isso e me transformou em objeto de riso, ensinando a frase errada, de modo que eu entregaria o corpo dele a uma terra de arco-íris em vez de ao silêncio eterno. Eu não disse “arco-íris” por acaso. Você *redigiu* para mim. Depois você me *drogou*... me deu sangue maculado para eu ter alucinações na frente de todo mundo. Você *quis* me ver fracassar.

Todos os Anciões se inclinavam para trás em suas cadeiras, e os espectadores que tinham ido assistir ao destino de Lucius se agitaram e murmuraram, ao passo que os que falavam inglês traduziam minhas palavras para os que não conseguiam compreender.

– Por que... Antanasia... eu não faria... – Mas ele estava chacoalhando na cadeira. – Por que eu faria...?

– Não sei... ainda – rosnei. – Mas você tentou me drogar de novo antes de minha última reunião com os Anciões. Você me deu sangue de uma garrafa que já estava aberta, e que tinha um cheiro esquisito até mesmo para mim. Você queria que eu visse coisas *de novo*, na frente deles!

– Claro que eu abri a garrafa...

– Você disse que o sangue era siberiano, pois estava desesperado para me obrigar a beber, mas era mentira. Eu vi a palavra *França*, “França”, no rótulo.

Por algum motivo deturpado, você estava em pânico na tentativa de me fazer bebê-lo, apavorado como sempre está, e *cometeu um erro terrível*.

Lucius sempre dizia que o medo de Dorin seria o fim dele.

– Você tem me drogado há tempos, fazendo com que eu e todo mundo pensássemos que eu estava enlouquecendo. E destruiu Claudiu também – acusei. – Raniero disse que os ferimentos mais fracos foram feitos com a mão direita, e você é um dos poucos vampiros destros em todo o reino. Você sempre levanta a mão errada nas reuniões, apesar de ter quase 100 anos. Você não consegue deixar de usar a direita!

De todas as coisas que eu dissera, aquela pareceu impressionar de fato os Anciões. Os vampiros eram o oposto dos humanos em termos de destreza. Um morto-vivo destro era de fato incomum. E um vampiro destro com acesso ao castelo e à estaca de Lucius...

Era mais raro ainda.

Eu realmente não sabia por que um fracote como Dorin havia feito aquelas coisas, mas sabia que tinha feito.

Mas ele era tão covarde que ainda não era capaz de admitir.

Até que Mindy, a única não vampira na sala, levantou-se e disse:

– Com licença?

Virei-me e a vi segurando uma bolsa que eu pensava conter maquiagem e spray de cabelo, que havia me salvado tantas vezes antes, e não entendi o que minha amiga estava fazendo até que ela disse:

– Acho que acabou, Dorin. Estou com a última garrafa de sangue batizado. A que você mandou ontem para Jess.

Então ele desmoronou. Desmoronou como o arremedo patético de vampiro – de *Dragomir* – que sempre fora e disse, lágrimas começando a escorrer pelo rosto:

– Tenha piedade de mim, Antanasia. Ela me obrigou a fazer tudo. O plano foi dela, e eu tinha medo. Ela é amarga e deturpada, e odeia você. Queria destruir tudo o que você e Lucius têm! Ela não suporta o fato de Lucius amar você, quando nem mesmo conseguiu manter o nobre Vladescu que ela

drogou para fazer com que ele a mordesse. Raniero foi amaldiçoado por culpa dela, e mesmo assim ela não parou!

Era difícil acompanhar um dedo que tremia tanto, mas me virei e vi que ele apontava para minha única outra *amiga* no reino dos vampiros.

Ylenia Dragomir, que já estava se levantando e tentando sair da sala.

– Ela me fez atrair Claudiu para o saguão e ajudá-la a destruí-lo, para arruinar você e Lucius. – Dorin continuava balbuciando enquanto Ylenia saía da área das cadeiras e começava a correr. – Ela me obrigou a pegar a estaca de Lucius e solicitar uma reunião com Claudiu ao amanhecer...

Não me dei ao trabalho de perseguir minha prima. Eu era da realeza, e quem é da realeza não corre. Pelo menos não em público.

Mais ainda, eu tinha visto um assassino treinado sair das sombras de onde estivera assistindo a tudo, e resolvi deixar que ele fizesse o que fazia de melhor. Rastrear e trazer os piores vampiros à justiça.

Raniero não iria desmoronar – porque, na verdade, nunca havia desmoronado.

Virei-me de volta para Dorin, que soluçava enquanto falava:

– E foi *ela* que destruiu Claudiu. Eu o golpeei, mas ela furou o coração dele com uma estaca que ela própria esculpiu, para o caso de eu não conseguir. E eu não pude... não pude...

Ele podia até não ter dado o golpe fatal, mas seus crimes eram imperdoáveis, e eu anunciei seu destino sem pena, mas também sem crueldade, pois havia exaurido o pior de minha raiva. E parte de mim sempre saberia como era ser fraca também.

– Dorin Dragomir – falei de forma resoluta, obrigando-me a encará-lo. – Você cometeu traição, será julgado dentro de dois dias e será penalizado com a destruição.

Então me virei para os guardas que vigiavam as portas e disse:

– *Duceți-l la temniță*. Levem-no à cela que Lucius Vladescu não vai mais ocupar.

Eu me embolei falando romeno, mas não me importei. Tinha dito as palavras certas – sem espaço para contradição – e só isso importava. Olhei

para Flaviu, verificando se ele ousaria protestar contra a libertação de Lucius, mas pela primeira vez ele me pareceu o vampiro confuso, ridículo e velho que de fato era. Como se não tivesse certeza do que estava acontecendo, porque esperava que eu fracassasse.

E Dorin... Deu para ouvi-lo chorando o tempo todo enquanto eu saía lenta e regiamente do salão. Não olhei para trás e não corri até ter certeza de que ninguém me veria, então disparei em direção às masmorras, à frente dos guardas e de Dorin, para ver se Lucius ainda podia ser trazido de volta, ou se os dois iríamos vaguar juntos em um reino de pesadelos, presos para sempre entre a vida e a morte.

CAPÍTULO 118

Mindy

Encontrei Raniero e Ylenia em frente à sala do tribunal – ela não chegou muito longe –, mas quando abri caminho à força pela multidão que assistia, ele já a havia colocado contra uma parede e segurava uma estaca, avisando-a na voz mais profunda e apavorante que eu já tinha visto alguém usar:

– Por sua causa estou marcado para a destruição, e hoje *você* também será destruída.

– Você não entende – balbuciou ela. – Eu só queria que você me mordesse naquela noite. Só coloquei um pouco de sálvia no sangue que dei a você, porque tinha ouvido falar de uns caras que faziam isso com as garotas... Achei que, se você me mordesse uma vez, nós ficaríamos juntos e eu faria você feliz. Se me conhecesse, iria gostar de mim, mas você nem me *olhava* ...

Vi a mão dele começar a tremer com a estaca, e nunca me senti pior por estar certa a respeito de alguma coisa na vida. Eu sabia que ela havia drogado Raniero. E Jess. Tinha feito *essa* conexão porque vira o colega de Ronnie pirando, e ele ficou igualzinho a Jess quando ela desmoronou. Tinha adivinhado, dias antes, que Ylenia havia imitado algum truque de seus amigos doidões do colégio interno e sacaneado os dois.

Uma pena ela não ter lido a matéria aprofundada da revista *Garota Moderna* : “Quase ilegal: o que seus amigos **PODEM** estar usando para ficarem doidões”. Talvez, se tivesse lido, ela preferisse lhe dar um pouco de xarope para tosse em vez de sálvia, uma planta com efeitos similares ao do LSD e que podia fazer a pessoa ficar *violenta* .

Talvez assim não acabasse acuada contra uma parede por um vampiro cuja mão, que segurava uma estaca sangrenta, tremeu ainda mais quando ele

rosnou, parecendo mais *apavorante*:

– Você é a culpada por eu destruir um vampiro e virar *blestemată*. É SUA CULPA eu estar marcado para a destruição e acreditar que sou pior ainda do que sou. Por sua causa eu vivo cada dia dos últimos dois anos imaginando se poderia destruir injustamente de novo! Eu me *desprezo*!

Eu não sabia se deveria correr e segurar a mão dele ou se isso só o faria se distrair e cometer algo terrível, mas, antes que eu pudesse decidir, o rosto de Ylenia se retorceu de um modo esquisito e de repente ela não estava mais chorando. Estava *gritando*.

– Você não se acha nada menos do que perfeito! Você e Lucius acreditam que são os donos do mundo!

Raniero ainda estava com ela encostada na parede, mas Ylenia fechou o punho pequenino e começou a espernear como uma pirralha mimada, como se odiasse todo mundo a ponto de nem se importar se seria morta.

– Odeio todos vocês, e espero que Lucius passe a eternidade se retorcendo no limbo, de modo que ela também fique arrasada para sempre! Ela é uma Dragomir e nem sabe falar romeno, nem encontrar o próprio quarto, e ele *ama mesmo assim*, e você nunca nem me *olhou*! Espero que eles dois apodreçam e sofram para sempre, e que você seja destruído, também!

Uma coisa era arruinar a vida de Raniero e fazer com que ele fosse marcado para a destruição, mas outra era insultar seus amigos e estragar a vida *deles*, e acho que foi isso que o fez estourar do jeito que ele temera durante anos. A última gota que o fez enlouquecer não foi uma droga mais ou menos liberada, foi uma adolescente aspirante a princesa vampira, fracassada e ciumenta, que arruinaria a vida de *todos* nós se eu não dissesse alguma coisa, porque, pela primeira vez desde que o conheci, Raniero me pareceu feio.

Ele recuou a mão com a estaca e seu rosto ficou de um jeito que eu mal reconheci, e acho que foi por isso que fechei os olhos – para poder visualizar o Ronnie que eu queria de volta. Daí gritei para ele, o mais alto que pude, como se também fosse uma rainha:

– Pare, Raniero Lovatu! Pare com isso agora mesmo, seu vampiro italiano idiota! Pare, porque eu te amo e quero viver com você na praia, e quero que você deixe o cavanhaque crescer de volta, encontre sua camisa idiota do taco e *saia daqui comigo no próximo avião* antes que a gente não consiga construir mais *nada* juntos! Desculpe se um dia eu quis que você mudasse ou que brigasse com alguém. Só... PARE COM ISSO! AGORA!

Todo o ruído do mundo parou. Até os vampiros que estavam traduzindo tudo para um punhado de línguas europeias se calaram e não se mexeram.

E quando tive coragem de abrir os olhos, vi os ombros de Raniero tremendo, e as mãos também, e achei que fosse morrer antes de descobrir qual Ronnie eu veria quando ele começou a se virar para mim.

CAPÍTULO 119

Antanasia

O guarda que estava preparando Dorin para o cárcere havia deixado a chave da cela de Lucius à vista, e eu controlei os dedos para abrir a fechadura, depois passei pelas barras e corri até meu marido, que estava deitado de lado, os olhos fechados.

– Lucius. – Eu o sacudi devagar. – Por favor. Abra os olhos.

EPÍLOGO

Antanasia

Deitei-me ao lado de Lucius e fiquei observando-o dormir ao sol que penetrava em nosso quarto. O rosto dele estava tão tranquilo... Agora ele sempre parecia sereno, e isso me reconfortou.

– Acorde – Dei uma leve sacudida nele. – O sol nasceu.

Ele abriu os olhos e notei outra vez que ele havia mudado desde a prisão.

Não estava preocupado e arrependido por ter me levado para o *nosso* mundo, e me considerava uma pessoa igual a ele de novo. Sentia *orgulho* de mim.

Recuei e lhe dei espaço para se apoiar nos braços fortes – ele não havia demorado muito para se recuperar –, e olhou para o relógio. Depois caiu de volta no colchão e riu para mim.

– Por que deixou que eu dormisse tanto tempo em um dia tão importante? Não quer que seu marido, o futuro rei, esteja com a melhor aparência?

– Ainda gosto quando você descansa.

Ele puxou meu braço e eu caí em cima do peito dele, e senti os músculos, que pareciam ótimos. De volta à forma perfeita.

– Estou bem há meses, Antanasia. Você não precisa mais me tratar como um bebê.

Mas era difícil parar. Ele estava tão fraco quando foi carregado para o nosso quarto que mal consegui obrigá-lo a beber. Tive que cortar o pulso de novo e deixar o sangue pingar na boca dele. E quando fitei seus olhos pela primeira vez, ainda na cela, poderia jurar que ele não voltaria mais.

Mas ele era Lucius Vladescu e, claro, tinha lutado para voltar para mim, de modo que pudéssemos realizar o sonho que ele havia sussurrado ao meu ouvido na noite de nosso casamento.

– Você acha mesmo que vamos ter o voto de confiança? – perguntei, encarando aqueles olhos negros, pois sabia que iria ler a verdade ali. – Acha que todos aqueles vampiros que estão apinhados em nossa casa confiam o suficiente em nós?

– Acho que temos uma boa chance. Melhor do que eu tinha no julgamento, e eu venci ali.

– *Eu venci* – lembrei a ele. – Eu, Mindy e Raniero.

– Sim, sim – concordou ele, rindo. – Eu sei. Você vive me lembrando disso. Fiquei séria.

– Naquele primeiro dia no tribunal você não conseguia mesmo falar? Ele pôs um de meus cachos atrás da orelha.

– Você estava se saindo bem sozinha. Eu não tinha nada a acrescentar.

Eu lhe perguntava aquilo de vez em quando, só para me lembrar exatamente de quanta fé ele tinha em mim. E a resposta era sempre a mesma. Depois fiz outra pergunta, só para ver a malícia que ela sempre provocava nos olhos dele:

– Onde você estava naquela noite em que tentei encontrá-lo no escritório e você voltou para a cama tão tarde?

Ele me lançou o olhar que eu esperava. A sobrancelha arqueada.

– Jessica, você quer mesmo saber de todos os meus segredos?

Talvez sim... talvez não.

Aquele olhar – e os pensamentos sobre aquela noite – me lembrou de outra coisa.

– Raniero vem hoje?

Lucius balançou a cabeça, os cabelos curtos e bem-cuidados brilhando ao sol.

– Não. Ele fez o bastante por nós. Eu o liberei de votar, apesar de ele ter se oferecido.

Não mencionamos a ausência de minha prima Ylenia ou de meu tio Dorin, apesar de eles nunca se distanciarem do meu pensamento. Eu era uma princesa esperando virar rainha, mas ainda sofria com a lembrança de ter dado a sentença de destruição aos dois. Não era exatamente culpa o que eu

sentia por ter presidido os julgamentos de ambos enquanto Lucius se recuperava. Era uma tristeza mais profunda, conflituosa, mas com a qual eu precisava aprender a conviver.

Lucius deve ter notado que fiquei melancólica e quis acabar com aquilo, porque de repente, e com facilidade, me fez rolar, me deitando de costas, e apesar de *eu* já estar vestida para o maior dia da assembleia do verão, o dia de nosso voto de confiança, ele me beijou de um modo que indicava que ele estava forte de novo, porém não desesperado por sangue, e que ainda estava, e sempre estaria, muito sedento de mim.

Mindy

– Quer, tipo, um *taco* ou um burrito no almoço? – perguntei ao meu namorado vampiro surfista, que largou a prancha na praia ao lado da minha espreguiçadeira barata e sacudiu um bocado d'água dos cabelos compridos, bem em cima de mim. – Ei! Eu vou pagar o almoço, então não me deixe furiosa!

– Hoje eu vou pagar o almoço para você – ofereceu Raniero. Em seguida se abaixou e me beijou, o que ajudou a compensar por ele ter me molhado toda, depois se jogou na areia. – *Il mio trattare*: por minha conta!

– E você vai pagar com o *quê*?

– Eu ganhei 200 dólares tirando o segundo lugar na *competizione*, lembra-se?

Fitei-o e revirei os olhos. Pelo jeito seria assim que íamos viver. Acompanhando as competições de surfe de praia em praia, e eu cortando cabelos quando tinha oportunidade. Cheguei a achar que não faria isso de novo, mas a gente precisava de grana, e eu meio que já possuía uma reputação no circuito do surfe.

Então olhei para o mar, que estava superagitado naquele dia, e me lembrei da aparência dos olhos de Raniero quando ele se virou, prestes a cravar uma

estaca no coração de Ylenia Dragomir.

Ele *não tinha* perdido o controle, mas havia chegado muito mais perto do que seria confortável para todo mundo.

Nunca perguntei se ele sabia o tempo todo que Ylenia era má... ou se ele tinha começado a vacilar um pouquinho, de verdade, e sonhado com o poder e as riquezas no jardim do castelo.

“Para mim, é melhor ter areia escorrendo pelos dedos vazios do que sangue em mãos cheias de dinheiro.”

Meu surfista-praticamente-príncipe-filósofo dizia isso às vezes, e eu tinha que concordar.

De repente, me lembrei de algo no qual eu quase não pensava mais: no *tempo*.

– Ei... não é hoje a grande votação de Jess e Lucius?

– Sim – assentiu Ronnie. – Eu me ofereci para ir, mas Lucius insistiu que o mar está bom demais agora para eu deixar a Califórnia. Eles vão vencer ou perder sem o meu voto.

– Vão vencer – afirmei.

E esperava que eles vivessem felizes para sempre no castelo. Talvez a gente pudesse fazer uma visitinha de vez em quando.

Ou não.

Talvez eles devessem nos visitar. A gente poderia abrir espaço, agora que eu tinha, tipo, só seis pares de chinelos. Todos os meus sapatos ainda estavam na Pensilvânia, onde minha mãe os guardava como reféns até eu criar juízo e voltar para a faculdade ou algo assim – coisa que não iria acontecer.

Peguei a mão de Raniero na areia. Ele permitiu, e a sensação era boa e fria.

– Então, o que vai ser? Taco ou burrito?

– Eu gostaria de uma *vampira* – disse ele, rindo para mim feito um idiota. Agora ele vivia pegando no meu pé para eu virar morta-viva. – Quando você vai deixar que eu a torne minha para sempre? A vida é boa, se você ficar longe da violência.

– Sei lá – respondi, soltando a mão dele. – Não tenho pressa.

Mas eu sabia que um dia o faria. Quanto mais ficava perto dele, mais me acostumava à ideia de beber sangue.

Certo, talvez eu meio que quisesse aquilo.

Mas não deixaria que ele soubesse por enquanto.

Primeiro, ele precisava provar que ia mesmo me levar ao Taiti. *Aí* a gente conversaria sobre a eternidade.

– Venha. – Fiquei de pé e espanei a areia da bunda, depois estendi a mão para puxar Raniero. – Vamos almoçar.

O desempregado de cabelo revoltado, cavanhaque e bermuda – e barriga tanquinho, que agora eu via o tempo todo, já que as camisas eram totalmente opcionais – se agarrou a mim de novo e continuou com os dedos entrelaçados aos meus por todo o caminho até o Terrible Taco, e eu senti orgulho de verdade por ele ser meu.

AGRADECIMENTOS

Como todos os livros, este é resultado da colaboração e do apoio de um monte de gente maravilhosa – muitas mais do que é possível creditar aqui. No entanto, eu gostaria de usar um pouquinho de espaço para agradecer, em particular, a todos os leitores que pediram por este romance. Sem vocês, ele não existiria.

E agradeço especialmente à minha editora, Margaret Raymo, cuja orientação e ideias sempre me surpreendem. Isso sem mencionar sua paciência.

Na verdade, agradeço a todo mundo da Houghton Mifflin Harcourt – e a Cliff Nielsen, que criou as lindas capas dos meus três livros, bem como a Lieucretia Swain, que mantém meu site e foi além de suas obrigações para fazer com que o casamento de Jess e Lucius acontecesse.

Também sou muito grata a todo o pessoal que mandou e-mails, aos blogueiros, livreiros e bibliotecários que apoiaram *Como se livrar de um vampiro apaixonado* e ajudaram a garantir uma continuação. Gostaria que houvesse espaço para agradecer a todos vocês, sobretudo aos que se tornaram amigos genuínos.

Também agradeço a minha agente, Helen Breitwieser, por sempre fazer com que eu me sinta única, como se ela só cuidasse de mim, e por realizar um trabalho tão bom a meu favor.

Por fim, tenho que agradecer aos meus amigos e à minha família – inclusive a meus colegas do pilates; Patti e os Lewisburg, Pa., o pessoal do McDonald's; às mulheres chiques do Styling Nook; além de todo mundo de nossa cidadezinha que torce por mim.

E o maior agradecimento vai para meu marido, Dave; meus pais, Marjorie e Don Fantaskey; e a meus cunhados, George e Elaine Kaszuba, que não somente apoiam meus projetos, mas também ajudam a tomar conta de minhas filhas fantásticas, Paige, Julia e Hope – um trio que por enquanto só entende vagamente o que faço, mas que me incentiva com entusiasmo ilimitado.

Sem toda a ajuda, orientação e torcida de vocês, este livro não existiria. Obrigada!

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA EDITORA ARQUEIRO

A maldição do tigre

COLLEEN HOUCK



Kelsey Hayes perdeu os pais recentemente e precisa arranjar um emprego para custear a faculdade. Contratada por um circo, ela é arrebatada pela principal atração: um lindo tigre branco.

Kelsey sente uma forte conexão com o misterioso animal de olhos azuis e, tocada por sua solidão, passa a maior parte do seu tempo livre ao lado dele.

O que a jovem órfã ainda não sabe é que seu tigre Ren é na verdade Alagan Dhiren Rajaram, um príncipe indiano que foi amaldiçoado por um mago há mais de 300 anos, e que ela pode ser a única pessoa capaz de ajudá-lo a quebrar esse feitiço.

Determinada a devolver a Ren sua humanidade, Kelsey embarca em uma perigosa jornada pela Índia, onde enfrenta forças sombrias, criaturas imortais e mundos místicos, tentando decifrar uma antiga profecia. Ao

mesmo tempo, se apaixona perdidamente tanto pelo tigre quanto pelo homem.

A maldição do tigre é o primeiro volume de uma saga fantástica e épica, que apresenta mitos hindus, lugares exóticos e personagens sedutores. Lançado originalmente como e-book, o livro de estreia de Colleen Houck ficou sete semanas no primeiro lugar da lista de mais vendidos da Amazon, entrando depois na do *The New York Times*.

Água para elefantes

SARA GRUEN



Desde que perdeu sua esposa, Jacob Jankowski vive numa casa de repouso, cercado por senhoras simpáticas, enfermeiras solícitas e fantasmas do passado. Durante 70 anos Jacob guardou um segredo: nunca falou a ninguém sobre o período de sua juventude em que trabalhou no circo. Até agora.

Aos 23 anos, Jacob era um estudante de veterinária, mas teve sua vida transformada após a morte de seus pais num acidente de carro. Órfão, sem dinheiro e sem ter para onde ir, ele deixa a faculdade antes de fazer as provas finais e, desesperado, acaba pulando em um trem em movimento, o Esquadrão Voador do circo Irmãos Benzini, o Maior Espetáculo da Terra.

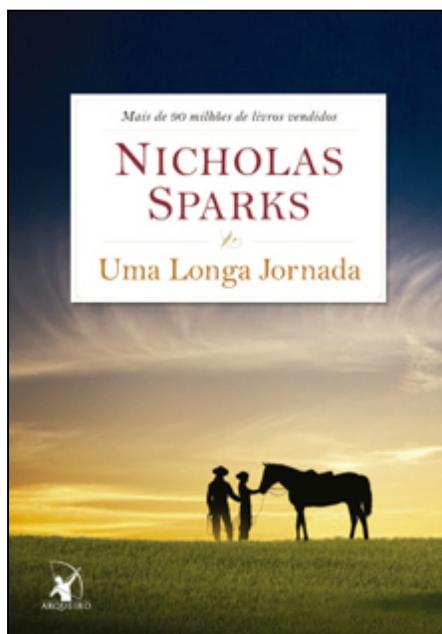
Admitido para cuidar dos animais, Jacob sofrerá nas mãos do Tio Al, o empresário tirano do circo, e de August, o ora encantador, ora intratável chefe do setor dos animais.

É também sob as lonas que ele se apaixona duas vezes: primeiro por Marlena, a bela estrela do número dos cavalos e esposa de August; e depois por Rosie, a elefanta aparentemente estúpida que deveria ser a salvação do circo.

Água para elefantes é tão envolvente que seus personagens continuam vivos muito depois de termos virado a última página. Sara Gruen nos transporta a um mundo misterioso e encantador, construído com tamanha riqueza de detalhes que é quase possível respirar sua atmosfera.

Uma longa jornada

NICHOLAS SPARKS



Aos 91 anos, com problemas de saúde e sozinho no mundo, Ira Levinson sofre um terrível acidente de carro. Enquanto luta para se manter consciente, a imagem de Ruth, sua amada esposa que morreu há nove anos, surge diante dele.

Mesmo sabendo que é impossível que ela esteja ali, Ira se agarra a isso e relembra momentos de sua longa vida em comum: o dia em que se conheceram, o casamento, o amor dela pela arte, os dias sombrios da Segunda Guerra e seus efeitos sobre eles e suas famílias.

Perto dali, Sophia Danko, uma jovem estudante de história da arte, acompanha a melhor amiga até um rodeio. Lá é assediada pelo ex-

namorado e acaba sendo salva por Luke Collins, o caubói que acabou de vencer a competição.

Ele e Sophia começam a conversar e logo percebem como é fácil estarem juntos. Luke é completamente diferente dos rapazes privilegiados da faculdade. Ele não mede esforços para ajudar a mãe e salvar a fazenda da família.

Aos poucos, Sophia começa a descobrir um novo mundo e percebe que Luke talvez tenha o poder de reescrever o futuro que ela havia planejado. Isso se o terrível segredo que ele guarda não puser tudo a perder.

Ira e Ruth. Luke e Sophia. Dois casais de gerações diferentes que o destino cuidará de unir, mostrando que, para além do desespero, da dificuldade e da morte, a força do amor sempre nos guia nesta longa jornada que é a vida.

O caminho para casa

KRISTIN HANNAH



Durante 18 anos, Jude pôs as necessidades dos filhos em primeiro lugar, e o resultado disso é que seus gêmeos, Mia e Zach, são adolescentes felizes. Quando Lexi começa a estudar no mesmo colégio que eles, ninguém em Pine Island é mais receptivo que Jude.

Lexi, uma menina com um passado de sofrimento, criada em lares adotivos temporários, rapidamente se torna a melhor amiga de Mia. E, quando Zach se apaixona por ela, os três se tornam companheiros inseparáveis.

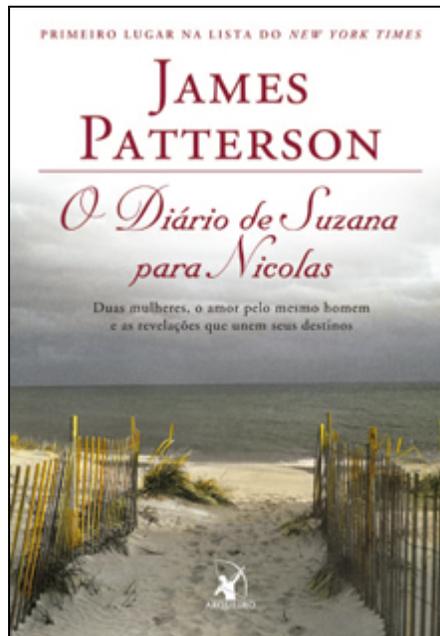
Jude sempre fez o possível para que os filhos não se metessem em encrenca, mas o último ano do ensino médio, com suas festas e descobertas, é uma verdadeira provação. Toda vez que Mia e Zach saem de casa, ela não consegue deixar de se preocupar.

Em uma noite de verão, seus piores pesadelos se concretizam. Uma decisão muda seus destinos, e cada um deles terá que enfrentar as consequências – e encontrar um jeito de esquecer ou a coragem para perdoar.

O caminho para casa aborda questões profundas sobre maternidade, identidade, amor e perdão. Comovente, transmite com perfeição e delicadeza tanto a dor da perda quanto o poder da esperança.

O diário de Suzana para Nicolas

JAMES PATTERSON



Depois de quase um ano juntos, o poeta Matt Harrison acaba de romper com Katie Wilkinson. A jovem editora, que não tinha qualquer dúvida quanto ao amor que os unia, não consegue entender como um relacionamento tão perfeito pôde acabar tão de repente.

Mas tudo está prestes a ser explicado. No dia seguinte ao rompimento, quando Katie volta para casa, encontra um pacote deixado por Matt. Dentro dele, um pequeno volume encadernado traz na capa cinco palavras, escritas com uma caligrafia que ela não reconhece: “Diário de Suzana para Nicolas”.

Ao folhear aquelas páginas, Katie logo descobre que Suzana é uma jovem médica que, depois de sofrer um infarto, decidiu deixar para trás a correria

de Boston e se mudar para um chalé na pacata ilha de Martha's Vineyard. Foi lá que conheceu Matt. E lá nasceu o filho deles, Nicolas.

Por que Matt teria lhe deixado aquele diário? Agora, confusa e sofrendo pelo fim do relacionamento, é nas palavras de outra mulher que Katie buscará as respostas para sua vida.

O diário de Suzana para Nicolas é uma história de amor que se constrói ao virar de cada página. Cada revelação é mais uma nuance sobre seus personagens. Cada descoberta é um fio a mais a ligar vidas que o destino entrelaçou.

CONHEÇA OS CLÁSSICOS
DA EDITORA ARQUEIRO

Queda de gigantes, de Ken Follett

Não conte a ninguém, Desaparecido para sempre, Confie em mim e Cilada, de Harlan Coben

A cabana, de William P. Young

A farsa, A vingança e A traição, de Christopher Reich

Água para elefantes, de Sara Gruen

Inferno, O símbolo perdido, O Código Da Vinci, Anjos e demônios, Ponto de impacto e Fortaleza digital, de Dan Brown

Julieta, de Anne Fortier

O guardião de memórias, de Kim Edwards

O guia do mochileiro das galáxias; O restaurante no fim do universo; A vida, o universo e tudo mais; Até mais, e obrigado pelos peixes! e Praticamente inofensiva, de Douglas Adams

O nome do vento, de Patrick Rothfuss

A passagem, de Justin Cronin

A revolta de Atlas, de Ayn Rand

A conspiração franciscana, de John Sack

INFORMAÇÕES SOBRE OS PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br,
curta a página facebook.com/editora.arqueiro
e siga @editoraarqueiro no Twitter.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.

Se quiser receber informações por e-mail,
basta cadastrar-se diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



[@editoraarqueiro](https://twitter.com/editoraarqueiro)

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

SUMÁRIO

PRÓLOGO

CAPÍTULO 1

CAPÍTULO 2

CAPÍTULO 3

CAPÍTULO 4

CAPÍTULO 5

CAPÍTULO 6

CAPÍTULO 7

CAPÍTULO 8

CAPÍTULO 9

CAPÍTULO 10

CAPÍTULO 11

CAPÍTULO 12

CAPÍTULO 13

CAPÍTULO 14

CAPÍTULO 15

CAPÍTULO 16

CAPÍTULO 17

CAPÍTULO 18

CAPÍTULO 19

CAPÍTULO 20

CAPÍTULO 21

CAPÍTULO 22

CAPÍTULO 23

CAPÍTULO 24

CAPÍTULO 25

CAPÍTULO 26

CAPÍTULO 27

CAPÍTULO 28

CAPÍTULO 29

CAPÍTULO 30

CAPÍTULO 31

CAPÍTULO 32

CAPÍTULO 33

CAPÍTULO 34

CAPÍTULO 35

CAPÍTULO 36

CAPÍTULO 37

CAPÍTULO 38

CAPÍTULO 39

CAPÍTULO 40

CAPÍTULO 41

CAPÍTULO 42

CAPÍTULO 43

CAPÍTULO 44

CAPÍTULO 45

CAPÍTULO 46

CAPÍTULO 47

CAPÍTULO 48

CAPÍTULO 49

CAPÍTULO 50

CAPÍTULO 51

CAPÍTULO 52

CAPÍTULO 53

CAPÍTULO 54

CAPÍTULO 55

CAPÍTULO 56

CAPÍTULO 57

CAPÍTULO 58

CAPÍTULO 59

CAPÍTULO 60

CAPÍTULO 61

CAPÍTULO 62

CAPÍTULO 63

CAPÍTULO 64

CAPÍTULO 65

CAPÍTULO 66

CAPÍTULO 67

CAPÍTULO 68

CAPÍTULO 69

CAPÍTULO 70

CAPÍTULO 71

CAPÍTULO 72

CAPÍTULO 73

CAPÍTULO 74

CAPÍTULO 75

CAPÍTULO 76

CAPÍTULO 77

CAPÍTULO 78

CAPÍTULO 79

CAPÍTULO 80

CAPÍTULO 81

CAPÍTULO 82

CAPÍTULO 83

CAPÍTULO 84

CAPÍTULO 85

CAPÍTULO 86

CAPÍTULO 87

CAPÍTULO 88

CAPÍTULO 89

CAPÍTULO 90

CAPÍTULO 91

CAPÍTULO 92

CAPÍTULO 93

CAPÍTULO 94

CAPÍTULO 95

CAPÍTULO 96

CAPÍTULO 97
CAPÍTULO 98
CAPÍTULO 99
CAPÍTULO 100
CAPÍTULO 101
CAPÍTULO 102
CAPÍTULO 103
CAPÍTULO 104
CAPÍTULO 105
CAPÍTULO 106
CAPÍTULO 107
CAPÍTULO 108
CAPÍTULO 109
CAPÍTULO 110
CAPÍTULO 111
CAPÍTULO 112
CAPÍTULO 113
CAPÍTULO 114
CAPÍTULO 115
CAPÍTULO 116
CAPÍTULO 117
CAPÍTULO 118
CAPÍTULO 119
Epílogo
Agradecimientos

Conheça os clássicos da Editora Arqueiro
Informações sobre os próximos lançamentos